

PERELANDRA

C.S. LEWIS

Autor de AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Segundo livro da TRILOGIA CÔSMICA



PERELANDRA

(Viagem a Vênus)

C. S. Lewis

Tradução de
Waldéa Barcellos



wmf **martinsfontes**

SÃO PAULO 2013

PARA ALGUMAS SENHORAS EM WANTAGE

Prefácio

Esta história pode ser lida independentemente, mas também é uma sequência de *Além do planeta silencioso*, em que são relatadas as aventuras de Ransom em Marte – ou, como seus habitantes o chamam, *Malacandra*. Todas as personagens humanas neste livro são meramente fictícias, e nenhuma delas é alegórica.

C. S. L.

Quando saí da estação ferroviária de Worchester e iniciei a caminhada de quase cinco quilômetros até o chalé de Ransom, refleti sobre o fato de que ninguém na plataforma teria a menor possibilidade de adivinhar a verdade sobre o homem que eu ia visitar. A charneca plana que se estendia diante de mim (pois o povoado fica todo por trás e ao norte da estação) parecia comum. O céu sombrio das cinco da tarde era semelhante ao que se poderia ver em qualquer tarde de outono. As poucas casas e os aglomerados de árvores vermelhas ou amareladas não eram de modo nenhum dignos de nota. Quem poderia imaginar que um pouco mais adiante naquela paisagem tranquila eu encontraria e cumprimentaria um homem que tinha morado, comido e bebido em um mundo a mais de 60 milhões de quilômetros de distância de Londres, um homem que tinha visto esta Terra de um lugar onde ela parece um mero ponto de brilho verde e que tinha falado diretamente com uma criatura cuja vida teve início antes que nosso próprio planeta fosse habitável?

É que Ransom tinha encontrado outras coisas em Marte além dos marcianos. Tinha conhecido as criaturas chamadas *eldila*, e especialmente aquele grande *eldil* que é o governante de Marte, ou, na fala deles, o *Oyarsa de Malacandra*. Os *eldila* são muito diferentes de quaisquer criaturas planetárias. Seu organismo físico, se é que pode ser chamado de organismo, é totalmente distinto do dos humanos ou dos marcianos. Eles não comem, não procriam, não respiram nem sofrem morte natural; e, nesse aspecto, parecem mais minerais pensantes do que qualquer criatura que reconheçamos como animal. Embora apareçam em planetas e até possam dar aos nossos sentidos a impressão de que às vezes residem neles, a exata localização espacial a qualquer instante de um *eldil* apresenta para nós enorme dificuldade. Eles mesmos encaram o espaço (ou “a Imensidão dos Céus”) como seu verdadeiro hábitat; e, para eles, os planetas não são mundos fechados, mas apenas pontos em movimento – talvez mesmo interrupções – no que conhecemos como Sistema Solar; e eles, como Campo de Arbol.

Naquela hora eu estava indo ver Ransom em resposta a um telegrama que dizia “Venha quinta se possível. Trabalho”. Adivinhei a que tipo de trabalho ele se referia, e por isso eu não parava de dizer a mim mesmo que seria um grande prazer passar a noite com Ransom, e também não parava de achar que eu não estava gostando da perspectiva tanto quanto deveria. Meu problema era com os *eldila*. Eu acabara de me acostumar com a ideia de Ransom ter estado em Marte... mas ele ter conhecido um *eldil*, ter falado com alguém cuja vida parecia ser praticamente interminável... Mesmo a viagem a Marte já era bastante difícil. Um homem que esteve em outro mundo não volta inalterado. É impossível pôr essa diferença em palavras. Quando esse homem é um amigo, então, a situação pode ficar dolorosa: não é fácil recuperar a antiga intimidade. Mas muito pior era minha convicção crescente de que, desde seu retorno, os *eldila* não o deixavam em paz. Detalhes na conversa, pequenos maneirismos, alusões acidentais que ele fazia e depois retirava com um constrangido pedido de desculpas, tudo isso sugeria que andava em companhias estranhas; que havia, digamos, Visitas naquele chalé.

Enquanto eu seguia a passos pesados a estrada vazia e sem cercas que corta o Campo Público de Worchester, procurava dispersar minha crescente sensação de inquietação, analisando-a. Afinal, do que eu tinha medo? No instante em que fiz a pergunta, me arrependi. Foi um choque descobrir que eu tinha usado mentalmente a palavra “medo”. Até aquele instante, vinha tentando fingir que estava sentindo apenas incômodo, constrangimento ou mesmo tédio. Mas a simples palavra *medo* revelara o segredo. Eu agora me dava conta de que minha emoção não era outra, nada mais nada menos do que o Medo. E percebi que sentia medo de duas coisas: medo de que cedo ou tarde eu mesmo pudesse deparar com um *eldil*; e medo de que pudesse acabar “enredado”. Suponho que todos conheçam esse medo de descobrir-se “enredado”: aquele momento em que um homem percebe que algo que até então parecia meras especulações está prestes a situá-lo no Partido Comunista ou na Igreja Cristã – a sensação de que uma porta acabou de se fechar com violência, deixando-o do lado de dentro. Tudo aquilo tinha sido a mais pura falta de sorte. O próprio Ransom fora levado a Marte (ou Malacandra) contra a sua vontade e quase por acaso; e minha ligação com o assunto resultava de outro acaso. Entretanto, cá estávamos nós dois cada vez mais envolvidos no que eu somente poderia descrever como política interplanetária. Quanto a meu intenso desejo de eu mesmo jamais entrar em contato com os *eldila*, não tenho certeza se consigo me fazer compreender. Era algo mais que uma intenção prudente de evitar criaturas alienígenas muito poderosas e muito inteligentes. A verdade era que tudo o que eu ouvia a respeito deles servia para unir duas ideias que nossa mente tende a manter separadas, e

essa união provocava uma espécie de choque. Costumamos pensar em inteligências não humanas em duas categorias distintas, que rotulamos de “científicas” e “sobrenaturais”, respectivamente. Com uma atitude, pensamos nos marcianos de H. G. Wells (por sinal, muito diferentes dos malacandrianos) ou em seus selenitas. Com atitude totalmente diferente, soltamos nossa mente quanto à possibilidade da existência de anjos, fantasmas, fadas e assemelhados. Porém, no exato momento em que somos forçados a reconhecer que seja *real* uma criatura em qualquer uma das duas classes, a distinção começa a tornar-se nublada. E, quando se trata de uma criatura como um *eldil*, a distinção desaparece completamente. Esses seres não eram animais – sob esse aspecto, deveríamos classificá-los no segundo grupo; mas eles dispunham de algum tipo de veículo material cuja presença poderia (em princípio) ser comprovada cientificamente. E sob esse aspecto pertenciam ao primeiro grupo. Na realidade, a distinção entre natural e sobrenatural foi rompida; e, quando isso aconteceu, percebeu-se como essa distinção era cômoda: ela amenizara o fardo de intolerável estranheza que esse universo nos impõe ao dividi-lo em duas metades e ao estimular nossa mente a nunca imaginar as duas no mesmo contexto. Que preço podemos ter pago por esse conforto em termos de falsa segurança e de uma admitida confusão no pensamento é outra história.

“Que estrada comprida e monótona”, pensei comigo mesmo. “Ainda bem que não estou carregando nada.” E então, com um sobressalto, lembrei-me de que deveria estar carregando uma mochila, com o que precisaria para passar a noite. Praguejei sozinho. Devia tê-la deixado no trem. Você acredita que meu primeiro impulso foi o de dar meia-volta, ir até a estação e “fazer alguma coisa a respeito”? É claro que não restava nada a fazer que não pudesse ser feito por telefone a partir do chalé. O trem, com minha mochila dentro, àquela altura, já deveria estar a quilômetros dali.

Agora percebo isso com tanta clareza quanto você. Mas naquela hora pareceu-me perfeitamente óbvio que eu devia refazer meus passos, e de fato eu tinha começado a voltar quando a razão, ou a consciência, despertou e me forçou de novo a seguir em frente. Com isso, descobri, com clareza ainda maior que antes, como era pequena minha vontade de prosseguir. Meu esforço era tamanho que eu me sentia como se estivesse andando contra um vento forte. Mas na realidade aquela era uma noite parada, morta, em que nenhum raminho de árvore se move. E começava a formar-se um pouco de nevoeiro.

Quanto mais eu andava, mais eu descobria ser impossível pensar em outra coisa a não ser nos *eldila*. Afinal de contas, o que Ransom sabia realmente a respeito deles? Segundo seu próprio relato, os indivíduos que conheceu não costumavam visitar nosso planeta – ou somente tinham começado a fazê-lo

depois que ele voltou de Marte. Tínhamos nossos próprios *eldila*, ele disse, *eldila* telúricos, mas de um tipo diferente e em sua maioria hostis ao homem. De fato, era por esse motivo que as comunicações de nosso mundo com os outros planetas estavam cortadas. Ele nos descrevia como se estivéssemos sitiados, como se realmente estivéssemos em território ocupado pelo inimigo, sob o controle de *eldila* que estavam em guerra tanto conosco como com os *eldila* da “Imensidão dos Céus” ou do “espaço”. Como as bactérias no nível microscópico, essas pragas que coabitam conosco no macroscópico permeiam invisíveis toda a nossa vida e são a verdadeira explicação da tendência fatal que é a principal lição da história. Se tudo isso fosse verdade, é claro que deveríamos acolher bem o fato de que *eldila* de uma natureza melhor tivessem por fim transposto a fronteira (dizem que é a órbita da Lua) e estivessem começando a nos visitar. Sempre partindo do pressuposto de que o relato de Ransom estava correto.

Ocorreu-me uma ideia cruel. E se Ransom estivesse sendo ludibriado? Se algum ser do espaço exterior estivesse tentando invadir nosso planeta, que melhor cortina de fumaça ele poderia armar do que essa história do Ransom? Havia, afinal de contas, a menor prova da existência dos supostos *eldila* maléficos na Terra? E se meu amigo fosse a ponte involuntária, o cavalo de troia, por meio do qual algum possível invasor estivesse efetuando seu desembarque em Tellus? Então, mais uma vez, da mesma forma de quando dei por falta da mochila, veio o impulso de não dar mais um passo. “Volte, volte”, murmurava ele. “Mande-lhe um telegrama, diga-lhe que está doente, diga que virá em outra ocasião, qualquer coisa.” Espantei-me com a força dessa emoção. Fiquei parado alguns instantes dizendo a mim mesmo para não ser tolo; e, quando por fim retomei a caminhada, eu me perguntava se aquilo não poderia ser o início de um colapso nervoso. Mal me ocorreu, essa ideia também se tornou uma nova razão para eu não visitar Ransom. Era óbvio que eu não estava bem para nenhum “trabalho” arrepiante ao qual seu telegrama quase certamente fazia referência. Eu não estava bem nem mesmo para passar um fim de semana normal longe de casa. A única decisão sensata a tomar era dar meia-volta imediatamente, retornar para casa a salvo, antes que perdesse minha memória ou me tornasse histérico, e me entregar aos cuidados de um médico. Era pura loucura seguir adiante.

Eu estava chegando agora ao fim da charneca e descia um pequeno morro, com um arvoredó à minha esquerda e alguns prédios industriais, aparentemente desertos, à direita. Lá embaixo, o nevoeiro do entardecer estava meio denso. “*De início*, dizem que é um colapso”, pensei. Não havia uma doença mental na qual objetos perfeitamente normais davam ao doente a impressão de serem

incrivelmente ameaçadores?... Não davam, com efeito, a impressão exatamente igual à que a fábrica abandonada estava me dando agora? Enormes formas bojudas de cimento, estranhos monstregos de alvenaria olhavam carrancudos para mim por cima de um gramado ressecado, cheio de mato, manchado com poças cinzentas e cortado pelos restos de uma pequena estrada de ferro. Lembrei-me de coisas que Ransom tinha visto naquele outro mundo: só que lá elas eram gente. Gigantes compridos e finos como fusos que ele chama de *sorns*. O que piorava as coisas era que ele os considerava boas pessoas – na realidade, muito melhores do que nossa própria espécie. Será que ele estava em conluio com eles? Como eu saberia se ele estava sendo ludibriado? Ele poderia ser muito pior... e mais uma vez interrompi a caminhada.

O leitor, por não conhecer Ransom, não entenderá como essa ideia se opõe a toda razão. A parte racional da minha mente, mesmo naquele instante, sabia perfeitamente bem que, ainda que o universo inteiro fosse louco e hostil, Ransom era saudável, mentalmente são e honesto. E foi essa parte de mim que acabou me fazendo avançar – mas com uma relutância e uma dificuldade que mal consigo pôr em palavras. O que me permitiu avançar foi a consciência (que eu tinha bem no fundo de mim) de que a cada passo eu me aproximava do único amigo. Mas meu *sentimento* era o de estar me aproximando do único inimigo – o traidor, o feiticeiro, o homem em conluio com “eles”... entrando na armadilha de olhos abertos, como um tolo. “De início, chamam de colapso nervoso”, disse minha mente, “e o mandam para um sanatório. Mais tarde, você é transferido para um hospício.”

Agora eu já tinha passado pela fábrica fechada e estava imerso no nevoeiro, onde fazia muito frio. Veio então um instante – o primeiro – de absoluto pavor, e precisei morder o lábio para conter um grito. Era só um gato que tinha atravessado a estrada, mas eu me descobri totalmente descontrolado. “Logo, você estará aos berros de verdade”, disse meu torturador interior, “correndo, dando voltas e mais voltas, berrando, sem conseguir parar.”

À margem da estrada havia uma casinha vazia, com a maioria das janelas tapada com tábuas e uma aberta, como o olho de um peixe morto. Queira por favor entender que em situações normais a ideia de uma “casa mal-assombrada” não significa mais para mim do que significa para você. Não mais, mas também não menos. Naquela hora, o que me ocorreu não foi nada tão definido quanto a noção de fantasma. Era só a palavra “mal-assombrada”. “Mal-assombrada”... “mau assombro”... como é importante essa primeira sílaba! Uma criança que nunca tivesse ouvido a palavra e não soubesse seu significado não estremeceria só de ouvi-la quando, ao anoitecer, um dos mais velhos dissesse a outro “Esta casa é mal-assombrada”?

Cheguei por fim à encruzilhada junto à pequena capela metodista, onde eu precisava entrar à esquerda, por baixo das faias. A essa altura, eu já deveria estar vendo a luz das janelas de Ransom, ou já seria horário do blecaute? Meu relógio tinha parado, e eu não sabia. Já estava bastante escuro, mas isso poderia ser por conta do nevoeiro e das árvores. Entenda, não era do escuro que eu sentia medo. Todos nós já passamos por experiências em que objetos inanimados parecem ter uma expressão quase facial, e era a expressão desse trechinho da estrada que não me agradava. “Não é verdade”, disse minha mente, “que as pessoas que estão realmente enlouquecendo jamais pensem que estão enlouquecendo.”

Suponhamos que a verdadeira insanidade tivesse escolhido esse lugar para começar. Nesse caso, é claro, a hostilidade negra dessas árvores gotejantes – essa horrível expectativa – seria uma alucinação. Mas isso não melhorava as coisas em nada. Pensar que o espectro que se vê é uma ilusão não extingue o terror que ele infunde. Apenas acrescenta o terror da própria loucura. E então, ainda por cima, vem a horrível suposição de que aquelas pessoas que as demais consideram loucas foram, esse tempo todo, as únicas a enxergar o mundo como ele de fato é.

Era isso o que se abatia sobre mim agora. Segui cambaleando em meio ao frio e à escuridão, já meio convencido de que eu devia estar entrando no que se chama Loucura. Mas a cada instante minha opinião sobre a sanidade mudava. Será que ela algum dia tinha sido mais do que uma convenção – um confortável par de antolhos, uma atitude consensual de crer no que se deseja crer, que excluía de nossa visão a total estranheza e malevolência do universo em que somos forçados a habitar? As coisas que eu tinha começado a conhecer durante os últimos meses de meu relacionamento com Ransom já representavam mais do que a “sanidade” admitiria; mas eu tinha ido longe demais para agora descartá-las como irreais. Eu duvidava da interpretação de Ransom, ou de sua boa-fé. Não duvidava da existência das criaturas que ele conhecera em Marte – os *pfifltriggi*, os *hrossa* e os *sorns* – nem desses *eldila* interplanetários. Eu nem mesmo chegava a duvidar da realidade desse ser misterioso a quem os *eldila* chamam de Maleldil e a quem parecem prestar uma obediência total, como nenhum ditador telúrico consegue obter. Eu sabia o que Ransom supunha que Maleldil fosse.

Sem dúvida, aquele era o chalé. O blecaute estava perfeito. Uma ideia infantil, choramingona, surgiu na minha cabeça: por que ele não estava aqui fora no portão para me receber? Um pensamento ainda mais infantil veio depois. Talvez ele *estivesse* no jardim, à minha espera, escondido. Talvez ele me atacasse pelas costas. Talvez eu visse um vulto que se parecesse com Ransom,

em pé de costas para mim. E, quando eu lhe dirigisse a palavra, ele se voltaria e mostraria um rosto que não teria absolutamente nada de humano...

É natural que eu não tenha o menor desejo de me estender sobre essa fase da minha história. O estado mental em que eu me encontrava era do tipo que causa humilhação quando volto o olhar sobre ele. Eu teria deixado tudo isso de lado se não acreditasse que alguma noção desse estado fosse necessária para uma plena compreensão do que se segue – e, talvez, também de outras coisas. Seja como for, não consigo *realmente* descrever como cheguei à porta da frente do chalé. De um modo ou de outro, apesar da repulsa e da consternação que me puxavam para trás e de uma espécie de muralha invisível de resistência com a qual eu deparava, lutando a cada passo e quase dando gritos histéricos quando um inocente ramo da sebe tocou no meu rosto, consegui passar pelo portão e seguir pelo pequeno caminho de entrada. E lá estava eu, batucando na porta, retorcendo a maçaneta e gritando para ele me deixar entrar, como se minha vida dependesse disso.

Não houve resposta – nem um som, salvo o eco dos sons que eu mesmo produzia. Havia apenas alguma coisa branca esvoaçando na aldrava. Supus, é claro, que fosse um bilhete. Ao riscar um fósforo para poder ler, descobri como minhas mãos estavam trêmulas. E, quando o fósforo se apagou, dei-me conta de como a noite estava escura. Depois de algumas tentativas, consegui ler. “Desculpe. Precisei ir a Cambridge. Só estarei de volta no último trem. Comida na despensa e cama arrumada no quarto de costume. Não espere para jantar comigo, a menos que tenha vontade. E. R.” E imediatamente o impulso de recuar, que já tinha me atingido algumas vezes, investiu contra mim com uma espécie de violência demoníaca. Ali estava minha possibilidade de retirada, decididamente um convite. Essa era minha chance. Se alguém imaginava que eu ia entrar naquela casa e ficar ali sentado horas a fio, estava enganado! Entretanto, à medida que o pensamento da viagem de volta começava a tomar forma na minha mente, hesitei. Não era sedutora a ideia de iniciar a caminhada, percorrendo outra vez a alameda de faias (agora já estava realmente escuro) com aquela casa atrás de mim (ela transmitia a sensação absurda de que poderia seguir alguém). E então me ocorreu algo melhor, espero: algum resquício de sanidade ou certa relutância em decepcionar Ransom. Eu pelo menos podia experimentar a porta para ver se ela realmente estava destrancada. Experimentei. E estava. No instante seguinte, e praticamente sem saber como, eu me descobri do lado de dentro e deixei a porta bater atrás de mim.

Ali dentro estava totalmente escuro, e a temperatura era agradável. Avancei alguns passos hesitantes, bati com a canela em alguma coisa e caí. Fiquei ali sentado alguns segundos massageando minha perna. Eu achava que conhecia

bem a disposição da mobília do *hall* e sala de estar de Ransom e não conseguia imaginar em que peça eu teria tropeçado. Pouco depois, remexi no meu bolso, tirei meus fósforos e tentei riscar um. A cabeça do fósforo voou longe. Pisei nela e respirei fundo para me certificar de que ela não estava queimando o tapete. Assim que inspirei, dei-me conta de um cheiro estranho no ambiente. Por mais que me esforçasse, eu não conseguia descobrir do que era. Era tão diferente dos cheiros domésticos normais quanto o cheiro de certos produtos químicos, mas não era de modo algum de origem química. Risquei então mais um fósforo. Ele bruxuleou e se apagou quase de imediato – o que era bastante natural, já que eu estava sentado no capacho da entrada, e são poucas as portas da frente, mesmo em casas mais bem construídas do que o chalé de campo de Ransom, que não deixam entrar alguma corrente de ar. Com ele, eu não tinha visto nada além da palma da minha própria mão em concha na tentativa de proteger a chama. Era óbvio que eu devia me afastar da porta. Levantei-me com grande cuidado e avancei às apalpadelas. Cheguei de pronto a um obstáculo: algum objeto liso e muito frio que se erguia a uma altura pouco acima dos meus joelhos. Quando o toquei, percebi que ele era a fonte do cheiro. Fui Tateando à esquerda ao longo do objeto e por fim cheguei à sua extremidade. Ele parecia apresentar diversas superfícies, e eu não conseguia visualizar o formato. Não era uma mesa, pois não tinha tampo. Passava-se a mão ao longo da borda de uma espécie de parede baixa – com o polegar por fora e os outros dedos pelo lado interno do espaço fechado. Se tivesse parecido madeira ao tato, eu teria imaginado que fosse um grande caixote de embalagem. Mas não era madeira. Por um instante, achei que estava molhado, mas logo concluí que estava confundindo o frio com a umidade. Quando cheguei ao final, risquei meu terceiro fósforo.

Vi algo branco e semitransparente, bastante parecido com gelo. E era muito grande, muito comprido: um tipo de caixa, uma caixa aberta. E com um formato inquietante que não reconheci de imediato. Tinha tamanho suficiente para um homem caber ali dentro. Dei então um passo atrás, erguendo mais alto o fósforo aceso para ter uma visão mais abrangente; e no mesmo instante tropecei em alguma coisa atrás de mim. Descobri-me estatelado no escuro, não no tapete, mas em mais daquela substância fria de cheiro esquisito. Quantas daquelas coisas infernais estavam ali?

Quando eu estava me preparando para voltar a me levantar e procurar sistematicamente por uma vela na sala, ouvi o nome de Ransom ser pronunciado. E quase, mas não exatamente no mesmo instante, vi a coisa que tanto temia ver. Ouvi o nome de Ransom ser pronunciado, mas não gostaria de dizer que ouvi uma voz pronunciar-lo. O som era espantosamente diferente de uma voz. A articulação era perfeita. Suponho que fosse mesmo bastante bonito.

No entanto, ele era, se você me entende, inorgânico. Imagino que sentimos a diferença entre as vozes dos animais (incluindo a do animal humano) e todos os outros ruídos com muita nitidez, embora seja difícil definir essa diferença. O sangue, os pulmões e a cavidade morna e úmida da boca são de algum modo indicados em cada Voz. Nessa eles não apareciam. As duas sílabas mais pareciam que estavam sendo tocadas em um instrumento do que sendo ditas. E no entanto elas também não pareciam ser de origem mecânica. Uma máquina é algo que fabricamos a partir de materiais naturais. Esse som era como se a rocha, o cristal ou a luz tivesse falado espontaneamente. E ele me percorreu do tórax à virilha como o arrepio que atravessa alguém que acha que perde o ponto de apoio enquanto escala um rochedo.

Isso foi o que ouvi. O que vi foi simplesmente um feixe ou coluna muito leve de luz. Acho que ela não descrevia um círculo de luz no piso nem no teto, mas não tenho certeza. Sem dúvida, seu poder para iluminar o ambiente era muito fraco. Até aí, nenhum problema. Mas havia mais duas características que são de apreensão menos fácil. Uma era a cor. Como eu vi aquilo, é óbvio que devo tê-lo visto branco ou colorido. Mas nenhum esforço da minha memória consegue evocar a mais leve impressão de qual era essa cor. Tento o azul, o dourado, o violeta e o vermelho, mas nenhuma dessas cores se encaixa. Como pode acontecer de se ter uma experiência visual que imediatamente e para todo o sempre se torna impossível de ser lembrada, eu nem tento explicar. A outra era o ângulo. A coluna não formava um ângulo reto com o chão. Mas, assim que acabo de dizer isso, apresso-me a acrescentar que esse modo de descrever é uma reconstrução posterior. Naquele instante, o que se sentiu de fato foi que a coluna de luz era vertical, mas que o piso não era horizontal. Parecia que a sala inteira tinha se inclinado como se estivesse em um navio. A impressão, não importa como tenha sido produzida, era que essa criatura tinha como referência algo horizontal, algum sistema de direções completo, com base fora da Terra, e que sua mera presença impunha esse sistema alienígena a mim, abolindo o plano horizontal terrestre.

Eu não tinha a menor dúvida de que estava vendo um *eldil*, e apenas uma pequena dúvida se estava ou não estava vendo o arconte de Marte, o Oyarsa de Malacandra. E agora que isso tinha acontecido, eu já não estava em uma condição de pânico abjeto. É verdade que minhas sensações eram, sob certos aspectos, muito desagradáveis. O fato de que ele era obviamente não orgânico – o conhecimento de que a inteligência estava de algum modo localizada nesse cilindro homogêneo de luz, mas que não se relacionava com ele como nossa consciência se relaciona com nosso cérebro e nossos nervos – tudo isso era profundamente perturbador¹. Não se encaixava em nossas categorias. Tanto a

reação que normalmente temos diante de uma criatura viva como a que temos diante de um objeto inanimado eram igualmente inadequadas. Por outro lado, todas aquelas dúvidas que me ocorreram antes de entrar no chalé relativas a essas criaturas serem amigas ou inimigas, e a Ransom ser um pioneiro ou um iludido, tinham desaparecido naquele momento. Meu medo agora era de outra natureza. Eu tinha certeza de que a criatura era o que chamamos de “boa”, mas não sabia ao certo se gostava do “bem” tanto quanto tinha suposto. É uma experiência terrível. Enquanto aquilo que se teme é algo do mal, ainda é possível esperar que o bem venha nos salvar. Mas suponhamos que, com enorme esforço, se consiga chegar ao bem, para descobrir que ele também é medonho. E se o alimento acabasse sendo exatamente aquilo que não se pode comer, nossa casa o lugar onde não podemos morar, e o amigo que nos conforta a própria pessoa que nos deixa constrangidos? Nesse caso, realmente, não há salvação possível: a última carta foi jogada. Por um segundo ou dois, quase estive nessa situação. Aqui por fim estava um pedaço daquele mundo para além do mundo, que eu sempre tinha suposto amar e desejar, irrompendo e aparecendo aos meus sentidos. E eu não estava gostando. Eu queria que ele desaparecesse. Queria que entre nós se colocasse toda a distância possível, abismo, cortina, obstáculo e barreira. Mas não cheguei a cair nesse abismo. Por estranho que pareça, minha própria noção do irremediável salvou-me e me acalmou. Pois agora estava perfeitamente óbvio que eu estava “enredado”. A luta estava encerrada. A decisão seguinte não cabia a mim.

Então, como o barulho de um mundo diferente, ouviu-se a porta que se abria e o ruído de botas no capacho. E, no vão aberto, em silhueta no pano de fundo cinzento da noite, vi um vulto que reconheci ser o de Ransom. A fala que não era uma voz voltou a sair do feixe de luz. E Ransom, em vez de se mexer, ficou imóvel para responder. As duas falas foram em uma estranha língua polissilábica que eu não tinha ouvido antes. Não procuro desculpa para os sentimentos que surgiram em mim quando ouvi o som não humano dirigindo-se a meu amigo, e meu amigo respondendo na mesma língua não humana. Eles são de fato indesculpáveis; mas, se você considerar tais sentimentos improváveis em uma situação daquelas, devo dizer-lhe sem rodeios que você não tirou grande proveito das leituras de história nem do seu próprio coração. Eram sentimentos de ressentimento, horror e ciúme. Eu tinha em mente gritar “Deixe em paz esse seu patrono, mago maldito, e dê atenção a Mim.”

– Ah, Ransom. Graças a Deus você chegou – foi o que eu de fato disse.

¹ No texto naturalmente me atenho ao que pensei e senti naquela hora, já que somente isso é testemunho de primeira mão, mas é óbvio que existe espaço para maiores especulações sobre a forma

pela qual os *eldila* aparecem aos nossos sentidos. As únicas considerações sérias acerca do problema até agora devem ser procuradas no início do século XVII. Como ponto de partida para investigação futura, recomendo o seguinte trecho de Natvilcius (*De Aethereo et aereo Corpore*, Basileia, 1627, II. xii.): “*liquet simplicem flammam sensibus nostris subjectam non esse corpus proprie dictum angeli vel daemonis, sed potius aut illius corporis sensorium aut superficiem corporis in coelesti dispositione locorum supra cogitationes humanas existentis*” (“Parece que a chama homogênea percebida pelos nossos sentidos não é o corpo, propriamente dito, de um anjo ou demônio, mas sim o sensorio daquele corpo ou a superfície de um corpo que de certo modo existe fora do alcance de nossa concepção no sistema celeste de referências espaciais”). Pelo “sistema celeste de referências” suponho que ele estivesse falando daquilo que agora chamaríamos de “espaço multidimensional”. Não que Natvilcius tivesse o menor conhecimento de geometria multidimensional, é claro, mas sim por ele ter talvez chegado empiricamente ao que a matemática desde então alcançou por meios teóricos.

A porta bateu (pela segunda vez naquela noite); e, depois de tatear por um instante, Ransom encontrou uma vela e a acendeu. Olhei de relance ao redor e não vi ninguém além de nós mesmos. O que havia de mais notável na sala era o objeto branco e grande. Dessa vez reconheci a forma bastante bem. Era uma caixa grande no formato de um ataúde aberto. Ao lado, no piso, estava sua tampa, e positivamente tinha sido nela que eu tropeçara. As duas eram feitas do mesmo material branco, como gelo, porém mais turvo e menos brilhante.

– Por Júpiter, como estou feliz em vê-lo – disse Ransom, avançando e me dando um aperto de mãos. – Queria ter ido recebê-lo na estação, mas tudo precisou ser organizado muito depressa, e no último instante descobri que eu tinha de ir até Cambridge. Nunca foi minha intenção deixar que você fizesse um percurso *desses* sozinho. – Então, vendo, suponho, que eu ainda estava com os olhos fixos nele com um ar bastante apalermado, acrescentou: – Quer dizer, está *tudo bem* com você, não está? Você atravessou a barragem sem ser atingido, certo?

– Barragem? Não estou entendendo.

– Imaginei que você enfrentaria algumas dificuldades para chegar aqui.

– Ah, *aquilo*! – disse eu. – Quer dizer que não foram só meus nervos? Havia realmente alguma coisa no caminho?

– Havia. Eles não queriam que você chegasse aqui. Eu receava que alguma coisa semelhante pudesse ocorrer, mas não tive tempo para fazer nada a respeito. Eu tinha quase certeza de que de algum modo você conseguiria chegar.

– Com *eles* você está se referindo aos outros, a nossos próprios *eldila*?

– É claro. Eles se deram conta do que está por acontecer...

Eu o interrompi.

– Para lhe ser franco, Ransom, a cada dia fico mais preocupado com toda essa história. Passou pela minha cabeça quando estava vindo para cá...

– Ora, eles vão pôr todo tipo de coisa na sua cabeça, se você deixar – disse Ransom, sereno. – O melhor a fazer é não prestar atenção e seguir direto em

frente. Não tente responder. Eles gostam de atrair as pessoas para discussões intermináveis.

– Mas veja só – disse eu. – Isso aqui não é brincadeira. Você tem certeza absoluta de que esse Senhor das Trevas, esse Oyarsa degenerado de Tellus, realmente existe? Você tem por certo que existem dois lados, ou qual dos dois lados é o nosso?

Ele de repente fixou em mim um de seus olhares brandos mas estranhamente aterradores.

– Você está *realmente* em dúvida entre os dois? – perguntou ele.

– Não – respondi eu, depois de pensar um pouco, sentindo-me bastante envergonhado.

– Tudo bem, então – disse Ransom, animado. – Agora vamos fazer um lanche, e terei tempo para lhe explicar tudo.

– Que história é essa do caixão? – perguntei, enquanto passávamos para a cozinha.

– É nele que vou viajar.

– Ransom! – exclamei. – Ele... essa coisa... o *eldil*... não vai levá-lo de volta para Malacandra, vai?

– Não fale desse jeito! Ora, Lewis, você não compreende. Levar-me de volta para Malacandra? Quem dera ele levasse! Eu daria qualquer coisa que possuo... só para poder olhar do alto daqueles desfiladeiros e ver a água azul, muito azul, serpeando entre os bosques. Ou estar bem no alto e ver um *sorn* seguir deslizando pelas encostas. Ou estar lá de volta em uma noite em que Júpiter estivesse nascendo, luminoso demais para se olhar, com todos os asteroides se assemelhando a uma Via Láctea, com cada estrela nela brilhando tão forte quanto Vênus aparece a quem a vê da Terra! E os cheiros! Praticamente o planeta não sai do meu pensamento. Seria de esperar que tudo isso piorasse de noite, quando Malacandra já nasceu e eu de fato posso vê-la. Mas não é nessa hora que a fígada me atinge de verdade. É nos dias quentes de verão, quando olho para a imensidão azul e penso que *dentro dela*, a milhões de quilômetros daqui, aonde não posso nunca, nunca voltar, existe um lugar que conheço; que flores estão nesse exato momento se abrindo em Meldilorn inteira; e que amigos meus, que estão cuidando de seus afazeres, haveriam de me dar as boas-vindas. Não. Não tive tanta sorte assim. Não é para Malacandra que estão me enviando. É para Perelandra.

– Esse é o planeta que chamamos de Vênus, certo?

– Isso mesmo.

– E você diz que está sendo enviado.

– É. Se você se lembra, antes de eu deixar Malacandra, o Oyarsa sugeriu que o próprio fato de eu ter ido até lá talvez fosse o início de uma nova fase na vida do Sistema Solar, o Campo de Arbol. Talvez significasse, disse ele, que o isolamento de nosso mundo, o cerco, estaria começando a chegar ao fim.

– É. Eu me lembro.

– Pois bem, parece realmente que alguma coisa dessa natureza estava se organizando. Para começar, os dois lados, como você os chama, começaram a aparecer com clareza muito maior, muito menos misturados, aqui na Terra, nas nossas questões humanas, revelando-se de modo um pouco mais fiel à sua verdadeira índole.

– Isso eu percebo muito bem.

– A outra coisa é a seguinte. O arconte das trevas, nosso próprio Oyarsa torto, está planejando agora algum tipo de ataque a Perelandra.

– Mas ele está assim tão à solta no Sistema Solar? Ele tem como chegar lá?

– É exatamente essa a questão. Ele não tem como chegar lá em pessoa, em seu próprio fotossomo ou seja lá como deveríamos chamá-lo. Como você sabe, ele foi forçado a voltar para dentro destes limites, séculos antes que qualquer vida humana existisse no nosso planeta. Se ele ousasse se manifestar para lá da órbita da Lua, seria mais uma vez empurrado de volta à força. Seria uma guerra de tipo diferente. Você ou eu não poderíamos contribuir para ela mais do que uma pulga poderia contribuir para a defesa de Moscou. Não. Ele deve estar experimentando um jeito diferente com Perelandra.

– E onde é que você entra nisso?

– Bem, eu simplesmente recebi ordens de estar lá.

– Do... do Oyarsa, você está querendo dizer?

– Não. A ordem vem de muito mais alto. É de onde sempre vem, sabe, no final das contas.

– E o que você vai precisar fazer quando chegar lá?

– Não me disseram.

– Então você só vai fazer parte da *comitiva* do Oyarsa?

– Ah, não. Ele não vai ficar lá. Sua função é me transportar a Vênus e me deixar lá. Depois, ao que eu saiba, estarei sozinho.

– Mas, veja só, Ransom... quer dizer... – minha voz foi se abaixando até desaparecer.

– Eu sei! – disse ele, com um de seus sorrisos extraordinariamente tranquilizadores. – Você está sentindo o absurdo da história. O doutor Elwin

Ransom partindo sozinho para combater potestades e principados. Pode ser que você esteja se perguntando se não é megalomania minha.

– Não foi bem isso o que eu quis dizer – falei.

– Ah, mas eu acho que foi. Seja como for, é isso o que eu mesmo venho sentindo desde que me revelaram a missão. Mas, quando se pensa bem, será que é mais estranho que o que todos nós precisamos fazer todos os dias? Quando a Bíblia usou essa exata expressão sobre a luta com principados, potestades e seres hipersomáticos degenerados, a enormes altitudes (por sinal, nossa tradução é muito enganosa nesse trecho), o que ela pretendia dizer era que essa luta deveria caber a pessoas totalmente comuns.

– Ah, creio que sim – disse eu. – Mas lá era bastante diferente. A referência era a um conflito moral.

Ransom jogou a cabeça para trás e riu.

– Ah, Lewis, Lewis – disse ele. – Não existe ninguém como você. Simplesmente não existe.

– Você pode dizer o que quiser, Ransom. Há uma diferença.

– *Há* mesmo. Mas não é uma diferença que torne megalomaniaco pensar que qualquer um de nós possa ter de lutar de um lado ou do outro. Vou lhe dizer como encaro isso tudo. Você não percebeu que, na nossa própria guerrinha na Terra, há fases diferentes? E que, enquanto qualquer fase está em andamento, as pessoas se acostumam a pensar e a se comportar como se aquela fase fosse se tornar permanente? Mas na realidade tudo está se transformando o tempo todo sem que você perceba, nem suas vantagens nem seus riscos neste ano são os mesmos do ano passado. Agora, sua ideia de que pessoas comuns nunca terão de deparar com os *Eldila* das Trevas sob nenhuma forma que não seja psicológica ou moral... como tentações ou algo semelhante... é simplesmente uma ideia válida para certa fase da guerra cósmica: a fase do grande cerco, a fase que deu a nosso planeta o nome de Thulcandra, o planeta *silencioso*. Mas e se essa fase estiver passando? Na próxima fase, pode ser função de qualquer um encontrá-los... bem, com algum aspecto totalmente diferente.

– Estou entendendo.

– Não imagine que fui escolhido para ir a Perelandra por ser uma pessoa especial. Nunca se consegue entender, ou pelo menos não por muito tempo, por que motivo *qualquer* um foi escolhido para *qualquer* tarefa. E, quando se entende, costuma ser por uma razão que não deixa espaço algum para a vaidade. Decerto, nunca é por aquilo que o próprio homem teria considerado serem suas principais qualificações. Chego a imaginar que estou sendo enviado porque aqueles dois salafrários que me sequestraram e me levaram a Malacandra

fizeram algo que jamais tinha sido sua intenção: ou seja, deram a um ser humano oportunidade de aprender aquela língua.

– A que língua você está se referindo?

– *Hressa-Hlab*, é claro. A língua que aprendi em Malacandra.

– Mas sem dúvida você não imagina que em Vênus vão falar a mesma língua.

– Não toquei nesse assunto com você? – disse Ransom, debruçando-se um pouco. Agora estávamos sentados a uma mesa e quase tínhamos acabado nossa refeição de frios, cerveja e chá. – Estou surpreso por não ter lhe falado. É uma descoberta que fiz há dois ou três meses, e em termos científicos é um dos aspectos mais interessantes dessa história toda. Parece que estávamos totalmente enganados ao pensar que *Hressa-Hlab* fosse a fala característica de Marte. Na realidade, ela é o que se pode chamar de solar arcaico, *Hlab-Eribol-ef-Cordi*.

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que havia originalmente uma fala comum a todas as criaturas racionais que habitavam os planetas do nosso sistema: quer dizer, aqueles que um dia foram habitados, o que os *eldila* chamam de Mundos Inferiores. É claro que em sua maioria eles nunca foram habitados e nunca serão. Pelo menos, não aquilo que entenderíamos por habitados. Aquela fala original perdeu-se em Thulcandra, nosso próprio mundo, quando ocorreu toda a nossa tragédia. Nenhum idioma humano hoje conhecido no mundo originou-se dessa língua.

– Mas e as outras duas línguas em Marte?

– Admito que não tenho conhecimento sobre elas. Uma coisa, porém, eu sei; e acredito que poderia comprová-la em termos puramente filológicos. Elas são incomparavelmente menos antigas que *Hressa-Hlab*, em especial *Surnibur*, a língua dos *sorns*. Creio que poderia ser demonstrado que *Surnibur* é, pelos padrões malacandrianos, um desdobramento bastante moderno. Duvido que a data de seu surgimento possa ser estimada em época anterior a qualquer data que se encaixaria em nosso período cambriano.

– E você acha que vai encontrar *Hressa-Hlab* ou solar arcaico sendo falado em Vênus?

– Acho. Chegarei lá já sabendo a língua. E isso poupará muito esforço; se bem que, como filólogo, eu considere isso bastante frustrante.

– Mas você não faz a menor ideia do que deverá fazer, ou das condições que encontrará?

– Não tenho a menor noção do que deverei fazer. Existem tarefas, você sabe, em que é essencial que não se saiba muito com antecedência... Há coisas que

talvez seja preciso dizer que não se conseguiria dizer efetivamente se já as tivéssemos prontas. Quanto às condições, bem, não sei muita coisa. Haverá calor. Devo ir nu. Nossos astrônomos não sabem absolutamente nada sobre a superfície de Perelandra. A camada externa da atmosfera é espessa demais. Parece que o problema principal é saber se ela gira em torno do próprio eixo ou não, e a que velocidade. São duas as escolas de pensamento. Uma é a de um homem chamado Schiaparelli, que acredita que ela faz uma revolução em torno do próprio eixo no mesmo período que leva para dar uma volta completa em torno de Arbol, quer dizer, do Sol. Há outros para quem ela gira em torno de seu eixo uma vez de vinte e três em vinte e três horas. Essa é uma das coisas que vou descobrir.

– Se Schiaparelli estiver certo, um lado teria um dia perpétuo, e o outro, uma noite perpétua?

Ele concordou, refletindo.

– Seria um limite estranho – ele disse em seguida. – Pense bem. Você chegaria a uma região de crepúsculo permanente, que se tornaria mais fria e mais escura a cada quilômetro que se avançasse. E então a certa altura seria impossível prosseguir, porque não haveria mais ar. Eu me pergunto se seria possível alguém postar-se no dia, exatamente no limite do lado certo, e olhar para *dentro* da noite que nunca pode ser alcançada. E talvez ver uma estrela ou duas... o único lugar em que elas *poderiam* ser vistas, porque é claro que nas Terras do Dia elas jamais seriam visíveis... Naturalmente, se eles possuírem uma civilização científica, pode ser que disponham de trajes de mergulho ou aparelhos como submarinos sobre rodas para entrar na Noite.

Seus olhos cintilaram, e até eu, que estava pensando principalmente na falta que sentiria dele e me perguntando quais seriam as probabilidades de um dia voltar a vê-lo, participei da emoção do seu assombro e anseio de saber. Logo, ele voltou a falar.

– Você ainda não me perguntou onde *você* entra nisso tudo – disse ele.

– Você está querendo dizer que eu também terei de ir? – perguntei, com uma emoção totalmente oposta à dele.

– De modo algum. Quero dizer que você vai me empacotar, e que ficará à espera para me desempacotar quando eu voltar, se tudo correr bem.

– Empacotar você? Ai, eu tinha me esquecido daquela história do caixão. Ransom, como vai ser possível você viajar naquele troço? Qual é a força motriz? E o que dizer do ar, da alimentação e da água? Ali só cabe você deitado e mais nada.

– O próprio Oyarsa de Malacandra será a força motriz. Ele vai simplesmente mover a urna para Vênus. Não me pergunte de que modo. Não faço a menor ideia de que órgãos ou instrumentos eles usam. Mas uma criatura que mantém um planeta em sua órbita há alguns bilhões de anos deve ser capaz de lidar com uma caixa de embalagem!

– Mas o que você vai comer? Como vai respirar?

– Ele me diz que não precisarei nem de uma coisa nem de outra. Estarei em algum estado de vida latente, até onde pude compreender. Não consigo entender o que ele diz quando tenta me descrever esse estado. Mas isso é assunto dele.

– E você está perfeitamente satisfeito com isso? – disse eu, com uma espécie de horror começando de novo a se infiltrar em mim.

– Se o que você quer saber é se minha razão aceita a opinião de que ele irá me depositar em segurança (salvo algum acidente) na superfície de Perelandra, a resposta é sim – disse Ransom. – Se o que você quer saber é se meus nervos e minha imaginação seguem a mesma opinião, receio que a resposta seja não. É possível acreditar em anestesia e, ainda assim, sentir um pânico quando eles de fato põem uma máscara no seu rosto. Acho que me sinto como se sente um homem que acredita na vida após a morte no momento em que é levado para encarar um pelotão de fuzilamento. Talvez seja um bom treino.

– E sou eu quem vai acondicioná-lo nesse troço amaldiçoado? – disse eu.

– É – respondeu Ransom. – Esse é o primeiro passo. Precisamos sair para o jardim assim que o sol nascer e direcionar a urna para que não haja árvores nem construções no caminho. O outro lado do canteiro de repolhos vai servir. Então eu entro, com uma venda tampando os olhos, porque aquelas paredes não conseguirão me proteger de toda a luz do sol assim que eu tiver saído da atmosfera; você aparafusa a tampa. Depois disso, acho que você só vai ver a urna sair deslizando.

– E depois?

– Bem, depois vem a parte difícil. Você vai precisar se manter a postos para vir aqui de novo no instante em que for convocado, para retirar a tampa e me deixar sair quando eu voltar.

– Quando você calcula que estará de volta?

– Ninguém sabe dizer. Seis meses... um ano... vinte anos. É essa a dificuldade. Receio estar pondo uma carga bastante pesada nos seus ombros.

– Eu poderia já estar morto.

– Eu sei. Receio que parte dessa carga consista em escolher um sucessor. E imediatamente, ainda por cima. São quatro ou cinco as pessoas em quem podemos confiar.

– Qual será a convocação?

– Oyarsa a dará. Ela não terá como ser confundida com mais nada. Você não precisa se preocupar por esse lado. Mais uma coisa: não tenho nenhum motivo específico para acreditar que estarei ferido quando chegar de volta. Mas, só por precaução, se você conseguir encontrar um médico a quem possamos confiar o segredo, talvez fosse recomendável trazê-lo junto quando você vier me tirar da urna.

– Humphrey estaria bem?

– Perfeito. E agora vamos tratar de questões mais pessoais. Precisei deixá-lo fora do meu testamento e gostaria que você soubesse por que motivo.

– Meu caro, nunca pensei em seu testamento até que você o mencionou.

– É claro que não. Mas eu gostaria de ter-lhe deixado alguma coisa. A razão para não fazê-lo é a seguinte. Vou desaparecer. É possível que não volte. É até mesmo concebível que haja um julgamento por homicídio. E, se for esse o caso, todo cuidado é pouco. Quer dizer, para o seu bem. E agora vamos tratar de alguns acertos pessoais.

Juntamos nossas cabeças e por muito tempo conversamos sobre aquelas questões que as pessoas costumam discutir com parentes, não com amigos. Nisso aprendi muito a respeito de Ransom que antes eu desconhecia, e pelo número de pessoas inesperadas que ele recomendou a meus cuidados, “se eu por acaso fosse capaz de fazer alguma coisa”, dei-me conta da extensão e profundidade de suas obras de caridade. A cada frase, a sombra da separação iminente e uma espécie de melancolia fúnebre começaram a pesar com maior ênfase sobre nós. Eu me descobri percebendo e amando nele todos os tipos de pequenos maneirismos e expressões que sempre percebemos em uma mulher que amamos, mas em um homem observamos apenas quando estão transcorrendo as últimas horas da sua licença ou quando se aproxima a data da cirurgia provavelmente fatal. Senti a incurável incredulidade da nossa natureza; e mal pude acreditar que o que agora estava tão próximo, tão tangível e (em certo sentido) tão à minha disposição, dentro de algumas horas estaria totalmente inacessível, uma imagem – em breve, até mesmo uma imagem fugidia – na lembrança. E por fim uma espécie de timidez caiu entre nós, porque cada um sabia o que o outro estava sentindo. Tinha esfriado muito.

– Devemos partir em breve – disse Ransom.

– Mas não enquanto ele... o Oyarsa... não voltar – disse eu, embora, na realidade, agora que tudo estava tão perto de acontecer, eu desejasse que tivesse terminado.

– Ele nunca nos deixou – respondeu Ransom. – Esteve o tempo todo no chalé.

– Você quer dizer que ele ficou esperando no aposento ao lado todas essas horas?

– Eu não diria “esperando”. Eles nunca passam por essa experiência. Você e eu temos consciência de esperar, porque temos um corpo que se cansa ou se torna inquieto; e portanto nos dá uma sensação de duração cumulativa. Além disso, podemos distinguir entre obrigações e tempo livre, tendo portanto uma noção de lazer. Não é assim com ele. Ele esteve aqui todo esse tempo, mas não se pode chamar isso de espera da mesma forma que não se pode chamar toda a sua existência de espera. Seria como dizer que uma árvore em um bosque estivesse esperando, ou que a luz do sol estivesse esperando na encosta de um monte – Ransom bocejou. – Estou cansado e você também. Vou dormir bem naquele meu caixão. Venha. Vamos carregá-lo lá para fora.

Entramos no aposento ao lado, e fui postado diante da chama sem feições, que não esperava mas simplesmente existia. E ali, com Ransom como nosso intérprete, fui de certo modo apresentado e, na minha própria língua, prestei juramento para assumir essa enorme responsabilidade. Depois, tiramos a cortina do blecaute e deixamos entrar a luz cinzenta, nada aconchegante, da manhã. Juntos carregamos a urna e a tampa, tão geladas que pareciam queimar nossos dedos. A grama estava muito molhada de orvalho, e meus pés ficaram encharcados imediatamente. O *eldil* estava conosco, ali fora, no gramado minúsculo, praticamente invisível para mim à luz do dia. Ransom mostrou-me os fechos da tampa e como ela deveria ser presa à urna. E então ficamos ali à toa, consternados. No último instante, ele voltou para dentro de casa e ressurgiu, nu: um espantalho de homem, alto, branco, trêmulo, exausto, àquela hora desbotada, fria e úmida. Depois de entrar na urna medonha, ele me fez amarrar uma espessa venda preta em torno de meus olhos e cabeça. Deitou-se, então. Agora eu não tinha nenhum pensamento a respeito de Vênus e no fundo não acreditava que voltaria a ver meu amigo. Se eu tivesse tido coragem, teria me recusado a participar daquela história toda. Mas a outra coisa, a criatura que não esperava, estava ali, e o medo que eu tinha dela me dominava. Com emoções que desde então me voltaram com frequência em pesadelos, fixei a tampa gelada por cima do homem vivo e recuei. No momento seguinte, eu estava só. Nem vi como a urna se foi. Voltei para dentro de casa e vomitei. Depois de algumas horas, fechei o chalé e voltei para Oxford.

Os meses foram então se passando, somaram um ano e pouco mais que um ano. Tivemos ataques aéreos, más notícias e esperanças deixadas para depois,

enquanto a Terra inteira foi tomada pela escuridão e por tendências cruéis, até a noite em que Oyarsa veio a mim mais uma vez. Depois disso, houve uma viagem às pressas para Humphrey e para mim, em pé em corredores cheios, esperas de madrugada em plataformas varridas pelo vento e, por fim, o instante em que estávamos postados à luz do sol do início da manhã, na pequena selva de ervas daninhas altas em que se transformara o jardim de Ransom, e vimos um cisco preto em contraste com o sol nascente. Então, quase em silêncio, a urna já tinha chegado entre nós. Nos atiramos sobre ela e conseguimos arrancar a tampa em cerca de um minuto e meio.

– Meu Deus, está todo espatifado! – exclamei ao primeiro relance que tive do interior.

– Espere um pouco – disse Humphrey. E, enquanto ele falava, a figura no caixão começou a se mexer e se sentou, sacudindo de si uma quantidade de coisas vermelhas que tinham coberto sua cabeça e seus ombros, e que eu momentaneamente tinha confundido com destruição e sangue. Enquanto elas escorriam de cima dele e eram apanhadas pelo vento, percebi que eram flores. Ele piscou por um segundo ou dois, depois nos chamou por nossos nomes, deu uma mão a cada um de nós e saiu dali de dentro para pisar na grama.

– Como vocês dois estão? – disse ele. – Parecem bastante extenuados.

Fiquei mudo por um instante, perplexo diante da forma que tinha se levantado daquela casa estreita – quase um novo Ransom, irradiando saúde e cheio de músculos, aparentando ter menos dez anos de idade. Nos velhos tempos, ele começava a apresentar os primeiros fios grisalhos, mas agora a barba que descia até o peito era simplesmente dourada.

– Ei, você cortou o pé – disse Humphrey; e eu agora via que Ransom sangrava no calcanhar.

– Ui, está fazendo frio aqui embaixo – disse Ransom. – Espero que vocês tenham ligado o *boiler* e que já tenhamos água quente. E roupas.

– Temos – disse eu, enquanto o acompanhávamos até dentro de casa. – Humphrey pensou nisso tudo. Receio que eu não teria pensado.

Agora Ransom estava no banheiro, com a porta aberta, protegido por nuvens de vapor, enquanto Humphrey e eu conversávamos com ele do patamar. Nossas perguntas eram numerosas demais para ele conseguir responder.

– Aquela ideia de Schiaparelli está totalmente errada – gritou ele. – Eles têm dias e noites normais lá. – E depois: – Não, meu calcanhar não está doendo. Ou pelo menos acho que está só começando a doer. – E então: – Obrigado, qualquer roupa velha. Pode deixar na cadeira. – E ainda: – Não, obrigado. Não estou com

vontade de comer *bacon* com ovos nem nada semelhante. Nenhuma fruta, é? Bem, não importa. Pão ou mingau, qualquer coisa. Desço daqui a cinco minutos.

Ele não parava de perguntar se estávamos bem mesmo e dava a impressão de achar que parecíamos adoentados. Desci para organizar a refeição da manhã, e Humphrey disse que ia ficar para examinar o corte no calcanhar de Ransom e fazer um curativo. Quando voltou a se juntar a mim, eu estava olhando para uma das pétalas vermelhas que tinham vindo na urna.

– É uma flor belíssima – disse eu, passando-a para ele.

– É – disse Humphrey, estudando-a com as mãos e os olhos de cientista. – Que delicadeza extraordinária! Faz uma violeta inglesa parecer uma erva grosseira.

– Vamos pôr algumas na água.

– Não vai adiantar. Veja, já murchou.

– Como você acha que ele está?

– No todo, em excelente estado. Mas não estou muito satisfeito com o calcanhar. Ele diz que a hemorragia não para há muito tempo.

Ransom veio juntar-se a nós, totalmente vestido, e eu lhe servi o chá. E durante todo aquele dia e pela noite adentro ele nos contou a história que se segue.

Viajar em um caixão celestial foi algo que Ransom nunca descreveu. Dizia que não conseguiria descrever. Entretanto, pistas eventuais sobre aquela viagem surgiram vez por outra, quando falava sobre assuntos totalmente diferentes.

De acordo com seu próprio relato, ele não estava o que chamaríamos de consciente; e ainda assim, ao mesmo tempo, a experiência foi muito positiva, com uma qualidade singular. Em uma ocasião, alguém estava falando de “ver a vida” no sentido popular de andar pelo mundo afora e conhecer pessoas; e B., que estava presente (e que é antroposofista), disse alguma coisa de que não consigo me lembrar sobre “ver a vida” em um sentido muito diferente. Acho que ele estava se referindo a algum sistema de meditação que alegava tornar “a forma da própria Vida” visível para o olho interior. Fosse como fosse, Ransom acabou se expondo a um longo interrogatório, ao não ocultar o fato de que tinha uma ideia bastante definida a respeito desse ponto. Ele até chegou – debaixo de enorme pressão – a dizer que a vida lhe apareceu, naquela condição, como uma “forma colorida”. Perguntado sobre qual cor, ele lançou um olhar estranho e conseguiu apenas dizer: “Que cores! Sim, que cores!”. Mas então estragou tudo, ao acrescentar, “é claro que no fundo não se tratava absolutamente de cor. Não do que nós chamaríamos de cor”, e se calou totalmente pelo que restou da noite. Outra indicação veio à tona quando um amigo nosso de índole cética, chamado McPhee, estava apresentando argumentos contrários à doutrina cristã da ressurreição do corpo humano. Eu era sua vítima naquele momento, e ele estava me atacando com aquele seu jeito escocês, com perguntas do tipo “Quer dizer que você acha que vai ter sistema digestivo e paladar para sempre em um mundo em que não haverá o consumo de alimentos, e órgãos genitais em um mundo sem cópula? Ora, homem, vai ser empolgante!”, quando Ransom de repente não se conteve, com enorme entusiasmo. “Será que você não entende, seu tolo, que existe uma diferença entre uma vida transensorial e uma vida não sensorial?” É claro que isso redirecionou a artilharia de McPhee para ele. O que transpareceu foi que, na opinião de Ransom, as funções e apetites atuais do corpo desapareceriam, não porque se atrofiariam, mas porque eles seriam, como ele

disse, “engolfados”. Lembro-me de ele ter usado o termo “transexual” e ter começado a procurar por palavras semelhantes para aplicar ao ato de comer (depois de rejeitar “transgastronômico”); e, como não era o único filólogo presente, isso desviou a conversa. Mas tenho bastante certeza de que ele estava pensando em alguma experiência vivida na viagem a Vênus. Contudo, talvez a declaração mais misteriosa que ele fez sobre esse tema tenha sido a seguinte. Eu o estava questionando a esse respeito – o que ele não costuma permitir –, e tinha dito de modo imprudente: “É claro que me dou conta de que tudo isso é vago demais para você pôr em palavras”, quando ele me interrompeu com muita aspereza para alguém tão paciente, dizendo: “Pelo contrário, são as palavras que são vagas. A razão pela qual a coisa não pode ser expressa é que ela é *definida* demais para a linguagem.” É praticamente tudo o que posso dizer sobre a viagem dele. Uma coisa é certa: ele voltou de Vênus ainda mais mudado do que tinha voltado de Marte. Mas é claro que isso pode ter decorrido do que lhe aconteceu depois do pouso.

A esse pouso, como me foi narrado por Ransom, passo agora. Parece que ele foi despertado (se essa for a palavra correta) daquele seu indescritível estado celestial pela sensação de queda – em outras palavras, quando ele estava perto suficiente de Vênus para sentir Vênus como algo que ficava para baixo. Sua percepção seguinte foi a de que estava muito quente de um lado e muito frio do outro, embora nenhuma das duas sensações fosse tão forte a ponto de causar dor. Fosse como fosse, logo as duas se dissolveram na prodigiosa luz branca vinda de baixo que começou a penetrar pelas paredes semiopacas da urna. Essa claridade foi aumentando com constância e se tornou um tormento, apesar de seus olhos estarem protegidos. Não há dúvida de que esse era o *albedo*, o véu externo de atmosfera muito densa que cerca Vênus e que reflete os raios do sol com forte intensidade. Por alguma razão obscura, ele não teve consciência, como tivera em sua chegada a Marte, do rápido aumento de seu próprio peso. Quando a luz branca estava prestes a tornar-se insuportável, ela desapareceu de uma vez; e logo em seguida o frio do lado esquerdo e a quentura do direito começaram a se reduzir e a ser substituídos por um agradável calor uniforme. Suponho que ele agora estivesse na camada exterior da atmosfera de Perelandra – de início em um crepúsculo desbotado e mais tarde levemente colorido. A cor predominante, até onde ele conseguia enxergar através das paredes do caixão, era dourada ou acobreada. A essa altura ele devia estar muito próximo da superfície do planeta, com o comprimento da urna em ângulo reto com essa superfície – caindo com os pés para baixo, como um homem em um elevador. A sensação da queda – desamparado como estava e impossibilitado de mexer os braços – tornou-se assustadora. E então, de repente, surgiu uma imensa escuridão verde, um ruído

não identificável – a primeira mensagem do novo mundo – e uma acentuada queda na temperatura. Ele agora parecia ter assumido a posição horizontal e também, para sua enorme surpresa, estar em um movimento não para baixo, mas para cima; muito embora, naquele momento, acreditasse ser uma ilusão. Durante esse tempo todo, ele devia estar fazendo esforços leves, inconscientes, para movimentar os membros, porque agora, subitamente, descobria que os lados de sua casa-prisão cediam à pressão. Ele *estava* movimentando os membros, sim, atrapalhado por alguma substância viscosa. Onde estava a urna? Suas sensações eram muito confusas. Às vezes, parecia estar caindo, às vezes subindo com velocidade, e depois mais uma vez se movendo no plano horizontal. A quantidade da substância viscosa, branca, parecia, a cada momento, diminuir... um material branco, turvo, muito parecido com o da urna, mas menos sólido. Com um choque horrível, ele se deu conta de que *era* mesmo a urna, a urna que estava derretendo, se dissolvendo, dando lugar a uma indescritível confusão de cores – um mundo rico, variado, em que, por enquanto, nada parecia ser palpável. Agora já não havia urna alguma. Ele tinha sido entregue – depositado – solitário. Estava em Perelandra.

Sua primeira impressão foi de nada mais definido do que de alguma coisa inclinada, como se ele estivesse olhando para uma fotografia tirada quando a câmera não está nivelada. E até mesmo isso durou somente um instante. A inclinação deu lugar a uma inclinação diferente. Depois duas inclinações se reuniram e formaram um pico, e o pico de repente se achatou em uma linha horizontal, e a linha horizontal se inclinou, tornando-se a borda de uma enorme encosta reluzente que se precipitou com fúria na direção dele. Ao mesmo tempo, sentiu estar sendo erguido. Cada vez mais para cima, ele foi alçado até ter a impressão de que deveria atingir a ardente cúpula dourada que pairava ali acima, no lugar de um céu. E então estava no topo; mas, quase antes de seu olhar abarcar um vale enorme que se abria abaixo – de um verde brilhante como vidro e marmorizado com raias de branco espumante –, ele já descia veloz para entrar no vale, talvez a uns cinquenta quilômetros por hora. E agora percebia um frescor delicioso em todas as partes de seu corpo, exceto na cabeça; que seus pés não estavam pousados em nada; e que havia algum tempo vinha executando inconscientemente as ações de um nadador. Estava deslizando nas vagas sem espumas de um oceano que era fresco e frio se comparado com as temperaturas ferozes dos Céus, mas quente em comparação com a temperatura da Terra – quente como uma baía rasa com o fundo de areia em um clima subtropical. Enquanto subia sem tropeços pela enorme encosta da onda seguinte, ele encheu a boca com água. Praticamente ela não tinha o sabor de sal. Era potável, como água doce, e apenas menos insípida, em um grau infinitesimal. Embora até

aquele momento não tivesse consciência de estar com sede, beber aquela água deu-lhe um prazer espantoso. Foi quase como conhecer o Prazer em si pela primeira vez. Mergulhou o rosto molhado no verde translúcido e, quando o retirou, descobriu que estava mais uma vez no alto de uma onda.

Não havia terra à vista. O céu era um dourado puro e plano, como o fundo de um quadro medieval. Parecia muito distante, tanto quanto um cirro visto a partir da Terra. Também o oceano era dourado, ao longe, sarapintado com inúmeras sombras. As ondas mais próximas, embora douradas onde a crista recebia a luz, eram verdes em suas encostas: de início um esmeralda e mais abaixo um verde-garrafa lustroso, que ia escurecendo até o azul, onde elas passavam sob a sombra de outras ondas.

Tudo isso Ransom viu em um lampejo. E em seguida estava mais uma vez descendo veloz pela cava. Não sabia como tinha se virado de costas. Agora via o teto dourado daquele mundo tremeluzindo com uma rápida variação de luzes mais claras, como um teto tremeluz com o sol refletido da água da banheira quando se entra no banho em uma manhã de verão. Supôs que se tratasse do reflexo das ondas em que nadava. É um fenômeno que se pode observar em três dias de cada cinco no planeta do amor. A rainha daqueles mares vê a si mesma continuamente em um espelho celestial.

De novo na crista, e ainda assim nenhum sinal de terra. Alguma coisa que parecia ser nuvens – ou talvez navios? – muito ao longe, à esquerda. E, então, descendo, descendo, descendo – ele achou que nunca ia chegar ao final da descida. Dessa vez, percebeu como a luz era fraca. Tanta folia na água morna – como teríamos chamado na Terra um banho de mar tão glorioso – sugeria como acompanhamento natural um sol brilhante. Mas aqui não havia nada que se assemelhasse. A água refulgia, o céu ardia em ouro, mas tudo era de um colorido agradável e brando, e seus olhos se nutriam do que viam sem se ofuscar e sem a menor dor. Os próprios nomes das cores – verde e ouro –, que ele era forçado a usar para descrever a paisagem, são fortes demais para a suavidade, a iridescência discreta daquele mundo agradavelmente quente, maternal, delicadamente fantástico. Era suave ao olhar como o entardecer, quente como o meio-dia no verão, sutil e sedutor como o amanhecer. Era totalmente prazeroso. Ele deu um suspiro.

Agora havia diante dele uma onda tão alta que era apavorante. Em nosso próprio mundo, falamos irrefletidamente de ondas da altura de montanhas quando elas não têm muito mais que a altura de um mastro. Mas aquela ali era de verdade. Se a forma imensa tivesse sido um monte de terra e não de água, Ransom poderia ter passado uma manhã inteira ou mais percorrendo a encosta

até atingir o cume. Ela o acolheu dentro de si e o lançou para aquela altura em questão de segundos. Antes que atingisse o topo, porém, ele quase gritou de pavor. Porque essa onda não tinha o topo liso como as outras. Surgiu uma crista horrível. Formas recortadas, encapeladas e fantásticas, não naturais e até mesmo não líquidas na aparência, cresciam a partir da borda. Rochas? Espuma? Animais? A pergunta mal teve tempo de passar veloz por sua mente antes que a coisa se abatesse sobre ele. Instintivamente ele fechou os olhos. E então descobriu-se mais uma vez precipitando-se morro abaixo. Não importava o que fosse, já tinha passado por ele. Mas era alguma coisa. Alguma coisa que o atingira no rosto. Apalpando o rosto, Ransom não encontrou sangue. Tinha sido atingido por alguma coisa macia que não lhe causou mal algum, apenas ardeu como uma chicotada, por conta da velocidade com que fora de encontro a ela. Virou-se de costas mais uma vez – e enquanto fazia isso já subia centenas de metros até a parte superior da próxima crista. Lá embaixo, em um enorme vale momentâneo, ele viu a coisa que quase o havia atingido. Tinha forma irregular, cheia de curvas e reentrâncias. Era de cores variadas, como uma colcha de retalhos: da cor do fogo, ultramar, laranja, amarelo-dourado e violeta. Ele não tinha como dizer mais a respeito porque todo o relance durou pouquíssimo. Não importava o que fosse, a coisa flutuava porque subiu veloz pela onda em frente, passou por cima da crista e sumiu. Ela se assentava na água como uma pele, curvando-se com as curvas da água. Assumiu a forma da onda no alto, de modo que, por um instante, metade dela já estava fora do campo visual, do outro lado da crista, e a outra metade ainda estava no alto da onda. Seu comportamento era como o de um aglomerado de algas em um rio – um aglomerado de algas que aceita o contorno de todas as pequenas ondulações que criamos ao remar por ali –, mas em uma escala muito diferente. Aquela coisa poderia ter uns doze hectares ou mais de área.

As palavras são lentas. Não se deve perder de vista o fato de que toda a vida de Ranson em Vênus até esse momento tinha durado menos de cinco minutos. Ele não estava nem um pouco cansado e ainda nestava gravemente preocupado quanto à sua capacidade de sobrevivência em um mundo daqueles. Ele confiava em quem o enviara para lá, e por enquanto o frescor da água e a liberdade de movimento de seus membros ainda eram uma novidade e um deleite. No entanto, além de qualquer um desses aspectos, havia mais alguma coisa à qual já aludi e que mal pode ser posta em palavras: a estranha sensação de prazer excessivo que de algum modo parecia ser comunicada a ele através de todos os sentidos ao mesmo tempo. Uso a palavra “excessivo” porque o próprio Ransom somente conseguiu descrever a sensação, dizendo que, durante seus primeiros dias em Perelandra, ele foi atormentado não por uma sensação de culpa, mas

pela surpresa por não ter nenhuma sensação semelhante. Havia uma exuberância ou profusão de suavidade no simples ato de viver que nossa espécie acha difícil não associar a comportamentos proibidos ou extravagantes. Entretanto é também um mundo violento. Ele mal tinha perdido de vista o objeto flutuante quando seus olhos foram feridos por uma luz insuportável. Um clarão matizado entre o azul e o violeta fez o céu dourado parecer escuro, e em um momento revelou mais do novo planeta do que Ransom tinha visto até então. Ele viu a imensidão de ondas se estendendo infinitamente e ao longe, muito ao longe, no fim do mundo, em contraste com o céu, uma coluna única e lisa de um verde medonho, em pé, a única coisa fixa e vertical nesse universo de encostas brilhantes. Então o belo crepúsculo recuou veloz (agora aparentando ser quase uma escuridão), e ele ouviu trovões. Mas o *timbre* era diferente do trovão terrestre, com mais ressonância e até mesmo, quando distante, uma espécie de tilintado. É o riso, mais do que o ronco, dos céus. Seguiu-se mais um relâmpago e mais outro. E então a tempestade caiu por todos os lados. Enormes nuvens roxas vieram intrometer-se entre ele e o céu dourado; e, sem nenhuma gota preliminar, começou a cair uma chuva como ele jamais tinha conhecido. Nela não havia linhas. A água acima dele apenas parecia menos contínua que o mar, e ele teve dificuldade para respirar. Os clarões eram incessantes. Entre os clarões, quando olhava em qualquer direção que não fosse a das nuvens, ele via um mundo totalmente alterado. Era como estar no centro de um arco-íris ou em uma nuvem de vapor multicolor. A água que agora enchia o ar estava transformando o mar e o céu em uma confusão de transparências chamejantes e que se contorciam. Ele ficou ofuscado e agora, pela primeira vez, um pouco assustado. Com os clarões ele via, como antes, somente o mar interminável e a coluna verde imóvel, no fim do mundo. Nenhuma terra em parte alguma – de um horizonte ao outro, nem mesmo a sugestão de uma costa.

O trovão era ensurdecador, e era difícil conseguir respirar o suficiente. Parecia que coisas de todos os tipos estavam caindo com a chuva – aparentemente criaturas vivas. Elas se assemelhavam a rãs sobrenaturalmente etéreas e graciosas – rãs sublimadas –, e eram da cor de libélulas, mas ele não estava em situação que permitisse observações cuidadosas. Começava a ter os primeiros sintomas de exaustão e estava totalmente confuso com a miscelânea de cores na atmosfera. Quanto tempo durou esse estado de coisas, ele não saberia dizer; mas sua primeira lembrança seguinte, com qualquer precisão, foi a de que as vagas estavam diminuindo. Teve a impressão de estar perto do final de uma cadeia de montanhas de água, olhando do alto para uma região mais baixa. Por muito tempo, ele não conseguiu chegar a essa região mais baixa; o que parecia, em comparação com os mares que ele encontrara logo ao chegar,

um mar de águas tranquilas, sempre se transformava em um oceano revoltado com ondas apenas ligeiramente menores do que as daqueles mares quando Ransom se precipitava por elas. Parecia haver por ali uma boa quantidade dos grandes objetos flutuantes. E esses, também, a certa distância se assemelhavam a um arquipélago, mas, sempre que Ransom se aproximava e deparava com a violência das águas em que flutuavam, se assemelhavam mais a uma flotilha. Com o tempo, porém, não houve dúvida de que as vagas estavam cedendo. A chuva parou. As ondas eram de altura meramente atlântica. As cores de arco-íris foram se desbotando e se tornando mais transparentes; e o céu dourado de início apareceu tímido através delas para depois se estabelecer novamente de horizonte a horizonte. As ondas ficaram ainda menores. Ele começou a respirar à vontade. Mas agora estava realmente cansado e começava a ter tempo para sentir medo.

Um dos grandes aglomerados de material flutuante estava descendo por uma onda a não mais que algumas centenas de metros dali. Ele o examinou ansioso, perguntando-se se poderia subir em uma coisa daquelas para descansar. Tinha fortes suspeitas de que eles se revelariam nada mais que emaranhados de algas, ou a ramagem mais alta de florestas submarinas, incapazes de sustentar seu peso. Mas enquanto estava pensando isso, aquela ilha específica na qual tinha fixado o olhar veio subindo por uma onda e ficou entre ele e o céu. Não era plana. De sua superfície acastanhada, toda uma série de formas emplumadas e encapeladas se erguia, muito pouco uniformes na altura. Pareciam escuras em contraste com o clarão fraco do teto dourado. E então todas elas se inclinaram para um lado quando a coisa que as transportava se enroscou por sobre a crista da água e mergulhou, desaparecendo de vista. Mas havia outra, a nem trinta metros de distância e se abatendo sobre ele. Ele partiu na direção dela, percebendo com esse esforço como seus braços estavam fracos e doloridos, e sentindo seu primeiro arrepio de medo real. À medida que se aproximava, Ransom percebeu que ela terminava em uma franja de material indubitavelmente vegetal. Na realidade, ela arrastava uma aba vermelho-escura composta de tubos, fibras e vesículas. Ele tentou agarrá-la e descobriu que ainda não estava suficientemente perto. Começou então a nadar em desespero, porque a coisa estava passando por ele a uma velocidade de mais de quinze quilômetros por hora. Tentou agarrar mais uma vez e segurou um punhado de fibras vermelhas, semelhantes a chicotes, mas elas escaparam de sua mão e quase o cortaram. Ele então se atirou direto entre elas, procurando agarrar-se feito louco a qualquer coisa a sua frente. Por um segundo, ficou em um tipo de caldo de legumes, com tubos gorgolejantes e vesículas que explodiam. No instante seguinte, suas mãos pegaram alguma coisa mais firme, algo quase parecido com madeira muito macia. E então, quase sem fôlego algum e com um joelho

contundido, ele se descobriu deitado de bruços em uma superfície resistente. Puxou-se uns dois centímetros mais para a frente. É, agora não havia dúvida: não se passava direto por aquela coisa. Ela era algo em que alguém poderia se deitar.

Parece que ele deve ter ficado deitado de bruços, sem fazer nada, sem pensar em nada, por muito tempo. Quando voltou a tomar conhecimento do que o cercava, estava, fosse como fosse, bem descansado. Sua primeira descoberta foi a de que estava deitado sobre uma superfície seca, que um exame revelou consistir em algo muito parecido com urzes, ressalvada a cor, que era acobreada. Afundando os dedos a esmo na superfície, encontrou alguma substância friável, como solo seco, mas em quantidade muito pequena, pois quase de imediato ele encontrou uma base de fibras duras entrelaçadas. Rolou então para ficar de costas e, com isso, descobriu a enorme elasticidade da superfície em que estava deitado. Era algo muito maior do que a maleabilidade da vegetação semelhante a urzes; e dava mais a impressão de que toda a ilha flutuante por baixo da vegetação fosse algum tipo de colchão. Ele se virou e olhou “terra adentro” – se essa for a expressão adequada. Por um instante, o que viu se assemelhava a terra firme. Estava contemplando um vale longo e deserto, com o piso da cor de cobre, margeado de ambos os lados por encostas suaves, cobertas por uma espécie de floresta multicolor. Entretanto, exatamente quando captava a imagem, o lugar tornou-se uma longa crista cor de cobre, com a floresta *descendo* por encostas de cada lado. É claro que ele deveria estar preparado para isso, mas ele diz que isso lhe causou um choque de náusea. A coisa, naquele primeiro relance, tinha dado uma impressão tão igual à de uma paisagem de verdade que ele se esqueceu de que ela estava flutuando – que era uma ilha, por assim dizer, com montes e vales, mas montes e vales que mudavam de lugar a cada minuto, de tal modo que apenas uma filmadora poderia criar um mapa topográfico dela. E essa é a natureza das ilhas flutuantes de Perelandra. Uma fotografia que omitisse as cores e a perpétua variação de formas faria que fossem enganosamente parecidas com paisagens de nosso próprio mundo; mas a realidade é muito diferente. Elas são secas e frutíferas como terra firme, mas sua única forma é a forma inconstante da água por baixo delas. Mesmo assim, revelou-se difícil resistir à aparência de terra. Embora já tivesse captado com o cérebro o que estava acontecendo, Ransom ainda não o tinha captado com os músculos e nervos. Ele se ergueu para dar alguns passos terra adentro – e morro abaixo, como a terra se apresentava no instante em que ele se levantou – e imediatamente descobriu-se jogado de cara no chão, ileso por causa da maciez das plantas. Lutou para pôr-se de pé – viu que agora tinha uma ladeira íngreme a galgar – e caiu pela segunda vez. Um abençoado relaxamento da tensão em que vinha vivendo desde sua

chegada dissolveu-o em um riso fraco. Ele rolava para lá e para cá na superfície macia e perfumada, em um verdadeiro acesso de risinhos abafados, digno de qualquer menino.

Isso passou. E então durante a hora seguinte, ou duas, ele se ensinou a andar. Era muito mais difícil do que aprender a andar em um navio que joga, porque, não importa o que o navio faça, o convés é sempre um plano. Mas aquilo ali era como aprender a andar na própria água. Ele levou algumas horas para chegar a cem metros da borda, ou costa, da ilha flutuante. E ficou orgulhoso quando conseguiu dar cinco passos sem cair, com os braços muito abertos, os joelhos dobrados, prontos para uma súbita mudança no equilíbrio, o corpo inteiro tenso e oscilante como o de alguém que está aprendendo a andar na corda bamba. Talvez tivesse aprendido mais rápido se suas quedas não fossem tão suaves; se não tivesse sido tão agradável, após a queda, ficar deitado imóvel olhando para o teto dourado, ouvindo o incessante som tranquilizador da água e inspirando o cheiro curiosamente delicioso da vegetação. E então, também, era tão estranho, depois de cair rolando de cabeça para baixo em algum vale minúsculo, abrir os olhos e descobrir-se sentado no pico da montanha central da ilha inteira, olhando do alto, como Robinson Crusoe, por campos e florestas até o litoral em todas as direções, que um homem dificilmente poderia deixar de demorar-se mais alguns minutos ali sentado – para depois ser mais uma vez impedido de avançar, porque, no instante em que fez menção de se erguer, tanto montanhas como vales desapareceram, e a ilha inteira se tornara uma planície lisa.

Por fim, Ranson chegou à região de floresta. A vegetação baixa era semelhante a plumas, com a altura aproximada de pés de framboesa e a cor de anêmonas-do-mar. Acima dessa vegetação estavam as plantas mais altas – árvores estranhas com troncos parecidos com tubos roxos e cinzentos, abrindo-se em copas profusas lá no alto, nas quais o laranja, o prata e o azul eram as cores predominantes. Aqui, com o auxílio dos troncos de árvore, ele conseguia manter o equilíbrio com mais facilidade. Os cheiros na floresta estavam além de tudo o que ele jamais tinha imaginado. Dizer que o faziam sentir fome e sede seria enganoso. Eles quase criavam um novo tipo de fome e de sede, um anseio que parecia transbordar do corpo para a alma, e que era paradisíaco. Muitas vezes ele ficava parado, agarrando-se a algum galho para se firmar, e respirava tudo aquilo, como se a respiração tivesse se tornado um tipo de ritual. E ao mesmo tempo a floresta proporcionava o que teria sido uma dúzia de paisagens na Terra – ora bosque plano com árvores verticais como torres, ora uma baixada profunda, onde era surpreendente não encontrar um riacho; ora um bosque cobrindo uma encosta; e mais uma vez o cume de um monte de onde, através dos troncos inclinados, era possível contemplar o mar ao longe. A não ser pelo

som inorgânico das ondas, era total o silêncio ao redor dele. A sensação da sua solidão intensificou-se sem se tornar de modo algum dolorosa – apenas acrescentando, por assim dizer, um último toque de primitivo aos prazeres extraordinários que o cercavam. Se agora ele sentia algum medo, era uma leve apreensão pela possibilidade de sua razão estar correndo algum risco. Havia em Perelandra algo que poderia sobrecarregar um cérebro humano.

Agora, ele chegava a uma parte do bosque, onde pendiam das árvores enormes frutos amarelos na forma de globos – agrupados como bolas de encher, às costas do vendedor, e mais ou menos do mesmo tamanho. Ele apanhou um e o revirou nas mãos muitas vezes. A casca era lisa e firme, com a aparência de ser impossível de abrir. E então por acaso um dos seus dedos a feriu e entrou em algo frio. Depois de um instante de hesitação, ele levou à boca o pequeno orifício. Era sua intenção extrair a menor amostra possível, para experimentar, mas a primeira prova lançou sua prudência aos quatro ventos. É claro que era um sabor, exatamente como sua sede e sua fome tinham sido sede e fome. Mas na realidade era tão diferente de qualquer outro sabor que parecia nada mais do que afetação chamá-lo de sabor. Era como a descoberta de um gênero totalmente novo de prazeres, algo inaudito entre os homens, fora de qualquer cogitação, para além de qualquer convenção. Na Terra, por um gole daquilo, guerras seriam travadas; e nações, traídas. O sabor não tinha como ser classificado. Quando voltou ao mundo dos homens, ele jamais conseguiu nos dizer se era doce ou azedo, salgado ou requintado, cremoso ou picante. “Não era bem isso” era tudo o que ele conseguia responder a indagações dessa natureza. Quando deixou a cabaça vazia cair e estava prestes a colher uma segunda, ocorreu-lhe que não estava nem com fome nem com sede. E, entretanto, repetir um prazer tão intenso e quase tão impalpável parecia a decisão óbvia a tomar. Sua razão, ou aquilo que geralmente consideramos razão em nosso próprio mundo, era totalmente favorável a provar esse milagre mais uma vez. A inocência infantil do fruto, as dificuldades pelas quais tinha passado, a incerteza do futuro, tudo isso parecia recomendar que agisse assim. Contudo, algo parecia opor-se a essa “razão”. É difícil supor que uma oposição desse tipo fosse proveniente do desejo, porque que desejo desdenharia tamanha delícia? Porém, não importava qual fosse a causa, pareceu-lhe melhor não provar da fruta outra vez. Talvez a experiência tivesse sido tão completa que repeti-la seria uma vulgaridade – como pedir para ouvir a mesma sinfonia duas vezes no mesmo dia.

Enquanto estava parado ali refletindo sobre a questão e se perguntando com que frequência na vida na Terra tinha reiterado prazeres não pelo desejo, mas a despeito do desejo e em obediência a um racionalismo espúrio, ele percebeu que a luz mudava. Atrás dele estava mais escuro do que antes. À sua frente, o céu e o

mar brilhavam através da floresta com uma intensidade transformada. Na Terra, sair da floresta teria levado um minuto. Nessa ilha ondulante, ele demorou mais e, quando por fim saiu a céu aberto, deparou com um espetáculo extraordinário. Não tinha, em momento algum do dia, ocorrido alguma variação no teto dourado que assinalasse a posição do Sol, mas agora toda uma metade do firmamento a revelava. O próprio globo permanecia invisível, porém na borda do mar estava pousado um arco de um verde tão luminoso que Ransom não conseguia olhar para ele, e mais além, espalhando-se quase até o zênite, um enorme leque de cores, como a cauda de um pavão. Olhando para trás, por cima do ombro, ele viu a ilha inteira iluminada de azul; e, atravessando a ilha e seguindo adiante até os confins do mundo, sua própria sombra enorme. O mar, agora muito mais calmo do que em qualquer outra hora até então, fumegava para o céu em enormes elefantes e dolomitas de vapores azuis e cor de púrpura. E um vento leve, cheio de suavidade, levantou seu cabelo da testa. O dia morria em chamas. A cada instante, as águas tornavam-se mais calmas. Alguma coisa não muito diferente do silêncio começou a se fazer sentir. Ele se sentou de pernas cruzadas na beira da ilha, aparentemente o senhor solitário desse momento solene. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que talvez tivesse sido enviado a um mundo desabitado; e esse terror, por assim dizer, acrescentou um toque de perigo a toda aquela profusão de prazer.

Mais uma vez, um fenômeno que a razão poderia ter previsto apanhou-o de surpresa. Estar nu sem sentir frio, perambular entre frutos estivais e descansar em urzes delicadas – tudo isso o levava a contar com uma noite em penumbra, um brando lusco-fusco de alto verão. Mas, antes que as fabulosas cores apocalípticas se apagassem no oeste, o céu já estava negro no leste. Mais alguns instantes, e o negrume tinha atingido o horizonte no oeste. Uma fraca luz avermelhada demorou-se no zênite por pouco tempo, período durante o qual ele se arrastou de volta para a floresta. Já estava, como dizem, “escuro demais para se enxergar o nariz”. No entanto, antes que ele se deitasse entre as árvores, a noite já tinha caído de verdade – uma escuridão total, nada parecida com a noite, mas com o breu de uma carvoaria em um porão, uma escuridão na qual sua própria mão mantida diante do rosto era totalmente invisível. Um negrume absoluto, sem dimensões, impenetrável, fazia pressão sobre seus globos oculares. Naquela terra não há Lua. Nenhuma estrela penetra pelo teto dourado. Mas na escuridão não fazia frio. Agradáveis cheiros novos emanavam dela. O mundo agora não tinha tamanho. Seus limites eram o comprimento e a largura de seu próprio corpo, assim como o pequeno trecho de doce fragrância que constituía sua rede, balançando com suavidade cada vez maior. A noite cobriu-o como um manto e impediu que a solidão o atingisse. O negror poderia ter sido

seu próprio quarto. O sono veio como um fruto que cai na mão quase antes que se toque sua haste.

Quando Ransom acordou, aconteceu-lhe alguma coisa que talvez só aconteça quando alguém está fora de seu mundo: ele viu a realidade e achou que era um sonho. Abriu os olhos e viu uma árvore estranha, de cores heráldicas, carregada com frutos amarelos e folhas prateadas. Em torno da base do caule cor de anil estava enroscado um pequeno dragão coberto de escamas de ouro vermelho. Reconheceu de imediato o jardim das Hespérides. “Este é o sonho mais nítido que eu tive na vida”, pensou. De um modo ou de outro, então percebeu que estava acordado; mas um conforto extraordinário e alguma qualidade semelhante a um enlevo, tanto no sono que acabava de deixá-lo como na experiência para a qual ele acordava, fizeram que se mantivesse imóvel. Lembrava-se agora de como, no mundo muito diferente chamado Malacandra – aquele mundo frio e arcaico, como agora lhe parecia –, ele havia encontrado o original dos Ciclopes, um gigante em uma caverna e um pastor. Será que todas as coisas que na Terra não passavam de mitologia eram realidade em outros mundos? E então abateu-se sobre ele a consciência de sua situação: “Você está em um planeta desconhecido, nu e sozinho, e esse pode ser um animal perigoso.” Mas não sentiu um medo apavorante. Sabia que a ferocidade dos animais terrenos era uma exceção, segundo os padrões cósmicos, e tinha encontrado bondade em criaturas mais estranhas que aquela. Mesmo assim, continuou deitado um pouco mais, olhando para a criatura. Parecia um lagarto, mais ou menos do tamanho de um são-bernardo, com as costas serreadas. Seus olhos estavam abertos.

Logo ele se arriscou a levantar-se apoiado em um cotovelo. A criatura continuou a olhar para ele. Ele percebeu que a ilha estava totalmente plana. Sentou-se e viu, por entre os caules das árvores, que estavam em águas calmas. O mar parecia vidro dourado. Ele retomou seu exame do dragão. Poderia esse ser um animal racional – um *hnau*, como diziam em Malacandra –, exatamente aquilo que ele, ao ser enviado ali, deveria encontrar? Não parecia ser, mas valia a pena tentar. Falando em solar arcaico, ele formou sua primeira frase – e sua própria voz pareceu-lhe pouco familiar.

– Desconhecido – ele disse – fui enviado para seu mundo através dos Céus pelos servos de Maleldil. Você me dá boas-vindas?

A criatura olhou para ele com muita atenção e talvez com muita sabedoria. E então, pela primeira vez, ela fechou os olhos. Aquele não parecia ser um início promissor. Ransom decidiu pôr-se de pé. O dragão reabriu os olhos. Ransom ficou olhando para ele enquanto seria possível contar até vinte, muito inseguro quanto a como prosseguir. Foi então que viu que a criatura estava começando a se desenroscar. Por um enorme esforço da vontade, ele se manteve firme. Fosse a criatura racional, fosse irracional, uma fuga dificilmente poderia ser-lhe útil por muito tempo. Ela se afastou da árvore, sacudiu-se por inteiro e abriu duas asas brilhantes, de réptil – de um ouro azulado e semelhantes às de um morcego. Depois de sacudi-las e voltar a fechá-las, a criatura lançou para Ransom mais um olhar demorado e, por fim, meio bamboleando, meio se arrastando, ela se encaminhou até a borda da ilha e enfiou na água o focinho comprido, de aspecto metálico. Depois de beber, levantou a cabeça e deu uma espécie de balido gutural que não era inteiramente dissonante. Voltou-se então, olhou ainda uma vez para Ransom e acabou por aproximar-se dele. “É loucura esperar que ele venha”, disse a falsa razão, mas Ransom cerrou os dentes e não arredou dali. O dragão veio até ele e começou a cutucá-lo com o focinho frio ao redor dos joelhos. A perplexidade de Ransom era enorme. Será que ele era racional, e essa era sua forma de comunicação? Ele seria irracional mas amistoso? E, nesse caso, como Ransom deveria reagir? É difícil afagar uma criatura provida de escamas! Ou talvez a criatura estivesse se coçando ao roçar nele. Nesse instante, com uma imprevisibilidade que o convenceu de que se tratava apenas de um animal, a criatura pareceu esquecer-se totalmente dele, deu meia-volta e começou a disparar pela vegetação com uma avidez imensa. Sentindo que sua honra estava agora ratificada, Ransom também girou e voltou para o bosque.

Perto dele havia árvores carregadas com o fruto que ele já tinha provado, mas sua atenção foi atraída por algo estranho que surgiu um pouco mais adiante. Em meio à folhagem mais escura de uma moita cinza-esverdeada, parecia que alguma coisa cintilava. A impressão, captada pelo canto do seu olho, tinha sido a do telhado de uma estufa, batido pelo sol. Agora que ele olhava direto para lá, a sugestão ainda era de vidro, mas vidro em movimento permanente. A luz parecia ir e vir de forma espasmódica. No exato instante em que começava a se movimentar para investigar esse fenômeno, Ransom levou um susto com alguma coisa que tocou sua perna esquerda. O animal o havia seguido. Estava mais uma vez afocinhando e cutucando. Ransom apressou o passo. O dragão fez o mesmo. Ele parou. O dragão também. Quando voltou a avançar, a criatura o acompanhou tão de perto que o flanco encostava nas suas coxas; e às vezes a

pata fria, dura e pesada pisava no pé dele. Aquele arranjo lhe era tão pouco satisfatório que Ransom começava a se perguntar a sério como poderia acabar com aquilo quando, de repente, toda a sua atenção foi atraída por outra coisa. Acima de sua cabeça, suspenso de um galho peludo, semelhante a um tubo, havia um enorme objeto esférico, brilhante e quase transparente. Continha uma área de luz refletida e, em um ponto, a sugestão das cores do arco-íris. Essa era, portanto, a explicação para a aparição de algo semelhante a vidro no bosque. Olhando em volta, percebeu em todas as direções inúmeros globos tremeluzentes do mesmo tipo. Começou a examinar atentamente o mais próximo. De início achou que estava se mexendo e depois que não estava. Movido por um impulso natural, estendeu a mão para tocar nele. Sua cabeça, seu rosto e ombros foram imediatamente encharcados com o que lhe pareceu (naquele mundo de calor) uma chuva gelada; e suas narinas se encheram com uma fragrância forte, pungente, requintada, que de algum modo lhe trouxe à mente o verso de Pope, “morrer de uma rosa em dor perfumada”. Foi tamanha a restauração de forças que ele teve a impressão de, até aquele momento, ter estado apenas meio desperto. Quando abriu os olhos – que tinha fechado involuntariamente com o choque da umidade – todas as cores em volta pareciam mais vivas, e a penumbra daquele mundo pareceu clarear-se. Um novo encantamento abateu-se sobre ele. O animal dourado a seu lado já não representava perigo ou inconveniente. Se um homem nu e um dragão sábio eram de fato os únicos habitantes desse paraíso flutuante, então isso também estava adequado, pois naquele momento ele teve a sensação não de seguir uma aventura, mas de encarnar um mito. Ser a figura que ele era nesse quadro extraordinário parecia suficiente.

Voltou-se mais uma vez para a árvore. A coisa que o encharcara tinha sumido por completo. O tubo ou galho, privado de seu globo, agora terminava em um pequeno orifício trêmulo do qual pendia uma gota cristalina. Ele olhou ao redor, um pouco desconcertado. O arvoredo ainda estava cheio dos frutos iridescentes, mas agora ele percebia um movimento lento e contínuo. Um segundo depois, ele tinha dominado o fenômeno. Cada uma das esferas brilhantes ia aumentando de tamanho muito aos poucos; e cada uma, ao atingir determinado tamanho, desaparecia com um ruído leve. Em seu lugar, havia uma momentânea umidade no solo, além de um frescor e uma fragrância deliciosa no ar, que logo se dissipava. Na realidade, eles não eram absolutamente frutos, mas bolhas. As árvores (que ele batizou naquele instante) eram árvores-de-bolhas. Parecia que sua vida consistia em sugar a água do oceano para depois expulsá-la dessa forma, enriquecida, porém, pela breve estada em suas entranhas seivas. Sentou-se para alimentar os olhos com o espetáculo. Agora que conhecia o

segredo, ele podia explicar a si mesmo por que aquele bosque dava uma impressão visual e causava uma sensação tão diferente de todas as outras partes da ilha. Era possível ver cada bolha, considerada individualmente, brotar de seu galho matriz como não mais que uma conta, do tamanho de uma ervilha, para inflar-se e explodir. Contudo, olhando para o bosque como um todo, tinha-se consciência apenas de uma leve e contínua perturbação da luz, uma interferência impalpável no silêncio perelandriano predominante, um frescor incomum no ar e um aspecto mais revigorante no perfume. Para um homem nascido em nosso mundo, tudo aquilo parecia estar mais a céu aberto que as partes descampadas da ilha ou até mesmo que o mar. Olhando para um belo grupo de bolhas que pendiam acima de sua cabeça, ocorreu-lhe como seria fácil erguer-se e mergulhar através de todas elas para sentir, de uma vez, aquele revigoramento mágico dez vezes maior. Mas ele foi refreado por uma sensação semelhante àquela que o impedira, no entardecer do dia anterior, de provar uma segunda cabaça. Ele não gostava de gente que pedia bis de uma ária favorita em uma ópera. “Isso simplesmente estraga o efeito”, costumava comentar. Mas agora aquilo lhe parecia um princípio de aplicação muito mais ampla e de importância maior. Essa tentação de repetir as coisas, como se a vida fosse um filme que pudesse ser desenrolado mais de uma vez ou mesmo que pudesse retroceder... será que essa não era possivelmente a raiz de todo o mal? Não: é claro que o amor ao dinheiro era chamado desse modo. Mas o dinheiro em si – talvez ele fosse valorizado principalmente como uma defesa contra o acaso, uma segurança para ser capaz de ter coisas novamente, um meio para deter o desenrolar do filme.

Sua meditação foi subitamente interrompida pelo desconforto físico de um peso sobre seus joelhos. O dragão tinha se deitado com a cabeça comprida e pesada no seu colo.

– Sabe – disse ele em inglês à criatura – que você perturba de verdade? – Ela não chegou a se mexer. Ransom resolveu que era melhor tentar fazer amizade com ela. Afagou a cabeça dura e seca, mas a criatura não deu sinal de perceber. Então sua mão passou mais para baixo e encontrou uma superfície mais macia, ou mesmo uma fenda em sua cota de malha. Ah... era ali que o dragão gostava de sentir cócegas. Ele deu um grunhido e disparou uma língua comprida, cilíndrica, cor de ardósia, para dar-lhe uma lambida. Rolou de costas, revelando uma barriga quase branca, que Ransom massageou com os dedos dos pés. Sua convivência com o dragão estava progredindo de modo extraordinário. Por fim, a criatura adormeceu.

Ransom levantou-se e tomou uma segunda chuveirada de uma árvore-de-bolhas. Isso o deixou tão renovado e alerta que ele começou a pensar em comer.

Tinha se esquecido do lugar na ilha onde as cabaças amarelas poderiam ser encontradas; e, quando partiu para procurá-las, descobriu que era difícil caminhar. Por um instante, ele se perguntou se o líquido nas bolhas tinha alguma propriedade inebriante, mas um olhar ao redor deu-lhe a certeza da verdadeira razão. À sua frente, a planície de urzes cor de cobre, ali bem diante de seus olhos, foi crescendo até formar um morro baixo, e o morro baixo veio na sua direção. Fascinado mais uma vez com a visão de terra rolando na sua direção como água, em uma onda, ele se esqueceu de se adequar ao movimento e perdeu o equilíbrio. Conseguiu se levantar e avançou com mais cuidado. Dessa vez não havia dúvida. O mar estava crescendo. Onde dois bosques vizinhos permitiam a visão até a borda daquela jangada viva, ele podia ver águas turbulentas, e o vento morno agora estava forte o suficiente para desgrenhar seu cabelo. Com cautela, abriu caminho para chegar à margem. Antes, porém, passou por alguns arbustos que exibiam uma profusa colheita de frutinhas verdes ovais, com cerca de três vezes o tamanho de uma amêndoa. Ele apanhou um e o partiu ao meio. A polpa era mais para seca e semelhante a pão, como uma banana, e se revelou saborosa. Não lhe deu o prazer orgíaco e quase alarmante das cabaças, mas sim o prazer específico da comida simples – o deleite de mastigar e ser nutrido, uma “certeza sóbria de felicidade de olhos abertos”. Um homem, ou pelo menos um homem como Ransom, acharia que deveria dar graças por aquele alimento. E foi o que ele acabou fazendo. As cabaças teriam exigido um oratório ou uma meditação mística. Mas a refeição teve seus pontos altos inesperados. De vez em quando, encontrava um frutinho cujo centro era de um vermelho forte. E esses eram tão deliciosos, tão memoráveis em meio a milhares de sabores, que ele teria começado a procurá-los e a comer somente deles, não tivesse se sentido mais uma vez proibido pelo mesmo conselheiro interior que já lhe falara duas vezes desde sua chegada a Perelandra. “Ora, na Terra”, pensou Ransom, “eles logo descobririam um modo de cultivar esses corações vermelhos, que custariam muito mais que os outros.” De fato, o dinheiro forneceria um modo de pedir “bis” em um tom de voz que não admitiria desobediência.

Quando terminou a refeição, ele desceu até a beira da água para beber; mas, antes que chegasse, em vez de descer ele “subiu” até a beira da água. Naquele instante, a ilha era um pequeno vale de terra brilhante aninhado entre montanhas de água verde. E, quando se deitou de bruços para beber, ele teve a experiência extraordinária de molhar a boca em um mar mais alto que a costa. Sentou-se então, empertigado, um momento, com as pernas penduradas por cima da borda, entre as algas vermelhas que debruavam esse pequeno território. O fato de estar só tornou-se um elemento mais insistente em sua consciência. Ele tinha sido trazido ali para fazer o quê? Passou-lhe pela mente uma louca fantasia de que

esse mundo vazio estivera esperando por ele como seu primeiro habitante, que ele tinha sido escolhido para ser seu fundador, o iniciador. Era estranho que a solidão total durante todas aquelas horas não o tivesse perturbado tanto quanto uma noite sozinho em Malacandra. Achou que a diferença estava no seguinte: que o mero acaso, ou o que considerava ser um acaso, o abandonara à deriva em Marte, mas que aqui ele sabia fazer parte de um plano. Já não era um ser sem ligações; já não estava do lado de fora de tudo.

Enquanto seu território escalava as montanhas lisas de água vagamente lustrosa, Ransom teve oportunidades frequentes de ver que havia muitas outras ilhas ali por perto. Na coloração, elas variavam em relação à sua própria ilha e umas às outras mais do que ele poderia imaginar. Era um assombro ver esses grandes nacos ou tapetes de terra, jogando à sua volta como iates no porto em um dia de mar violento – suas árvores, a cada instante, em um ângulo diferente, exatamente como estariam os mastros dos iates. Era espantoso ver alguma borda de um verde vivo ou de um carmim aveludado vir se arrastando pelo alto de uma onda muito acima dele e depois esperar até o território inteiro se desenrolar, descendo pelo lado da onda para ele poder examiná-lo. Às vezes, sua própria terra e uma terra vizinha estavam em encostas opostas de uma cava, com apenas um fino estreito de água entre si; e nesse caso, naquele momento, tinha-se a impressão enganosa da semelhança com uma paisagem terrena. Parecia exatamente estar em um vale bem coberto por bosques com um rio no fundo. Mas, enquanto se olhava, aquele rio aparente fazia o impossível. Ele se atirava para cima, de tal modo que a terra de cada lado descia a partir dele. E depois ele subia ainda mais, e metade da paisagem desaparecia de vista do outro lado da crista. Tornava-se então como uma enorme cadeia de montes escarpados de água dourada esverdeada, suspensa no céu, ameaçando engolfar a própria terra em que se estava, que agora mostrava-se côncava e recuava para a onda seguinte, até subir veloz e voltar a ser convexa.

Um zumbido metálico assustou-o. Por um instante, imaginou-se na Europa, com um avião em voo rasante acima de sua cabeça. Reconheceu, então, seu amigo, o dragão. A cauda estava esticada para trás, tanto que parecia um lagarto voador, e se dirigia para uma ilha a uns oitocentos metros dali. Acompanhando sua trajetória com o olhar, Ransom viu duas longas fileiras de criaturas aladas, escuras em contraste com o firmamento dourado, aproximando-se da mesma ilha, vindo da direita e da esquerda. Mas esses não eram répteis com asas de morcego. Concentrando-se para enxergar a tanta distância, ele concluiu que eram aves, e um matraquear melodioso, que logo chegou a ele por uma mudança no vento, confirmou sua suposição. Deviam ser um pouco maiores do que cisnes. Sua constante aproximação da mesma ilha para a qual o dragão se dirigia

fixou a atenção de Ransom e o encheu com uma vaga sensação de expectativa. O que se seguiu elevou essa sensação para um verdadeiro entusiasmo. Ele percebeu algum tipo de movimentação na água, como uma espuma cremosa, muito mais perto dele, se encaminhando para a mesma ilha. Toda uma frota de criaturas estava se movimentando em formação. Ele se levantou. E então a elevação de uma onda as tirou de vista. Logo em seguida, estavam visíveis de novo, dezenas de metros abaixo dele. Criaturas cor de prata, todas vivas, com movimentos circulares, e brincalhonas... Ele as perdeu de vista mais uma vez e praguejou. Em um mundo tão desprovido de acontecimentos, tinham se tornado importantes. Ah...! Cá estavam as criaturas de novo. Peixes, sem dúvida. Muito grandes, obesos, semelhantes a golfinhos, duas fileiras compridas juntas, alguns lançando do focinho colunas d'água nas cores do arco-íris, e com um líder. Havia algo de estranho nesse líder, algum tipo de projeção ou malformação no dorso. Se ao menos eles permanecessem visíveis por mais de cinquenta segundos de cada vez. Agora, eles quase tinham chegado àquela outra ilha, e as aves estavam todas descendo a seu encontro junto da margem. Lá estava o líder novamente, com sua corcova ou coluna no dorso. Seguiu-se um instante de louca incredulidade, e então Ransom se equilibrou, com as pernas bem separadas, na borda extrema de sua própria ilha, gritando a mais não poder. Pois, no exato instante em que o peixe líder chegou àquela terra vizinha, a terra subiu em uma onda entre Ransom e o céu. E ele viu, em silhueta perfeita e inconfundível, a coisa montada no peixe se revelar como uma forma humana: uma forma humana que pisou na ilha, voltou-se com uma leve inclinação do corpo na direção do peixe e então desapareceu de vista, quando a ilha inteira deslizou por cima da crista da onda. Com o coração disparado, Ransom esperou até ela reaparecer em seu campo de visão. Dessa vez, não estava entre ele e o céu. Por cerca de um segundo, foi impossível descobrir onde estava o vulto humano. Uma físgada de algo semelhante a desespero o atingiu. E então ele captou novamente a figura – um vulto pequenino e escuro movendo-se devagar entre ele e um trecho de vegetação azul. Ele acenou, gesticulou e gritou até ficar rouco, mas o vulto não lhe deu a menor atenção. De vez em quando o perdia de vista. Mesmo quando o encontrava de novo, Ransom às vezes duvidava se aquilo não era uma ilusão de óptica – alguma configuração casual de folhagem que seu intenso desejo tinha interpretado como a forma de um homem. Mas sempre, antes que pudesse se desesperar, o vulto voltava a tornar-se inconfundível. Então seus olhos começaram a se cansar, e ele soube que quanto mais olhasse, menos veria. Mesmo assim continuava a olhar.

Por fim, em total exaustão, ele se sentou. A solidão, que até aquele momento praticamente não lhe fora dolorosa, agora se tornara um horror. Qualquer retorno

a ela era uma possibilidade que ele não ousava encarar. A beleza inebriante e extasiante tinha desaparecido das proximidades. Bastava que se excluísse aquela única forma humana, e todo o restante desse mundo era agora um perfeito pesadelo, uma terrível cela ou armadilha na qual ele estava preso. A suspeita de que estava começando a sofrer de alucinações passou por sua cabeça.

Visualizou-se vivendo eternamente nessa ilha medonha, sempre realmente só, mas sempre atormentado por sombras de seres humanos que vinham em sua direção com sorrisos e mãos estendidas, para então desaparecer quando ele se aproximava deles. Curvando a cabeça sobre os joelhos, ele cerrou os dentes e tentou restaurar alguma ordem em seus pensamentos. De início, achou que estava apenas tentando escutar sua própria respiração e contando os batimentos cardíacos; mas tentou de novo e logo conseguiu. E então, como uma revelação, ocorreu-lhe a ideia muito simples de que, se quisesse atrair a atenção da criatura semelhante a um homem, teria de esperar até estar na crista de uma onda e então ficar em pé para que a criatura o visse delineado em contraste com o céu.

Por três vezes, esperou a borda onde estava se transformar em uma crista, e se ergueu, oscilando com o movimento daquele território estranho, gesticulando. Na quarta vez, teve êxito. É claro que a ilha vizinha estava temporariamente abaixo dele, como se fosse um vale. De modo totalmente inequívoco, a pequena figura escura também acenou para ele. Ela se destacou de um fundo confuso de vegetação esverdeada e começou a correr em sua direção – quer dizer, na direção da costa mais próxima de sua própria ilha –, atravessando um campo de cor laranja. Ela corria com facilidade: a superfície arfante do campo parecia não perturbá-la. Então sua própria terra recuou para baixo e para trás, e uma enorme muralha de água se inseriu entre os dois territórios, impedindo que um visse o outro. Daí a um instante, Ransom, do vale onde agora estava parado, viu a terra cor de laranja derramar-se como o deslizamento de uma encosta de morro, pela ladeira ligeiramente convexa de uma onda muito acima dele. A criatura ainda corria. A largura da água entre as duas ilhas era de menos de dez metros, e a criatura estava a menos de cem metros dele. Ele agora sabia que ela não era meramente semelhante a um ser humano, mas que era um ser humano – um homem verde em um campo laranja, verde como o besouro verde de belíssima coloração em um jardim inglês, descendo o morro, correndo na sua direção com agilidade e rapidez. Os mares então elevaram sua própria terra, e o homem verde passou a ser uma figura escurçada muito abaixo dele, como um ator visto do balcão em Covent Garden. Ransom estava parado na própria borda de sua ilha, forçando o corpo para a frente e gritando. O homem verde olhou para o alto. Parecia que também ele gritava, com as mãos formando um círculo em torno da boca, mas o bramido dos mares anulava o som; e no instante seguinte a ilha de

Ransom caiu na cava da onda e a aresta alta e verde de mar impediu sua visão. Era enlouquecedor. Ele se torturava de medo de que a distância entre as ilhas pudesse aumentar. Graças a Deus: a terra laranja já vinha por cima da crista, acompanhando-o cava abaixo. E lá estava o desconhecido, agora bem na margem, diante dele. Por um segundo, os olhos estranhos contemplaram os de Ransom, cheios de amor e boas-vindas. E então a expressão mudou por inteiro: passou por ela um choque de decepção e espanto. Não sem também sentir, por seu lado, uma decepção, Ransom deu-se conta de ter sido confundido com outra pessoa. A corrida, os acenos, os gritos não tinham sido para ele. E o homem verde não era homem, de modo algum. Era uma mulher.

É difícil dizer por que isso o surpreendeu tanto. Considerando-se a forma humana, presume-se que pudesse encontrar tanto uma fêmea quanto um macho. Mas ele se surpreendeu, sim, tanto que, só quando as duas ilhas mais uma vez começaram a se distanciar uma da outra em vales de ondas diferentes, ele percebeu que não dissera nada a ela; ficara parado, com o olhar fixo como um pateta. E agora que ela estava fora de seu alcance visual, ele descobriu que seu cérebro estava tomado de dúvidas. Será que ele tinha sido enviado para encontrar isso? Tinha imaginado assombros; estava preparado para assombros, mas não para uma deusa esculpida aparentemente de pedra verde, mas viva. E então passou por seu pensamento, como um lampejo, algo que não tinha percebido enquanto a cena estava diante de seus olhos: ela estava acompanhada por um séquito estranho. Estava em pé em meio a uma multidão de animais e aves como uma arvoreta alta em meio a arbustos: grandes aves da cor de pombos e aves da cor do fogo; dragões; criaturas semelhantes a castores, mais ou menos do tamanho de ratos; e peixes de aparência heráldica no mar a seus pés. Ou ele teria imaginado aquilo tudo? Seria esse o início das alucinações que ele temia? Ou mais um mito saindo para um mundo real – talvez um mito mais terrível, de Circe ou Alcina? E a expressão em seu... o que ela esperava encontrar que fez do encontro com ele tamanha decepção?

A outra ilha voltou a ficar visível. Ele tinha razão quanto aos animais. Eles a cercavam em fileiras de dez ou vinte, todos voltados para ela, em sua maioria imóveis, mas alguns procurando seu lugar, como em uma cerimônia, com movimentos delicados, sem ruído. As aves formavam longas linhas; e a cada instante um número maior delas vinha pousar na ilha e se unir a essas linhas. De um bosque de árvores-de-bolhas atrás dela, uma meia dúzia de criaturas semelhantes a porcos alongados e de pernas muito curtas – os *dachshunds* do mundo suíno – vinham bamboleando para participar da assembleia. Animais diminutos, parecidos com rãs, como os que ele tinha visto caindo na chuva, não paravam de saltar ao redor dela, às vezes mais altos que sua cabeça, às vezes

pousando em seus ombros. Suas cores eram tão fortes que de início ele os confundiu com martins-pescadores. No meio de tudo aquilo, ela estava parada, olhando para ele; com os pés unidos, os braços relaxados de cada lado, o olhar neutro e sem medo, sem comunicar nada. Ransom decidiu falar, usando o solar arcaico.

– Sou de outro mundo – começou, e então parou. A Dama Verde tinha feito uma coisa para a qual ele estava totalmente despreparado. Ela levantou o braço e apontou para ele: não como ameaça, mas como se convidasse as outras criaturas a contemplá-lo. Ao mesmo tempo, seu rosto mudou novamente de expressão, e por um segundo Ransom achou que ela fosse chorar. Em vez disso, ela caiu na risada – gargalhadas e mais gargalhadas até seu corpo inteiro se sacudir com o riso, até ela quase se dobrar ao meio, com as mãos pousadas nos joelhos, ainda rindo, insistindo em apontar para ele. Os animais, como nossos próprios cães em circunstâncias semelhantes, entenderam vagamente que havia motivo para alegria. Começaram então a exhibir todos os tipos de cambalhotas, batidas de asas, bufos e posturas em pé nas patas traseiras. E a Dama Verde continuava a rir até que, mais uma vez, a onda os separou e ela ficou fora de seu campo visual.

Ransom estava petrificado. Os *eldila* o tinham enviado ali para encontrar uma idiota? Ou um espírito do mal que zombava dele? Ou não seria, afinal de contas, uma alucinação? Pois era exatamente assim que se poderia imaginar que uma alucinação se comportasse. E então ocorreu-lhe uma ideia que talvez demorasse muito mais para ocorrer a mim ou a você. Talvez não fosse ela a louca, mas ele o ridículo. Ransom baixou o olhar para si mesmo. Suas pernas decerto constituíam um estranho espetáculo, porque uma estava de um vermelho amarronzado (como os flancos de um sátiro de Ticiano) enquanto a outra estava branca – em comparação, de um branco quase leproso. Até onde o exame de si mesmo pôde constatar, ele apresentava o mesmo colorido parcial no corpo inteiro – resultado nada extraordinário de sua exposição unilateral ao sol durante a viagem. Teria sido essa a piada? Ele sentiu uma impaciência momentânea com a criatura que conseguia estragar o encontro de dois mundos rindo de algo tão trivial. Depois, sorriu a contragosto com a carreira muito pouco ilustre que estava seguindo em Perelandra. Para perigos ele estava preparado, mas para ser de início uma decepção e depois objeto de riso... Atenção! Ali estavam a Dama e sua ilha mais uma vez à vista.

Ela já tinha se recuperado do ataque de riso e estava sentada, molhando as pernas no mar, afagando meio distraída uma criatura semelhante a uma gazela, que tinha enfiado o focinho macio por baixo de seu braço. Era difícil acreditar que ela algum dia tivesse rido, que algum dia tivesse feito qualquer coisa além de ficar sentada à margem de sua ilha flutuante. Ransom jamais tinha visto um

rosto tão calmo e tão sublime, apesar da plena humanidade de cada feição. Mais tarde ele concluiu que o aspecto sublime decorria da total ausência daquele elemento de resignação que se mescla, por menor que seja a proporção, em toda tranquilidade profunda nos rostos terrenos. Essa calma não tinha sido precedida por nenhuma tormenta. Poderia ser idiotice, poderia ser imortalidade. Talvez fosse alguma condição mental para a qual a experiência terrena não fornecesse absolutamente pista alguma. Uma sensação curiosa e bastante horripilante começou a dominá-lo. No antigo planeta de Malacandra, ele conhecera criaturas que não eram nem de longe humanas na forma, mas que, com um maior conhecimento, se revelaram racionais e amistosas. Por trás de uma aparência estranha, ele descobrira um coração semelhante ao seu. Será que agora haveria de ter a experiência inversa? Pois agora ele percebia que a palavra “humano” se refere a algo mais que a forma do corpo, ou mesmo a mente racional. Refere-se também àquela comunhão de sangue e experiência que une todos os homens e mulheres na Terra. Mas essa criatura não pertencia à espécie dele. Nenhuma ramificação, por mais complexa que fosse, de qualquer árvore genealógica poderia jamais estabelecer uma ligação entre ele mesmo e ela. Nesse sentido, nem uma gota nas veias dela era “humana”. O universo tinha produzido a espécie dela e a dele de modo totalmente isolado.

Tudo isso passou pela cabeça de Ransom muito depressa e foi bruscamente interrompido pela percepção de que a luz estava mudando. De início, ele achou que a criatura verde tinha, por si mesma, começado a tornar-se azulada e a brilhar com um estranho fulgor elétrico. Percebeu então que a paisagem inteira se incendiava de azul e púrpura – e, quase ao mesmo tempo, que as duas ilhas já não estavam tão próximas quanto antes. Ele olhou de relance para o céu. A fornalha multicolor do breve entardecer estava acesa em toda a sua volta. Dentro de alguns minutos, a escuridão seria total... e as ilhas estavam se afastando. Falando lentamente naquela língua antiga, ele gritou para ela.

– Sou de fora daqui. Venho em paz. É sua vontade que eu nade até sua terra?

A Dama Verde olhou rápido para ele, com uma expressão de curiosidade.

– O que é “paz”? – perguntou ela.

Ransom poderia ter dançado de tanta impaciência. Já estava visivelmente mais escuro, e agora não havia dúvidas de que a distância entre as ilhas estava aumentando. No instante em que estava prestes a falar novamente, uma onda subiu entre eles, e mais uma vez ela sumiu. E, quando essa onda pairou no ar acima dele, com seu brilho púrpura à luz do pôr do sol, ele viu como o céu estava escuro mais além dela. Foi através de uma espécie de penumbra que ele, do alto da crista seguinte, olhou para a outra ilha muito abaixo. Ele se atirou na

água. Por alguns segundos, teve dificuldade para se desvencilhar da costa. Pareceu então que conseguiu, e começou a nadar. Quase imediatamente ele se descobriu de novo entre as algas vermelhas e vesículas. Seguiu-se um momento ou dois de esforço violento, e então ele estava livre – e nadando cadenciadamente. Assim, quase sem aviso, estava nadando em uma escuridão total. Continuou a nadar, mas o desespero de encontrar a outra terra, ou mesmo de salvar a própria vida, agora o dominava. A constante mudança da enorme vaga abolia todo o seu sentido de direção. Somente por acaso ele poderia chegar a qualquer lugar. Na realidade, ele calculou, pelo tempo em que já estava na água, que devia ter estado nadando *ao longo do* espaço entre as ilhas em vez de através desse espaço. Tentou alterar o rumo. Depois questionou a prudência de fazer isso, procurou voltar ao rumo original e se confundiu tanto que não pôde ter certeza de ter feito uma coisa ou outra. Não parava de dizer a si mesmo que precisava manter a cabeça fria. Começava a ficar cansado. Desistiu então de todas as tentativas de se orientar. De repente, muito tempo depois, sentiu alguma vegetação passar por ele. Agarrou-se a ela e puxou. Aromas deliciosos de frutos e flores chegaram a ele do meio da escuridão. Com os braços doloridos, se esforçou ainda mais. Por fim, descobriu-se, a salvo e arquejante, na superfície seca, ondulante, suavemente perfumada de uma ilha.

Ransom deve ter adormecido quase no mesmo instante em que chegou à terra, porque não se lembrava de mais nada, até que o que lhe pareceu ser o canto de um pássaro interrompeu seus sonhos. Abrindo os olhos, viu que se tratava de fato de uma ave, uma ave de pernas compridas, semelhante a uma cegonha muito pequena, cantando quase como um canário. A plena luz do dia – ou o que passa por isso em Perelandra – estava em todo o seu redor; e, no coração, havia certo pressentimento de boas aventuras que o fez se sentar de imediato e, um instante depois, se levantar. Ele esticou os braços e olhou em volta. Não estava na ilha cor de laranja, mas na mesma ilha que tinha sido seu abrigo desde que chegara a esse planeta. Estava flutuando em uma calmaria total e, portanto, sem nenhuma dificuldade para abrir caminho até a margem. E lá ele parou, assombrado. A ilha da Dama estava flutuando ao lado da sua, separada por não mais que um metro e meio de água. Toda a aparência do mundo tinha mudado. Agora não havia nenhuma expansão de mar à vista – somente uma paisagem plana de bosques até onde o olhar alcançava, em todas as direções. Na realidade, cerca de dez ou doze ilhas estavam ali reunidas, constituindo um continente efêmero. E lá, andando diante dele, como se do outro lado de um regato, estava a própria Dama, caminhando com a cabeça um pouco baixa, as mãos ocupadas entrelaçando algumas flores azuis. Ela cantarolava para si mesma, mas parou e, quando ele a chamou, virou-se para encará-lo.

– Ontem eu era jovem – começou ela, mas ele não ouviu o restante de sua fala. O encontro, agora que chegara a ocorrer de fato, revelou-se avassalador. Você não deve entender mal a história a esta altura. O que foi avassalador para Ransom não foi de modo algum o fato de ela, como ele mesmo, estar totalmente nua. Tanto o constrangimento como o desejo estavam a milhares de quilômetros de distância de sua experiência; e, se ele sentia um pouco de constrangimento em relação ao seu corpo, em nada estava relacionado à diferença de sexo, mas sim ao fato de Ransom saber que seu corpo era um pouco feio e um pouco ridículo. Menos ainda era a cor dela uma fonte de estranhamento para ele. Em seu próprio mundo, aquele verde era bonito e adequado. O branco descorado e o

vermelho furioso do lado bronzeado *eram* a monstruosidade. Não era nada disso, mas ele se sentia perturbado. Daí a pouco ele precisou pedir que ela repetisse o que tinha dito.

– Eu era jovem ontem – disse ela. – Quando ri de você. Agora sei que as pessoas no seu mundo não gostam que riam delas.

– Você disse que era jovem?

– Disse.

– E você não continua jovem hoje?

Ela pareceu estar pensando por alguns instantes, com tanta concentração que as flores caíram de sua mão sem que ela percebesse.

– Agora entendi – disse ela, afinal. – É muito estranho dizer que se é jovem no momento em que se fala. Mas amanhã estarei mais velha. E amanhã vou dizer que era jovem hoje. Você tem razão. É uma grande sabedoria a que você me traz, ó Homem Malhado.

– O que você quer dizer?

– Esse olhar para a frente e para trás ao longo da linha e ver como um dia tem uma aparência quando está por chegar, outra quando se está nele, e uma terceira quando já passou. Como as ondas.

– Mas você é muito pouco mais velha hoje do que ontem.

– Como você sabe?

– Estou dizendo – disse Ransom – que a noite não dura muito tempo.

Ela voltou a pensar e então falou de repente, com o rosto se iluminando. – Agora estou entendendo – disse ela. – Você acha que os tempos têm comprimento. Uma noite é sempre uma noite, não importa o que se faça nela, da mesma forma que dessa árvore até aquela contam-se tantos passos, quer se ande depressa, quer devagar. Suponho que isso seja verdadeiro de certo modo. Mas as ondas nem sempre vêm a distâncias iguais. Vejo que você vem de um mundo sábio... se isso for sábio. Nunca fiz isso antes: recuar da vida para a Margem e observar a mim mesma como se não estivesse viva. Todos fazem isso no seu mundo, Malhado?

– O que você sabe sobre outros mundos? – perguntou Ransom.

– Eu sei o seguinte. Para lá do teto, é tudo a imensidão dos céus, os lugares superiores. E os inferiores não são realmente esparramados como parecem ser – (aqui, ela indicou a paisagem inteira) –, mas ficam enrolados em pequenas bolas: pequenos torrões do inferior nadando no superior. E os mais velhos e maiores deles têm aquilo que nunca vimos nem ouvimos; e que não podemos entender de modo algum. Mas nos mais novos Maleldil fez crescer as coisas como nós, que respiram e procriam.

– Como você descobriu tudo isso? Seu teto é tão denso que seu povo não consegue enxergar a Imensidão dos Céus através dele e olhar para outros mundos.

Até esse momento, sua expressão tinha sido severa. Nessa altura, ela bateu palmas, e um sorriso tal qual Ransom jamais tinha visto mudou seu rosto. Não se vê esse tipo de sorriso aqui, a não ser em crianças, mas lá não havia nada de infantil nele.

– Ah, já entendi – disse ela. – Estou mais velha agora. Seu mundo não tem teto. Vocês olham direto para os lugares altos e veem a grande dança com seus próprios olhos. Vocês vivem sempre nesse terror e nesse prazer; e aquilo em que nós só podemos acreditar vocês podem contemplar. Não é uma invenção maravilhosa de Maleldil? Quando eu era jovem, não conseguia imaginar nenhuma beleza a não ser a deste nosso mundo. Mas Ele pode pensar em tudo, e em tudo diferente.

– Essa é uma das coisas que estão me confundindo – disse Ransom. – O fato de você não ser diferente. Você tem a mesma forma das mulheres de minha própria espécie. Eu não esperava por isso. Já estive em outro mundo além do meu. Mas as criaturas lá não são nem um pouco parecidas com você e comigo.

– E por que isso o deixa confuso?

– Não vejo por que mundos diferentes deveriam produzir criaturas semelhantes. Será que árvores diferentes dão frutos semelhantes?

– Mas aquele outro mundo era mais velho que o seu – disse ela.

– Como você sabe? – perguntou Ransom, perplexo.

– Maleldil está me dizendo – respondeu a mulher. E quando ela falou, a paisagem já se tornara diferente, embora com uma diferença que nenhum dos sentidos poderia identificar. A luz estava fraca, o ar suave, e todo o corpo de Ransom estava banhado de felicidade, mas o mundo jardinado onde ele estava parecia estar lotado; e, como se uma pressão insuportável tivesse sido posta sobre seus ombros, ele sentiu as pernas bambas e foi como que caindo lentamente até se encontrar sentado no chão.

– Tudo está aparecendo em meu pensamento agora – continuou ela. – Vejo as grandes criaturas peludas e os gigantes brancos... como é que você os chamava?... os *sorns*, e os rios azuis. Ah, que prazer enorme seria vê-los com meus olhos externos, tocar neles, e um prazer ainda maior porque já não há outros daquele tipo ainda por vir. É somente nos mundos antigos que eles ainda persistem.

– Por quê? – disse Ransom em um sussurro, levantando os olhos para ela.

– Você deve saber isso melhor do que eu – disse ela. – Pois não foi em seu próprio mundo que tudo isso aconteceu?

– Tudo o quê?

– Achei que você me falaria disso – respondeu a mulher, agora confusa por sua vez.

– Do que você está falando? – perguntou Ransom.

– Quero dizer que foi em seu mundo que Maleldil assumiu Ele próprio essa forma, a forma de sua espécie e da minha.

– Você sabe isso? – indagou Ransom, áspero. Quem tiver tido um sonho que fosse belíssimo mas do qual, mesmo assim, sentisse o desejo ardente de despertar há de entender como ele se sentiu.

– Sei disso, sim. Maleldil me fez mais velha até esse ponto desde que começamos a conversar. – A expressão no rosto dela estava como ele nunca tinha visto, e ele não conseguia manter o olhar fixo nela. Toda a sua aventura parecia estar escorrendo por entre seus dedos. Houve um longo silêncio. Ele se abaixou até a água e bebeu antes de falar novamente.

– Ah, minha Dama, por que você diz que essas criaturas persistem apenas nos mundos antigos?

– Você é assim tão jovem? – perguntou ela. – Como elas poderiam voltar a surgir? Desde que nosso Amado se tornou homem, como a Razão poderia assumir outra forma em qualquer mundo? Você não entende? Tudo aquilo acabou. Entre os tempos, há um tempo que vira uma esquina, e tudo do lado de cá é novo. Os tempos não voltam para trás.

– E será que um mundo pequenino como o meu poderia ser a esquina?

– Não entendo. Para nós, esquina não é um nome de tamanho.

– E você... – disse Ransom, com alguma hesitação – você sabe *por que* ele veio desse modo ao meu mundo?

Durante toda essa conversa, Ransom tinha dificuldade para olhar em direção mais alta do que os pés dela, de modo que a resposta que ela lhe dava não passava de uma voz no ar acima de sua cabeça. – Sei – disse a voz. – Sei por que razão. Mas não é a que você conhece. Houve mais de uma razão. E uma que eu sei não posso lhe contar; e outra que você sabe não pode me contar.

– E depois disso – disse Ransom – vão ser só homens.

– Você fala como se lamentasse o fato.

– Acho – disse Ransom – que não tenho mais entendimento que um animal qualquer. Não sei bem o que estou dizendo. Mas adorei o povo peludo que conheci em Malacandra, aquele mundo antigo. Será que eles serão exterminados? Não passam de lixo na Imensidão dos Céus?

– Não sei o que significa *lixo* – respondeu ela – nem o que você está dizendo. Você não está querendo dizer que eles são piores porque surgiram antes na história e não aparecem de novo? Eles são sua própria parte da história, não nenhuma outra. Nós estamos deste lado da onda, e eles no outro lado. Tudo é novo.

Uma das dificuldades de Ransom era a incapacidade de ter plena certeza de quem estava falando a qualquer momento dessa conversa. Isso pode (ou não) ter sido decorrente do fato de que ele não conseguia olhar por muito tempo para o rosto dela. E agora ele queria que a conversa terminasse. Para ele “chegava” – não no sentido semicômico, para dizer que alguém se fartou de alguma coisa, mas no sentido literal. Aquilo lhe bastava, como alguém que dormiu ou comeu o suficiente. Mesmo uma hora atrás, ele teria tido dificuldade para expressar isso sem rodeios; mas agora as palavras lhe ocorreram com naturalidade.

– Não quero conversar mais. Mas gostaria de passar para sua ilha para podermos nos encontrar novamente quando desejarmos.

– Qual é a que você chama de minha ilha? – disse a Dama.

– A ilha em que você está – respondeu Ransom. – Que outra seria?

– Venha – ela disse, com um gesto que fez daquele mundo inteiro uma casa e dela uma anfitriã. Ele entrou na água deslizando e, subindo com esforço, colocou-se ao lado dela. Fez então uma reverência meio desajeitada, como todos os homens modernos fazem, e se afastou, entrando em um bosque próximo. Sentiu as pernas bambas e percebeu que doíam um pouco. Na realidade, uma estranha exaustão física dominou-o. Ele se sentou para alguns minutos de descanso e adormeceu de imediato em um sono sem sonhos.

Despertou completamente revigorado, mas com uma sensação de insegurança. Isso não estava de modo algum relacionado ao fato de, ao acordar, ele se descobrir em uma estranha companhia. A seus pés e descansando parcialmente o focinho neles estava deitado o dragão, com um olho aberto e o outro fechado. Quando se apoiou no cotovelo e olhou em volta, ele percebeu mais um guardião junto da cabeça: um animal peludo, meio parecido com um pequeno canguru, mas amarelo. Era a criatura mais amarela que ele jamais tinha visto. Assim que ele se mexeu, os dois animais começaram a cutucá-lo com o focinho. Não o deixaram em paz enquanto ele não se levantou. E, quando estava de pé, não permitiam que ele andasse em nenhuma direção a não ser uma. O dragão era pesado demais para Ransom afastá-lo do caminho com um empurrão, e o animal amarelo dançava em volta dele de uma forma que o impedia de seguir para qualquer lado que não fosse o determinado por ele. Ransom cedeu à pressão dos dois e se permitiu ser pastoreado. De início, atravessando um

bosque de árvores mais altas e mais marrons do que qualquer outra que já tivesse visto, entrando depois por uma espécie de alameda de árvores-de-bolhas e, mais além, por vastos campos de flores prateadas que chegavam à altura de sua cintura. E então ele viu que os dois o estavam trazendo para mostrá-lo à sua senhora. Ela estava em pé a alguns metros de distância, parada, mas não parecia desocupada – fazendo alguma coisa com sua mente, ou talvez mesmo com seus músculos, que ele não compreendia. Foi a primeira vez que Ransom olhou para ela demoradamente, sem que ele próprio fosse observado; e ela lhe pareceu mais estranha do que antes. Na mente terrena, não havia uma categoria em que ela se encaixasse. Nela os opostos se encontravam e se fundiam de um modo para o qual não temos imagens. Uma forma de expressar essa impressão seria dizer que nem nossa arte sacra nem nossa arte profana poderiam fazer um retrato seu. Bela, nua, desprovida da sensação de vergonha, jovem – ela era obviamente uma deusa. Mas aí o rosto, o rosto tão calmo que escapava da insipidez pela própria concentração de sua brandura, o rosto que era como a súbita frieza e tranquilidade de uma igreja quando entramos nela vindos do forte calor da rua – esse fazia dela uma Nossa Senhora. O atento silêncio interior que emanava daqueles olhos o deixava cheio de reverência. Contudo, a qualquer instante, ela poderia rir como uma criança, correr como Ártemis ou dançar como uma mênade. Tudo isso em contraste com o céu dourado que dava a impressão de estar à distância de um braço de sua cabeça. Os animais avançaram velozes para cumprimentá-la; e, enquanto corriam pela vegetação leve como plumas, eles assustavam multidões de rãs, de modo que parecia que enormes gotas de orvalho de cores vivas se arremessavam para o alto. Quando eles se aproximaram, ela se virou e os acolheu. E mais uma vez o quadro era meio semelhante a muitas cenas terrenas, mas seu efeito total era diferente de todas elas. Não era como uma mulher fazendo festa para um cavalo, nem mesmo como uma criança brincando com um filhote de cachorro. Em seu rosto, havia uma autoridade; em seus afagos, um ar protetor, que, ao levar a sério a inferioridade de seus adoradores, de algum modo os tornava menos inferiores – alçando-os da condição de animais de estimação para a de escravos. Quando Ransom chegou, ela se inclinou e murmurou alguma coisa no ouvido da criatura amarela; e então, dirigindo-se ao dragão, baliu para ele quase na própria voz do dragão. Ambos, tendo recebido permissão para partir, voltaram em disparada pelos bosques adentro.

– Os animais no seu mundo parecem ser quase racionais – disse Ransom.

– Nós os tornamos mais velhos todos os dias – respondeu ela. – Não é isso o que significa ser um animal?

Mas Ransom prendeu-se ao uso que ela fez da palavra *nós*.

– É sobre isso que vim falar com você – disse ele. – Maleldil enviou-me a seu mundo com algum objetivo. Você sabe qual é?

Ela ficou parada um instante, quase como se estivesse escutando, para então responder.

– Não.

– Então é preciso que você me leve para sua casa e me mostre à sua gente.

– Gente? Não sei do que você está falando.

– Sua família... os outros da sua espécie.

– Você está falando do Rei?

– É. Se você tem um Rei, seria melhor eu ser levado diante dele.

– Isso eu não posso fazer – respondeu ela. – Não sei onde encontrá-lo.

– Leve-me então para sua própria casa.

– O que é *casa*?

– O lugar onde as pessoas vivem juntas, guardam seus pertences e criam seus filhos.

Ela estendeu as mãos para mostrar tudo o que estava à vista.

– Esta é minha casa – disse ela.

– Você vive aqui sozinha? – perguntou Ransom.

– O que é *sozinha*?

Ransom tentou começar de novo.

– Leve-me aonde eu possa conhecer outros da nossa espécie.

– Se está falando do Rei, já lhe disse que não sei onde ele está. Quando éramos jovens, muitos dias atrás, estávamos saltando de uma ilha para outra; e, quando ele estava em uma e eu em outra, as ondas subiram, e fomos separados.

– Mas você pode me levar a alguma outra pessoa da sua espécie? O Rei não pode ser o único.

– Ele é o único. Você não sabia?

– Mas deve haver outros da sua espécie... seus irmãos, suas irmãs, seus parentes, seus amigos.

– Não sei o que essas palavras significam.

– Quem é esse Rei? – perguntou Ransom, em desespero.

– Ele é ele mesmo. É o Rei – disse ela. – Como se pode responder a uma pergunta dessas?

– Olhe só. Você deve ter tido uma mãe. Ela está viva? Onde está agora? Quando você a viu pela última vez?

– Eu tenho uma mãe? – disse a Dama Verde, olhando para ele com um assombro sereno nos olhos. – O que você está dizendo? Eu sou a Mãe.

E mais uma vez abateu-se sobre Ransom a sensação de que não era ela, ou não ela sozinha, que tinha falado. Nenhum outro som chegava aos seus ouvidos, pois o mar e o ar estavam parados, mas uma vaga sensação de um imenso coral estava por toda parte ao seu redor. A reverência que suas respostas aparentemente absurdas vinham dissipando nos últimos minutos voltou a dominá-lo.

– Não estou entendendo – disse ele.

– Nem eu – respondeu a Dama. – É só que meu espírito louva Maleldil, que desce da Imensidão dos Céus para este mundo inferior e que me tornará abençoada por todos os tempos que estão por vir. É ele que é forte e me faz forte; e enche mundos vazios com boas criaturas.

– Se você é mãe, onde estão seus filhos?

– Ainda não – respondeu ela.

– Quem será o pai?

– O Rei... Quem mais poderia ser?

– Mas o Rei... ele não teve pai?

– Ele é o Pai.

– Você está querendo dizer – perguntou Ransom, devagar – que você e ele são os dois únicos seres da sua espécie no mundo inteiro?

– É claro. – E então daí a pouco sua expressão mudou. – Ah, como fui jovem. Agora estou entendendo. Eu sabia que havia muitas criaturas naquele mundo antigo dos *hrossa* e dos *sorns*. Mas tinha me esquecido de que o seu mundo também era mais velho que o nosso. Já entendi. Vocês já são muitos a esta altura. Eu imaginava que também com vocês só houvesse dois. Achei que você era o Rei e o Pai do seu mundo. Mas agora já há filhos dos filhos dos filhos, e talvez você seja um deles.

– É – disse Ransom.

– Cumprimente sua Senhora e Mãe por mim quando voltar para seu mundo – disse a Dama Verde. E agora pela primeira vez havia um tom de cortesia deliberada, até mesmo de cerimônia, em sua fala. Ransom entendeu. Agora finalmente ela sabia que não estava se dirigindo a um igual. Era uma rainha enviando uma mensagem para uma rainha por meio de um plebeu; e daquele ponto em diante sua maneira de tratá-lo tornou-se mais afável. Ele achou difícil dar resposta a isso.

– Nossa Mãe e Senhora está morta – ele disse.

– O que é *estar morta*?

– Entre nós eles vão embora depois de um tempo. Maleldil tira-lhes a alma e a põe em outro lugar. Na Imensidão dos Céus, espero. Chamam isso de *morte*.

– Não se pergunte, ó Malhado, por que seu mundo teria sido escolhido para ser a esquina do tempo. Vocês vivem olhando sempre para os céus; e, como se isso não bastasse, Maleldil leva todos vocês para lá no final. Vocês são mais privilegiados que todos os mundos.

Ransom fez que não.

– Não. Não é assim – ele disse.

– Estou pensando – disse a mulher – se você foi mandado para cá para nos ensinar sobre a *morte*.

– Você não está entendendo – ele disse. – Não é assim. É horrível. Tem um cheiro medonho. O próprio Maleldil chorou quando a viu. – Tanto sua voz quanto sua expressão facial pareciam ser uma novidade para ela. Ele viu o choque, não de horror, mas de total perplexidade, passar pelo rosto dela por um instante e depois, sem esforço, o oceano de sua paz o engoliu como se ele nunca tivesse existido. Ela então lhe perguntou o que ele queria dizer.

– A Senhora não conseguiria entender – retrucou ele. – Mas no nosso mundo nem todos os acontecimentos são agradáveis ou bem-vindos. Pode haver alguma coisa que, para impedir que ela aconteça, você se disporia a decepar tanto os braços quanto as pernas, e no entanto conosco ela acaba acontecendo.

– Mas como se poderia desejar que qualquer uma dessas ondas que Maleldil manda rolar na nossa direção não chegasse a nós?

Contra o que lhe recomendava a razão, Ransom descobriu-se instigado a debater.

– Mas até mesmo você, quando me viu pela primeira vez – agora sei –, estava imaginando e esperando que eu fosse o Rei. Quando descobriu que eu não era, sua expressão mudou. Aquele acontecimento não foi desagradável? Você não desejou que ele fosse diferente?

– Ah – disse a Dama, virando-se para um lado com a cabeça baixa e as mãos unidas na concentração do pensamento. Levantou então os olhos. – Você me faz mais velha mais rápido do que posso suportar – disse, afastando-se um pouco mais.

Ransom perguntava-se o que tinha feito. De repente, ocorreu-lhe que a pureza e a paz dela não eram, como pareciam ser, resolvidas e inevitáveis como a pureza e a paz de um animal – que elas eram vivas e, portanto, destrutíveis; um equilíbrio mantido por uma mente e, portanto, pelo menos em tese, suscetível de ser perdido. Não existe razão alguma para um homem perder o equilíbrio na bicicleta em uma estrada plana, mas isso poderia acontecer. Não havia razão alguma para ela sair de sua felicidade para entrar na psicologia de nossa própria espécie; mas também não havia nenhuma muralha impedindo-a de

fazer isso. A sensação de precariedade o apavorou. Mas, quando ela olhou de novo para ele, Ransom mudou essa palavra para Aventura, e então todas as palavras desapareceram de sua mente. Mais uma vez, ele não conseguia fixar o olhar nela. Sabia agora o que os antigos pintores estavam tentando representar quando inventaram o halo. Alegria e seriedade juntas, um esplendor como o do martírio, embora totalmente sem dor, pareciam derramar-se de suas feições. Contudo, quando ela falou, suas palavras foram uma decepção.

– Fui tão jovem até este momento que toda a minha vida agora parece ter sido como um sono. Eu achava que estava sendo carregada e, veja só, eu estava andando.

Ransom perguntou o que ela queria dizer.

– O que você me fez ver – respondeu a Dama – é claro como o céu, mas eu nunca tinha visto. No entanto, aconteceu todos os dias. Entramos na floresta para colher alimento, e o pensamento de um fruto em vez de outro já surge em nossa mente. Então, pode ser que encontremos um fruto diferente, não aquele que tínhamos imaginado. Uma alegria era esperada; a outra é dada. Mas isso eu nunca tinha percebido antes: que no exato instante desse encontro, ocorre na mente uma espécie de recuo ou de recusa. A imagem do fruto que não encontramos mantém-se por um momento diante de nós. E se desejássemos, se fosse possível desejar, poderíamos mantê-la ali. Poderíamos mandar a alma atrás do bem que esperávamos, em vez de voltá-la para o bem que conseguimos. Poderíamos rejeitar o bem real. Pensando no outro, poderíamos fazer que o fruto verdadeiro se tornasse insípido.

Ransom interrompeu-a.

– Dificilmente isso é a mesma coisa que encontrar um desconhecido quando você queria encontrar o marido.

– Ah, é assim que vim a entender isso tudo. Você e o Rei têm mais diferenças entre si do que dois tipos de frutos. A alegria de encontrá-lo outra vez e a alegria de todos os conhecimentos novos que recebi de você são mais diferentes do que dois sabores. E quando a diferença é tão grande quanto essa, e cada uma das duas coisas é tão importante, então a primeira imagem permanece na mente muito tempo... por muitas batidas do coração... depois que o outro bem chegou. E essa, ó Malhado, é a glória e a maravilha que você me fez ver: que sou eu, eu mesma, que deixo o bem esperado e me volto para o bem dado. Do fundo de meu coração, é o que faço. Pode-se conceber que exista um coração que não faça isso, que se agarre ao bem em que tinha pensado de início e transforme o bem que lhe foi dado em nada de bom.

– Não vejo a glória e a maravilha disso – disse Ransom.

Os olhos dela faiscaram para Ransom em um arroubo tão triunfal sobre seus pensamentos que a olhos terrenos teria sido considerado desdém; mas naquele mundo não era desdém.

– Eu achava que era transportada na vontade d’Aquele que amo, mas agora vejo que caminho com essa vontade. Achava que as coisas boas que Ele me enviava me atraíam para dentro delas como as ondas levantam as ilhas. Mas agora percebo que sou eu que mergulho nelas com minhas próprias pernas e braços, como quando vamos nadar. Sinto-me como se estivesse vivendo naquele seu mundo sem teto, onde os homens caminham indefesos sob os céus descobertos. É o pavor dentro do prazer! Que nosso próprio eu caminhe de um bem para outro, caminhando ao lado d’Ele como Ele próprio pode caminhar, nem mesmo de mãos dadas. Como Ele me fez tão separada d’Ele? Como passou pela Sua mente conceber uma coisa dessas? O mundo é muito maior do que eu pensava. Eu achava que andávamos por caminhos, mas parece que não há caminhos. O próprio ato de andar é o caminho.

– E você não tem medo – disse Ransom – de que algum dia seja difícil voltar seu coração daquilo que você queria para aquilo que Maleldil envia?

– Entendi – disse a Dama daí a pouco. – A onda em que mergulhamos pode ser muito grande e veloz. Podemos precisar de toda a nossa força para entrar nela. Quer dizer, Ele poderia me mandar um bem desse tipo.

– Sim, ou como uma onda tão veloz e tão grande que toda a sua força seria insuficiente.

– Costuma acontecer quando se nada – disse a Dama. – Não faz parte do prazer?

– Mas você está feliz sem o Rei? Você não quer o Rei?

– Se eu o quero? Como poderia existir alguma coisa que eu não queira?

Alguma coisa nas respostas da Dama começou a causar repulsa em Ransom.

– Você não pode querê-lo tanto assim, se está feliz sem ele – disse Ransom, imediatamente surpreso com o azedume na própria voz.

– Por quê? – disse a Dama. – E por que, ó Malhado, você está fazendo pequenos morros e vales na testa, e por que levantou um pouco os ombros? Esses são sinais de alguma coisa no seu mundo?

– Não significam nada – respondeu ele, apressado. Era uma mentira inofensiva, mas ali não funcionava. Ela o dilacerou enquanto ele a pronunciava, como um vômito. E adquiriu uma importância infinita. Pareceu que o prado prateado e o céu dourado lançavam a mentira de volta para ele com violência. Como que atordoado por alguma raiva desmesurada no próprio ar, ele gaguejou uma correção. – Não significam nada que eu possa lhe explicar. – A Dama

olhava para ele com uma expressão nova e mais imparcial. Talvez na presença do primeiro filho de uma mãe que tinha visto na vida, ela já tivesse uma vaga previsão dos problemas que poderiam surgir quando ela tivesse seus próprios filhos.

– Já conversamos o suficiente – ela disse por fim. De início, ele achou que ela ia lhe dar as costas para ir embora. Depois, já que ela não se mexeu, ele fez uma reverência e recuou um passo ou dois. Ela continuou sem falar, dando a impressão de ter se esquecido dele. Ele deu meia-volta e refez seu caminho entre a vegetação densa até que os dois já não se vissem. A audiência estava terminada.

Assim que a Dama saiu do seu campo de visão, o primeiro impulso de Ransom foi passar as mãos pelo cabelo, expulsar o ar dos pulmões em um longo assobio, acender um cigarro, enfiar as mãos nos bolsos e, em geral, cumprir todo aquele ritual de relaxamento que um homem executa quando se encontra só depois de uma entrevista bastante penosa. Mas ele não tinha cigarros nem bolsos. E na realidade também não se sentia só. Aquela sensação de estar na Presença de Alguém que se abatera sobre ele com uma pressão tão insuportável durante os primeiros momentos de sua conversa com a Dama não desapareceu quando ele a deixou. Muito pelo contrário, se intensificou. Até certo ponto sua companhia tinha sido uma proteção, e a ausência da Dama o deixava não na solidão, mas em um tipo mais assustador de privacidade. De início, ela foi quase intolerável, como ele nos descreveu ao contar a história: “Parecia que não havia lugar para nada.” Mais tarde, porém, ele descobriu que era intolerável apenas em certos momentos – naqueles momentos exatos (simbolizados pelo seu impulso de fumar e de enfiar as mãos nos bolsos) em que um homem afirma sua independência e sente que enfim é dono do próprio nariz. Quando se tinha essa sensação, o próprio ar parecia pesado demais para respirar. Uma plenitude absoluta parecia excluir a pessoa de um lugar que, entretanto, ela não conseguia abandonar. Mas quando se cedia, quando se entregava, não havia fardo a ser suportado. Ela se tornava não uma carga, mas um meio, uma espécie de esplendor, como de ouro comestível, potável, respirável, que alimentava e carregava a pessoa, e não só se derramava, mas também transbordava dentro dela. Tomada do modo errado, sufocava. Tomada do modo certo, ela fazia a vida terrestre parecer, em comparação, um vazio. De início, é claro, os momentos errados ocorriam com frequência. No entanto, como um homem com um ferimento que dói em certas posições e que aos poucos aprende a evitar essas posições, Ransom aprendeu a não fazer aquele gesto interior. Seu dia foi se tornando cada vez melhor à medida que as horas passavam.

No decorrer do dia, ele explorou a ilha de modo bastante meticuloso. O mar ainda estava calmo e, em muitas direções, teria sido possível alcançar ilhas

vizinhas com um simples pulo. Ele estava colocado, porém, no limite daquele arquipélago temporário, e de uma margem ele se descobriu contemplando o mar aberto. As ilhas estavam paradas, ou talvez estivessem lentamente à deriva, nas proximidades da imensa coluna verde que ele avistara momentos depois de sua chegada a Perelandra. Agora ele tinha uma excelente visão dela a cerca de um quilômetro e meio de distância. Era obviamente uma ilha montanhosa. A coluna acabava revelando ser na realidade um agrupamento de colunas – ou seja, de penhascos muito mais altos do que largos, bastante parecidos com picos dolomíticos exagerados, mas mais lisos. Tão mais lisos na realidade que talvez fosse mais fiel descrevê-los como pilares da Passarela do Gigante, aumentados até atingir a altura de montanhas. Entretanto, essa enorme massa vertical não se erguia direto do mar. A ilha possuía uma base de terreno acidentado, mas com uma parte mais plana junto às margens, e uma leve indicação de vales com vegetação entre as cristas, bem como de vales ainda mais íngremes e estreitos, que subiam por entre os penhascos centrais. Era, sem dúvida, terra: terra fixa de verdade, com suas raízes na superfície sólida do planeta. De onde estava sentado, ele quase conseguia discernir a textura de rocha verdadeira. Parte dela era terra habitável. Sentiu um desejo enorme de explorá-la. A impressão era que chegar à ilha não apresentaria dificuldade alguma, e até mesmo a própria montanha imponente talvez se revelasse escalável.

Naquele dia ele não viu a Dama outra vez. No início da manhã do dia seguinte, depois de se divertir nadando um pouco e fazer sua primeira refeição, ele tornou a se sentar à margem, com os olhos voltados para a Terra Fixa. De repente, ouviu a voz da Dama atrás de si e olhou. Ela vinha saindo dos bosques com alguns animais, como de costume, a acompanhá-la. Suas palavras foram de saudação, mas ela não demonstrou disposição para falar. Ficou em pé à beira da ilha flutuante ao lado de Ransom e com ele contemplou a Terra Fixa.

– Vou até lá – disse ela, por fim.

– Posso ir com você? – perguntou Ransom.

– Se quiser – disse a Dama. – Mas você está vendo que é a Terra Fixa.

– É por isso que tenho vontade de pisar nela – disse Ransom. – Em meu mundo, todas as terras são fixas, e para mim seria um prazer caminhar em uma terra dessas outra vez.

Depois de uma súbita exclamação de surpresa, ela olhou espantada para ele.

– Então, onde vocês vivem em seu mundo?

– Nas terras.

– Mas você disse que elas são todas fixas.

– É. Nós vivemos nas terras fixas.

Pela primeira vez desde que se conheceram, algo não totalmente diferente de uma expressão de horror ou de repulsa passou pelo rosto dela.

– Mas o que vocês fazem durante a noite?

– Durante a noite? – disse Ransom, confuso. – Ora, nós dormimos, é claro.

– Mas onde?

– Onde vivemos. Na terra.

Ela permaneceu tanto tempo em reflexão profunda que Ransom receou que nunca mais voltasse a falar. Quando falou, sua voz estava contida e mais uma vez tranquila, embora o tom de alegria ainda não tivesse retornado.

– Ele nunca ordenou que não o fizessem – disse ela, menos como pergunta do que como afirmação.

– Não – respondeu Ransom.

– Quer dizer que pode haver leis diferentes em mundos diferentes.

– Existe no seu mundo uma lei que proíba que se durma em uma Terra Fixa?

– Existe – disse a Dama. – Ele não quer que permaneçamos lá. Podemos ir até ela e caminhar nela, pois o mundo é nosso. Mas ficar lá para dormir e acordar lá... – ela encerrou a fala com um forte estremecimento.

– Não poderíamos ter essa lei no nosso mundo – disse Ransom. – Não *existem* ilhas flutuantes por lá.

– Quantos vocês são? – perguntou de repente a Dama.

Ransom descobriu que não sabia qual era a população da Terra, mas conseguiu lhe transmitir alguma ideia de muitos milhões. Imaginou que ela se espantaria, mas parecia que os números não lhe interessavam.

– Como vocês encontram lugar para todos na Terra Fixa? – perguntou ela.

– Não é só uma única terra fixa, mas muitas – respondeu ele. – E elas são grandes, quase tão grandes quanto o mar.

– Como vocês suportam? – perguntou ela, impetuosamente. – Quase metade de seu mundo ser vazia e morta. Montes e montes de terra, tudo amarrado. Só essa ideia não é esmagadora?

– Nem um pouco – disse Ransom. – A mera ideia de um mundo que fosse todo mar como o seu deixaria meu povo infeliz e temeroso.

– Onde isso há de acabar? – disse a Dama, falando mais consigo mesma que com ele. – Fiquei tão mais velha nestas últimas horas que toda a minha vida antes me parece só o caule de uma árvore, e agora eu sou como os ramos que se abrem em todas as direções. Eles estão se separando tanto que mal consigo aguentar. Primeiro aprendi que ando de um bem para o outro com meus próprios pés... esse já foi um bom avanço. Mas agora parece que o bem não é o mesmo

em todos os mundos: o que Maleldil proibiu em um mundo Ele permite em outro.

– Talvez meu mundo esteja errado sob esse aspecto – disse Ransom, com a voz bem fraca, pois estava desconcertado com o que tinha feito.

– Não é assim – disse ela. – O próprio Maleldil acaba de me dizer. E realmente não poderia ser, se seu mundo não tem ilhas flutuantes. Mas Ele não está me dizendo por que nos impôs essa proibição.

– É provável que haja um bom motivo – ia começando Ransom, quando foi interrompido pela súbita risada dela.

– Ai, Malhado, Malhado – disse ela, ainda rindo. – Como as pessoas da sua espécie falam!

– Sinto muito – disse Ransom, um pouco amolado.

– Sente muito, por quê?

– Sinto muito que você pense que eu falo demais.

– Demais? Como eu poderia saber o que seria demasiado para você falar?

– No nosso mundo, quando dizem que um homem fala muito, querem dizer que desejam que ele se cale.

– Se é isso o que querem dizer, por que não dizem de uma vez?

– O que a fez rir? – perguntou Ransom, achando difícil demais a pergunta dela.

– Eu ri, Malhado, porque você estava refletindo, como eu estava, sobre essa lei que Maleldil fez para um mundo e não para outro. E você não tinha nada a dizer a respeito e mesmo assim conseguiu transformar o nada em palavras.

– Mas eu *tinha* alguma coisa a dizer – respondeu Ransom, quase entre os dentes. – Pelo menos – acrescentou ele em voz mais alta – essa proibição não é nenhum estorvo em um mundo como o seu.

– Também essa é uma coisa estranha a dizer – retrucou a Dama. – Quem pensou em ser um estorvo? Os animais não considerariam um estorvo se eu lhes dissesse para andar de cabeça para baixo. Passaria a ser seu prazer andar de cabeça para baixo. Eu sou o animal d’Ele, e todas as Suas ordens são motivo de alegria. Não é isso que me deixa pensativa. O que estava passando pela minha cabeça era eu me perguntar se há dois tipos de ordens.

– Alguns dos nossos sábios disseram... – começou Ransom, quando ela o interrompeu.

– Vamos esperar e perguntar ao Rei – ela disse. – Pois creio, Malhado, que você não tem maior conhecimento sobre esse assunto do que eu.

– É, o Rei, sem dúvida – disse Ransom. – Se ao menos conseguirmos encontrá-lo. – E então, com total espontaneidade, acrescentou em inglês: – Por Júpiter, o que foi aquilo? – também ela exclamou. Pareceu que algo semelhante a uma estrela cadente riscava o céu, ao longe, à esquerda deles. E alguns segundos depois um barulho indeterminado chegou a seus ouvidos.

– O que foi aquilo? – perguntou ele de novo, dessa vez em solar arcaico.

– Alguma coisa caiu da Imensidão dos Céus – disse a Dama, cujo rosto demonstrava assombro e curiosidade; mas na Terra é tão raro ver essas emoções sem alguma associação com um medo defensivo, que ele não reconheceu sua expressão.

– Creio que você tem razão – disse ele. – Ei, o que é isso? – O mar calmo tinha crescido, e todas as algas na borda de sua ilha estavam em movimento. Uma única onda passou por baixo da ilha, e tudo voltou a ficar parado.

– Sem dúvida, alguma coisa caiu no mar – disse a Dama. Depois, retomou a conversa como se nada tivesse acontecido.

– Foi para procurar o Rei que resolvi ir hoje até a Terra Fixa. Ele não está em nenhuma dessas ilhas daqui, porque procurei em todas elas. Mas, se subíssemos bem alto na Terra Fixa e olhássemos em volta, enxergaríamos muito longe. Poderíamos ver se existem outras ilhas perto de nós.

– Vamos fazer isso – disse Ransom. – Se conseguirmos nadar essa distância toda.

– Vamos cavalgar – disse a Dama. Ajoelhou-se então na margem, e havia tanta graça em todos os seus movimentos que era uma maravilha vê-la ajoelhar-se – e fez três chamados graves, todos na mesma nota. De início, não houve resultado visível. Mas logo Ransom viu a superfície da água se romper e vir veloz na direção deles. Daí a um instante, o mar ao lado da ilha estava cheio de grandes peixes prateados: esguichando, enroscando o corpo, fazendo pressão uns contra os outros para chegar mais perto e os mais próximos afocinhando a terra. Eles não tinham apenas a cor, mas também a suavidade da prata. Os maiores tinham mais de dois metros e meio de comprimento, e todos eram encorpados e vigorosos. Eram diferentes de qualquer espécie terrena, pois a base da cabeça era perceptivelmente mais larga que a parte dianteira do tronco. Mas o próprio tronco voltava a ficar mais grosso na direção da cauda. Sem essa protuberância traseira eles teriam parecido girinos gigantes. Na realidade, davam mais a impressão de velhotes barrigudos e de tórax estreito, com a cabeça muito grande. Pareceu que a Dama levou bastante tempo para selecionar dois deles. Contudo, no instante em que a escolha estava feita, todos os outros recuaram alguns metros; os dois candidatos aprovados deram meia-volta e ficaram

parados, com a cauda voltada para a terra, movimentando suavemente as nadadeiras.

– Agora, Malhado, desse jeito – disse ela, montando na parte estreita do peixe da direita. Ransom seguiu seu exemplo. A cabeçorra diante dele servia como ombros, de modo que não havia perigo de escorregar do lugar. Ele observou a anfitriã. Ela deu um leve toque de calcanhares no seu peixe. Ransom fez o mesmo com o dele. Daí a um instante, deslizavam pelo mar afora a cerca de dez quilômetros por hora. O ar sobre a água estava mais frio, e a brisa levantava seu cabelo. Em um mundo no qual até então ele só havia nadado e andado, o avanço dos peixes dava a impressão de uma velocidade realmente empolgante. Ele olhou de relance para trás e viu que a massa plumosa e ondulante das ilhas recuava enquanto o céu ia ficando maior e de um dourado mais intenso. À frente, a montanha de cor e forma fantásticas dominava todo o seu campo visual. Ele percebeu com interesse que todo o cardume rejeitado ainda estava com eles: alguns acompanhando, mas a maioria dando cambalhotas em alas largas e extensas, para a direita e para a esquerda.

– E eles sempre vêm atrás desse jeito? – perguntou ele.

– No seu mundo, os animais não acompanham? – retrucou ela. – Não podemos cavalgar mais que dois. Seria cruel se os outros preteridos não tivessem permissão de acompanhar.

– Foi por isso que você demorou tanto para escolher os dois peixes? – perguntou.

– É claro – disse a Dama. – Procuro não escolher os mesmos peixes com muita frequência.

A terra vinha veloz na direção deles, e o que parecia ser uma costa plana começava a se abrir em baías e a se lançar para a frente em promontórios. E agora eles estavam perto o suficiente para ver que, nesse oceano aparentemente calmo, havia uma onda invisível, uma levíssima subida e queda de água na praia. Um instante depois, faltou profundidade para os peixes poderem continuar nadando. E, seguindo o exemplo da Dama Verde, Ransom deslizou as duas pernas para um lado de seu peixe e tateou o fundo com os dedos dos pés. Ah, felicidade! – eles tocaram em seixos sólidos. Até aquele instante ele não tinha percebido quanto ansiava por “terra fixa”. Ele olhou para cima. Até a baía na qual eles estavam desembarcando vinha descendo um vale estreito e íngreme com penhascos baixos e aflorações de uma rocha avermelhada; e mais abaixo moitas de algum tipo de musgo e algumas árvores. As árvores quase poderiam ter sido terrestres. Plantadas em algum país do sul do nosso próprio mundo, elas não teriam chamado a atenção de ninguém a não ser de um botânico treinado. E,

o melhor de tudo, descendo pelo centro do vale – e recebido pelos olhos e orelhas de Ransom como um vislumbre de casa ou do paraíso – corria um pequeno regato, um regato escuro, translúcido, onde se poderia esperar encontrar trutas.

– Você gosta desta terra, Malhado? – disse a Dama, olhando de relance para ele.

– Gosto. É parecida com meu próprio mundo.

Eles começaram a subir pelo vale até o topo. Quando estavam à sombra das árvores, reduziu-se a semelhança com algum país primitivo, pois naquele mundo a intensidade da luz era tão menor que a vereda que deveria ter sido apenas um pouco sombreada tinha a penumbra de uma floresta. Eram cerca de quatrocentos metros até o alto do vale, onde ela se estreitava até não passar de uma fenda entre rochas baixas. Segurando-se aqui e ali e dando um salto, a Dama escalou essas rochas, e Ransom foi atrás. Ele estava pasmo com a força dela. Dali eles seguiram para uma serra íngreme com uma espécie de relva que poderia ser muito parecida com grama não fosse tão azul. Até onde se conseguia enxergar, estava cortada rente e salpicada com objetos brancos e felpudos.

– Flores? – perguntou Ransom. A Dama riu.

– Não. Esses são os Malhados. Dei-lhe esse nome por causa deles. – Ransom ficou intrigado por um instante, mas logo os objetos começaram a se mexer e em seguida a aumentar a velocidade, vindo na direção do par de seres humanos, cujo cheiro eles pareciam ter farejado, pois agora os dois já estavam tão no alto que havia uma brisa forte. Em um instante, saltavam em volta da Dama para lhe dar as boas-vindas. Eram animais brancos com manchas pretas, mais ou menos do tamanho de carneiros, mas com orelhas tão maiores, focinhos tão mais agitados e rabos tão mais compridos que a impressão geral era mais de camundongos enormes. Suas patas semelhantes a garras ou quase semelhantes a mãos eram nitidamente destinadas a escalar, e a relva azulada era seu alimento. Depois de uma razoável troca de cortesias com essas criaturas, Ransom e a Dama prosseguiram em sua viagem. O círculo de mar dourado lá embaixo agora se espalhava em uma vasta imensidão, e as colunas de rocha verde lá no alto quase pareciam se debruçar. Mas foi uma escalada longa e difícil até a base delas. Ali a temperatura era muito mais baixa, embora ainda agradável. O silêncio também era perceptível. Lá embaixo, nas ilhas, apesar de não ter sido observado na época, devia haver um pano de fundo constante de ruídos da água, das bolhas e do movimento de animais.

Eles agora estavam entrando em uma espécie de recôncavo ou reentrância da relva entre os pilares verdes. Vistos de baixo, pareciam tocar-se; mas agora,

apesar de eles terem penetrado tanto entre dois deles que a maior parte da vista estava impedida de um lado e do outro, ainda havia espaço para um batalhão marchar alinhado. A subida ficava mais íngreme a cada instante; e, à medida que ficava mais íngreme, o espaço entre os pilares também se tornava mais estreito. Logo, eles estavam avançando de quatro em um lugar onde as muralhas verdes eram tão unidas que eles precisavam seguir em fila indiana; e Ransom, olhando para o alto, mal conseguia ver o céu. Por fim, depararam com um pouco de rocha de verdade a escalar – um obstáculo de pedra de uns dois metros e meio de altura que unia, como uma gengiva rochosa, as raízes de dois dentes gigantesco da montanha. “Eu daria muita coisa para estar usando calças agora”, pensou Ransom consigo mesmo, enquanto olhava para a pedra. A Dama, que estava mais à frente, ficou na ponta dos pés e levantou os braços para segurar uma saliência na rocha escarpada. Ele viu que ela puxava, aparentemente com a intenção de sustentar todo o seu peso com os braços e se alçar até o topo em um único movimento.

– Ei, veja bem, não é assim que se faz – começou ele, inadvertidamente falando em inglês. Mas antes que tivesse tempo de se corrigir, ela estava em pé na beira da pedra acima dele. Ele não viu exatamente como o movimento se deu, mas não havia o menor sinal de que ela tivesse feito algum esforço extraordinário. A própria escalada de Ransom foi bem menos elegante; e foi um homem ofegante, suarento, com um borrão de sangue no joelho, que acabou se postando ao lado dela. Ela ficou curiosa com o sangue; e, quando ele lhe explicou o fenômeno da melhor maneira possível, quis arranhar um pouco da pele do seu próprio joelho para ver se o mesmo aconteceria. Isso o levou a tentar explicar o que significava a dor, o que somente a deixou mais ansiosa para tentar a experiência. No último instante, porém, pareceu que Maleldil lhe disse para não fazer aquilo.

Ransom passou então a examinar a vizinhança. Lá no alto e parecendo pela perspectiva se inclinarem uns na direção dos outros a ponto de quase impedirem a visão do céu, erguiam-se os imensos pilares de rocha – não dois ou três, mas nove. Alguns, como os dois entre os quais eles tinham entrado no círculo, eram bem juntos. Outros ficavam separados entre si por muitos metros. Eles cercavam um platô mais ou menos oval, de talvez pouco menos de três hectares, coberto com uma relva mais delicada do que qualquer uma conhecida em nosso planeta, salpicada com minúsculas flores carmim. Um vento forte, melodioso, trazia como que uma quintessência resfriada e refinada de todas as fragrâncias do mundo mais rico lá de baixo e as mantinha em movimento contínuo. Relances da vastidão do mar, visível entre os pilares, perpetuavam a consciência da enorme altitude. E os olhos de Ransom, acostumados havia tanto tempo à

confusão de curvas e cores nas ilhas flutuantes, pousavam nas linhas puras e nas massas estáveis desse lugar, com enorme sensação de conforto. Ele deu alguns passos adiante, entrando na amplidão de catedral do platô e, quando falou, sua voz gerou ecos.

– Ah, como é bom! – disse ele. – Mas talvez você... você, para quem tudo isso está proibido..., não tenha a mesma impressão. – No entanto, um relance do rosto da Dama disse-lhe que ele estava enganado. Ransom não sabia o que passava pela cabeça dela, mas seu rosto, como uma ou duas vezes antes, parecia refulgir de algum modo diante do qual ele baixou os olhos.

– Vamos examinar o mar – disse ela dali a pouco tempo.

Metodicamente deram a volta no platô. Às suas costas estava o grupo de ilhas do qual tinham partido naquela manhã. Visto daquela altitude, ele era ainda maior do que Ransom tinha suposto. A riqueza das cores – seu laranja, seu prateado, seu púrpura e (para surpresa dele) seus pretos brilhantes – dava-lhe um aspecto quase heráldico. Era dessa direção que o vento vinha. O cheiro daquelas ilhas, embora fraco, era como o som de água corrente para um homem sedento. Mas, para todos os outros lados, eles não viram nada além do oceano. Pelo menos, não viram ilhas. Entretanto, quando já tinham quase completado o circuito, Ransom deu um grito, e a Dama apontou para alguma coisa quase ao mesmo tempo. A uns três quilômetros dali, escuro em contraste com o verde acobreado da água, havia um pequeno objeto redondo. Se estivesse olhando do alto para um mar na Terra, Ransom teria considerado, à primeira vista, tratar-se de uma boia.

– Não sei o que é – disse a Dama. – A menos que seja a coisa que caiu da Imensidão dos Céus hoje de manhã.

“Quem dera eu estivesse com binóculos”, pensou Ransom, pois as palavras da Dama tinham despertado nele uma suspeita repentina. E, quanto mais ele olhava a mancha escura, mais sua suspeita se confirmava. Aparentava ser perfeitamente esférica; e ele achava já ter visto alguma coisa semelhante.

Você já sabe que Ransom tinha estado naquele mundo que os homens chamam de Marte, mas cujo nome verdadeiro é Malacandra. No entanto, não tinha sido levado para lá por *eldila*. Tinha sido levado por homens, e levado em uma espaçonave, uma esfera oca de vidro e aço. Na realidade, fora sequestrado por homens que imaginavam que os poderes governantes de Malacandra exigiam um sacrifício humano. A história toda tinha sido um equívoco. O grande Oyarsa, que governa Marte desde o início (e que meus próprios olhos contemplaram, em certo sentido, no *hall* do chalé de Ransom), não lhe fez e não lhe queria nenhum mal. Mas seu principal sequestrador, o professor Weston,

tinha planejado muitos males. Era um homem obcecado pela ideia que está neste momento circulando por todo o nosso planeta em obras obscuras de “cientização”, em pequenas Sociedades Interplanetárias e Clubes de Estudo da Construção de Foguetes; assim como entre as capas de revistas monstruosas, desdenhada ou ridicularizada pelos intelectuais, mas pronta, se algum dia o poder cair nas mãos certas, para inaugurar um novo capítulo de aflição para o universo. Trata-se da ideia de que a humanidade, já tendo corrompido o suficiente o planeta em que surgiu, deve encontrar a qualquer preço meios para se expandir para uma área maior: que as vastas distâncias astronômicas, que são as normas de quarentena de Deus, devem ser transpostas de algum modo. Isso, para começo de conversa. Para além disso está o doce veneno do falso infinito – o sonho tresloucado de que um planeta atrás do outro, um sistema atrás do outro, por fim uma galáxia atrás da outra, possam ser forçados a sustentar, por toda parte e para todo o sempre, o tipo de vida contido no ventre da nossa própria espécie – sonho resultante da união entre o ódio à morte e o medo da verdadeira imortalidade, acalentado em segredo por milhares de homens ignorantes e centenas que não são ignorantes. O extermínio ou a escravidão de outras espécies no universo, se existirem, é para essas mentes um corolário aceitável. Para o professor Weston, o poder tinha por fim alcançado o sonho. O grande físico descobrira uma força propulsora para sua espaçonave. E aquele pequeno objeto preto, que agora flutuava abaixo dele nas águas inocentes de Perelandra, a cada instante dava a Ransom a impressão de ser mais parecido com a espaçonave. “Quer dizer”, pensou ele, “que foi por isso que me enviaram para cá. Ele fracassou em Malacandra e agora está chegando aqui. E cabe a mim fazer alguma coisa a respeito.” Uma terrível sensação de incapacidade o dominou. Da última vez, em Marte, Weston contava apenas com um cúmplice, mas tinha armas de fogo. E quantos cúmplices ele poderia ter dessa vez? E em Marte ele tinha sido impedido não por Ransom, mas pelos *eldila*, e em especial pelo grande *eldil*, o Oyarsa, daquele mundo. Ransom se voltou rapidamente para a Dama.

– Não vi *eldila* no seu mundo – disse ele.

– *Eldila*? – repetiu ela como se fosse uma palavra nova.

– É. *Eldila* – disse Ransom –, os antigos e magníficos servos de Maleldil. As criaturas que nem procriam nem respiram. Cujo corpo é feito de luz. Que mal conseguimos ver. Que devem ser obedecidas.

Ela refletiu por um momento antes de falar.

– Com suavidade e delicadeza desta vez, Maleldil me deixa mais velha. Ele me mostra todas as naturezas dessas criaturas abençoadas. Mas não há

obediência a elas *agora*, não neste mundo. Tudo isso pertence à velha ordem, Malhado, o lado distante da onda que passou rolando por nós e não voltará novamente. Aquele mundo muito antigo para onde você viajou foi posto sob o domínio dos *eldila*. No seu próprio mundo também, eles governaram no passado. Mas não desde que nosso Amado se tornou Homem. No seu mundo eles ainda permanecem. Mas no nosso mundo, que é o primeiro dos mundos a despertar depois da grande mudança, eles não têm poder. Agora não existe nada entre nós e Ele. Eles diminuíram, e nós crescemos. E agora Maleldil põe na minha cabeça que essa é a glória e a alegria deles. Eles nos receberam... a nós, coisas dos mundos inferiores, que procriam e respiram... como animais fracos e pequenos que poderiam ser destruídos pelo mais leve toque. E sua glória consistiu em nos acalentar e nos tornar mais velhos até que ficássemos mais velhos que eles, até que pudessem cair aos nossos pés. É uma alegria que não teremos. Por mais que eu ensine os animais, eles jamais serão melhores do que eu. Mas é uma alegria acima de todas. Não que seja uma alegria melhor que a nossa. Toda alegria é superior a todas as outras. O fruto que estamos comendo é sempre o melhor de todos.

– Houve *eldila* que não consideraram uma alegria – disse Ransom.

– Como?

– Você falou ontem, minha Dama, de agarrar-se ao bem antigo em vez de aceitar o bem que viesse.

– É... por algumas batidas do coração.

– Houve um *eldil* que se agarrou mais tempo, que está agarrado desde antes da criação dos mundos.

– Mas o bem antigo deixaria de ser um bem se ele fizesse isso.

– É. E deixou. E ainda assim ele está agarrado.

Ela olhou para Ransom, assombrada, e estava prestes a falar quando ele a interrompeu.

– Não temos tempo para explicações – disse ele.

– Não temos tempo? O que aconteceu com o tempo? – perguntou ela.

– Escute. Aquela coisa lá embaixo atravessou a Imensidão dos Céus, vindo do meu mundo. Há um homem nela; talvez muitos homens...

– Olhe – disse ela. – A coisa está se dividindo em duas: uma grande e uma pequena.

Ransom viu que um pequeno objeto negro tinha se soltado da espaçonave e estava começando a se afastar, um pouco hesitante. Isso o deixou confuso por um momento. Depois ocorreu-lhe que Weston – se é que era Weston – talvez soubesse da superfície aquosa que devia esperar encontrar em Vênus e tivesse

trazido algum tipo de barco inflável. Mas será que ele não tinha contado com a existência de marés ou tempestades e não havia previsto que talvez fosse impossível para ele conseguir recuperar a espaçonave? Não era típico de Weston eliminar as chances de sua própria retirada. E Ransom decerto não desejava que a retirada de Weston fosse impedida. Um Weston que não pudesse retornar para a Terra, mesmo que quisesse, era um problema insolúvel. Fosse como fosse, o que ele, Ransom, poderia fazer sem o apoio dos *eldila*? Começou a se ressentir com a impressão de injustiça. Qual era a vantagem de enviar a ele... um mero acadêmico... para lidar com uma situação daquela natureza? Qualquer pugilista comum ou, melhor ainda, qualquer um que soubesse fazer uso de uma submetralhadora teria sido mais adequado à missão. Quem dera eles conseguissem encontrar o tal Rei de quem a Dama Verde não parava de falar...

Enquanto esses pensamentos passavam por sua mente, ele começou a perceber um som indefinido de murmúrio ou rosnado que aos poucos vinha invadindo o silêncio já havia algum tempo.

– Olhe – disse a Dama de repente, indicando o aglomerado de ilhas. Sua superfície já não era plana. No mesmo instante, ele se deu conta de que o barulho era o de ondas: ondas pequenas por enquanto, mas começando nitidamente a espumar nos cabos rochosos da Ilha Fixa. – O mar está ficando bravo – disse a Dama. – Precisamos descer e deixar esta terra imediatamente. Logo as ondas estarão grandes demais. E eu não posso estar aqui quando anoitecer.

– Por aí, não – gritou Ransom. – Não onde você vá encontrar o homem do meu mundo.

– Por quê? – disse a Dama. – Sou a Senhora e Mãe deste mundo. Se o Rei não está aqui, quem mais deveria receber um desconhecido?

– Eu vou ao encontro dele.

– Este não é seu mundo, Malhado.

– Você não entende – disse Ransom. – Esse homem..., ele é amigo daquele *eldil* de quem lhe falei, um dos que se agarram ao bem errado.

– Então preciso explicar isso para ele – disse a Dama. – Vamos torná-lo mais velho. – E com isso ela se lançou da borda rochosa do platô e começou a descer a encosta da montanha. Ransom levou mais tempo para transpor as rochas, mas, assim que seus pés voltaram a tocar na relva, ele começou a correr na maior velocidade possível. A Dama deu um grito de surpresa quando ele passou por ela como um raio, mas sem lhe dar atenção. Agora ele via com clareza para qual enseada o barquinho rumava, e toda a sua atenção estava ocupada em acertar o trajeto e garantir o equilíbrio. Havia apenas um homem no barco. Ele corria,

descendo sem parar pela longa encosta. Ora ele estava em uma dobra do terreno; ora em um vale sinuoso que momentaneamente impedia a vista do mar. Por fim, estava na própria enseada. Olhou de relance para trás e, para sua consternação, viu que a Dama também tinha vindo correndo e estava apenas alguns metros atrás. Ele voltou a olhar para a frente. Havia ondas, embora ainda não muito grandes, quebrando na praia de seixos. Um homem de camisa e *short*, com um chapéu de fibra vegetal, estava com a água na altura dos tornozelos, vindo para a praia puxando um pequeno bote de lona. Sem dúvida era Weston, embora houvesse algo no seu rosto que lhe pareceu sutilmente estranho. Ransom acreditava ser de importância vital impedir um encontro entre Weston e a Dama. Tinha visto Weston assassinar um habitante de Malacandra. Ele deu meia-volta, com os dois braços estendidos para bloquear a passagem da Dama, gritando “Volte!”. Ela estava perto demais. Por um segundo, quase esteve em seus braços. Depois recuou, ofegante por causa da corrida, surpresa, com a boca aberta para falar. Mas naquele momento ele ouviu a voz de Weston, atrás dele, falando em inglês.

– Posso lhe perguntar, doutor Ransom, o que isso tudo significa?

Em todas as circunstâncias, teria sido razoável calcular que Weston ficaria muito mais surpreso com a presença de Ransom do que Ransom com a dele. Contudo, se ficou, não deu o menor sinal. E Ransom mal pôde deixar de admirar o sólido egoísmo que permitia que esse homem, no instante de sua chegada a um mundo desconhecido, se postasse ali firme, com toda a sua vulgaridade autoritária, os braços nas cadeiras, a expressão carrancuda e os pés tão fincados naquele solo distante da Terra quanto se estivesse em pé de costas para a lareira em seu próprio estúdio. Ficou chocado quando percebeu que Weston estava falando com a Dama em solar arcaico com perfeita fluência. Em Malacandra, em parte por incapacidade e muito mais por desprezo aos habitantes, ele só conseguira assimilar noções superficiais da língua. Essa era uma novidade inexplicável e inquietante. Ransom achou que sua única vantagem lhe havia sido retirada. Sentiu que agora estava na presença do incalculável. Se o equilíbrio tinha de repente sido reajustado sob esse único aspecto, o que mais poderia surgir?

Despertou dessa sua abstração para descobrir que Weston e a Dama estavam em uma conversa fluente mas sem um entendimento mútuo.

– Não adianta – dizia ela. – Parece que você e eu não temos idade suficiente para conversar. O mar está crescendo. Vamos voltar para as ilhas. Ele virá conosco, Malhado?

– Onde estão os dois peixes? – perguntou Ransom.

– Devem estar esperando na próxima baía – disse a Dama.

– Vamos depressa, então – disse Ransom para ela; e depois, em resposta ao seu olhar: – Não, ele não virá. – É presumível que ela não tenha entendido a urgência de Ransom, mas seus olhos estavam no mar, e ela compreendia sua própria razão para se apressar. Já tinha começado a escalar a encosta do vale, com Ransom atrás, quando Weston gritou.

– Não, você não vai.

Ransom voltou-se e se descobriu na mira de um revólver. O súbito calor que passou por todo o seu corpo foi o único sinal pelo qual ele soube que estava com

medo. Sua cabeça permanecia lúcida.

– Você vai começar sua atuação neste mundo assassinando um dos habitantes? – perguntou ele.

– O que você está dizendo? – perguntou a Dama, parando e olhando para trás, para os dois homens, com uma expressão intrigada, tranquila.

– Fique onde está, Ransom – disse o professor. – Essa nativa pode ir aonde bem entender, quanto mais cedo, melhor.

Ransom estava prestes a implorar que ela continuasse sua fuga quando percebeu que não era necessário. Irracionalmente supôs que ela entenderia a situação; mas pareceu que ela não viu mais que dois desconhecidos falando sobre alguma coisa que naquele momento ela não compreendia... isso, e sua própria necessidade de sair da Terra Fixa de imediato.

– Você e ele não vêm comigo, Malhado? – perguntou ela.

– Não – disse Ransom, sem se virar. – Pode ser que você e eu não voltemos a nos encontrar tão cedo. Meus cumprimentos ao Rei, se você o encontrar, e sempre fale de mim a Maleldil. Fico aqui.

– Nos encontraremos quando Maleldil quiser – respondeu ela. – Ou, se isso não ocorrer, algum bem maior nos acontecerá. – Então, por alguns segundos, ele ouviu os passos dela às suas costas, para depois não os ouvir mais, e se deu conta de que estava sozinho com Weston.

– Você se permitiu usar a palavra Assassinato agora há pouco, doutor Ransom – disse o professor –, referindo-se a um acidente que ocorreu quando estávamos em Malacandra. Fosse como fosse, a criatura morta não era um ser humano. Devo lhe dizer que considero a sedução de uma jovem nativa uma forma quase igualmente desastrosa de apresentar a civilização a um novo planeta.

– Sedução? – disse Ransom. – Ah, entendi. Você achou que eu estava fazendo amor com ela.

– Quando encontro um homem civilizado nu abraçando uma selvagem nua em um lugar solitário, é esse o nome que dou.

– Eu não a estava abraçando – disse Ransom, em tom inexpressivo, porque toda a história de se defender por esse assunto parecia naquele momento nada mais que um cansaço do espírito. – E ninguém usa roupa aqui. Mas que diferença faz? Continue com a missão que o traz a Perelandra.

– Quer que eu acredite que você está vivendo aqui com aquela mulher, nessas condições, em um estado de inocência assexuada?

– Ah, assexuada! – disse Ransom, com repugnância. – Tudo bem, se você prefere. É quase uma descrição tão boa da vida em Perelandra quanto seria dizer

que um homem tinha se esquecido da água porque as cataratas do Niágara não lhe deram a ideia imediata de transformá-la em xícaras de chá. Mas você tem bastante razão se quer dizer que eu não tive mais nenhum pensamento de desejo por ela do que... do que... – Faltaram-lhe comparações, e sua voz se calou. Depois ele recomeçou. – Mas não diga que estou lhe pedindo para acreditar em mim, ou para acreditar em qualquer coisa. Não lhe peço nada, a não ser que comece e termine com a máxima rapidez possível as matanças e roubalheiras que veio cometer aqui.

Por um instante, Weston olhou para ele com uma expressão curiosa. Depois, inesperadamente, repôs o revólver no coldre.

– Ransom, você está fazendo comigo uma enorme injustiça.

Por alguns segundos, fez-se silêncio entre eles. Ondas longas com nuvens de espuma branca vinham rolando para dentro da enseada, exatamente como na Terra.

– É – disse Weston por fim. – Vou começar com uma confissão sincera. Você pode tirar dela a vantagem que quiser. Nada me impedirá de prosseguir. Por minha própria vontade, digo que eu estava, sob certos aspectos, equivocado... seriamente equivocado... na minha concepção de toda a questão interplanetária, quando fui a Malacandra.

Em parte pelo relaxamento que se seguiu ao recolhimento da pistola; e em parte pelo ar de magnanimidade estudada com que o grande cientista falava, Ransom sentiu forte propensão a dar uma risada. Ocorreu-lhe, porém, que esta era possivelmente a primeira ocasião em toda a vida de Weston em que ele chegava a reconhecer ter cometido um erro; e que até mesmo o falso despertar da humildade, que ainda contém noventa e nove por cento de arrogância, não deveria ser repellido – pelo menos não por ele.

– Bem, muito nobre de sua parte – disse ele. – O que você quer dizer?

– Já vou lhe contar – respondeu Weston. – Enquanto isso, preciso trazer minhas coisas para a terra. – Juntos eles puxaram o bote para a praia e começaram a carregar o fogareiro, as latas, a tenda e outras bagagens de Weston para um local a cerca de duzentos metros da orla. Ransom, que sabia que toda aquela parafernália era desnecessária, não fez objeção; e em cerca de quinze minutos algo semelhante a um acampamento estava instalado em um ponto musgoso à sombra de algumas árvores de tronco azul e folhas prateadas, à margem de um riacho. Os dois homens sentaram, e Ransom escutou, de início com interesse, depois com espanto e por fim com incredulidade. Weston pigarreou, inflou o peito e assumiu sua postura de conferencista. Durante toda a conversa que se seguiu, Ransom esteve dominado por uma sensação de absurdo

insano. Ali estavam dois seres humanos, reunidos por acaso em um mundo desconhecido em condições de estranheza inconcebível: um, separado de sua espaçonave; o outro, recém-liberado da ameaça de morte instantânea. Seria razoável – imaginável – que eles de imediato se encontrassem envolvidos em uma discussão filosófica que poderia muito bem ter ocorrido em uma sala de reuniões de Cambridge? Entretanto, parecia que era nisso que Weston insistia. Ele não demonstrava o menor interesse pelo destino da espaçonave. Parecia até mesmo não sentir curiosidade alguma quanto à presença de Ransom em Vênus. Seria possível que ele tivesse percorrido quase cinquenta milhões de quilômetros no espaço em busca de... conversa? À medida que ele continuava falando, porém, Ransom sentia cada vez mais que estava na presença de um monomaniaco. Como um ator que não consegue pensar em outra coisa a não ser na própria fama, ou um amante que não pensa em nada que não seja sua amada, tenso, entediante e inescapável, o cientista perseguia sua ideia fixa.

– A tragédia da minha vida – disse ele –, e na realidade do mundo intelectual moderno em geral, é a rígida especialização do conhecimento, acarretada pela crescente complexidade do que se sabe. Minha própria participação nessa tragédia é a de que uma devoção inicial à física me impediu de prestar uma atenção correta à biologia, até eu chegar aos cinquenta anos. Para ser justo comigo mesmo, devo deixar claro que o falso ideal humanista do conhecimento como um fim em si mesmo nunca me pareceu atraente. Eu sempre quis saber para alcançar a utilidade. De início, é claro que essa utilidade me aparecia em uma forma pessoal: eu queria bolsas de pesquisa, renda e aquela posição de reconhecimento geral no mundo sem a qual um homem não tem poder algum. Quando esses objetivos foram atingidos, comecei a olhar mais adiante: em busca do bem da espécie humana!

Ele fez uma pausa ao encerrar o período, e Ransom em silêncio fez um gesto para que continuasse.

– A utilidade da espécie humana – prosseguiu Weston – a longo prazo depende estritamente da possibilidade de viagem interplanetária e até mesmo intersideral. Esse problema já resolvi. A chave do destino humano foi colocada em minhas mãos. Seria desnecessário... e doloroso para nós dois... relembrar-lhe como ela me foi arrancada das mãos em Malacandra pelo membro de uma espécie inteligente hostil, cuja existência, devo admitir, eu não tinha previsto.

– Não era exatamente hostil – disse Ransom –, mas prossiga.

– Os rigores de nossa viagem de volta de Malacandra resultaram em um grave dano à minha saúde...

– À minha também – disse Ransom.

Weston demonstrou alguma surpresa diante da interrupção e continuou. – Durante minha convalescença, tive o tempo para a reflexão que eu me havia negado por muitos anos. Em particular, refleti sobre suas objeções ao extermínio dos habitantes não humanos de Malacandra, que era naturalmente a preliminar necessária à sua ocupação por nossa própria espécie. A forma tradicional e, se você me permite, humanitária com que você apresentou aquelas objeções tinha até então ocultado de mim sua verdadeira força. Agora eu começava a percebê-la. Comecei a ver que minha própria dedicação exclusiva ao bem da humanidade era realmente baseada em um dualismo inconsciente.

– O que você está querendo dizer?

– Quero dizer que toda a minha vida usei uma dicotomia ou antítese nada científica entre o Homem e a Natureza: eu me concebia lutando *pelo* Homem contra seu ambiente não humano. Durante minha enfermidade, mergulhei na biologia, e especialmente no que se poderia chamar de filosofia biológica. Até então, como físico, eu me contentava em encarar a Vida como um tema fora de minha seara. Até então, não me interessavam as opiniões conflitantes daqueles que traçavam uma linha definida entre o orgânico e o inorgânico e os que sustentavam que aquilo que chamamos de Vida era inerente à matéria desde o início de tudo. Agora me interessavam. Percebi quase de imediato que eu não podia admitir nenhuma ruptura, nenhuma descontinuidade, no desdobramento do processo cósmico. Tornei-me um adepto convicto da evolução emergente. Tudo é um. A matéria da mente, o dinamismo inconscientemente determinado está presente desde os primórdios.

Nesse ponto ele fez uma pausa. Ransom tinha ouvido esse tipo de coisa com bastante frequência e se perguntava quando seu interlocutor chegaria ao que interessava. Quando Weston voltou a falar, foi com um tom de seriedade ainda mais profunda.

– O majestoso espetáculo dessa intencionalidade cega e muda a lançar-se para o alto e sempre mais alto em uma interminável unidade de realizações diferenciadas, voltadas para uma sempre crescente complexidade de organização, no sentido da espontaneidade e da espiritualidade, expulsou toda a minha antiga concepção de um dever para com o Homem em si. O Homem em si não é nada. Os movimentos de avanço da Vida, a espiritualidade crescente, são tudo. Digo-lhe com total franqueza, Ransom, que eu teria cometido um erro ao liquidar os malacandrianos. Foi um mero preconceito que me levou a preferir nossa espécie em detrimento da deles. Disseminar a espiritualidade, não disseminar a espécie humana, é de agora em diante minha missão. Esse é o coroamento de minha carreira. De início trabalhei para mim mesmo; depois pela

ciência; depois pela humanidade; mas agora, por fim, pelo próprio Espírito. Tomando emprestada a expressão que lhe deve ser mais familiar, eu diria, pelo Espírito Santo.

– Ora, exatamente o que você quer dizer com isso? – perguntou Ransom.

– Quero dizer – respondeu Weston – que nada agora nos separa, exceto algumas desgastadas minúcias teológicas, das quais a religião organizada infelizmente se permitiu revestir. Mas penetrei essa crosta. O Significado subjacente a ela é tão verdadeiro e vivo como sempre. Se você me permite essa colocação, a verdade essencial da visão religiosa da vida encontra uma prova notável no fato de ela tê-lo capacitado a perceber em Malacandra, a seu próprio estilo mítico e imaginativo, uma verdade que estava oculta de mim.

– Não tenho grande conhecimento do que as pessoas chamam de visão religiosa da vida – disse Ransom, franzindo o cenho. – Veja bem, sou cristão. E o que designamos por Espírito Santo *não* é uma intencionalidade cega e muda.

– Meu caro Ransom – disse Weston –, eu o compreendo perfeitamente. Não tenho dúvidas de que minha fraseologia há de lhe parecer estranha, talvez até mesmo chocante. Associações antigas e veneradas podem ter deixado fora de seu alcance reconhecer nesta nova forma as mesmíssimas verdades que a religião preservou há tanto tempo e que a ciência agora está finalmente redescobrimo. Mas quer você consiga perceber, quer não, acredite em mim, estamos falando exatamente sobre a mesma coisa.

– Não tenho tanta certeza.

– Essa, se você me permite dizer, é uma das verdadeiras fraquezas da religião organizada: essa adesão a fórmulas, essa incapacidade de reconhecer seus próprios amigos. Deus é um espírito, Ransom. Trate de captar isso. Você já está familiarizado com a ideia. Agarre-se a ela. Deus é um espírito.

– Está bem, é claro. Mas e daí?

– E daí? Ora, o espírito, a mente, a liberdade, a espontaneidade, é disso que estamos falando. Essa é a meta para a qual todo o processo cósmico está se movimentando. O desimpedimento final dessa liberdade, dessa espiritualidade, é a obra a que dedico minha própria vida e a vida da humanidade. A meta, Ransom, a meta. Pense nisso! *Puro* espírito: o turbilhão final de atividade autopersante, originadora de si mesma.

– Final? – perguntou Ransom. – Quer dizer que ela ainda não existe?

– Ah – disse Weston. – Entendi o que o está perturbando. É claro que sei. A religião descreve tudo isso como se existisse desde o princípio. Mas será que essa diferença é mesmo real? Torná-la real corresponderia a levar o tempo por demais a sério. Uma vez que ele tenha sido atingido, talvez se pudesse dizer que

existia tanto no início como no fim. O tempo é um dos aspectos que ele transcenderá.

– Por sinal – disse Ransom –, em algum sentido ele chega a ser pessoal? Ele é vivo?

Uma expressão indescritível passou pelo rosto de Weston. Ele se aproximou um pouco mais de Ransom e começou a falar em voz mais baixa.

– É isso o que nenhum deles entende – disse ele. Era um sussurro tão semelhante ao de um bandido ou ao de um menino, e tão diferente de seu costumeiro estilo pomposo, que Ransom por um instante teve uma sensação quase de repulsa. – É – prosseguiu Weston –, eu mesmo não poderia ter acreditado até recentemente. Não uma pessoa, é claro. O antropomorfismo é uma das doenças infantis da religião popular (aqui ele tinha retomado seu modo de falar em público), mas o extremo oposto do excesso de abstração talvez tenha se provado, no todo, mais desastroso. Chame-o de uma Força. Uma Força imensa, inescrutável, que se derrama para dentro de nós a partir das bases escuras de ser. Uma Força que pode escolher seus instrumentos. Foi só recentemente, Ransom, que aprendi com a experiência real algo em que você acreditou a vida inteira como parte de sua religião. – A essa altura, de repente ele voltou a murmurar, um murmúrio gutural, diferente da sua voz habitual. – Orientado – disse ele. – Escolhido. Orientado. Ganhei consciência de que sou um homem diferenciado. Por que estudei física? Por que descobri os raios Weston? Por que fui a Malacandra? Ela, a Força, impeliu-me o tempo todo. Estou sendo orientado. Agora sei que sou o maior cientista que o mundo já produziu. Fui criado para uma finalidade. É através de mim que o próprio Espírito está neste instante avançando para seu objetivo.

– Veja bem – disse Ransom –, é preciso ter cuidado com esse tipo de coisa. Há espíritos e espíritos, sabia?

– Hein? – disse Weston. – Do que você está falando?

– Quero dizer que uma coisa pode ser um espírito e não ser boa para você.

– Mas pensei que você concordava que o Espírito era o bem... o fim de todo o processo. Achei que vocês, pessoas com religião, fossem totalmente favoráveis à espiritualidade. Qual é o sentido do ascetismo: jejuns, abstinências e tudo o mais? Não estamos todos de acordo quanto a ser Deus um espírito? Vocês não O adoram porque Ele é puro espírito?

– Céus, não! Nós O adoramos porque Ele é sábio e bom. Não existe nenhuma bondade especial em ser simplesmente um espírito. O Demônio é um espírito.

– Agora é muito interessante sua menção ao Demônio – disse Weston, que a essa altura já tinha recuperado totalmente sua maneira normal. – É um aspecto

interessantíssimo da religião popular essa tendência a dividir, a gerar pares de opostos: céu e inferno, Deus e Demônio. Praticamente não preciso dizer que, na minha opinião, nenhum dualismo verdadeiro é admissível no universo. E, com base nisso, há até algumas semanas eu me disporia a rejeitar esses pares divergentes como pura mitologia. Teria sido um grave erro. A causa dessa tendência religiosa universal deve ser procurada em nível muito mais profundo. Esses pares são na realidade imagens do Espírito, da energia cósmica: verdadeiros autorretratos, pois foi a própria Força da Vida que os depositou em nosso cérebro.

– Aonde você está querendo chegar? – perguntou Ransom. Ao falar, levantou-se e começou a andar para lá e para cá. Tinha se abatido sobre ele um apavorante cansaço e mal-estar.

– *Seu Demônio e seu Deus* – disse Weston – são ambos imagens da mesma Força. Seu céu é uma imagem da perfeita espiritualidade futura; seu inferno, uma imagem do impulso, do esforço, que nos empurra para nos levar adiante. Daí derivam a paz estática de um e o fogo e a escuridão do outro. O estágio seguinte na evolução emergente, que nos chama para que avancemos, é Deus. O estágio superado, que ficou para trás e nos empurra, é o Demônio. Afinal de contas, sua própria religião diz que os demônios são anjos caídos.

– E, até onde consigo entender, você está dizendo exatamente o contrário: que os anjos são demônios que se elevaram no mundo.

– Dá no mesmo – respondeu Weston.

Houve mais um longo silêncio.

– Veja bem – disse Ransom –, é fácil que nos equivoquemos em uma questão como essa. O que você está dizendo parece-me o erro mais terrível em que uma pessoa poderia incorrer. Mas isso pode ser porque, no esforço de adequar o tema a minha suposta “perspectiva religiosa”, você diz muito mais do que quer dizer. É somente uma metáfora, não é, toda essa história de espíritos e forças? Imagino que tudo o que realmente quer dizer seja que você considera ser seu dever trabalhar pela disseminação da civilização, do conhecimento e desse tipo de coisa. – Ransom tinha tentado excluir da sua voz a ansiedade involuntária que começava a sentir. No instante seguinte, ele recuou horrorizado diante da sonora gargalhada, uma risada quase infantil ou senil, com que Weston respondeu.

– Lá vai você, lá vai você – disse ele. – Como todos os religiosos. Vocês passam a vida inteira falando sem parar sobre essas coisas e, no instante em que encaram a realidade, ficam apavorados.

– Que prova – disse Ransom (que de fato se sentia apavorado) –, que prova você tem de que está sendo orientado ou apoiado por qualquer coisa que não seja

sua própria cabeça e os livros de outras pessoas?

– Você não percebeu, caro Ransom, que melhorei um pouco, desde nosso último encontro, no meu conhecimento do idioma extraterrestre. Você é filólogo, pelo que me dizem.

Ransom teve um sobressalto.

– Como você conseguiu? – disse, sem pensar.

– Orientação, sabe, orientação – disse Weston, com a voz gutural. Ele estava agachado junto das raízes da sua árvore, com os joelhos dobrados; e o rosto, agora meio acinzentado, tinha um sorriso fixo e até mesmo ligeiramente contorcido. – Orientação. Orientação. Coisas que entram na minha cabeça. Estou sendo preparado o tempo todo. Estão me tornando um receptáculo adequado para isso.

– E deveria ser bastante fácil – disse Ransom, impaciente. – Se essa Força da Vida é tão ambígua que Deus e o Demônio são imagens igualmente fiéis dela, suponho que qualquer receptáculo seja igualmente adequado, e qualquer coisa que você faça seja igualmente uma expressão dela.

– Existe uma coisa que se chama corrente dominante – disse Weston. – É uma questão de entregar-se a ela, tornar-se o condutor do propósito central, faiscante, vivo; tornar-se o próprio dedo com que ela procura se estender.

– Mas, um instante atrás, achei que esse era o aspecto demoníaco da coisa.

– Esse é o paradoxo fundamental. Aquilo que pretendemos alcançar é o que você chamaria de Deus. O pretender alcançar, o dinamismo, é o que pessoas como você chamariam de Demônio. As pessoas como eu, que efetivamente procuram se estender, sempre são mártires. Vocês nos atacam, e por meio de nós atingem sua meta.

– Isso quer dizer em linguagem mais simples que as coisas que a Força quer que você faça são o que as pessoas comuns chamam de diabólicas?

– Meu caro Ransom, eu gostaria que você parasse de cair a toda hora para o nível popular. As duas coisas são apenas momentos na realidade pura e única. O mundo dá saltos adiante através de grandes homens, e a grandeza sempre transcende o mero moralismo. Quando o salto se completa, nosso “diabolismo”, como você diria, passa a ser a moralidade do estágio seguinte. Contudo, enquanto estamos dando o salto, somos chamados de criminosos, hereges, blasfemadores...

– Até que ponto isso vai? Você ainda obedeceria à Força da Vida se descobrisse que ela o induziria a me assassinar?

– Sim.

– Ou a vender a Inglaterra aos alemães?

– Sim.

– Ou a publicar mentiras como pesquisa séria em um periódico científico?

– Sim.

– Que Deus o proteja! – disse Ransom.

– Você ainda está apegado a seus convencionalismos – disse Weston. – Ainda trabalha com abstrações. Será que nem mesmo consegue conceber um compromisso total, um compromisso com algo que sobrepuja totalmente nossos pequenos compartimentos éticos?

Ransom agarrou a oportunidade.

– Espere, Weston – disse ele, abruptamente. – Esse pode ser um ponto de contato. Você diz que é um compromisso total. Ou seja, que você está se entregando. Você não está se lançando em busca de vantagens pessoais. Não, espere um instante. Esse é o ponto de contato entre sua moralidade e a minha. Nós dois reconhecemos...

– Idiota – disse Weston. Sua voz era quase um uivo, e ele agora estava de pé. – Idiota – repetiu ele. – Será que não consegue entender nada? Você vai sempre querer encaixar tudo de volta na estrutura desgraçada desse seu velho jargão do eu e do autossacrifício? Isso aí é o maldito dualismo de antes sob outra forma. No pensamento concreto, não existe possibilidade de distinção entre mim e o universo. Na medida em que sou o condutor da pressão central de avanço do universo, eu o sou. Está entendendo, seu pateta tímido e cheio de escrúpulos? Eu *sou* o Universo. Eu, Weston, sou seu Deus e seu Demônio. Chamo essa Força para que me preencha completamente...

Coisas horríveis começaram então a acontecer. Um espasmo como o que antecede um vômito mortal contorceu o rosto de Weston até torná-lo irreconhecível. À medida que foi passando, por um segundo algo semelhante ao velho Weston ressurgiu – o velho Weston, com os olhos fixos, apavorados, gritando, “Ransom, Ransom! Pelo amor de Deus, não deixe que eles...” e no mesmo instante seu corpo girou inteiro como se tivesse sido atingido por uma bala de revólver e caiu por terra. Ficou ali rolando aos pés de Ransom, babando, tagarelando e tentando arrancar punhados do musgo. Aos poucos, as convulsões diminuíram. Ele ficou imóvel, com a respiração difícil, os olhos abertos, mas sem expressão. Agora Ransom estava ajoelhado ao seu lado. Era óbvio que o corpo estava vivo, e Ransom se perguntava se aquilo era um derrame ou um ataque epilético, pois nunca tinha presenciado nem um nem outro. Ele remexeu na bagagem de Weston e encontrou uma garrafa de conhaque, que abriu e levou à boca do paciente. Para sua consternação, os dentes se abriram e se fecharam em torno do gargalo, quebrando-o. Nenhum caco foi cuspidido.

– Ai, meu Deus, eu o matei – disse Ransom. Mas além de um esguicho de sangue na região dos lábios, não houve mudança na sua aparência. O rosto sugeria que ou bem ele não estava sentindo dor, ou bem sentia uma dor fora do alcance da compreensão humana. Por fim, Ransom levantou-se, mas antes tirou o revólver do cinto de Weston e então, andando até a praia, ele o atirou no mar à máxima distância possível.

Ficou ali em pé alguns instantes, com o olhar sobre a baía, indeciso quanto ao que fazer. Daí a pouco, voltou-se e subiu pela crista de relva que orlava o pequeno vale à sua esquerda. Descobriu-se em um terreno elevado bastante plano, com uma boa vista do mar, que agora se apresentava violento e tinha saído do seu dourado plano para um padrão de luzes e sombras em mudança constante. Por um segundo ou dois, ele não conseguiu avistar as ilhas. E então, de repente, as copas das suas árvores apareceram, suspensas bem alto em contraste com o céu, e muito separadas. Parecia que o tempo as estava afastando umas das outras, e no instante em que isso lhe ocorreu elas sumiram mais uma vez, entrando em algum vale invisível entre as ondas. Quais eram suas chances, perguntou-se, de um dia voltar a encontrá-las? Abateu-se sobre ele uma sensação de solidão, e depois uma frustração revoltada. Se Weston estivesse morrendo, ou mesmo que vivesse preso ali com ele em uma ilha da qual não tinham como sair, qual tinha sido o perigo a que ele fora enviado para afastar de Perelandra? E assim, tendo começado a pensar em si mesmo, percebeu que estava com fome. Não tinha visto nem frutos nem cabaças na Terra Fixa. Talvez ela fosse uma armadilha mortal. Sorriu com ironia da tolice que o deixara tão feliz naquela manhã, de poder trocar aqueles paraísos flutuantes, onde cada arvoredor transbordava doçura, por essa rocha árida. Mas talvez ela não fosse assim tão árida. Determinado a procurar por alimento, apesar do cansaço que a cada momento lhe pesava mais, ele estava começando a voltar para o interior da ilha quando foi alcançado pelas velozes mudanças de cor que anunciam o anoitecer naquele mundo. Em vão, ele apertou o passo. Antes que descesse de volta para o vale, o bosque onde tinha deixado Weston parecia uma simples nuvem de escuridão. Antes que chegasse a ele, Ransom já estava em uma noite maciça e sem dimensões. Algum esforço para encontrar tateando o caminho até o lugar onde as provisões de Weston tinham sido colocadas somente serviu para abolir por completo seu sentido de direção. Foi forçado a sentar. Chamou em voz alta o nome de Weston uma vez ou duas; mas, como imaginava, não recebeu resposta. “Seja como for, foi bom eu ter tirado sua arma”, pensou Ransom, e então “Bem, *qui dort dine [o sono alimenta]*, e é melhor eu tirar partido disso até o amanhecer.” Quando se deitou, descobriu que o chão sólido e o musgo da Terra Fixa eram muito menos confortáveis que as superfícies às quais ele

recentemente tinha se acostumado. Isso, e o pensamento de que outro ser humano estava deitado, sem dúvida, ali por perto com os olhos abertos e os dentes cerrados em estilhaços de vidro, somado à batida recorrente e entediante das ondas na praia, tudo tornou a noite desconfortável.

– Se eu vivesse em Perelandra – resmungou ele –, Maleldil não precisaria *proibir* esta ilha. Quem dera eu nunca tivesse posto os olhos nela.

Depois de um sono perturbado e cheio de sonhos, ele acordou em plena luz do dia. Estava com a boca seca, com torcicolo e os membros doloridos. Foi tão diferente de todas as vezes anteriores em que despertou no mundo de Vênus que, por um instante, ele se supôs de volta à Terra. E o sonho (pois era isso o que lhe parecia) de ter vivido e andado nos oceanos da Estrela da Manhã passou veloz por sua memória com uma sensação praticamente insuportável de doçura perdida. Então se sentou, e os fatos lhe voltaram ao pensamento. “Mas é quase a mesma coisa que ter acordado de um sonho”, pensou. A fome e a sede tornaram-se de imediato suas sensações dominantes, mas ele considerava seu dever, antes de mais nada, ver o doente – embora tivesse pouquíssima esperança de conseguir ajudá-lo. Olhou ao redor. Ali estava de fato o pequeno bosque de árvores prateadas, mas ele não conseguia ver Weston. Relanceou então um olhar para a baía. Nada de bote. Supondo que na escuridão pudesse ter ido parar no vale errado, ergueu-se e se aproximou do riacho para beber água. Quando levantou o rosto da água, com um longo suspiro de satisfação, seus olhos de repente deram com uma caixinha de madeira... e então, mais adiante, com umas duas latas. Seu cérebro estava funcionando muito devagar; levou alguns segundos para perceber que afinal de contas estava no vale certo, e mais alguns para tirar conclusões a partir do fato de a caixa estar aberta e vazia, e de algumas provisões terem sido retiradas e outras deixadas para trás. Mas era possível que um homem na condição física de Weston pudesse ter se recuperado o suficiente durante a noite para levantar acampamento e ir embora sobrecarregado com algum tipo de bagagem? Era possível que qualquer homem pudesse ter encarado um mar daqueles em um bote inflável? Era verdade, como Ransom agora percebia pela primeira vez, que a tempestade (um mero temporal pelos padrões perelandrianos) parecia ter se dissipado durante a noite. No entanto, os vagalhões ainda eram assustadores, e parecia fora de cogitação que o professor tivesse deixado a ilha. Era muito maior a probabilidade de ele ter saído do vale a pé, carregando o bote junto. Ransom decidiu que precisava encontrar Weston imediatamente. Precisava manter-se em contato com o inimigo. Pois, se Weston

tivesse se recuperado, não havia dúvida de que ele tinha algum tipo de má intenção. Ransom não estava nem um pouco seguro de ter entendido toda aquela conversa maluca do dia anterior. Mas o que tinha entendido o desagradava demais, e ele suspeitava que esse vago misticismo sobre a “espiritualidade” acabaria se revelando algo ainda mais pernicioso que seu velho programa, comparativamente mais simples, de imperialismo planetário. Sem dúvida, seria injusto levar a sério as coisas que o homem tinha dito imediatamente antes do ataque; mas já havia o suficiente sem aquilo.

Ransom passou as horas seguintes vasculhando a ilha à procura de alimento e de Weston. No que dizia respeito ao alimento, ele foi recompensado. Alguns frutos semelhantes a mirtilos podiam ser colhidos aos punhados das encostas mais altas, e os vales cobertos de floresta ofereciam em abundância uma espécie de noz oval. Seu miolo tinha uma consistência macia e resistente, como a da cortiça ou de rins, e o sabor, embora um pouco austero e prosaico em comparação com os frutos das ilhas flutuantes, não era insatisfatório. Os camundongos gigantes eram mansos como os outros bichos perelandrianos, mas pareciam menos inteligentes. Ransom subiu ao platô central. Em todas as direções, o mar estava salpicado de ilhas, que subiam e caíam com a agitação das vagas, todas separadas umas das outras por largos trechos de água. Seu olhar logo captou uma ilha cor de laranja, mas ele não sabia se era aquela na qual tinha permanecido, porque viu pelo menos mais duas com a mesma cor predominante. A certa altura, contou ao todo vinte e três ilhas flutuantes. Essa quantidade, pensou ele, era maior do que a contida no arquipélago temporário, o que lhe permitiu a esperança de que qualquer uma daquelas pudesse ocultar o Rei – ou que, talvez naquele exato momento, o Rei e a Dama já estivessem reunidos. Sem pensar nisso com muita clareza, Ransom tinha acabado por depositar quase todas as suas esperanças no Rei.

De Weston ele não conseguiu encontrar sinal. De fato, apesar de toda a improbabilidade, parecia que ele de algum modo tinha conseguido deixar a Ilha Fixa; e a ansiedade de Ransom foi enorme. Não tinha ideia do que Weston, com sua nova disposição de espírito, poderia fazer. O melhor a esperar era que ele simplesmente deixasse de lado o senhor e a senhora de Perelandra por serem meros selvagens ou “nativos”.

Mais tarde naquele dia, cansado, ele se sentou na praia. Agora o mar estava muito pouco agitado, e as ondas, pouco antes de arrebentarem, não tinham altura suficiente para atingir os joelhos. Seus pés, tornados macios pela superfície semelhante a um colchão sobre a qual se anda naquelas ilhas flutuantes, estavam ardidos e doloridos. Logo ele decidiu refrescá-los andando um pouco dentro d’água. A água estava tão deliciosa que ele foi entrando até ficar com ela pela

cintura. Enquanto permanecia ali parado, imerso em pensamentos, de repente percebeu que o que considerara ser um efeito da luz sobre a água era de fato o dorso de um dos grandes peixes prateados. “Queria saber se ele me deixaria andar nele”, pensou. E então, vendo que o bicho movia o focinho na sua direção e se mantinha tão perto do raso quanto ousava, ocorreu-lhe que ele estivesse tentando atrair sua atenção. Será que ele podia ter sido *enviado*? Mal o pensamento passou veloz por sua mente, decidiu experimentar. Pôs a mão no dorso da criatura, que não se encolheu ao seu toque. Então, com alguma dificuldade, ele subiu para ficar montado sobre a parte estreita atrás da sua cabeça; e, enquanto fazia isso, a criatura permanecia imóvel tanto quanto foi possível. Mas, assim que ele ficou firme na sela, o peixe girou com agilidade e se encaminhou para o mar.

Se teve alguma vontade de desistir, isso logo se revelou ser impossível. Quando olhou para trás, os pináculos verdes da montanha tinham recuado seus cumes do céu e a linha do litoral da ilha começava a esconder suas baías e promontórios. A arrebentação já não era audível – somente os ruídos prolongados sibilantes e trepidantes da água à sua volta. Muitas ilhas flutuantes estavam visíveis, embora, vistas daquele ângulo, elas não passassem de silhuetas emplumadas. O peixe, entretanto, não parecia estar se dirigindo para nenhuma delas. Sempre em frente, como se conhecesse bem o caminho, as batidas das grandes nadadeiras transportaram Ransom por mais de uma hora. Então o verde e o roxo pintaram o mundo inteiro, e depois veio a escuridão.

De algum modo, ele mal sentiu qualquer desconforto quando se descobriu subindo e descendo veloz os montes baixos de água pela noite negra afora. E ali nem tudo estava negro. Os céus tinham sumido, assim como a superfície do mar; mas muito lá embaixo, no meio do vazio pelo qual ele parecia estar viajando, surgiam explosões de estrelas luminosas e raios contorcidos de uma luminosidade verde-azulada. De início estavam muito distantes, mas logo, ao que ele pudesse avaliar, estavam mais próximos. Todo um mundo de criaturas fosforescentes parecia brincar não muito abaixo da superfície: enguias serpeantes e criaturas velozes com armadura completa, e depois formas fantásticas, heráldicas, que fariam o cavalo-marinho de nossas próprias águas parecer banal. Eles estavam em toda a sua volta: vinte ou trinta deles à vista, muitas vezes ao mesmo tempo. E, misturados em todo esse tumulto de centauros marinhos e dragões-marinhos, viu formas ainda mais estranhas: peixes, se é que eram peixes, cuja parte dianteira era quase tão humana que, quando os avistou pela primeira vez, achou que estava sonhando e se sacudiu para tentar despertar. Mas não se tratava de sonho. Logo ali – e acolá também – era inconfundível: ora um ombro, ora um perfil e então, por um segundo, um rosto inteiro. Autênticos

tritões ou sereias. A semelhança com a espécie humana era de fato maior, não menor, do que ele supunha inicialmente. O que por um instante tinha lhe ocultado essa semelhança era a total ausência de expressão humana. Contudo, os rostos não eram idiotizados. Nem chegavam a ser paródias brutais da humanidade como as dos primatas terrestres. Eram mais como rostos humanos adormecidos, ou rostos nos quais a humanidade dormia enquanto alguma outra vida, nem bestial nem diabólica, mas apenas élfica, fora da nossa órbita, estava despropositadamente desperta. Ele se lembrou da antiga suspeita de que o que era mito em um mundo pudesse sempre ser fato em outro. Perguntou-se também se o Rei e a Rainha de Perelandra, embora fossem sem dúvida o primeiro par humano desse planeta, poderiam em termos físicos ter antepassados marinhos. E, se fosse assim, o que dizer então das criaturas semelhantes a homens anteriores aos homens em nosso próprio mundo? Elas precisariam na realidade ter sido as bestialidades melancólicas cujas imagens vemos em livros populares sobre a evolução? Ou seriam os mitos antigos mais verdadeiros que os mitos modernos? Teria de fato existido um tempo em que os sátiros dançavam nos bosques italianos? Mas a essa altura ele mandou sua mente calar-se, pelo puro prazer de respirar a fragrância que agora começava a vir na sua direção das trevas mais adiante. Aconchegante e doce, e a cada momento mais doce e mais pura, e a cada momento mais forte e mais repleta de todos os deleites, ela vinha até ele. Ele bem sabia o que era. Dali em diante, ele a reconheceria por todo o universo: o alento noturno de uma ilha flutuante no astro Vênus. Era esquisito sentir-se tomado de saudade de lugares nos quais sua estada tinha sido tão breve e que eram, por qualquer parâmetro objetivo, tão estranhos para toda a nossa espécie. Ou será que não eram? O fio de anseio que o atraía para a ilha invisível pareceu-lhe naquele instante atado muito tempo atrás, bem antes da sua chegada a Perelandra, bem antes dos tempos mais remotos que a memória conseguia recuperar na sua infância, antes do seu nascimento, antes do surgimento do próprio homem, antes das origens do tempo. Era forte, doce, selvagem e sagrado, tudo simultaneamente. E, em qualquer mundo onde os nervos dos homens pararam de obedecer a seus desejos centrais, ele sem dúvida teria sido considerado afrodisíaco, mas não em Perelandra. O peixe já não se mexia. Ransom estendeu a mão e descobriu que estava tocando em vegetação. Avançou engatinhando por cima da cabeça do peixe monstruoso e se lançou para a superfície em suave movimento da ilha. Por curta que tivesse sido sua ausência daquele tipo de lugar, seu hábito de caminhar formado na Terra já tinha se reafirmado, e ele caiu mais de uma vez quando tateava para encontrar um caminho no relvado arfante. Mas cair ali não machucava. Que sorte! Havia árvores por toda parte no escuro e, quando um objeto liso, fresco, arredondado

se soltou na sua mão, ele o levou à boca sem medo. Não era nenhuma das frutas que já tinha provado. Era melhor que qualquer uma delas. Bem que a Dama dizia de seu mundo que o fruto que se estava comendo a qualquer instante era naquele momento o melhor. Exausto com o dia de caminhada e escalada, e ainda mais derrubado pela satisfação absoluta, ele mergulhou em um sono sem sonhos.

Teve a impressão de que algumas horas tinham se passado quando despertou e se descobriu ainda na escuridão. Soube também que fora acordado de repente. E daí a um instante estava prestando atenção ao som que o acordara. Era o som de vozes – a conversa séria entre a voz de um homem e a de uma mulher. Calculou que estivessem muito perto dele – pois em uma noite perelandriana um objeto não é mais visível a dez centímetros do que a dez quilômetros de distância. Percebeu de imediato quem eram os interlocutores; mas as vozes pareciam estranhas, e as emoções dos falantes eram-lhe obscuras, sem a expressão facial para ajudar a decifrá-las.

– Estou me perguntando – disse a voz da mulher – se todas as pessoas do seu mundo têm o hábito de falar da mesma coisa mais de uma vez. Já lhe disse que estamos proibidos de morar na Terra Fixa. Por que você não fala de alguma outra coisa ou não para logo de falar?

– Porque essa proibição é tão estranha – disse a voz do homem. – E tão diferente das atitudes de Maleldil no meu mundo. E Ele não a proibiu de pensar em morar na Terra Fixa.

– Isso seria estranho... pensar naquilo que não vai acontecer nunca.

– Nem um pouco, no nosso mundo fazemos isso o tempo todo. Ligamos palavras para falar de coisas que nunca aconteceram e lugares que nunca existiram: belas palavras, reunidas com harmonia. E então contamos isso uns para os outros. Chamamos de história ou poesia. Naquele mundo antigo do qual você falou, Malacandra, eles faziam o mesmo. É para causar diversão, assombro e sabedoria.

– Que sabedoria há nisso?

– É que o mundo é feito não apenas do que existe, mas também do que poderia existir. Maleldil conhece os dois aspectos e quer que nós também conheçamos.

– Isso é muito mais do que jamais pensei. O outro, o Malhado, já me disse coisas que me deram a sensação de ser uma árvore cujos galhos estavam crescendo e se separando cada vez mais. Mas isso vai além de tudo aquilo. Sair do que é para entrar no que poderia ser, e falar e fazer coisas lá... do lado de fora do mundo. Vou perguntar ao Rei o que ele acha disso.

– Veja só, é para isso que nós sempre voltamos. Se ao menos você não tivesse sido separada do Rei!

– Ah, entendi. Essa também é uma das coisas que poderiam ter acontecido. O mundo poderia ter sido feito de tal modo que o Rei e eu nunca tivéssemos nos separado.

– O mundo não teria de ser diferente, só o seu jeito de viver. Em um mundo em que as pessoas vivem nas Terras Fixas, elas não são separadas de repente.

– Mas você se lembra de que não devemos viver na Terra Fixa.

– Não, mas Ele nunca a proibiu de pensar nisso. Não seria essa uma das razões para a proibição? A de você ter um “pode ser” em que pensar, algo sobre o qual pudesse criar Histórias, como nós chamamos?

– Vou pensar um pouco mais. Vou ver se o Rei me torna mais velha sobre isso.

– Como é imenso meu desejo de conhecer esse seu Rei! Mas quanto à questão das Histórias, pode ser que ele mesmo não seja nada mais velho que você.

– Isso que você disse é como uma árvore sem frutos. O Rei é sempre mais velho que eu, e a respeito de todas as coisas.

– Mas Malhado e eu já a tornamos mais velha a respeito de certas questões que o Rei nunca mencionou. Esse é o novo bem que você nunca esperou. Você achava que sempre ia aprender tudo com o Rei, mas agora Maleldil enviou-lhe outros homens nos quais nunca lhe tinha ocorrido pensar, e eles lhe disseram coisas que o próprio Rei não poderia saber.

– Começo a perceber agora por que o Rei e eu estamos separados nesta época. É um bem estranho e imenso que Ele planejou para mim.

– E se você se recusasse a aprender coisas comigo e não parasse de dizer que prefere esperar para perguntar ao Rei, isso não seria como dar as costas ao fruto que tinha encontrado para se voltar para o fruto esperado?

– Essas são questões profundas, Forasteiro. Maleldil não está pondo muita coisa a respeito delas na minha cabeça.

– E você não percebe por quê?

– Não.

– Desde que Malhado e eu chegamos ao seu mundo, pusemos muitas coisas na sua cabeça que Maleldil não tinha posto. Você não vê que Ele está soltando sua mão só um pouquinho?

– Como Ele poderia fazer isso? Ele está aonde quer que formos.

– É, mas em outro sentido. Ele a está tornando mais velha... fazendo que você aprenda coisas não diretamente d’Ele, mas por meio dos seus próprios encontros com outras pessoas e das suas próprias perguntas e pensamentos.

– Sem dúvida é isso que Ele está fazendo.

– Ele a está tornando uma mulher completa, porque até agora você estava apenas pela metade... como os animais que nada fazem de si mesmos. Dessa vez, quando voltar a se encontrar com o Rei, você é que terá coisas a contar para ele. Você é que estará mais velha do que ele e que o tornará mais velho.

– Maleldil não faria uma coisa dessas acontecer. Seria como um fruto sem sabor.

– Mas teria sabor para *ele*. Você não acha que o Rei às vezes deve se cansar de ser o mais velho? Ele não a amaria mais se você fosse mais sábia que ele?

– É isso o que vocês chamam de Poesia, ou você está falando do que realmente existe?

– Estou falando de uma coisa que existe realmente.

– Mas como alguém poderia amar alguma coisa mais? É como dizer que um objeto poderia ser maior do que é.

– Eu só quis dizer que você poderia se tornar mais parecida com as mulheres do meu mundo.

– E como elas são?

– Elas têm uma disposição de espírito admirável. Sempre estendem a mão para segurar o bem novo e inesperado; e veem que ele é bom antes que os homens compreendam. Seu pensamento corre adiante daquilo que Maleldil lhes ensinou. Elas não precisam esperar que Ele lhes diga o que é bom, mas sabem sozinhas, como Ele sabe. Por assim dizer, elas são pequenos Maleldils. E por causa da sua sabedoria, sua beleza é tão maior do que a sua como a doçura dessas cabaças supera o sabor da água. E, por conta da sua beleza, o amor que os homens sentem por elas é tão maior que o amor do Rei por você quanto a luz nua da Imensidão dos Céus, vista do meu mundo, é mais maravilhosa do que o teto dourado do seu mundo.

– Quem dera eu pudesse conhecê-las!

– Bem que eu gostaria que você pudesse.

– Como Maleldil é belo e como são maravilhosas todas as Suas obras. Talvez Ele faça brotar de mim filhas tão maiores que eu quanto eu sou maior que os animais. Será melhor do que pensei. Eu achava que deveria ser sempre a Rainha e Senhora. Mas agora vejo que posso ser como os *eldila*. Posso ser designada para criá-las quando elas forem crianças pequenas e fracas, que hão de crescer e me superar, aos pés de quem eu hei de cair. Vejo que não são só perguntas e

pensamentos que crescem como galhos cada vez mais abertos. Também a alegria se expande e aparece onde nunca tínhamos imaginado.

– Agora vou dormir – disse a outra voz. Quando disse isso, ela se tornou inconfundivelmente, pela primeira vez, a voz de Weston e de um Weston desgostoso e irritadiço. Até então, apesar de resolver a cada instante participar da conversa, Ransom tinha se mantido em silêncio em uma espécie de hesitação entre dois estados de espírito conflitantes. Por um lado, ele tinha certeza, tanto pela voz quanto por muito do que foi dito, de que o interlocutor masculino era Weston. Por outro lado, a voz, isolada da aparência do homem, parecia estranhamente diferente. Mais ainda, o modo paciente e persistente com que era usada era muito atípico da habitual alternância de Weston entre o tom pomposo e professoral e a intimidação repentina. Além disso, como poderia um homem recém-saído de uma crise física como a que Ransom presenciara em Weston ter recuperado tamanho domínio de si mesmo em algumas horas? E como poderia ter chegado à ilha flutuante? Ransom, durante todo o diálogo, havia percebido uma contradição intolerável. Alguma coisa que era e não era Weston estava falando. E a sensação dessa monstruosidade, a apenas poucos metros dele na escuridão, tinha disparado ao longo de sua espinha arrepios penetrantes de um pavor extremo e levantado em sua mente questões que ele tentou descartar como fantasiosas. Agora que a conversa estava encerrada, ele percebia também a ansiedade fortíssima com que a acompanhara. No mesmo instante, tomou consciência de uma sensação de triunfo. Mas não era ele que se sentia vitorioso. Toda a escuridão ao redor vibrava com a sensação de vitória. Ele teve um sobressalto e se ergueu parcialmente. Tinha havido algum som de verdade? Escutando com atenção, ele não conseguia ouvir nada a não ser o ruído baixo e murmurante do vento agradável e do marulho suave. A sugestão de música deve ter vindo de dentro. No entanto, assim que se deitou novamente, ele teve certeza de que não era. De fora, com toda a certeza de fora, mas não apreendidos pelo sentido da audição, derramavam-se para dentro dele folia, dança e esplendor – sem som, mas de tal modo que seria impossível lembrar-se deles ou pensar neles, a não ser como música. Era como possuir um novo sentido. Era como estar presente no momento em que as estrelas da manhã cantavam juntas. Era como se Perelandra tivesse sido criada naquele instante – e talvez em certo sentido tivesse mesmo. A sensação de ter sido evitado um desastre imenso impôs-se à sua mente, e com ela veio a esperança de que não haveria uma segunda tentativa. E então, o mais delicioso de tudo, a sugestão de que não tinha sido trazido para lá para fazer alguma coisa, mas somente como espectador ou como testemunha. Alguns minutos depois, ele já estava dormindo.

O tempo tinha virado durante a noite. Ransom estava sentado na orla da floresta em que tinha dormido, contemplando um mar plano onde não havia outras ilhas à vista. Havia acordado alguns minutos antes e se descoberto deitado sozinho em uma moita fechada de hastes bastante semelhantes a junco, mas rígidas como as de bétulas, que sustentavam um dossel quase plano de folhagem densa. Dele pendiam frutos lisos, brilhantes e redondos como os do azevinho, alguns dos quais ele comeu. Começou então a se encaminhar para o descampado perto da beira da ilha e olhou ao redor. Nem Weston nem a Dama estavam à vista, e ele começou a caminhar sem pressa na beira do mar. Seus pés descalços afundaram um pouco em um tapete de vegetação cor de açafrão, que os cobriu com uma poeira aromática. Enquanto olhava para baixo, de repente percebeu outra coisa. De início pensou que fosse uma criatura de formato mais fantástico do que tinha visto até então em Perelandra. Seu formato não era apenas fantástico, mas medonho. Ele então se deixou cair sobre um joelho para examinar a criatura. Por fim a tocou, com relutância. Um instante depois, recolheu as mãos de repente como se tivesse tocado em uma cobra.

Era um animal ferido. Era, ou tinha sido, uma das rãs de cores vivas. Mas fora acometida por algum acidente. As costas inteiras tinham sido abertas em uma espécie de rasgo em forma de V, com a ponta do V pouco atrás da cabeça. Alguma coisa tinha aberto uma ferida que se alargava para trás – como fazemos ao abrir um envelope – ao longo do tronco e puxado a pele tão para trás do animal que suas pernas saltadoras ou traseiras quase foram arrancadas junto. Elas estavam tão machucadas que a rã não conseguia saltar. Na Terra aquilo teria sido apenas uma visão desagradável, mas até aquele momento Ransom ainda não tinha visto nada morto ou ferido em Perelandra. Foi como um tapa na cara. Foi como o primeiro espasmo de dor bem lembrada, que avisa a um homem que acredita estar curado que sua família o enganou e ele afinal de contas está morrendo mesmo. Foi como a primeira mentira vinda da boca de um amigo em cuja veracidade estava-se disposto a apostar mil libras. Era irrevogável. O vento morno e manso que soprava sobre o mar dourado, os azuis, verdes e prateados

do jardim flutuante, o próprio céu – tudo isso tinha se tornado, em um único instante, a mera margem iluminada de um livro cujo texto era o pequeno horror a debater-se aos seus pés. E ele mesmo, naquele instante, passou para um estado de emoção que não conseguia controlar nem compreender. Ransom disse a si mesmo que uma criatura daquela espécie tinha provavelmente muito poucas sensações. Mas isso não ajudou a reparar as coisas. Não era simplesmente a pena pela dor que tinha de repente mudado o ritmo dos seus batimentos cardíacos. Aquilo era uma obscenidade intolerável que lhe causava uma vergonha aflita. Teria sido melhor, ou foi o que pensou no momento, o universo inteiro jamais ter existido do que aquele único fato ter acontecido. Depois concluiu, apesar de sua crença teórica em ser aquele organismo baixo demais para sentir muita dor, que seria melhor matá-lo. Ransom não dispunha de botas, pedra nem bengala. Revelou-se extraordinariamente difícil matar a rã. Quando já era tarde demais para desistir, ele viu com clareza que tinha sido um tolo ao fazer a tentativa. Qualquer que tivesse sido o sofrimento da rã, Ransom decerto o tinha agravado em vez de reduzi-lo. Mas agora era obrigado a terminar. A tarefa pareceu levar quase uma hora. E, quando por fim o resultado estropiado estava totalmente imóvel e Ransom desceu até a beira d'água para se lavar, ele se sentiu enjoado e abalado. Parece estranho dizer isso a respeito de um homem que tinha estado na batalha do Somme; mas os arquitetos nos afirmam que nada é grande ou pequeno, a não ser pela posição que ocupa.

Por fim, ele se levantou e retomou a caminhada. No instante seguinte, teve um sobressalto e olhou de novo para o chão. Apressou o passo e então mais uma vez parou e olhou. Ficou paralisado e encobriu o rosto. Clamou aos céus para interromper o pesadelo ou ajudá-lo a entender o que estava acontecendo. Uma trilha de rãs mutiladas se encontrava ao longo da orla da ilha. Pisando com cuidado, ele a acompanhou. Contou dez, quinze, vinte. E a vigésima primeira levou-o a um lugar onde o bosque chegava à beira d'água. Entrou no bosque e saiu do outro lado. Ali ele parou de chofre e olhou com espanto. Weston, ainda vestido, mas sem o chapéu de fibra, estava parado a uns dez metros de distância. E enquanto Ransom olhava, ele rasgou uma rã – sem ruído e inserindo o indicador de modo quase cirúrgico, com sua unha comprida e afiada, por baixo da pele atrás da cabeça da criatura, puxando para rasgá-la. Antes, Ransom não tinha percebido que ele tinha unhas tão extraordinárias. Weston terminou então a operação, jogou fora a vítima ensanguentada e olhou para o alto. Seus olhos se encontraram.

Se Ransom nada disse, foi porque não conseguiu falar. Via um homem que sem dúvida não estava doente, a julgar por sua postura tranquila e pelo uso poderoso que acabava de fazer dos dedos. Ele via um homem que certamente era

Weston, levando-se em conta sua altura, compleição, cor e feições. Nesses aspectos, ele era perfeitamente reconhecível. Mas o apavorante era que ele também era irreconhecível. Ele não parecia doente; mas estava muito semelhante a um morto. O rosto que ergueu depois de torturar a rã tinha aquele poder medonho que o rosto de um cadáver às vezes tem de simplesmente repudiar qualquer atitude humana concebível que se possa adotar diante dele. A boca sem expressão, o olhar fixo, sem pestanejar, alguma coisa pesada e inorgânica nas próprias pregas das bochechas, falou com clareza.

– Tenho feições como você, mas não há nada em comum entre mim e você. – Foi isso o que deixou Ransom sem fala. O que poderia dizer? Que apelo ou ameaça poderia ter qualquer significado... para *aquilo*? E agora, abrindo caminho à força até sua consciência, descartando todos os hábitos mentais e todo o anseio de não crer, vinha a convicção de que de fato aquilo não era um homem: que o corpo de Weston era mantido, andando e a salvo da decomposição, em Perelandra, por algum tipo de vida totalmente diferente, e que Weston em si já se fora.

A coisa olhou para Ransom em silêncio e, por fim, começou a sorrir. Todos já falamos com frequência – o próprio Ransom já tinha falado – de um sorriso diabólico. Agora, ele percebia que nunca tinha levado as palavras a sério. O sorriso não era amargo, nem furioso, nem sinistro em um sentido normal. Nem mesmo era um sorriso de zombaria. Ele parecia convocar Ransom, com uma horrível ingenuidade de boas-vindas, para o interior do mundo dos seus próprios prazeres, como se todos os homens estivessem de acordo quanto a esses prazeres, como se eles fossem a coisa mais natural do mundo e jamais pudesse ter havido discordância a seu respeito. Não era furtivo, nem envergonhado, não havia nada de conspiração nele. Ele não desafiava a bondade; ele a descartava até o ponto da extinção. Ransom percebeu que até então nunca tinha visto nada que não fossem esforços desanimados e embaraçados. Essa criatura era entusiasmada. A qualidade extrema de sua maldade tinha ultrapassado todos os esforços para entrar em determinado estado de horrível semelhança com a inocência. Ele estava acima do pecado como a Dama estava acima da virtude.

A imobilidade e o sorriso duraram talvez dois minutos inteiros, não menos. E então Ransom fez menção de dar um passo na direção da criatura, sem nenhuma noção clara do que faria quando chegasse a ela. Ele tropeçou e caiu. Teve uma estranha dificuldade para se levantar e, quando conseguiu ficar de pé, desequilibrou-se para o outro lado e caiu pela segunda vez. Veio então um momento de escuridão, cheio do barulho de ruidosos trens expressos. Depois disso, voltaram o céu dourado e as ondas coloridas; e Ransom soube que estava só e que estava se recuperando de um desmaio. Enquanto estava ali deitado,

ainda incapaz de se levantar e talvez sem disposição para tanto, ocorreu-lhe que, em certos filósofos e poetas antigos, ele tinha lido que a mera visão dos demônios era um dos maiores tormentos do Inferno. Até agora, isso lhe parecia nada mais do que uma fantasia antiquada. Entretanto (como ele agora via), até mesmo as crianças são mais sabidas: nenhuma criança teria a menor dificuldade para entender que talvez existisse um rosto cuja mera contemplação fosse uma calamidade final. As crianças, os poetas e os filósofos estavam com a razão. Assim como existe um Rosto acima de todos os mundos, cuja mera visão é uma alegria irrevogável, também no fundo de todos os mundos está à espera um rosto cuja mera visão é a desventura da qual nenhum ser que a contemple conseguirá se recuperar. E embora parecesse haver, e de fato houvesse, mil caminhos pelos quais um homem pudesse passar pelo mundo, não havia um único que não levasse mais cedo ou mais tarde à Visão Beatífica ou à Visão Desventurada. Ele próprio tinha visto, é claro, apenas uma máscara ou leve esboço dessa visão. Mesmo assim, não tinha certeza se sobreviveria.

Conseguiu levantar-se e partiu em busca da criatura. Precisava tentar impedir seu encontro com a Dama, ou pelo menos estar presente quando eles se encontrassem. O que poderia fazer, ele não sabia; mas estava claro, fora de qualquer evasiva, que era para isso que fora enviado. O corpo de Weston, transportado em uma espaçonave, tinha sido a ponte através da qual alguma outra coisa invadira Perelandra: não fazia diferença se fosse aquele mal original e supremo que em Marte é chamado de O Torto ou um de seus seguidores inferiores. Ransom ficou arrepiado, e seus joelhos batiam um no outro. Surpreendeu-o o fato de poder experimentar um terror tão extremo e ainda assim conseguir caminhar e pensar, como homens na guerra ou na enfermidade, surpresos com tudo o que são capazes de suportar. “Isso vai nos enlouquecer”, “Vai significar nossa morte”, dizemos. E então, quando acontece, descobrimos que nem enlouquecemos nem morremos, mas continuamos fiéis à tarefa.

O tempo mudou. A planície em que andava se adensou para formar uma onda de terra. O céu ficou mais claro; logo estava mais para o amarelo-claro do que para o dourado. O mar escureceu, quase chegando à cor do bronze. Rapidamente a ilha escalava montanhas de água de tamanho considerável. Uma vez ou duas, Ransom precisou se sentar para descansar. Depois de algumas horas (pois avançava muito devagar), de repente viu duas figuras humanas naquilo que temporariamente era a linha do horizonte. No instante seguinte, com a subida do terreno entre ele e os dois, estavam fora do seu alcance visual. Ransom levou cerca de meia hora para alcançá-los. O corpo de Weston estava oscilando e se equilibrando para adaptar-se a cada mudança no chão, de uma forma da qual o verdadeiro Weston seria incapaz. Estava conversando com a Dama. E o que

surpreendeu Ransom mais que tudo foi que ela continuou a escutar a criatura sem se voltar para dar-lhe boas-vindas, ou mesmo para comentar sua chegada quando ele veio e se sentou ao lado dela na relva macia.

– É mesmo uma enorme abertura – dizia a criatura. – Essa criação de histórias ou poesia sobre coisas que poderiam ser, mas não são. Se você recuar diante disso, não estaria recusando o fruto que lhe é oferecido?

– Não é da criação de uma história que eu recuo, ó Forasteiro – respondeu ela –, mas dessa história específica que você pôs na minha cabeça. Eu posso criar histórias sobre meus filhos ou sobre o Rei. Posso inventar que os peixes voam e os bichos da terra nadam. Mas se tento criar a história sobre a vida na Terra Fixa, não sei como lidar com Maleldil nela. Porque, se eu disser que Ele mudou Sua ordem, a história não funciona. Se eu disser que estamos morando lá contra a Sua ordem, é como se o céu estivesse negro; é como se não pudesse beber a água; não se pudesse respirar o ar. Mas também não consigo ver o prazer de tentar criar essas coisas.

– Para torná-la mais sábia, mais velha – disse o corpo de Weston.

– Você tem certeza de que esse será o resultado? – perguntou ela.

– Tenho... certeza absoluta – respondeu a criatura. – É assim que as mulheres do meu mundo se tornaram tão importantes e tão belas.

– Não lhe dê ouvidos – interrompeu Ransom. – Mande-o embora. Não escute o que ele diz, nem pense nisso.

Ela voltou-se para Ransom pela primeira vez. Tinha ocorrido uma levíssima mudança em seu rosto desde a última vez em que se viram. O rosto não estava triste nem profundamente confuso, mas a insinuação de algo precário tinha aumentado. Por outro lado, ela estava nitidamente feliz de vê-lo, embora surpresa com sua interrupção. E as primeiras palavras que disse revelaram que o fato de não tê-lo cumprimentado quando da sua chegada resultava de nunca ter ela imaginado a possibilidade de uma conversa entre mais de dois interlocutores. E, durante o resto daquele encontro, seu desconhecimento das técnicas da conversa comum conferiu um aspecto curioso e inquietante a toda a cena. Ela não tinha noção de como relancear o olhar de um rosto para outro, ou de como desenredar dois comentários ao mesmo tempo. Às vezes, ela se dedicava totalmente a escutar Ransom, às vezes totalmente o outro; mas nunca os dois.

– Por que você começa a falar antes que esse homem tenha terminado, Malhado? – indagou ela. – Como eles agem no seu mundo, onde vocês são muitos e deve ser frequente que mais de dois estejam juntos? Eles não falam

cada um por sua vez? Ou vocês têm uma arte de entender mesmo quando todos falam juntos? Não tenho idade bastante para compreender isso.

– Não quero que você ouça nada do que ele diz – disse Ransom. – Ele é... – e então hesitou. “Mau”, “mentiroso”, “inimigo”, nenhuma dessas palavras, por enquanto, teria o menor significado para ela. Esforçando-se ao máximo, ele pensou na sua conversa anterior com ela a respeito do grande *eldil* que tinha se apegado ao bem antigo e recusado o bem novo. É, aquela seria a única abordagem do conceito de mal que ela entenderia. Ransom estava prestes a falar, mas era tarde demais. A voz de Weston antecipou-se à dele.

– Esse Malhado – disse a criatura – não quer que você me ouça, porque ele quer mantê-la jovem. Ele não quer que você passe para os novos frutos que nunca provou até agora.

– Mas como ele poderia querer me manter mais jovem?

– Você ainda não percebeu – disse o corpo de Weston – que Malhado é daqueles que sempre se encolhem diante da onda que vem na nossa direção e, se pudesse, gostaria de trazer de volta a onda que passou? Ele não deixou transparecer isso logo na primeira conversa que vocês tiveram? Ele não sabia que tudo estava mudado desde que Maleldil se tornou homem e que agora todas as criaturas dotadas de razão serão homens. *Você* teve de ensinar isso a ele. E, quando aprendeu, ele não acolheu bem a ideia. Ele se entristeceu ao saber que não haveria mais dos velhos povos peludos. Se pudesse, ele traria de volta o velho mundo. E quando você pediu que lhe ensinasse a Morte, ele não quis. Ele queria que você continuasse jovem, que não aprendesse a Morte. Não foi ele quem pôs pela primeira vez na sua cabeça o pensamento de que era possível não desejar a onda que Maleldil fazia rolar na sua direção, de que era possível encolher-se tanto que se teria a disposição de decepar braços e pernas para impedir sua chegada?

– Você está querendo dizer que ele é tão jovem assim?

– Ele é o que no meu mundo chamamos de Mau – disse o corpo de Weston. – Aquele que rejeita o fruto que lhe é dado em troca do fruto que esperava ou do fruto que encontrou da última vez.

– Então precisamos torná-lo mais velho – disse a Dama; e, embora ela não olhasse para Ransom, toda a Rainha e Mãe que existia nela se revelou a ele, e ele soube que ela lhe queria, e a todas as coisas, infinitamente bem. E ele... ele não podia fazer nada. Sua arma fora-lhe arrancada da mão.

– E você se dispõe a nos ensinar a Morte? – disse a Dama para o vulto de Weston, que estava em pé acima dela.

– Sim – disse a criatura –, foi para isso que vim, para que você tenha Morte em abundância. Mas vai precisar de muita coragem.

– *Coragem*. O que é isso?

– É o que a faz nadar em um dia em que as ondas são tão grandes e velozes que alguma coisa dentro de você lhe pede para ficar na terra.

– Sei. E de todos, esses são os melhores dias para nadar.

– É. Mas para encontrar a Morte e, com a Morte, a verdadeira velhice, a forte beleza e a ramificação máxima, é preciso mergulhar em coisas muito maiores que ondas.

– Continue. Suas palavras são diferentes de todas as que já ouvi. São como a bolha que estoura na árvore. Elas me fazem pensar em... em... não sei em que elas me fazem pensar.

– Direi palavras mais importantes que essas; mas devo esperar até que você esteja mais velha.

– Faça-me mais velha.

– Dama, Dama – atalhou Ransom –, será que Maleldil não quer torná-la mais velha a Seu próprio tempo e a Seu próprio modo? E isso não seria muito melhor?

O rosto de Weston não se voltou na sua direção nesse nem em qualquer outro momento da conversa, mas sua voz, dirigida totalmente à Dama, respondeu à interrupção de Ransom.

– Está vendo? – disse ele. – Embora não pretendesse nem desejasse que fosse assim, ele mesmo fez que você visse alguns dias atrás que Maleldil está começando a ensiná-la a andar sozinha, sem segurá-la pela mão. Essa foi a primeira ramificação. Quando você chegou a esse conhecimento, foi ficando realmente velha. E desde então Maleldil permitiu que você aprendesse muito, não por Sua própria voz, mas pela minha. Você está se tornando dona do seu nariz. É isso o que Maleldil quer que você faça. É por isso que Ele permitiu que você fosse separada do Rei e até, de certo modo, d’Ele mesmo. Seu método para torná-la mais velha é fazer que você mesma se torne mais velha. E no entanto esse Malhado preferiria que você ficasse parada à espera de que Maleldil fizesse tudo.

– O que devemos fazer com Malhado para torná-lo mais velho? – disse a Dama.

– Acho que não poderá ajudá-lo enquanto você mesma não for mais velha – disse a voz de Weston. – Você ainda não tem como ajudar ninguém. Você é como uma árvore sem frutos.

– Palavras muito verdadeiras – disse a Dama. – Continue.

– Então escute – disse o corpo de Weston. – Você compreendeu que é uma espécie de desobediência esperar pela voz de Maleldil quando Maleldil deseja que você caminhe sozinha?

– Acho que compreendi.

– O tipo errado de obediência pode ser em si uma desobediência.

A Dama pensou por alguns instantes e então bateu palmas.

– Entendi – disse ela. – Entendi! Ah, como você me torna mais velha! Até agora, corri atrás de um animal por diversão. E o animal entendeu e correu de mim. Se ele tivesse ficado parado e deixado que eu o pegasse, teria sido um tipo de obediência, mas não o melhor tipo.

– Você está entendendo muito bem. Quando você tiver crescido, será ainda mais sábia e mais bela que as mulheres do meu próprio mundo. E você entende que poderia ser assim com as ordens de Maleldil.

– Acho que não vejo com tanta clareza.

– Você tem certeza de que Ele realmente deseja ser sempre obedecido?

– Como podemos não obedecer ao que amamos?

– O animal que fugiu amava você.

– Eu me pergunto – disse a Dama – se é a mesma coisa. O animal sabe muito bem quando quero que ele fuja e quando quero que ele venha a mim. Mas Maleldil nunca nos disse que qualquer palavra ou obra Sua era uma brincadeira. Como poderia nosso Amado precisar brincar ou se divertir como nós precisamos? Ele é todo uma alegria ardente e uma força. É como pensar que Ele precisaria de sono ou de alimento.

– Não, não seria uma brincadeira. É só uma coisa parecida, não a coisa em si. Mas será que a retirada da sua mão da d’Ele, o amadurecimento completo, o caminhar por sua própria conta... será que isso poderia um dia ser perfeito se você, pelo menos uma vez, não tivesse *parecido* desobedecer a Ele?

– Como se poderia *parecer* desobedecer?

– Fazendo o que Ele somente *pareceu* proibir. Talvez haja uma ordem que Ele deseje que você desrespeite.

– Mas se Ele nos dissesse que devíamos desrespeitá-la, ela deixaria de ser uma ordem. E, se não dissesse, como poderíamos saber?

– Como você está ficando sábia, bela mulher – disse a boca de Weston. – Não. Se Ele lhe dissesse para desrespeitar o que Ele ordenou, a ordem não seria verdadeira, como você percebeu. Pois você tem razão, Ele não brinca. Uma desobediência real, uma ramificação real, é isso o que Ele anseia em segredo. Em segredo, porque dizer-lhe estragaria tudo.

– Começo a me perguntar – disse a Dama, depois de uma pausa – se você é assim tão mais velho que eu. Sem dúvida o que está dizendo é como um fruto sem sabor algum! Como se pode andar fora da vontade d’Ele se não for para entrar em algo que não pode ser desejado? Será que devo começar a tentar não amá-Lo, ou não amar o Rei, ou os animais? Seria como tentar andar na água ou nadar nas ilhas. Devo tentar não dormir, não beber nem rir? Acreditei que suas palavras tinham um significado. Mas agora parece que não têm nenhum. Sair da vontade d’Ele é entrar no nada.

– Isso vale para todas as Suas ordens, menos para uma.

– Mas é possível que somente essa seja diferente?

– Mais do que isso, você mesma vê que é diferente. Essas outras ordens d’Ele, amar, dormir, encher este mundo com seus filhos, você vê sozinha que são boas. E elas são as mesmas em todos os mundos. No entanto, a proibição de morar na Ilha Fixa não é. Você já aprendeu que Ele não deu nenhuma ordem semelhante no meu mundo. E você não consegue enxergar em que ponto essa ordem é boa. Não surpreende. Se ela fosse realmente boa, Ele não deveria tê-la imposto a todos os mundos, sem exceção? Pois como Maleldil poderia não ordenar o que fosse bom? Não há *nada* de bom nela. O próprio Maleldil está lhe mostrando isso, neste instante, através da sua razão. Trata-se de uma mera ordem. É uma proibição somente por proibir.

– Mas por quê...?

– Para que você a desrespeite. Que outra razão poderia haver? Ela não é boa. Não vale para outros mundos. Ela se interpõe entre você e toda a vida estabilizada, todo o controle dos seus próprios dias. Maleldil não lhe está mostrando com a máxima clareza possível que ela foi criada como um teste, como uma onda enorme que você terá de superar para tornar-se realmente velha, realmente separada d’Ele?

– Se isso é tão importante para mim, por que Ele não põe nada disso na minha cabeça? Tudo está vindo de você, Forasteiro. Não há nem mesmo um sussurro da Voz concordando com suas palavras.

– Mas você não percebe que não pode haver? Ele anseia... ah, como anseia imensamente... por ver Sua criatura tornar-se inteira, levantar-se por sua própria razão e por sua própria coragem, até mesmo contra Ele. Mas como poderia Ele dizer à criatura que agisse assim? Isso estragaria tudo. Qualquer coisa que a criatura fizesse depois disso seria apenas mais um passo dado com Ele. Esta é a única coisa entre todas as que Ele deseja na qual Ele não deve interferir. Você acha que Ele não está cansado de não ver nada além de Si Mesmo em tudo o que

fez? Se isso o satisfizesse, por que Ele chegaria a criar? Para descobrir o Outro... aquilo cuja vontade já não é a d'Ele... é esse o desejo de Maleldil.

– Se eu ao menos pudesse saber...

– Ele não deve lhe dizer. Ele não pode lhe dizer. O máximo que Ele pode fazer para você saber é permitir que alguma outra criatura lhe diga no lugar d'Ele. E veja, Ele já fez isso. Terá sido por nada, ou contra a vontade d'Ele, que viajei pela Imensidão dos Céus para ensinar-lhe o que Ele queria que você soubesse mas que Ele próprio não lhe poderia ensinar?

– Dama – disse Ransom –, se eu falar, está disposta a me ouvir?

– Com prazer, Malhado.

– Esse homem disse que a lei contra morar na Ilha Fixa é diferente das outras Leis, porque não é a mesma para todos os mundos e porque não conseguimos ver sob que aspecto ela é boa. E até aí ele falou bem. Mas então ele diz que esse tipo de diferença é para que você desobedeça a ela. Mas talvez haja outra razão.

– Que razão, Malhado?

– Creio que Ele criou uma lei desse tipo para que houvesse obediência. Em todas essas outras questões, o que você chama de obedecer a Ele não passa de fazer o que lhe parece bom também aos seus olhos. O amor se contenta com isso? Você faz essas coisas, realmente, porque elas são a vontade d'Ele, mas não só porque são a vontade d'Ele. Onde você pode provar a alegria de obedecer a menos que Ele lhe ordene fazer algo para o qual a ordem d'Ele é a *única* razão? Na última vez em que nos falamos, você disse que, se mandasse os animais andar de cabeça para baixo, eles adorariam obedecer. Por isso sei que você compreende bem o que estou dizendo.

– Ah, grande Malhado – disse a Dama Verde –, essas foram suas melhores palavras até agora. Isso me deixa muito mais velha. E, no entanto, não me parece semelhante à velhice que esse outro me está oferecendo. Ah, como vejo perfeitamente! Não podemos sair da vontade de Maleldil; mas Ele nos deu um meio de sair da *nossa* vontade. E nenhum meio semelhante poderia existir a não ser por um mandamento como esse. Fora da nossa própria vontade. É como passar pelo teto do mundo para a Imensidão dos Céus. Tudo mais além é o Amor em Si. Eu sabia que havia alegria em contemplar a Ilha Fixa e abandonar qualquer pensamento de jamais morar lá, mas até agora eu não compreendia. – Seu rosto estava radiante enquanto ela falava, quando uma sombra de confusão o atravessou. – Malhado, se você é tão jovem, como esse outro diz, como sabe essas coisas?

– Ele diz que sou jovem, mas eu digo que não.

A voz do rosto de Weston falou de repente, e veio mais forte e mais grave do que antes, além de menos parecida com a voz de Weston.

– Sou mais velho que ele – disse a voz – e ele não ousa negar isso. Antes que as mães das mães da mãe dele fossem concebidas, eu já era mais velho do que ele poderia calcular. Estive com Maleldil na Imensidão dos Céus, onde ele nunca esteve, e ouvi os concílios eternos. E na ordem da criação sou maior que ele e, diante de mim, ele não tem nenhuma importância. Não é verdade? – O rosto cadavérico nem mesmo agora se voltou na direção de Ransom, mas tanto a criatura quanto a Dama pareceram esperar que Ransom respondesse. A falsidade que lhe ocorreu morreu nos seus lábios. Naquele ar, mesmo quando a verdade parecia fatal, somente a verdade serviria. Umedecendo os lábios e sufocando uma sensação de náusea, ele respondeu.

– No meu mundo, ser mais velho nem sempre é ser mais sábio.

– Olhe para ele – disse o corpo de Weston à Dama. – Veja como suas faces se tornaram pálidas e como sua testa está úmida. Você não viu esse tipo de coisa antes; e vai vê-las com maior frequência de agora em diante. É isso o que acontece... é o início do que acontece... com criaturas ínfimas quando enfrentam as poderosas.

Um intenso arrepio de medo percorreu a espinha de Ransom. O que o salvou foi o rosto da Dama. Sem ser atingida pelo mal tão próximo dela, afastada como se estivesse a dez anos de distância, enfurnada na região da sua própria inocência, e por essa inocência ao mesmo tempo tão protegida e tão ameaçada, ela olhou para o alto, para a Morte, em pé ali acima dela, realmente confusa, mas não além dos limites de uma curiosidade animada, e falou.

– Mas ele estava certo, Forasteiro, acerca dessa proibição. É você que precisa se tornar mais velho. Não consegue ver?

– Sempre vi o todo, daquilo de onde ele vê não mais que a metade. É a perfeita verdade que Maleldil lhe deu um meio para sair de sua própria vontade... mas por sua vontade mais profunda.

– E que vontade é essa?

– No momento, sua vontade mais profunda é obedecer a Ele, ser sempre como é agora, somente um animal ou um filho muito novo d'Ele. Sair disso é difícil. As dificuldades no caminho foram feitas para que somente os muito grandes, os muito sábios, os muito corajosos ousassem andar por ele, prosseguir, saindo da pequenez em que você agora vive, atravessando a onda escura de Sua proibição, para entrar na vida real, na Vida Profunda, com toda a sua alegria, esplendor e dificuldade.

– Preste atenção, Dama – disse Ransom. – Há uma coisa que ele não lhe contou. Toda essa conversa já aconteceu antes. Isso que ele quer que você experimente já foi experimentado. Muito tempo atrás, quando nosso mundo começou, havia somente um homem e uma mulher nele, como você e o Rei neste mundo. E lá no passado ele se pôs, como se põe agora, a conversar com a mulher. O homem a havia encontrado sozinha, como ele a encontrou sozinha agora. E ela lhe deu ouvidos e fez a coisa que Maleldil lhe proibira. Mas disso não resultou alegria nem esplendor. Não posso lhe contar o resultado porque você não tem nenhuma imagem dele na sua mente. Mas todo amor foi perturbado e se esfriou; e a voz de Maleldil tornou-se difícil de ouvir, de modo que a sabedoria se expandiu pouco entre eles. E a mulher voltou-se contra o homem; e a mãe, contra o filho. E quando quiseram comer, não havia frutos nas árvores. E a busca pela comida passou a tomar todo o seu tempo, de modo que sua vida se estreitou, em vez de se expandir.

– Ele escondeu metade do que aconteceu – disse a boca cadavérica de Weston. – Daquilo resultou dificuldade, mas também esplendor. Com as próprias mãos, eles fizeram montanhas maiores do que sua Ilha Fixa. Fizeram para si mesmos Ilhas Flutuantes maiores do que as suas, que eles conseguiam movimentar à vontade pelo oceano com maior velocidade que a de qualquer ave. Como nem sempre havia alimento suficiente, uma mulher poderia dar o único fruto para seu filho ou seu marido e comer a morte no lugar, ela podia lhes dar tudo, como você na sua vidinha estreita de brincadeiras, beijos e cavalgadas em peixes nunca fez, nem fará enquanto não desobedecer ao mandamento. Como o conhecimento era mais difícil de encontrar, os poucos que o encontraram tornaram-se belos e superaram seus companheiros como você supera os animais. E milhares lutavam por seu amor...

– Acho que agora vou dormir – disse a Dama, repentinamente. Até aquele ponto, ela vinha escutando o corpo de Weston, com a boca aberta e os olhos arregalados; mas quando ele falou das mulheres com milhares de amantes, ela bocejou, com o bocejo espontâneo e sem disfarces de um gatinho.

– Ainda não – disse o outro. – Ainda não terminei. Ele não lhe disse que foi a desobediência a esse mandamento que trouxe Maleldil ao nosso mundo e que foi por esse motivo que Ele se fez homem. Ele não se atreve a negar.

– Você diz isso, Malhado? – perguntou a Dama.

Ransom estava sentado com os dedos trançados com tanta força que as articulações estavam brancas. A injustiça daquilo tudo o feria como arame farpado. Injusto... injusto. Como Maleldil poderia esperar que ele lutasse contra aquilo, que lutasse quando todas as armas lhe tinham sido tiradas, proibido de

mentir e no entanto levado a situações em que dizer a verdade parecia fatal? Era injusto! Um súbito impulso de rebelião arrebatada surgiu nele. Daí a um segundo, a dúvida abateu-se sobre ele como uma onda enorme. E se o inimigo estivesse certo no final das contas? *Felix peccatum Adae*. Até mesmo a Igreja lhe diria que algum bem acabou resultando da desobediência. É, e também era verdade, que ele, Ransom, era uma criatura tímida, um homem que se encolhia diante de coisas novas e difíceis. De que lado, afinal, estava a tentação? O progresso passou diante dos seus olhos em uma grande visão momentânea: cidades, exércitos, altos navios, bibliotecas, fama e a magnificência da poesia jorrando como uma fonte a partir das obras e ambições dos homens. Quem poderia ter certeza de que a Evolução Criativa não era a verdade mais profunda? De todos os tipos de cantinhos secretos na sua própria mente, de cuja existência ele jamais havia suspeitado, algo impetuoso, inebriante e delicioso começou a brotar, para se derramar em direção à forma de Weston. “É um espírito, é um espírito”, dizia essa voz interior, “e você é só um homem. Ele passa de século em século. Você é só um homem...”

– Você diz isso, Malhado? – perguntou a Dama pela segunda vez.

Rompeu-se o encantamento.

– Vou lhe dizer o que penso – respondeu Ransom, pondo-se em pé de um salto. – É claro que daquilo resultou o bem. Será que Maleldil é um animal cuja caminhada podemos impedir? Ou uma folha para que possamos torcer Sua forma? Não importa o que você faça, ele extrairá algum bem dali. Mas não o bem que Ele tinha preparado para você se você tivesse obedecido a Ele. Esse bem está perdido para sempre. O primeiro Rei e a primeira Mãe do nosso mundo fizeram o que era proibido. E Ele tirou o bem dali no final. Mas o que eles fizeram não foi bom; e o que perderam, nós não vimos. E houve alguns para quem nenhum bem veio, nem jamais virá. – Ele se voltou para o corpo de Weston. – Você – disse ele –, conte-lhe tudo. Que bem chegou a você? *Você* se rejubila por Maleldil ter se feito homem? Fale a ela das *suas* alegrias e das vantagens que obteve quando fez que Maleldil e a morte se conhecessem.

No instante que se seguiu a essas palavras, aconteceram duas coisas totalmente diferentes da experiência terrena. O corpo que tinha sido de Weston levantou a cabeça para trás, abriu a boca e deu um uivo longo e melancólico, como o de um cachorro; e a Dama deitou-se, completamente desinteressada, fechou os olhos e adormeceu de imediato. E, enquanto essas duas coisas aconteciam, o trecho de chão no qual os dois homens estavam em pé e a mulher, deitada, descia em alta velocidade por uma enorme encosta de água.

Ransom mantinha os olhos fixos no inimigo, mas ele não lhe dava a menor atenção. Seus olhos se mexiam como os olhos de um homem vivo, mas era difícil saber com certeza o que ele estava olhando, ou se ele de fato usava os olhos como órgãos da visão. Tinha-se a impressão de uma força que, com a inteligência, mantinha as pupilas daqueles olhos fixas em uma direção conveniente enquanto a boca falava, mas que, para seus próprios objetivos, usava meios de percepção totalmente diferentes. A criatura sentou-se perto da cabeça da Dama, do lado oposto a Ransom. Se é que aquilo pudesse se chamar sentar. O corpo não chegou à posição agachada pelos movimentos normais de um homem. Era mais como se alguma força externa o tivesse manobrado para a posição correta e depois o tivesse deixado cair. Era impossível identificar qualquer movimento isolado que fosse decididamente não humano. Ransom tinha a sensação de estar observando uma imitação de movimentos vivos muito bem estudada e que estava tecnicamente correta. Mas de algum modo faltava-lhe o toque magistral. E ele se sentiu enregelar com um horror indizível, típico de medos noturnos infantis, da criatura com quem tinha de lidar – o cadáver manobrado, a assombração, o Não Homem.

Nada restava a fazer senão vigiar: permanecer ali sentado, para sempre, se necessário, protegendo a Dama do Não Homem, enquanto a ilha escalava interminavelmente os Alpes e Andes de água lustrosa. Todos os três estavam muito parados. Animais e aves chegavam com frequência e os contemplavam. Horas mais tarde o Não Homem começou a falar. Ele nem mesmo olhou na direção de Ransom. Devagar e de modo desajeitado, como se acionado por algum engenho que necessitasse de lubrificação, ele fez sua boca e lábios pronunciarem o nome do outro.

– Ransom – disse ele.

– Pois não – disse Ransom.

– Nada – respondeu o Não Homem. Ransom lançou um olhar de indagação para a criatura. Teria ela enlouquecido? Mas, como antes, parecia mais morta que louca, sentada ali com a cabeça baixa, a boca um pouco aberta, um pouco de poeira amarela do musgo acumulada nas rugas das faces, as pernas cruzadas como as de um alfaiate, e as mãos, com suas unhas compridas, de aparência metálica, com as palmas pressionadas juntas no chão à sua frente. Ransom expulsou o problema da sua mente e se voltou para seus próprios pensamentos desagradáveis.

– Ransom – disse a criatura novamente.

– Que foi? – disse Ransom, grosseiro.

– Nada – respondeu a criatura.

Mais uma vez fez-se silêncio. E mais uma vez, cerca de um minuto depois, a boca horrível falou.

– Ransom! – Dessa vez ele não respondeu. Mais um minuto e ela pronunciou seu nome outra vez. E depois como um canhão que atira de minuto em minuto – Ransom... Ransom... Ransom... – talvez umas cem vezes.

– Afinal de contas, o que você quer? – rugiu ele, por fim.

– Nada – respondeu a voz.

Da vez seguinte Ransom estava determinado a não responder. Mas, quando a voz o tinha chamado cerca de mil vezes, ele se descobriu respondendo a contragosto, e a criatura retrucou: “Nada.” Ele acabou conseguindo aprender a manter o silêncio: não que a tortura de resistir ao impulso de falar fosse menor que a tortura da resposta, mas porque alguma coisa nele se ergueu para enfrentar a segurança do atormentador de que ele acabaria por ceder. Se o ataque tivesse sido de alguma natureza mais violenta, talvez tivesse sido mais fácil resistir a ele. O que o paralisava e quase o amedrontava era a associação da maldade a algo quase infantil. Para tentações, blasfêmias, para toda uma série de horrores, ele estava de algum modo preparado; mas dificilmente para essa provocação mesquinha, incansável, como a de um menininho detestável em uma escola primária. Na realidade, nenhum horror imaginado poderia ter suplantado a sensação que crescia dentro dele, com a passagem vagarosa das horas, de que essa criatura era, por todos os padrões humanos, pelo avesso: com o coração na superfície, e a superficialidade no coração. Na superfície, grandes projetos e um antagonismo diante dos Céus que envolvia o destino dos mundos. Mas bem fundo, quando todos os véus tinham sido perfurados, será que existia, afinal de contas, nada além de uma puerilidade atroz, um despeito vazio e sem sentido, contente em se saciar com as crueldades mais ínfimas, como o amor que não desdenha as menores gentilezas? O que o mantinha firme, muito depois de ter desaparecido toda possibilidade de pensar em alguma outra coisa, era a decisão de que, se precisasse ouvir a palavra Ransom ou a palavra Nada um milhão de vezes, ele preferiria ouvir a palavra Ransom.

E, o tempo todo, a pequena terra da cor de pedras preciosas ia subindo na direção do firmamento amarelo, pairava lá no alto um instante e inclinava seus bosques para despencar veloz pelas profundezas mornas e lustrosas entre as ondas. E a Dama dormia ali, com um braço dobrado sob a cabeça e os lábios entreabertos. Sem dúvida dormia, pois seus olhos estavam fechados e sua respiração era normal. No entanto, não se assemelhava aos que dormem no nosso mundo, pois seu rosto estava cheio de expressão e inteligência; e seus membros pareciam estar prontos para se levantar, de um salto, a qualquer

momento. E no todo ela dava a impressão de que o sono não era algo que lhe acontecia, mas um ato que ela realizava.

E então subitamente fez-se noite.

– Ransom... Ransom... Ransom... Ransom – prosseguia a voz. E de repente ocorreu a Ransom que, embora em algum momento ele precisasse dormir, talvez o Não Homem não precisasse.

O sono provou realmente ser o problema. Pelo que pareceu um tempo enorme, cansado, com o corpo dolorido e logo com fome e sede também, ele ficou sentado imóvel na escuridão tentando não atentar para a repetição sem trégua de “Ransom... Ransom... Ransom”. Mas logo ele se descobriu escutando uma conversa cujo início sabia que não tinha ouvido e percebeu que tinha dormido. A Dama parecia estar falando muito pouco. A Voz de Weston falava constantemente e com suavidade. Não estava falando da Terra Fixa nem mesmo de Maleldil. Aparentemente estava contando, com enorme beleza e de modo comovente, uma série de histórias. E de início Ransom não conseguiu ver nenhuma conexão entre elas. Eram todas a respeito de mulheres, mas mulheres que pareciam ter vivido em períodos diferentes da história do mundo e em circunstâncias totalmente diversas. Pelas respostas da Dama, parecia que as histórias continham muitos detalhes que ela não compreendia. Mas, por estranho que pareça, o Não Homem não se importava. Se as perguntas provocadas por uma história qualquer provassem ser de difícil resposta, ele simplesmente abandonava aquela história e começava outra no mesmo instante. Todas as heroínas das histórias pareciam ter passado por sofrimentos descomunais: oprimidas pelos pais, repudiadas por maridos, abandonadas por amantes. Seus filhos tinham se voltado contra elas e a sociedade as tinha rejeitado. No entanto, todas as histórias, em certo sentido, tinham final feliz: às vezes com homenagens e louvores a uma heroína ainda viva, com maior frequência com o reconhecimento tardio e lágrimas inúteis após sua morte. À medida que o discurso interminável prosseguia, as perguntas da Dama iam se reduzindo. Algum significado para as palavras Morte e Tristeza – embora Ransom não pudesse sequer imaginar qual significado – estava aparentemente sendo criado na mente da Dama pela mera repetição. Por fim, ele começou a entender sobre que tema todas essas histórias versavam. Cada uma dessas mulheres tinha se apresentado sozinha e enfrentado um risco terrível por seu filho, seu amado ou seu povo. Cada uma tinha sido mal-entendida, insultada e perseguida; mas cada

uma também fora magnificamente inocentada pelo acontecimento. Os detalhes precisos nem sempre eram fáceis de acompanhar. Ransom tinha mais do que suspeitas de que muitas dessas valentes pioneiras tinham sido o que na linguagem terrena normal chamamos de bruxas ou depravadas. Mas tudo isso ficava em segundo plano. O que surgia das histórias era mais uma imagem do que uma ideia – a visão da forma alta e esguia, que não se curvava apesar de suportar o peso do mundo sobre os ombros, avançando destemida e sem amigos pelo desconhecido para fazer por outros o que aqueles outros lhe proibiam fazer e, no entanto, precisavam que fosse feito. E o tempo todo, como uma espécie de pano de fundo para esses vultos de deusas, a criatura ia construindo uma imagem do outro sexo. Nenhuma palavra foi proferida diretamente a respeito desse assunto. Mas era como se eles passassem a impressão de ser uma multidão enorme e meio obtusa, de criaturas pateticamente infantis e arrogantes de tanta complacência; seres tímidos, meticolosos, sem originalidade; vagarosos e bovinos, quase enraizados na terra por sua indolência, preparados para nada experimentar, para nada arriscar, para não exercer nenhum esforço; e capazes de serem alçados à vida plena somente pela virtude rebelde e sem reconhecimento de suas fêmeas. Era muito bem elaborado. Ransom, que tinha pouco orgulho do sexo masculino, descobriu-se por alguns instantes praticamente acreditando nessa impressão.

No meio disso, a escuridão foi rasgada de repente por um relâmpago. Alguns segundos depois veio uma fanfarra de trovões perelandrianos, como o toque de um pandeiro celestial, e depois disso uma chuva morna. Ransom não deu muita atenção à chuva. O relâmpago tinha lhe mostrado o Não Homem sentado perfeitamente empertigado, a Dama apoiada em um cotovelo, o dragão deitado, acordado junto da cabeça dela, um bosque mais adiante e enormes ondas em contraste com o horizonte. Ele estava pensando no que tinha visto. Perguntava-se como a Dama podia ver aquele rosto – aqueles maxilares em movimento monótono como se na realidade estivessem mastigando em vez de falando – e não saber que a criatura era malévola. Naturalmente ele percebia que essa sua atitude era irracional. Ele próprio era sem dúvida uma figura desagradável aos olhos dela. Ela não poderia ter nenhum conhecimento do que era o mal, nem da aparência normal do homem terreno, para orientar-se. Ele jamais tinha visto aquela expressão em seu rosto, revelada com o clarão repentino. Seus olhos não estavam fixos no narrador das histórias. No que dizia respeito a isso, seus pensamentos poderiam estar a milhares de quilômetros dali. Sua boca estava fechada e um pouco tensa. As sobancelhas, ligeiramente levantadas. Até então ele não a tinha visto tão parecida com uma mulher da nossa própria espécie. E ainda assim sua expressão não era das que se encontram com frequência na Terra

– a não ser, ele percebeu com espanto, no palco. “Como a rainha de uma tragédia”, foi a comparação repugnante que lhe ocorreu. Naturalmente esse era um exagero grosseiro. Era um insulto pelo qual ele não conseguia se perdoar. E no entanto... no entanto... o quadro vivo revelado pelo relâmpago tinha ficado fotografado no seu cérebro. Por mais que se esforçasse, ele descobria ser impossível não pensar naquela nova expressão no rosto dela. Sem dúvida, uma rainha trágica muito boa. A heroína de uma tragédia importante, representada com muita altivez por uma atriz que era uma boa mulher na vida real. Pelos padrões terrenos, uma expressão a ser louvada, até mesmo reverenciada. Contudo, lembrando-se de tudo o que tinha lido antes no seu semblante – o brilho espontâneo, a santidade brincalhona, a tranquilidade profunda que lhe lembrava às vezes a tenra infância e às vezes a extrema velhice enquanto a óbvia juventude e o valor do rosto e do corpo negavam as duas opções –, considerou essa nova expressão horripilante. O toque fatal da grandiosidade artificial, da emoção apreciada – a adoção, por menor que fosse, de um papel –, parecia uma vulgaridade odiosa. Talvez ela não estivesse fazendo mais – e Ransom tinha muita esperança de que não estivesse fazendo mais que isso – que reagindo de um modo puramente imaginativo a essa nova arte das Histórias ou da Poesia. Mas, por Deus, era melhor que não o fizesse. “Isso não pode continuar” foi a frase que se formulou sozinha em sua cabeça.

– Vou para onde as folhas nos protejam da chuva – disse a voz dela na escuridão. Ransom mal tinha percebido que estava se molhando. Em um mundo sem roupas isso tem menos importância. Mesmo assim, ele se levantou quando ouviu o movimento e a acompanhou da melhor forma possível, de ouvido. Parecia que o Não Homem estava fazendo o mesmo. Eles avançavam na escuridão total por uma superfície tão variável quanto a da água. De vez em quando, vinha mais um relâmpago. Via-se a Dama andando empertigada; o Não Homem, desleixado ao seu lado, com a camisa e o *short* de Weston agora encharcados e grudados no corpo; e o dragão, bamboleando e bufando mais atrás. Por fim, eles chegaram a um lugar onde o tapete sob os pés estava seco, e havia o tamborilar da chuva em folhas firmes lá no alto. Voltaram a deitar-se.

– E em outra época – começou o Não Homem imediatamente – havia uma rainha no nosso mundo que governava um pequeno país...

– Silêncio! – disse a Dama. – Vamos escutar a chuva. – E então acrescentou, depois de um instante: – Que foi isso? Algum animal que eu nunca tinha ouvido. – De fato, alguma coisa muito parecida com um rosnado baixo tinha sido emitida logo ao lado deles.

– Não sei – disse a voz de Weston.

– Acho que sei – disse Ransom.

– Silêncio! – disse a Dama novamente, e naquela noite nada mais se disse.

Esse foi o início de uma série de dias e noites dos quais Ransom se lembrou com ódio pelo resto da vida. Infelizmente ele estava correto na suposição de que seu inimigo não precisava dormir. Por sorte, a Dama precisava, mas sua necessidade era muito menor que a de Ransom; e, possivelmente, com o passar dos dias, ela viesse a dormir menos do que o necessário. Pareceu a Ransom que, sempre que cochilava, acordava para encontrar o Não Homem já em conversa com ela. Ransom estava morto de cansaço. Mal poderia ter suportado aquilo tudo, não fosse o fato de sua anfitriã com muita frequência dispensar os dois da sua presença. Nessas ocasiões, Ransom mantinha-se junto do Não Homem. Era uma trégua do combate principal, mas o descanso deixava muito a desejar. Ele não ousava deixar de ver o inimigo nem por um instante sequer, e a cada dia sua companhia se tornava mais intolerável. Ransom teve plena oportunidade de aprender como era falsa a máxima de que o Príncipe das Trevas era um cavalheiro. Muitas e muitas vezes, ele teve a sensação de que um Mefistófeles sutil e melífluo, com a capa vermelha, o espadim e uma pluma no chapéu, ou mesmo um Satã sombrio e trágico saído do *Paraíso perdido*, teria sido um alívio bem-vindo em comparação com a criatura que de fato estava condenado a vigiar. Não era de modo algum como lidar com um político corrupto: era muito mais parecido com a obrigação de vigiar um deficiente mental, um macaco ou uma criança muito irritante. O que lhe tinha causado atordoamento e repulsa quando a criatura começara a repetir “Ransom... Ransom...” continuou a causar-lhe aversão a cada dia e a cada hora. A criatura demonstrava bastante sutileza e inteligência quando em conversa com a Dama; mas Ransom logo percebeu que ela encarava a inteligência simples e exclusivamente como uma arma, que seu desejo de utilizá-la nas horas de folga não era maior que a vontade de um soldado de treinar o uso da baioneta quando não está de serviço. O pensamento era para o inimigo um mecanismo necessário para certos fins, mas o pensamento em si não era de seu interesse. Ele assumia a razão em termos tão externos e inorgânicos quanto tinha assumido o corpo de Weston. No instante em que a Dama estava fora do seu alcance, ele parecia regredir. Ransom passava boa parte do tempo protegendo os animais do Não Homem. Sempre que escapava de sua vigilância, ou mesmo quando estava poucos metros à sua frente, o Não Homem costumava agarrar qualquer bicho ou ave ao seu alcance e arrancar um pouco de pelo ou penas. Sempre que possível, Ransom procurava interpor-se entre ele e sua vítima. Em ocasiões como essas, houve momentos desagradáveis em que os dois ficaram se encarando. Nunca chegou a uma briga, porque o Não Homem apenas abria um sorriso e talvez cuspiisse e recuasse um pouco; mas, antes que

isso ocorresse, Ransom geralmente tinha a oportunidade de descobrir como era terrível o medo que sentia dele. Pois, lado a lado com a repugnância, o terror mais infantil de conviver com um fantasma ou com um cadáver mecanizado jamais o deixava por muitos minutos a fio. O fato de estar *sozinho* com ele às vezes se abatia sobre sua mente com tanta consternação que Ransom precisava recorrer a toda a sua razão para não ceder ao anseio de buscar companhia – seu impulso de sair correndo feito louco pela ilha até encontrar a Dama e implorar sua proteção. Quando o Não Homem não conseguia pegar animais, se contentava com plantas. Gostava de perfurar suas camadas externas com as unhas, desenterrar raízes, arrancar folhas ou até mesmo arrancar punhados de grama. Com o próprio Ransom, o Não Homem contava com inúmeras brincadeiras. Ele dispunha de todo um repertório de obscenidades a impor ao próprio corpo, ou melhor, ao de Weston. E a mera tolice delas era quase pior do que a baixeza. A criatura ficava sentada horas e horas fazendo caretas para Ransom. E depois, por mais algumas horas, voltava à antiga repetição de “Ransom... Ransom”. Muitas vezes, suas caretas apresentavam uma horrível semelhança com pessoas que Ransom conhecia e amava no nosso próprio mundo. Mas o pior de tudo eram aqueles momentos em que a criatura permitia que Weston voltasse ao seu semblante. Nessas horas, sua voz, que era sempre a voz de Weston, começava um murmúrio patético e hesitante.

– Muito cuidado, Ransom. Estou cá embaixo, no fundo de um enorme buraco negro. Não, não estou, não. Estou em Perelandra. Não estou pensando muito bem agora, mas isso não faz diferença, ele está pensando tudo por mim. Já vai ficar totalmente fácil. Esse menino não para de fechar as janelas. Tudo bem, eles arrancaram minha cabeça e puseram a de outra pessoa em mim. Logo, logo vou estar bem. Eles não querem me deixar ver meus recortes de jornal. E então cheguei e disse que, se eles não me queriam nos Quinze Primeiros, podiam muito bem se arranjar sem mim, entende? Vamos dizer a esse pirralho que é uma afronta aos examinadores apresentar esse tipo de trabalho. O que quero saber é por que eu deveria pagar uma passagem de primeira classe e não conseguir lugar para sentar. Não é justo. Não é justo. Nunca pretendi causar mal algum. Você poderia tirar um pouco desse peso de cima do meu peito. Não quero todas essas roupas. Deixe-me em paz. Deixe-me em paz. Não é justo. Não é justo. Que varejeiras enormes. Dizem que a gente se acostuma a elas. – E então ele terminava com o uivo canino. Ransom não conseguiu decidir se aquilo era um truque ou se uma energia psíquica em decomposição, que no passado tinha sido Weston, estava de fato espasmódica e desgraçadamente viva no interior do corpo que se encontrava ali sentado ao lado dele. Ransom descobriu que qualquer ódio que tivesse um dia sentido pelo Professor estava agora extinto.

Considerou natural orar fervorosamente pela sua alma. Entretanto, o que sentia por Weston não era exatamente pena. Até aquele instante, sempre que pensava no Inferno, ele imaginava as almas perdidas como se ainda fossem humanas. Agora, à medida que se escancarava diante dele o abismo medonho que separa o espectro do homem, a pena era quase absorvida pelo horror – pela incontrollável repulsa de sua vida interior pela Morte efetiva e autodestruidora. Se os restos de Weston estavam, nesses momentos, falando através dos lábios do Não Homem, era porque Weston já não era de modo algum um homem. As forças que, talvez anos atrás, tinham começado a consumir sua humanidade tinham agora completado a obra. A vontade inebriada que aos poucos envenenara a inteligência e os afetos agora por fim envenenava a si mesma, e todo o organismo psíquico desmoronava. Restava apenas um fantasma: uma inquietação permanente, um esboroamento, uma ruína, um cheiro de decomposição. “E esse”, pensou Ransom, “talvez seja meu destino; ou o dela.”

Estava claro, porém, que as horas passadas a sós com o Não Homem eram como as horas em uma área de retaguarda. A verdadeira atividade da vida era a conversa interminável entre o Tentador e a Dama Verde. Em uma avaliação feita hora a hora, era difícil calcular o progresso; mas, com o passar dos dias, Ransom não conseguiu resistir à convicção de que a evolução geral estava favorável ao inimigo. Havia, naturalmente, os altos e baixos. Com frequência, o Não Homem era inesperadamente repelido por alguma simplicidade que ele parecia não ter previsto. Muitas vezes, também, as próprias contribuições de Ransom ao terrível debate eram momentaneamente bem-sucedidas. Houve ocasiões em que ele pensou “Graças a Deus! Afinal vencemos!”. Mas o inimigo era incansável, e Ransom estava cada vez mais exausto. Com o tempo achou que podia ver sinais de que a Dama estava ficando cansada também. Por fim, enfrentou-a e implorou-lhe que mandasse os dois embora. Mas ela o censurou, e sua censura revelou como a situação já tinha se tornado perigosa.

– Devo eu descansar e brincar – perguntou ela – enquanto tudo isso depende de nós? Não. Só quando eu tiver certeza de que não existe nenhum grande feito a ser empreendido por mim pelo bem do Rei e dos filhos de nossos filhos.

Era a partir dessa linha de pensamento que o inimigo agora trabalhava quase exclusivamente. Embora a Dama não tivesse nenhuma palavra para Dever, o inimigo tinha feito que lhe parecesse ser algo como um Dever ela continuar a nutrir a ideia de desobediência, e conseguiu convencê-la de que seria uma covardia se ela o repelisse. A ideia do Grande Feito, do Grande Risco, de uma espécie de martírio, era apresentada a ela todos os dias, sob mil formas variadas. A noção de esperar para perguntar ao Rei antes da tomada de uma decisão tinha sido discretamente descartada. Qualquer “covardia” semelhante não deveria nem

ser cogitada. Todo o sentido da sua ação – toda a grandiosidade – estava em cumpri-la sem o conhecimento do Rei, deixando-o totalmente livre para repudiá-la, para que todos os benefícios fossem dele; e todos os riscos dela. E, com o risco, naturalmente, toda a magnanimidade, o patético, a tragédia e a originalidade. Além disso, insinuava o Tentador, de nada adiantaria perguntar ao Rei, pois ele decerto *não* aprovaria a ação: os homens eram assim. O Rei deveria ser forçado a ser livre. Agora, enquanto ela estava sozinha – agora ou nunca – o ato nobre deveria ser realizado. E com esse “Agora ou Nunca”, o inimigo começou a manipular um medo que a Dama parecia compartilhar com as mulheres da Terra – o medo de que a vida pudesse ser desperdiçada, que se deixasse passar alguma grande oportunidade.

– E se eu fosse uma árvore que poderia ter produzido cabaças e no entanto não produzisse nenhuma? – disse ela. Ransom tentou convencê-la de que filhos já eram frutos suficientes. Mas o Não Homem perguntou se não seria possível que essa sofisticada divisão da espécie humana em dois sexos não seria destinada a alguma outra finalidade que não a procriação – questão que poderia ter sido atendida com maior simplicidade, como era em muitas plantas. Daí a um instante, o Não Homem já estava explicando que homens como Ransom no seu próprio mundo – homens daquele tipo extremamente masculino e retrógrado que sempre se encolhia diante do novo bem – tinham trabalhado continuamente para manter a mulher restrita à procriação, deixando de lado o destino sublime para o qual Maleldil de fato a criara. Ele lhe disse que esses homens já tinham feito um mal incalculável. Que cabia a ela se certificar de que nada dessa natureza acontecesse em Perelandra. Foi nessa etapa que a criatura começou a ensinar-lhe muitas palavras novas: palavras como Criativo, Intuição e Espiritual. Mas esse foi um dos seus passos em falso. Quando por fim ele conseguiu que compreendesse o significado de “Criativo”, ela se esqueceu de tudo acerca do Grande Risco e da trágica solidão, e riu sem parar por um minuto inteiro. Finalmente, disse ao Não Homem que ele era ainda mais jovem que Malhado, e despachou os dois dali.

Ransom ganhou terreno com isso; mas no dia seguinte perdeu tudo quando se descontrolou. Com ardor maior do que o habitual, o inimigo estava tentando convencê-la da nobreza do altruísmo e da abnegação; e o encantamento parecia estar se aprofundando na mente dela a cada instante, quando Ransom, instigado além de todos os limites da paciência, pôs-se de pé de um salto e realmente investiu contra ela, falando rápido demais e quase gritando, se esquecendo até mesmo do solar arcaico e entremeando palavras em inglês na sua fala. Ransom tentava dizer-lhe que tinha visto esse tipo de “altruísmo” em atuação: dizer-lhe de mulheres que passavam mal de fome para não começar a refeição antes da

chegada do homem da casa, mesmo sabendo muito bem que não havia nada que o desagradasse mais; de mães que se desgastam para conseguir casar uma filha com um homem que a filha detesta; de Agripina e de Lady Macbeth.

– Será que você não vê – gritou Ransom – que ele a está fazendo dizer palavras que não significam nada? De que adianta dizer que você faria alguma coisa pelo bem do Rei, quando você sabe que é isso o que o Rei mais odiaria? Será que você é Maleldil para determinar o que é bom para o Rei? – Mas ela entendeu apenas uma pequena parte do que ele dizia e se sentiu confusa com sua atitude. O Não Homem tirou proveito dessa sua fala.

Contudo, através de todos esses altos e baixos, de todas as mudanças da linha de frente, de todos os contra-ataques, impasses e retiradas, Ransom chegou a ver com clareza cada vez maior a estratégia de toda a questão. A reação da Dama à sugestão de tornar-se uma pioneira trágica, que corre riscos, ainda era uma reação derivada principalmente do seu amor pelo Rei e pelos filhos por nascer, bem como, em certo sentido, pelo próprio Maleldil. A ideia de que Ele talvez não quisesse de fato ser obedecido ao pé da letra era a comporta pela qual toda a enxurrada de sugestões tinha sido admitida à sua mente. Misturada a essa resposta, porém, a partir do instante em que o Não Homem começou seus relatos trágicos, havia um ínfimo toque de teatralidade, a primeira insinuação de uma tendência narcísica de assumir um papel importantíssimo no drama do seu mundo. Estava claro que todo o esforço do Não Homem era no sentido de reforçar esse elemento. Enquanto ele não passasse de uma gota, por assim dizer, no oceano da mente dela, o inimigo não teria um sucesso real. Talvez, enquanto as coisas permanecessem como estavam, ela estivesse protegida da desobediência. Enquanto um motivo daqueles não se tornasse dominante, talvez nenhuma criatura racional pudesse de fato jogar fora a felicidade em troca de algo tão impreciso quanto o papo do Tentador sobre a Vida Mais Profunda e o Caminho para o Alto. O egoísmo velado na concepção da Revolta Nobre precisava ser intensificado. E Ransom acreditou, apesar de muitas recuperações por parte dela e dos muitos reveses sustentados pelo inimigo, que muito devagar mas perceptivelmente esse egoísmo estava se intensificando. Naturalmente, a complexidade da questão era cruel. O que o Não Homem dizia era sempre quase verdadeiro. Decerto devia fazer parte do plano Divino que essa criatura feliz amadurecesse, que se tornasse cada vez mais uma criatura de livre-arbítrio, que se tornasse, em certo sentido, mais distinta de Deus e do marido para, assim, estar em harmonia com ele de modo mais rico. Na realidade, ele tinha visto esse exato processo em andamento desde o momento em que a conhecera e, inconscientemente, tinha colaborado para ele. Essa tentação atual, se superada, seria em si o passo seguinte e mais importante na mesma direção: uma

obediência mais livre, mais ponderada, mais consciente do que tudo o que ela já conhecia, estava sendo posta ao seu alcance. Contudo, exatamente por essa razão, o passo em falso fatal, que, uma vez dado, a lançaria direto na terrível escravidão dos apetites, do ódio, da economia e do governo que nossa espécie conhece tão bem, poderia ser apresentado de modo que o fizesse parecer tão semelhante ao passo verdadeiro. O que fazia Ransom crer que o elemento perigoso no interesse da Dama estava crescendo era o desinteresse progressivo que ela apresentava pelo simples esqueleto intelectual do problema. Tornou-se mais difícil trazer sua mente de volta para os *dados* – uma ordem de Maleldil, uma total incerteza quanto ao efeito provocado por desrespeitá-la e uma felicidade presente tão grande que dificilmente qualquer mudança poderia ser para melhor. O enorme volume de imagens indistintamente esplêndidas que o Não Homem despertava e a importância transcendental da imagem central levavam tudo de roldão. Ela ainda estava na sua inocência. Nenhuma intenção malévola se formara na sua mente. Entretanto, mesmo que sua vontade não tivesse sido corrompida, parte da sua imaginação já estava repleta de formas brilhantes, venenosas. “Isso não pode continuar”, pensou Ransom pela segunda vez. Mas todos os seus argumentos se provaram ineficazes a longo prazo, e a situação continuou.

Houve então uma noite em que ele estava tão cansado que, mais para a manhã, caiu em um sono de chumbo e dormiu até tarde no dia seguinte. Quando acordou, descobriu que estava só. Um horror incrível abateu-se sobre ele.

– O que eu poderia ter feito? O que eu poderia ter feito? – gritou, pois acreditava que tudo estava perdido. Com o coração revoltado e a cabeça dolorida, foi cambaleando até a beira da ilha. Sua intenção era encontrar um peixe e perseguir os malandros até a Terra Fixa, para onde ele tinha poucas dúvidas de eles terem fugido. No amargor e na confusão de sua mente, ele se esqueceu de que não fazia a menor ideia da direção em que estava aquela terra agora nem a que distância ela se encontrava. Correndo pelos bosques, saiu para um lugar aberto e de repente descobriu que não estava só. Dois vultos humanos, com trajes que os cobriam até os pés, estavam postados diante dele, calados, debaixo do céu amarelo. Suas roupas eram da cor de púrpura e azuis. Na cabeça usavam diademas de folhas prateadas, e seus pés estavam descalços. Eles lhe pareceram ser um o mais feio e o outro o mais belo dos filhos do homem. Então um deles falou, e ele se deu conta de que não eram outros senão a Dama Verde em pessoa e o corpo atormentado de Weston. Os trajes eram de penas, e Ransom conhecia bem as aves perelandrianas das quais elas provinham. Já a arte com que estavam tecidas, caso se pudesse chamar de tecido, estava fora do alcance de sua compreensão.

– Seja bem-vindo, Malhado – disse a Dama. – Você dormiu muito. O que acha de nós com nossas folhas?

– Os pássaros – disse Ransom. – Coitadinhos dos pássaros! O que ele fez com eles?

– Ele encontrou as penas por aí – disse a Dama, despreocupadamente. – Eles as deixam cair.

– Por que fez isso, Mulher?

– Ele anda me deixando mais velha de novo. Por que você nunca me disse, Malhado?

– Disse-lhe o quê?

– Nós nunca soubemos. Esse aqui me ensinou que as árvores têm folhas e os animais têm pelos. E disse que no seu mundo os homens e as mulheres também usam coisas bonitas em torno do corpo. Por que não nos diz como estamos? Ai, Malhado, Malhado, espero que este não seja mais um bem novo do qual você retira sua mão. Não pode ser novidade para você, se todos fazem isso em seu mundo.

– Ah – disse Ransom –, mas lá é diferente. Faz frio.

– Foi o que o Forasteiro disse – respondeu ela. – Mas não em todas as partes do seu mundo. Ele diz que fazem isso mesmo onde faz calor.

– Ele lhe disse por que fazem isso?

– Para ficarem bonitos. Por que outro motivo? – disse a Dama, com algum assombro na expressão.

“Graças a Deus”, pensou Ransom, “ele só está lhe ensinando a vaidade”; pois tinha temido algo pior. Entretanto, seria possível, a longo prazo, usar roupas sem aprender o pudor, e através do pudor a sensualidade?

– Você acha que estamos mais bonitos? – perguntou a Dama, interrompendo seus pensamentos.

– Não – disse Ransom; e depois, corrigindo-se –, não sei. – Na verdade, a resposta não era fácil. Agora que a camisa e o *short* sem graça de Weston estavam escondidos, o Não Homem parecia uma criatura mais exótica, e portanto uma figura hedionda em termos mais imaginativos, menos desmazelados. Quanto à Mulher, não havia dúvida de que sua aparência estava de certo modo pior. Existe, porém, uma simplicidade na nudez, como falamos em pão “simples”. Uma espécie de riqueza, uma ostentação, uma concessão, por assim dizer, a concepções inferiores de beleza, tinha surgido com a veste púrpura. Pela primeira (e última) vez, naquele momento ela lhe pareceu uma mulher concebível de ser amada por um homem nascido na Terra. E isso era

intolerável. A medonha impropriedade da ideia tinha, em um único instante, roubado alguma coisa das cores da paisagem e do perfume das flores.

– Você acha que estamos mais bonitos? – insistiu a Dama.

– Que diferença faz? – perguntou Ransom, desanimado.

– Todos deveriam querer ser tão belos quanto possível – respondeu ela. – E nós não podemos nos ver.

– Podemos – disse o corpo de Weston.

– Como isso seria possível? – disse a Dama, voltando-se para ele. – Mesmo que você conseguisse virar o olhar totalmente para dentro, veria apenas o negrume.

– Não desse jeito – respondeu o Não Homem. – Vou lhe mostrar. – Ele se afastou alguns passos até a relva amarela onde estava a mochila de Weston. Com aquela estranha nitidez que costuma se abater sobre nós quando estamos ansiosos e preocupados, Ransom observou a marca e o modelo exatos da mochila. Devia ter sido da mesma loja em Londres onde ele tinha comprado a sua. E esse pequeno fato, lembrando-lhe de repente que Weston um dia tinha sido homem, que também ele um dia tivera prazeres, sofrimentos e uma mente humana, quase levou lágrimas aos seus olhos. Os dedos horríveis que Weston jamais voltaria a usar remexeram nas fivelas e tiraram dali um pequeno objeto brilhante: um espelho de bolso inglês que devia ter custado baratíssimo. O Não Homem o entregou à Dama Verde. Ela o revirou nas mãos.

– O que é isso? O que devo fazer com ele? – perguntou ela.

– Olhe nele – disse o Não Homem.

– Como?

– Olhe! – disse ele. Então, tirando-o das suas mãos, ele o segurou diante do rosto da Dama. Ela ficou olhando por um bom tempo, aparentemente sem entender nada. De repente, recuou sobressaltada, com um grito, e cobriu o rosto. Ransom sobressaltou-se também. Era a primeira vez que ele a via como a mera receptora passiva de qualquer emoção. O mundo ao redor cresceu com essa mudança.

– Ai... ai! – exclamou ela. – O que foi? O que é isto? Vi um rosto.

– Apenas seu próprio rosto, minha linda – disse o Não Homem.

– Eu sei – disse a Dama, ainda desviando os olhos do espelho. – Meu rosto... ali fora... olhando para mim. Será que estou me tornando mais velha ou será que é alguma outra coisa? Sinto... sinto... meu coração batendo com muita força. Não estou com calor. O que é? – Ela olhou de um para o outro. Todos os mistérios tinham desaparecido do seu rosto. Ele estava tão fácil de ler quanto o de um homem em um abrigo quando à espera de uma bomba.

– O que é? – repetiu ela.

– Chama-se Medo – disse a boca de Weston. A criatura voltou então o rosto direto para Ransom e abriu um sorriso.

– Medo – disse ela. – Isso é Medo – avaliando a descoberta. E então, com um tom abrupto e definitivo – Não estou gostando.

– Vai passar – disse o Não Homem, quando Ransom o interrompeu.

– Não vai passar nunca se você fizer o que ele quer. É para cada vez mais medo que ele a está levando.

– É – disse o Não Homem –, para ondas enormes, para atravessá-las e ir mais além. Agora que você conhece o Medo, está vendo que é você quem precisa prová-lo em nome da sua espécie. Você sabe que o Rei não o fará. Você não quer que ele o faça. Mas nesta coisinha não há causa para medo, e sim para alegria. O que há de assustador nela?

– As coisas serem duas quando são uma – respondeu a Dama, em tom decidido. – Essa coisa – (ela apontou para o espelho) – sou eu e não eu.

– Mas, se você não olhar, nunca vai saber como é bela.

– Está me ocorrendo, Forasteiro, que um fruto não come a si mesmo; e que um homem não pode fazer companhia a si mesmo.

– Um fruto não pode fazer isso porque é somente um fruto – disse o Não Homem. – Mas nós podemos. Chamamos essa coisa de espelho. Um homem pode amar a si mesmo e fazer companhia a si mesmo. É isso o que significa ser homem ou mulher: caminhar ao lado de si mesmo, como se fosse outra pessoa, e se comprazer com a própria beleza. Os espelhos foram criados para ensinar essa arte.

– E isso é um bem? – perguntou a Dama.

– Não – respondeu Ransom.

– Como você pode descobrir sem experimentar? – disse o Não Homem.

– Se você experimentar e não for bom – disse Ransom –, como sabe se vai ser capaz de parar?

– Já estou caminhando ao lado de mim mesma – disse a Dama. – Mas ainda não sei qual é minha aparência. Se eu tiver me tornado duas, é melhor saber o que a outra é. Quanto a você, Malhado, um olhar vai me mostrar o rosto dessa mulher e por que eu deveria olhar mais de uma vez?

Ela pegou o espelho das mãos do Não Homem, com timidez e firmeza, e olhou nele em silêncio por quase um minuto inteiro. Depois ela abaixou a mão e ficou parada, segurando-o ao seu lado.

– É muito estranho – disse ela, por fim.

– É muito lindo – disse o Não Homem. – Você não acha?
– Acho.
– Mas você ainda não encontrou o que pretendia encontrar.
– E o que era? Eu me esqueci.
– Se o traje de penas a tornava mais bela ou menos.
– Só vi um rosto.
– Segure o espelho mais longe, e verá o todo da mulher ao lado: a outra que é você mesma. Ou não. Vou segurá-lo para você.

As sugestões banais da cena tornaram-se grotescas nessa etapa. Ela se olhou inicialmente com o traje, depois sem ele, depois novamente com ele. Por fim, sua decisão foi contrária ao traje, e ela o jogou fora. O Não Homem apanhou-o do chão.

– Você não quer guardá-lo? – perguntou ele. – Talvez sinta vontade de usá-lo em alguns dias, mesmo que não o queira todos os dias.

– *Guardá-lo?* – perguntou ela, nitidamente sem compreender.

– Tinha me esquecido – disse o Não Homem. – Eu me esqueci de que você se recusa a morar na Terra Fixa, a construir uma casa e a tornar-se senhora do seu próprio nariz, seja como for. *Guardar* significa pôr uma coisa em um lugar em que você saiba que sempre poderá encontrá-la de novo, e onde a chuva, os bichos e outras pessoas não possam apanhá-la. Eu lhe daria esse espelho para guardar. Ele seria o espelho da Rainha, um presente trazido para o mundo a partir da Imensidão dos Céus. As outras mulheres não teriam um igual. Mas você me lembrou uma coisa. Não pode haver presentes, guardados, nem previsão, enquanto você viver como vive: de um dia para o outro, como os animais.

No entanto, parecia que a Dama não escutava o que ele dizia. Estava ali em pé, como que quase atordoada com a riqueza de um devaneio. Não dava a menor impressão de uma mulher pensando em um vestido novo. A expressão de seu rosto era nobre. Era nobre demais, muito além da conta. A grandeza, tragédia, sentimentos elevados – era obviamente isso que ocupava seus pensamentos. Ransom percebeu que a história dos trajes e do espelho estava relacionada apenas superficialmente com o que em geral se chama de vaidade feminina. A imagem de seu lindo corpo tinha sido oferecida a ela somente como um meio para invocar a imagem muitíssimo mais perigosa de sua grande alma. A concepção externa e, por assim dizer, dramática do eu era o verdadeiro alvo do inimigo. Ele estava transformando a mente dela em um teatro em que aquele eu espectral dominaria a cena. O Não Homem já tinha escrito a peça.

Por ter dormido até tão tarde naquela manhã, Ransom não teve dificuldade para manter-se acordado na noite seguinte. O mar tornara-se calmo, e não chovia. Ele estava sentado, empertigado, no escuro, com as costas apoiadas em uma árvore. Os outros estavam perto, ao seu lado. A Dama, a julgar pela respiração, dormia; e o Não Homem sem dúvida esperava para despertá-la e retomar suas tentações no momento em que Ransom cochilasse. Pela terceira vez, com mais força do que nunca, passou pela cabeça de Ransom: “Isso não pode continuar.”

O Inimigo estava recorrendo a métodos de tortura mental. Pareceu a Ransom que, se não ocorresse um milagre, a resistência da Dama estava fadada ao desgaste. Por que não acontecia nenhum milagre? Ou melhor, por que nenhum milagre do lado certo? Pois a presença do Inimigo era em si uma espécie de Milagre. O Inferno teria uma prerrogativa de realizar prodígios? Por que os Céus não realizavam nenhum? Não era a primeira vez em que ele se flagrava questionando a Justiça Divina. Não conseguia entender por que Maleldil deveria permanecer ausente quando o Inimigo estava ali em pessoa.

Durante esses pensamentos, porém, de modo tão repentino e penetrante como se a escuridão maciça ao seu redor tivesse falado com uma voz articulada, ele soube que Maleldil não estava ausente. Aquela sensação – tão bem-vinda, embora jamais sem superar determinada resistência –, aquela sensação da Presença que uma vez ou duas ele já vivenciara em Perelandra voltou a ele. A escuridão era total. Parecia pressionar seu tronco de tal modo que ele mal podia usar os pulmões; parecia se fechar sobre seu crânio como uma coroa de peso intolerável, tanto que por um espaço de tempo ele mal conseguia pensar. Além disso, de algum modo indefinível, ele se deu conta de que ela nunca estivera ausente, que apenas alguma atividade inconsciente sua tinha conseguido não lhe dar atenção durante os últimos dias.

Para nossa espécie, o silêncio interior é difícil de atingir. A mente possui uma parte tagarela que, enquanto não é corrigida, não para de falar mesmo nos

locais mais sagrados. Desse modo, enquanto uma parte de Ransom permanecia, por assim dizer, prostrada em um silêncio de medo e amor que se assemelhava a um tipo de morte, alguma outra coisa dentro dele, totalmente imune à reverência, continuava a despejar perguntas e objeções no seu cérebro. “Tudo bem”, dizia esse crítico loquaz, “uma presença *desse* tipo! Mas o Inimigo está aqui de verdade, realmente dizendo e fazendo coisas. Onde está o representante de Maleldil?”

A resposta que voltou para ele do silêncio e da escuridão, veloz como uma resposta de esgrimista ou uma rebatida de tenista, quase lhe tirou o fôlego. Parecia uma blasfêmia. “Seja como for, o que eu posso fazer?”, retrucou o eu loquaz. “Fiz tudo o que posso. Já falei até enjoar. Não adianta, é o que lhe digo.” Ele procurava se convencer de que não havia a menor possibilidade de ele, Ransom, ser o representante de Maleldil como o Não Homem era o representante do Inferno. Argumentava que essa sugestão era em si diabólica – uma tentação a um orgulho insensato, à megalomania. Ficou horrorizado quando a escuridão simplesmente lhe atirou de volta esse argumento, quase com impaciência. E então – e ele se perguntou como isso lhe havia escapado – Ransom foi obrigado a perceber que sua própria vinda a Perelandra era no mínimo um assombro tão grande quanto a do Inimigo. Aquele milagre do lado certo, que ele tinha exigido, na realidade já ocorrera. Era ele mesmo o milagre.

“Ora, mas isso não faz sentido”, disse o eu loquaz. Ele, Ransom, com seu ridículo corpo malhado e seus argumentos dez vezes derrubados: que belo tipo de milagre ele era? Sua mente disparou esperançosa por uma saída que lhe pareceu promissora. Pois bem. Ele realmente tinha sido trazido ali por milagre. Estava nas mãos de Deus. Desde que se esforçasse ao máximo – e Ransom tinha de fato se esforçado ao máximo –, Deus se encarregaria da questão final. Ele não havia conseguido. Mas deu o melhor de si. Ninguém poderia fazer mais. “Não cabe aos mortais exigir o sucesso.” Ele não precisava se preocupar com o resultado. Maleldil se encarregaria disso. E Maleldil o levaria de volta a salvo para a Terra depois desses seus esforços muito verdadeiros, porém infrutíferos. Era provável que a verdadeira intenção de Maleldil fosse a de que ele divulgasse para a espécie humana as verdades que tivesse aprendido no planeta Vênus. Quanto ao destino de Vênus, não era possível realmente depender dele. Estava nas mãos de Deus. Era preciso contentar-se em deixá-lo assim. Era preciso ter Fé...

O raciocínio rompeu-se como uma corda de violino. Não sobrou nem um fiapo de todas essas evasivas. De modo implacável, inconfundível, a Escuridão impôs a ele o conhecimento de que esse quadro da situação era totalmente falso. Sua viagem a Perelandra não era um exercício moral nem uma luta simulada. Se

a questão estava nas mãos de Maleldil, Ransom e a Dama eram essas mãos. O destino de um mundo dependia realmente de como eles se comportassem nas horas seguintes. O assunto era irredutivelmente, abertamente, real. Eles poderiam, se quisessem, recusar-se a salvar a inocência dessa nova espécie; e, caso se recusassem, sua inocência não se salvaria. Isso não dependia de nenhuma outra criatura em todo o tempo ou em todo o espaço. Isso Ransom via com clareza, apesar de por enquanto ainda não ter a menor ideia do que poderia fazer.

O eu loquaz protestou, impetuoso, veloz, como a hélice de um navio disparando fora da água. A imprudência, a injustiça, o absurdo daquilo tudo! Será que Maleldil *queria* perder mundos? Qual era o sentido de organizar os acontecimentos de um modo que qualquer coisa realmente importante dependesse em termos finais e absolutos de um testa de ferro inadequado como ele? E naquele momento, muito longe dali, na Terra, como ele agora não podia deixar de se lembrar, havia homens em guerra, suboficiais de rosto lívido e cabos sardentos que mal tinham começado a fazer a barba, parados em vazios horrendos ou se arrastando em uma escuridão mortal, acordando como ele para a verdade absurda de que tudo de fato dependia de seus atos. E mais distante no tempo Horácio estava parado na ponte; e Constantino decidia se deveria ou não adotar a nova religião; e a própria Eva contemplava o fruto proibido enquanto o Céu dos Céus aguardava sua decisão. Ele se debatia e rangia os dentes, mas não conseguia deixar de ver. Desse modo, e não de nenhum outro, o mundo era feito. Ou bem alguma coisa ou bem nada devia depender de escolhas individuais. E se fosse alguma coisa, quem poderia fixar limites? Uma pedra pode determinar o curso de um rio. Nesse horrível momento ele era essa pedra que tinha se tornado o centro do universo inteiro. Os *eldila* de todos os mundos, os organismos de luz perene, desprovidos de pecado, estavam mudos na Vastidão dos Céus para ver o que Elwin Ransom de Cambridge ia fazer.

Veio então um alívio abençoado. De repente ele percebeu que não sabia o que *poderia* fazer. Quase riu de alegria. Todo esse horror tinha sido precipitado. Nenhuma tarefa definida estava diante dele. Tudo o que lhe estava sendo exigido era uma resolução geral e prévia de opor-se ao Inimigo de qualquer modo que as circunstâncias pudessem indicar ser conveniente: na realidade – e ele voltou às palavras reconfortantes como uma criança volta correndo para os braços da mãe –, “dar o melhor de si”, ou, mais exatamente, “continuar a dar o melhor de si”, pois era isso o que realmente vinha fazendo o tempo todo.

– Como fazemos tempestade em copo d’água! – murmurou ele, acomodando-se em uma posição ligeiramente mais confortável. Uma leve onda do que lhe pareceu ser uma devoção racional e animada surgiu e o envolveu.

Epa! O que foi isso? Ele voltou a se sentar empertigado, com o coração descontrolado. Seus pensamentos tinham topado com uma ideia diante da qual recuaram de chofre, como um homem recua ao tocar em um atizador de ferro quente. Mas dessa vez a ideia era realmente infantil demais para ser levada em consideração. Dessa vez *devia* ser uma ilusão, nascida da sua própria mente. É evidente que uma luta com o Demônio significava uma luta *espiritual*... a noção de um combate físico era algo digno apenas de um selvagem. Se ao menos fosse assim tão simples... mas nisso o eu loquaz tinha cometido um erro fatal. O hábito da honestidade imaginativa estava entranhado fundo demais em Ransom para permitir que ele dedicasse mais de um segundo a fingir que temia o confronto corporal com o Não Homem menos do que temia qualquer outra coisa. Imagens vívidas abatiam-se sobre ele... o frio mortal daquelas mãos (ele tinha tocado a criatura por acaso algumas horas antes)... as longas unhas metálicas... arrancando tiras estreitas de carne, puxando tendões. A morte viria devagar. Até o último instante, aquela idiotice cruel continuaria a sorrir para ele. Qualquer um cederia muito antes de morrer: implorando por misericórdia, prometendo-lhe ajuda, adoração, qualquer coisa.

Era uma sorte que algo tão horrível estivesse fora de cogitação de modo tão óbvio. Quase, mas não exatamente, Ransom decidiu que não importava o que o Silêncio e a Escuridão parecessem dizer a respeito disso; nenhuma luta tão tosca, tão materialista, teria a menor condição de ser o que Maleldil realmente pretendia. Qualquer sugestão em contrário devia ser nada mais do que sua própria imaginação mórbida. Ela degradaria a guerra espiritual à condição de mera mitologia. Mas aqui ele deparou com mais um obstáculo. Muito tempo atrás em Marte, e com maior intensidade desde que tinha chegado a Perelandra, Ransom vinha percebendo que a tripla distinção entre a verdade e o mito, e entre esses dois e o fato, era exclusivamente terrena – fazia parte daquela infeliz divisão entre corpo e alma resultante do Pecado Original. Mesmo na Terra os sacramentos existiam como um lembrete permanente de que a divisão não era nem salutar nem definitiva. A Encarnação tinha sido o início do seu desaparecimento. Em Perelandra, ela não teria absolutamente nenhum significado. Qualquer coisa que acontecesse aqui seria de tal natureza que os homens da Terra a chamariam de mitológica. Tudo isso ele tinha pensado antes. Agora ele sabia. A Presença na escuridão, nunca antes tão assustadora, estava pondo essas verdades nas suas mãos, como terríveis pedras preciosas.

O eu loquaz praticamente perdeu seu entusiasmo pela argumentação... tornou-se por alguns segundos como a voz de uma mera criança chorona implorando que a dispensem, que lhe deem permissão para ir para casa. E então se recompôs. Explicou exatamente onde se situava o absurdo de uma batalha

física com o Não Homem. Ela não faria a menor diferença para a questão espiritual. Se a Dama somente pudesse ser mantida em obediência pela eliminação forçada do Tentador, de que isso valeria? O que isso provaria? E se a tentação não fosse uma prova ou um teste, por que ela podia ter permissão para acontecer? Maleldil sugeria que nosso próprio mundo talvez tivesse sido salvo se o elefante por acaso pisasse na serpente um instante antes que Eva estivesse prestes a ceder? Era algo assim tão fácil e tão amoral? Tudo aquilo era de um absurdo gritante!

O terrível silêncio continuou. Tornou-se cada vez mais parecido com um rosto, um rosto não desprovido de tristeza, que contempla a pessoa enquanto ela diz mentiras e nunca a interrompe; mas aos poucos a pessoa sabe que o rosto sabe, e ela hesita, contradiz-se e acaba se calando. O eu loquaz no final não tinha mais o que dizer. A Escuridão quase disse a Ransom: “Você sabe que está só perdendo tempo.” A cada minuto, estava mais claro para ele que a comparação que tentara fazer entre o Éden e Perelandra era tosca e imperfeita. O que aconteceu na Terra, quando Maleldil nasceu homem em Belém, tinha alterado o universo para sempre. O novo mundo de Perelandra não era uma mera repetição do velho mundo de Tellus. Maleldil nunca Se repetia. Como a Dama dissera, a mesma onda jamais vinha outra vez. Quando Eva pecou, Deus não era Homem. Ele ainda não tinha tornado os homens membros do Seu corpo. Desde então, era isso o que tinha feito, e através desses homens a partir daí Ele haveria de sofrer e salvar. Um dos objetivos pelos quais Ele fizera tudo isso era o de salvar Perelandra, não por Si Mesmo, mas por Si Mesmo em Ransom. Se Ransom se recusasse, o plano até o momento seria abortado. Para aquele ponto na história, uma história muito mais complicada do que Ransom tinha concebido, era ele quem tinha sido escolhido. Com uma estranha sensação de “quedas a partir de si mesmo, esmaecimentos”, ele percebeu que tanto fazia se Perelandra, não Tellus, fosse chamada de centro. Talvez fosse possível encarar a história de Perelandra como não mais que uma consequência indireta da Encarnação na Terra. Ou talvez fosse possível encarar a história da Terra como mera preparação para os novos mundos, dos quais Perelandra era o primeiro. Uma hipótese não era nem mais nem menos verdadeira que a outra. Nada era mais nem menos importante que qualquer outra coisa. Nada era cópia nem modelo de mais nada.

Ao mesmo tempo, ele também percebia que seu eu loquaz tinha se precipitado. Até aquele ponto, a Dama tinha rechaçado seu assediador. Estava abalada e exausta; e talvez houvesse algumas manchas na sua imaginação, mas tinha se mantido firme. Sob esse aspecto, a história já estava sendo diferente de qualquer coisa que ele sabia sobre a mãe de nossa própria espécie. Ele não sabia se Eva tinha chegado a resistir; ou, se tivesse sido esse o caso, por quanto tempo.

Menos ainda saberia ele dizer como a história teria terminado se ela de fato tivesse resistido. Se a “serpente” tivesse sido repelida e voltado no dia seguinte, e no seguinte... o que teria acontecido? A prova teria durado para sempre? Como Maleldil a teria interrompido? Aqui em Perelandra, sua própria intuição não tinha sido a de que não deveria ocorrer nenhuma tentação, mas a de que aquilo não podia continuar. Esse corte de uma tentativa de convencimento violento, já repudiada mais de uma vez, era um problema para o qual o Pecado Original terreno não oferecia a menor pista – uma tarefa nova, e para essa nova tarefa uma nova personagem no drama, que (por extrema infelicidade) parecia ser ele mesmo. Em vão, seu pensamento voltava, inúmeras vezes, ao Livro do Gênesis com a pergunta “O que teria acontecido?” Mas a essa pergunta a Escuridão não dava resposta. De modo paciente e inexorável, ela o trazia de volta para o aqui e o agora; e para a certeza crescente do que era exigido aqui e agora. Ele quase sentia que as palavras “teria acontecido” eram desprovidas de significado – meros convites para vagar naquilo que a Dama chamaria de “mundo ao lado”, que não dispunha de nenhuma realidade. Somente o concreto era real; e toda situação concreta era nova. Aqui em Perelandra a tentação seria impedida por Ransom, ou não seria impedida de modo algum. A Voz – pois era quase com uma Voz que ele agora discutia – pareceu criar um vazio infinito em torno dessa alternativa. Este capítulo, esta página, esta frase na história cósmica eram total e eternamente eles mesmos. Nenhuma outra passagem que tivesse ocorrido ou que um dia viesse a ocorrer poderia substituí-los.

Recorreu, então, a uma linha de defesa diferente. Como *poderia* ele combater o inimigo imortal? Mesmo que fosse um lutador – em vez de um estudioso sedentário com a vista fraca e um ferimento dolorido da última guerra –, de que adiantava lutar com ele? Não havia como matá-lo, havia? Mas quase imediatamente veio a resposta clara. O corpo de Weston podia ser destruído; e era presumível que aquele corpo fosse o único ponto de apoio do Inimigo em Perelandra. Por meio daquele corpo, quando aquele corpo ainda obedecia a uma vontade humana, o Inimigo tinha entrado no novo mundo. Expulso dele, sem dúvida não teria outra morada. Tinha entrado naquele corpo, a convite do próprio Weston; e, sem um convite semelhante, não poderia entrar em nenhum outro. Ransom lembrou-se de que os espíritos imundos, na Bíblia, tinham pavor de serem lançados nas “profundezas”. E, seguindo esses pensamentos, ele, por fim, com consternação, percebeu que, se de fato lhe fosse exigida uma ação física, pelos padrões normais ela seria uma ação nem impossível nem sem esperanças. No plano físico, era um corpo sedentário de meia-idade contra outro, ambos desarmados com exceção de punhos, dentes e unhas. Quando pensou nesses detalhes, o terror e a repugnância o dominaram. Matar a coisa com armas

desse tipo (ele se lembrava de como matara a rã) seria um pesadelo; ser morto – quem saberia dizer com que lentidão? – era mais do que ele poderia encarar. Tinha certeza de que seria morto. “Quando foi”, perguntou-se, “que cheguei a vencer uma briga em toda a minha vida?”

Ele já não fazia esforços para resistir à convicção do que deveria fazer. Tinha esgotado todos eles. A resposta era clara, fora do alcance de qualquer subterfúgio. A Voz que vinha da noite falava com ele de modo tão irrefutável que, embora não houvesse o menor ruído, ele quase tinha a sensação de que ela despertaria a mulher que dormia ali perto. Ele deparava com o impossível. Isso ele devia fazer; isso ele não tinha como fazer. Em vão relembrou a si mesmo as coisas que garotos descrentes podiam nesse exato momento estar fazendo na Terra por uma causa menor. Sua vontade estava naquele vale em que o apelo à vergonha se torna inútil – pior ainda, ele torna o vale mais escuro e mais fundo. Ransom acreditava que poderia enfrentar o Não Homem com armas de fogo; que até mesmo conseguiria se postar desarmado diante da morte certa, se a criatura ainda estivesse de posse do revólver de Weston. Mas ir às vias de fato com ela, entrar voluntariamente em contato com aqueles braços mortos, porém vivos, agarrar-se com ela, peito nu contra peito nu... Terríveis insensatezes invadiram sua mente. Ele não obedeceria à Voz, mas isso não seria problema porque mais tarde, quando já estivesse na Terra, de volta, ele se arrependeria. Ele perderia a coragem como são Pedro tinha perdido e, como são Pedro, seria perdoado. É claro que, em termos intelectuais, ele sabia perfeitamente a resposta a essas tentações; mas estava passando por um daqueles momentos em que todas as manifestações do intelecto pareciam histórias já ouvidas. E então algum vento cruzado da mente alterou seu humor. Talvez ele lutasse e vencesse, talvez nem mesmo sofresse alguma lesão grave. Mas nem a mais leve sugestão de uma garantia nesse sentido chegava a ele da escuridão. O futuro estava negro como a própria noite.

– Não é por nada que você se chama Ransom – disse a Voz.

E ele soube que essa não era nenhuma fantasia sua. Soube por um motivo muito interessante – porque sabia havia muitos anos que seu sobrenome derivava não de *ransom* [resgate], mas de *Ranolf's son* [filho de Ranolf]. Nunca teria lhe ocorrido associar desse modo as duas palavras. Ligar o nome Ransom ao ato de resgatar teria sido para ele mero trocadilho. Mas mesmo seu eu loquaz não ousava agora sugerir que a Voz estivesse fazendo um jogo de palavras. Em um único momento, ele percebeu que o que era, para filólogos humanos, mera semelhança acidental entre dois sons, na realidade não era acidente algum. Toda a distinção entre coisas acidentais e coisas planejadas, como a distinção entre fato e mito, era exclusivamente terrena. O desenho é tão grande que, dentro da

pequenina moldura da experiência terrena, surgem pedaços dele entre os quais não conseguimos ver nenhuma conexão, e outros pedaços entre os quais conseguimos. Por isso, acertadamente, para nosso próprio uso, distinguimos o acidental do essencial. Mas basta sair da moldura para que a distinção caia no vazio, batendo nervosamente suas asas inúteis. Ele tinha sido forçado a sair da moldura, enredado no desenho maior. Agora sabia por que os filósofos antigos diziam que não existia nada que se pudesse chamar de acaso ou sorte para além da Lua. Antes que sua Mãe o desse à luz, antes que seus antepassados tivessem recebido o nome de Ransom, antes que *ransom* se tornasse a palavra para designar um pagamento que liberta, antes que o mundo fosse feito, todas essas coisas tinham se posicionado juntas na eternidade de tal modo que o próprio significado do desenho a esta altura estava em que elas se reunissem exatamente dessa forma. E ele abaixou a cabeça, gemeu e queixou-se de seu destino – de ainda ser homem e mesmo assim ser alçado à força ao mundo metafísico, para realizar o que a filosofia apenas cogita.

– Meu nome também é Ransom – disse a Voz.

Levou algum tempo para o significado desse pronunciamento se esclarecer para ele. Aquele que os outros mundos chamam de Maleldil era o resgate do mundo, seu próprio resgate, ele bem sabia. Mas com que finalidade isso era dito agora? Antes que a resposta lhe ocorresse, ele sentiu sua aproximação insuportável e estendeu os braços à frente como se pudesse impedi-la de abrir à força a porta da sua mente. Mas ela veio. Quer dizer que *aquela* era a verdadeira questão. Se ele fracassasse agora, também esse mundo seria redimido no futuro. Se ele não fosse o resgate, Outro o seria. No entanto, nada jamais se repetia. Não uma segunda crucificação: talvez – quem sabe – nem mesmo uma segunda Encarnação... algum ato de amor ainda mais estarrecedor, alguma glória de humildade ainda mais profunda. Pois Ransom já tinha visto como o desenho cresce e como, a partir de cada mundo, ele se expande para o mundo seguinte através de alguma outra dimensão. O pequeno mal externo que Satã tinha provocado em Malacandra era apenas uma linha. O mal mais profundo que ele tinha causado na Terra era um quadrado. Se Vênus caísse, ali o mal seria um cubo – sua Redenção fora do alcance de nossa concepção. Contudo, redimida Vênus haveria de ser. Ele sabia havia muito tempo que assuntos importantes dependiam de sua escolha; mas à medida que agora se dava conta da verdadeira amplidão da assustadora liberdade que estava sendo posta em suas mãos – uma amplidão diante da qual toda a infinitude meramente espacial parecia estreita –, sentia-se como um homem trazido a céu aberto, à beira de um precipício, encarando um vento que vinha uivando do Polo. Ele se imaginara até agora postado diante do Senhor como Pedro. Mas era pior. Estava sentado diante dele

como Pilatos. Cabia-lhe a decisão de salvar ou de derramar o sangue. Suas mãos tinham sido ensanguentadas, como as de todos os homens, na morte anterior à fundação do mundo. Agora, se quisesse, ele as mergulharia de novo no mesmo sangue.

– Misericórdia! – gemeu ele, e então: – Senhor, por que eu? – Mas não houve resposta.

Aquilo ainda parecia impossível. Aos poucos, porém, aconteceu-lhe algo que ocorrera apenas duas vezes. Uma, enquanto ele tentava se decidir a cumprir uma tarefa muito perigosa na última guerra. Acontecera novamente quando ele se decidia a ir ver determinado homem em Londres e fazer-lhe uma confissão extremamente embaraçosa, que a justiça exigia. Nos dois casos, o ato tinha parecido uma total impossibilidade: ele não achava mas sabia que, sendo ele quem era, era psicologicamente incapaz de fazer aquilo. Então, sem nenhum movimento aparente da vontade, com tanta objetividade e neutralidade emocional com que se leria um mostrador, tinha surgido diante dele, com certeza total, o conhecimento de que “amanhã, mais ou menos a esta hora, você terá feito o impossível”. O mesmo acontecia agora. Seu medo, sua vergonha, seu amor, todos os seus argumentos não estavam alterados em nada. O ato não era nem mais nem menos medonho do que tinha sido. A única diferença era que ele sabia – quase como uma proposição histórica – que aquilo ia ser feito. Poderia implorar, chorar ou se rebelar, poderia amaldiçoar ou adorar, cantar como um mártir ou blasfemar como um demônio. Não fazia a menor diferença. A tarefa seria executada. Com o passar do tempo, chegaria um momento no qual ele já a teria feito. O ato futuro estava ali, fixo e inalterável, como se ele já o tivesse executado. Era um mero detalhe despropositado que ele, por acaso, ocupasse a posição que chamamos de futuro em vez da que chamamos de passado. Toda a luta estava terminada e, no entanto, não parecia ter havido nenhum momento de vitória. Talvez fosse possível dizer, caso se quisesse, que o poder da escolha tinha sido simplesmente afastado e substituído por um destino inflexível. Por outro lado, talvez se pudesse dizer que Ransom tinha sido libertado da retórica das suas paixões e saído para uma liberdade inexpugnável. Por mais que se esforçasse, Ransom não conseguia ver nenhuma diferença entre essas duas formulações. A predestinação e a liberdade eram aparentemente idênticas. Ele já não conseguia ver o menor significado nos muitos argumentos que ouvira sobre o assunto.

Nem bem Ransom descobriu que sem dúvida tentaria matar o Não Homem no dia seguinte, a execução do ato pareceu-lhe uma questão menor do que tinha suposto. Mal conseguia se lembrar dos motivos pelos quais tinha se acusado de megalomania, quando a ideia lhe ocorreu pela primeira vez. Era verdade que, se

deixasse a missão por cumprir, o Próprio Maleldil faria algo mais importante no seu lugar. Nesse sentido, ele representava Maleldil. Mas não mais do que Eva O teria representado simplesmente não comendo a maçã, ou do que qualquer homem O representa ao fazer qualquer boa ação. Como não havia nenhuma comparação em pessoa, também não havia nenhuma em sofrimento – ou somente alguma comparação do tipo que pode haver entre um homem que queima o dedo apagando uma centelha e um bombeiro que perde a vida ao combater um incêndio porque aquela centelha não foi apagada. Ele já não perguntava “Por que eu?” Tanto faria ser ele ou outro qualquer. Tanto faria qualquer outra escolha como essa. A luz implacável que ele tinha visto lançada sobre esse momento de decisão na realidade era lançada sobre tudo.

– Fiz adormecer seu Inimigo – disse a Voz. – Ele só vai despertar de manhã. Levante-se. Volte vinte passos para dentro do bosque para dormir lá. Sua irmã também dorme.

Quando alguma manhã temida chega, em geral despertamos de uma vez, totalmente alertas. Sem etapas intermediárias, Ransom passou de um sono sem sonhos para uma plena consciência de sua tarefa. Descobriu que estava só – com a ilha balançando suavemente em um mar que não estava calmo nem tempestuoso. A luz dourada, cujos reflexos passavam entre os troncos cor de anil das árvores, indicava a direção para onde estava a água. Ele entrou nela para banhar-se. Depois voltou à terra, deitou-se e bebeu. Ficou em pé alguns instantes, passando as mãos pelo cabelo molhado e massageando os membros. Olhando para o próprio corpo, percebeu como tinha se reduzido a queimadura de sol de um lado e o descoramento do outro. Ele dificilmente poderia ser batizado de Malhado se a Dama o tivesse encontrado agora pela primeira vez. Sua cor tinha se tornado mais como o marfim. E os dedos dos pés, depois de tantos dias descalços, começavam a perder o formato apertado e macilento imposto pelas botas. No todo, ele se considerava melhor como animal humano do que tinha pensado antes. Sentia bastante certeza de que nunca voltaria a apresentar um corpo intacto enquanto não chegasse uma manhã maior para todo o universo, e estava feliz pelo instrumento estar em plena forma antes de ter de entregá-lo. “Quando eu despertar à Tua imagem e semelhança, estarei satisfeito”, disse para si mesmo.

Daí a pouco, ele entrou nos bosques. Por acaso – pois naquele momento estava concentrado na busca de alimento – topou com toda uma nuvem das bolhas arbóreas. O prazer foi tão penetrante quanto da primeira vez que o experimentara, e seu próprio passo estava diferente quando saiu delas. Embora essa devesse ser sua última refeição, nem mesmo nesse instante ele achou adequado procurar por qualquer fruto de sua preferência. Mas o que veio a seu encontro foram cabaças. “Uma boa refeição da manhã no dia em que se vai ser enforcado”, pensou de modo disparatado, enquanto deixava a casca vazia cair da sua mão, repleto momentaneamente de tamanho prazer que parecia fazer do

mundo inteiro uma dança. “No final das contas”, pensou, “valeu a pena. Foi um período agradável. Morei no Paraíso.”

Entrou um pouco mais no bosque, que crescia muito denso por ali, e quase tropeçou no corpo adormecido da Dama. Era raro ela estar dormindo àquela hora do dia, e ele supôs que isso fosse obra de Maleldil. “Nunca mais a verei”, pensou; e então: “Nunca mais contemplarei um corpo feminino exatamente como contemplo esse corpo.” Enquanto estava em pé, olhando para ela ali embaixo, seu sentimento predominante era um anseio intenso e carente pela possibilidade de ter visto, pelo menos uma vez, a grande Mãe da sua própria espécie, em seu esplendor e inocência. “Outros fatos, outras bênçãos, outras glórias”, murmurou. “Mas nunca isso. Nunca em todos os mundos, isso. Deus pode extrair o melhor de tudo o que acontece. Mas a perda é real.” Olhou para ela mais uma vez e então passou bruscamente pelo local onde estava deitada. “Eu estava certo”, pensou. “Isso não poderia ter continuado. Já estava na hora de parar.”

Levou muito tempo perambulando desse modo, entrando e saindo dos bosques escuros porém coloridos, até encontrar seu Inimigo. Deparou com seu velho amigo, o dragão, exatamente como o tinha visto pela primeira vez, enrolado no tronco de uma árvore, mas também o dragão estava dormindo. E agora ele se dava conta de que, desde que acordara, não tinha percebido nenhum tagarelar de pássaros, nem o farfalhar de corpos lisos, nem olhos castanhos espiando através da folhagem, nem ruído algum a não ser o da água. Parecia que o Senhor Deus tinha lançado a ilha inteira e talvez o mundo inteiro em um sono profundo. Por um instante, isso lhe deu uma sensação de desolação, mas quase de imediato ele se alegrou por nenhuma recordação de sangue e fúria acabar gravada naquelas mentes felizes.

Depois de cerca de uma hora, de repente, ao contornar um grupo de árvores-de-bolhas, ele se descobriu de cara com o Não Homem. “Será que ele já está ferido?”, pensou Ransom, quando teve a primeira visão de um tórax manchado de sangue. E então é claro que viu que o sangue não era do Não Homem. Uma ave já meio depenada e com o bico muito aberto no berro mudo do estrangulamento lutava sem forças nas suas mãos longas e inteligentes. Ransom descobriu que estava agindo, antes de saber o que tinha feito. Alguma lembrança de lutar boxe na escola primária deve ter sido despertada, porque ele descobriu que tinha dado um direto de esquerda com toda a sua força no maxilar do Não Homem. Mas tinha se esquecido de que não estava lutando com luvas. O que fez que lembrasse foi a dor quando seu punho colidiu com o osso do maxilar – quase pareceu que o golpe rompeu os nós dos seus dedos – além da físgada de dor que subiu pelo seu braço. Ransom ficou ali imóvel por um segundo, com o choque

da dor, e isso deu ao Não Homem tempo para recuar uns seis passos. O Não Homem também não gostou do primeiro sabor do confronto. Parecia que ele tinha mordido a língua, pois o sangue saiu borbulhando de sua boca quando tentou falar. Ainda estava segurando a ave.

– Quer dizer que você pretende tentar usar a força? – disse a criatura em inglês, com voz gutural.

– Ponha essa ave no chão – disse Ransom.

– Mas é muita tolice – disse o Não Homem. – Você não sabe quem eu sou?

– Sei o *que* você é – respondeu Ransom. – Qual deles não faz diferença.

– E você acha, pequenino – retrucou a criatura –, que pode lutar comigo?

Você acha que talvez Ele o socorra? Muitos pensaram assim. Eu O conheço há mais tempo que você, pequenino. Todos acham que Ele há de socorrê-los, até que caem em si, retratando-se aos berros, tarde demais, no meio da fogueira, apodrecendo em campos de concentração, debatendo-se debaixo de serras, balbuciando em hospícios ou cravados em cruzes. Ele pôde ajudar a Si Mesmo? – E de repente a criatura jogou a cabeça para trás e bradou com voz tão alta que deu a impressão de que romperia o teto-céu – *Eloi, Eloi, lama sabachthani*.

E, nesse instante, Ransom teve certeza de que os sons emitidos eram em perfeito aramaico do século I. O Não Homem não estava fazendo uma citação. Ele estava se lembrando. Essas eram as palavras exatas proferidas da Cruz, guardadas por todos esses anos na memória candente da criatura proscrita que as tinha ouvido, e agora apresentadas em uma paródia medonha. O horror causou-lhe uma náusea momentânea. Antes que Ransom se recuperasse, o Não Homem tinha se abatido sobre ele, uivando como um vendaval, com os olhos tão arregalados que pareciam não ter pálpebras e com todos os fios de cabelo eriçados. O Não Homem agarrou-o firme pelo peito, com os braços em torno de Ransom e as unhas rasgando enormes tiras das suas costas. Os braços de Ransom estavam presos naquele abraço e, apesar de dar socos enlouquecidos, ele não conseguia atingir a criatura. Ransom virou a cabeça e tentou dar uma mordida forte na carne do braço direito da criatura, de início sem sucesso, e depois fincou os dentes mais fundo. A criatura soltou um uivo, tentou manter-se firme e, de repente, Ransom estava livre. Por um instante, a defesa da criatura falhou, e Ransom descobriu-se desferindo uma saraivada de socos na região do seu coração, com maior velocidade e força do que tinha suposto ser possível. Através da boca aberta da criatura, ele ouvia as grandes rajadas de ar que a forçava a expelir. Então as mãos da criatura voltaram a subir, com os dedos arqueados como garras. Ela não estava tentando socar. Sua intenção era engalfinhar-se com ele. Com um horrível choque de osso contra osso, Ransom

conseguiu afastar o braço direito e acertou-lhe um murro na parte carnosa do queixo, ao mesmo tempo que as unhas da criatura rasgavam seu braço direito. Ransom tentou agarrar seus braços. Mais por sorte do que por habilidade, ele conseguiu segurá-la pelos pulsos.

O que se seguiu mais ou menos por um minuto dificilmente teria parecido uma luta aos olhos de qualquer espectador. Com todas as forças que podia encontrar no corpo de Weston, o Não Homem tentava soltar os braços das mãos de Ransom, e este, também com todas as suas forças, tentava manter presos os pulsos da criatura. No entanto, esse esforço, que fazia escorrer rios de suor pelas costas dos combatentes, resultava em um movimento lento e aparentemente tranquilo, até mesmo sem objetivo, dos dois pares de braços. Naquele instante, nenhum dos dois tinha como ferir o outro. O Não Homem inclinou a cabeça para a frente e tentou morder, mas Ransom endireitou os braços e o manteve afastado. Parecia que não haveria como aquilo chegar a um fim.

Então, subitamente, a criatura lançou a perna para a frente e a enganchou no joelho de Ransom. Ele quase perdeu o equilíbrio. Os movimentos tornaram-se rápidos e nervosos de ambas as partes. Por sua vez, Ransom tentou dar-lhe uma rasteira e não conseguiu. Começou então a dobrar o braço esquerdo da criatura para trás com força bruta, tendo em mente quebrá-lo ou no mínimo torcê-lo. Mas nesse esforço ele deve ter enfraquecido sua pega no outro pulso. Com isso a criatura soltou o braço direito. Ele mal teve tempo para fechar os olhos antes que as unhas descessem ferozes pelo seu rosto e a dor o forcesse a parar os golpes que seu braço esquerdo já estava aplicando nas costelas da criatura. Um segundo depois – e Ransom não soube dizer exatamente como isso aconteceu – os dois estavam em pé, afastados, com o peito arfando forte, encarando-se.

Sem dúvida, era triste a figura de ambos. Ransom não conseguia ver seus próprios ferimentos, mas parecia estar coberto de sangue. Os olhos do inimigo estavam quase fechados, e o corpo, onde quer que os restos da camisa de Weston não o escondessem, era uma massa do que em breve seriam equimoses. Isso, e sua respiração forçada, além da própria prova da sua força ao agarrá-lo, tinham alterado totalmente o estado de espírito de Ransom. Ele ficou espantado ao descobrir que a criatura não era mais forte. O tempo todo, apesar do que a razão lhe dizia, tinha calculado que a força do corpo da criatura seria sobre-humana, diabólica. Tinha imaginado braços que não pudessem ser apanhados e imobilizados mais do que as lâminas da hélice de um avião. Mas agora ele sabia, por experiência própria, que a força física da criatura era meramente a de Weston. No plano físico, era um acadêmico de meia-idade contra outro. Dos dois, Weston tinha sido o de compleição mais vigorosa, mas era gordo. Seu corpo não reagiria bem aos golpes. Ransom era mais ágil e tinha melhor fôlego.

Sua certeza anterior de que morreria parecia-lhe ridícula agora. Era uma luta bastante equilibrada. Não havia razão para Ransom não vencer – e viver.

Dessa vez foi Ransom quem atacou, e o segundo assalto foi praticamente igual ao primeiro. Ocorria que, sempre que era possível dar murros, Ransom levava vantagem; e, sempre que ficava sujeito a dentes e garras, era derrotado. Mesmo no meio da luta renhida, sua mente agora estava perfeitamente lúcida. Ele via que o resultado do dia dependia de uma questão muito simples: se a perda de sangue acabaria com ele antes que os golpes pesados sobre o coração e os rins acabassem com o outro.

Todo aquele mundo exuberante estava adormecido em torno deles. Não havia regras, juiz, espectadores; mas a mera exaustão, forçando-os constantemente a se separar, dividia o duelo grotesco em *rounds* com a precisão que se poderia desejar. Ransom jamais conseguiu se lembrar do número de *rounds* travados. A luta tornou-se semelhante às repetições frenéticas do delírio; e a sede era uma dor maior do que qualquer outra que o oponente pudesse infligir. Às vezes, os dois estavam juntos no chão. Em dado momento ele chegou a se encontrar montado sobre o peito do inimigo, apertando-lhe a garganta com as duas mãos e – para sua surpresa – gritando um verso da *Batalha de Maldon*. Mas a criatura tanto rasgou seus braços com as unhas e tanto lhe golpeou as costas com os joelhos que Ransom foi lançado dali.

E ele se lembra então – como alguém se lembra de uma ilha de consciência precedida e seguida de longa anestesia – de avançar de encontro ao Não Homem pelo que lhe pareceu ser a milésima vez, sabendo com toda a clareza que não poderia continuar a lutar muito mais. Ele se lembra de ver o Inimigo por um instante com a aparência não de Weston, mas de um mandril, e de se dar conta imediatamente de que aquilo era delírio. Hesitou. Depois, abateu-se sobre ele uma experiência que talvez nenhum homem bom possa ter no nosso mundo: uma enxurrada de ódio totalmente puro e legítimo. A energia de odiar, jamais sentida antes sem alguma culpa, sem alguma vaga noção de não estar distinguindo plenamente entre o pecador e o pecado, penetrou seus braços e pernas até senti-los como colunas de sangue ardente. O que estava diante dele já não parecia ser uma criatura de vontade corrompida. Era a corrupção em si à qual a vontade estava vinculada como mero instrumento. Eras atrás, a criatura tinha sido uma Pessoa. Mas as ruínas da personalidade agora sobreviviam nela somente como armas à disposição de uma negação furiosa, em exílio voluntário. Talvez seja difícil compreender por que isso enchia Ransom não de horror, mas de uma espécie de alegria. A alegria provinha de descobrir por fim qual era a finalidade do ódio. Como um garoto com um machado se alegra ao encontrar uma árvore, ou um garoto com uma caixa de giz de cera, ao encontrar uma pilha

de papel de um branco puríssimo, assim alegrou-se Ransom com a perfeita congruência entre sua emoção e o objeto dela. Por mais que sangrasse e tremesse de exaustão, sentia que nada estava fora do alcance de seu poder; e, quando se atirou sobre a Morte viva, o eterno Irracional na matemática universal, ficou pasmo e no entanto (num nível mais profundo) nem um pouco surpreso com sua própria força. Seus braços pareciam mover-se mais rápido que seu pensamento. Suas mãos ensinaram-lhe coisas terríveis. Sentiu uma costela da criatura se quebrar; ouviu seu maxilar rachar. Parecia que a criatura inteira estalava e partia com os golpes que ele lhe aplicava. Suas próprias dores, naqueles lugares em que o Não Homem rasgou sua carne, de algum modo já não tinham importância. Ele sentia que poderia lutar assim, odiar assim com um ódio perfeito, por um ano inteiro.

De repente, descobriu que estava surrando o ar. Seu estado era tal que de início ele não conseguiu entender o que estava acontecendo... não conseguia acreditar que o Não Homem tinha fugido. Sua estupidez momentânea proporcionou à criatura uma vantagem. E, quando ele caiu em si, foi bem a tempo de ver a criatura desaparecer pelo bosque adentro, mancando com passadas irregulares, um braço pendente inerte e seu uivo de cão. Ransom saiu em disparada atrás da criatura. Por um segundo ou dois, os troncos das árvores a esconderam. Depois, voltou a estar visível. Ele então começou a correr com todas as forças, mas a criatura manteve-se à frente.

Foi uma perseguição fantástica, entrando e saindo das luzes e sombras, subindo e descendo por vales e montes que se moviam lentamente. Eles passaram pelo local onde dormia o dragão. Passaram pela Dama, adormecida com um sorriso no rosto. O Não Homem abaixou-se ao passar por ela, com os dedos da mão esquerda encurvados para arranhá-la. Ele teria rasgado sua carne se tivesse coragem, mas Ransom estava tão perto que ele não podia correr o risco desse atraso. Passaram por um bando de aves grandes da cor de laranja, todas em sono profundo, em pé sobre uma das pernas, a cabeça debaixo da asa, lembrando um bosque formal de arbustos floridos. Precisaram escolher por onde passar no lugar onde casais e famílias dos pequenos cangurus amarelos estavam deitados de costas, com os olhos bem fechados e as pequenas patas dianteiras dispostas sobre o peito, como se fossem cruzados esculpidos em túmulos. Passaram de cabeça baixa por galhos curvados sob o peso dos porcos-das-árvores, que emitiam um barulhinho agradável, como o ronco de uma criança. Ruidosos, atravessaram bosques de árvores-de-bolhas e se esqueceram momentaneamente do cansaço. A ilha era grande. Eles saíram dos bosques e atravessaram correndo vastos campos de açafraão ou de prata, às vezes com a vegetação até os tornozelos, às vezes até a cintura, no mar de fragrâncias frescas

ou penetrantes. Desceram a toda a velocidade para entrar ainda em outros bosques que se encontravam, durante sua aproximação, no fundo de vales secretos; mas que, antes que eles os alcançassem, subiam para coroar o cimo de montes solitários. Ransom não conseguia ganhar terreno sobre sua presa. Era assombroso que uma criatura tão machucada quanto seus passos irregulares indicavam conseguisse manter aquele ritmo. Se o tornozelo estivesse realmente torcido, como Ransom suspeitava, a criatura devia sofrer dores indescritíveis a cada passo. Passou-lhe então pela mente o pensamento horrível de que talvez a criatura de algum modo pudesse transferir a dor para ser suportada pelos resquícios da consciência de Weston que ainda sobrevivessem em seu corpo. A ideia de que algum ser que um dia tinha sido de sua própria espécie e sido nutrido por um seio humano pudesse naquele momento estar aprisionado na criatura que ele perseguia redobrou seu ódio, que era diferente de quase todos os outros ódios que já tinha conhecido, pois aumentou sua força física.

Quando os dois saíram talvez do quarto bosque, Ransom viu o mar a menos de trinta metros de distância. O Não Homem continuou correndo, como se não fizesse nenhuma distinção entre terra e água, e mergulhou levantando muita água. Enquanto a criatura nadava, Ransom podia ver sua cabeça escura em contraste com o mar acobreado. Foi uma alegria para Ransom, pois a natação era o único esporte em que tinha conseguido se destacar. Quando entrou na água, Ransom perdeu-o de vista por um momento e então, olhando para cima e sacudindo o cabelo do rosto ao iniciar a perseguição (a essa altura, seu cabelo já estava muito comprido), ele viu o corpo inteiro da criatura empertigado e acima da superfície, como se estivesse sentada no mar. Mais uma olhada, e percebeu que a criatura estava montada em um peixe. O sono encantado aparentemente cobria apenas a ilha, pois, em sua montaria, o Não Homem desenvolvia boa velocidade. Ele estava se inclinando para fazer alguma coisa com o peixe. Ransom não conseguiu ver o quê. Sem dúvida, o Não Homem teria muitos meios de forçar o animal a acelerar o ritmo.

Por um instante, Ransom sentiu desespero, mas estava esquecido da natureza daqueles cavalos do mar, amorosos para com os seres humanos. Ele descobriu quase de imediato que se encontrava em um perfeito cardume daquelas criaturas, que saltavam e davam cambalhotas para atrair sua atenção. Apesar da boa vontade delas, não foi fácil subir na superfície escorregadia do belo espécime que suas mãos aflitas conseguiram agarrar. Enquanto lutava para montar, a distância aumentou entre ele e o fugitivo. Mas por fim teve sucesso. Acomodando-se atrás da enorme cabeça de olhos esbugalhados, Ransom cutucou o animal com os joelhos, esporeou-o com os calcanhares, murmurou palavras de elogio e incentivo, fazendo de tudo o que podia para despertar seu ânimo. O

peixe começou a avançar nadando. Contudo, ao olhar para a frente, Ransom já não conseguiu ver o menor sinal do Não Homem, apenas a longa crista vazia da onda seguinte vindo em sua direção. Sem dúvida, sua presa estava do outro lado da crista. Foi então que percebeu não ter motivos para se preocupar com a direção a tomar. A encosta de água estava toda salpicada com os peixes enormes, cada um indicado por um monte de espuma amarela, e alguns deles esguichando água também. Era possível que o Não Homem não tivesse contado com o instinto que os fazia seguir como líder qualquer membro do grupo no qual um ser humano estivesse montado. Todos seguiam direto em frente, tão firmes no seu curso quanto gralhas de volta para sua colônia ou cães de caça seguindo uma pista. Quando Ransom e seu peixe chegaram ao topo da onda, ele se descobriu olhando para uma cava larga e rasa, com o formato muito semelhante ao de um vale nos condados mais próximos de Londres. Muito longe e agora se aproximando da encosta oposta ia a pequena silhueta escura e parecida com uma marionete do Não Homem. E entre o Não Homem e Ransom, todo o cardume estava disposto em três ou quatro fileiras. Era nítido que não havia o menor perigo de perda de contato. Ransom o estava caçando com os peixes, e os peixes não deixariam de segui-lo. Ransom riu alto.

– Estes meus cães também provêm de Esparta, pelo manchado todos têm – rugiu.

Agora pela primeira vez o fato abençoado de já não estar lutando, nem mesmo em pé, chamou sua atenção com violência. Ele fez menção de assumir uma postura mais descontraída e foi levantado com força por uma dor lancinante que lhe atravessou as costas. Irrefletidamente, levou a mão para trás para examinar os ombros e quase berrou com a dor do seu próprio toque. Parecia que suas costas estavam em tiras, que davam a impressão de estar grudadas juntas. Ao mesmo tempo, ele percebeu que tinha perdido um dente e que praticamente toda a pele tinha sumido dos nós de seus dedos. E, por baixo das dores superficiais que ardiam, outras mais profundas e ameaçadoras o abalavam dos pés à cabeça. Ele não sabia que estava tão esgotado.

Lembrou-se então de que estava com sede. Agora que tinha começado a se refrescar e a se enrijecer, Ransom descobriu que a tarefa de tentar beber um pouco da água que passava veloz por ele era extremamente difícil. Sua primeira ideia foi se debruçar até quase ficar de cabeça para baixo e enfiá-la na água; mas uma única tentativa curou-o dessa ilusão. Restou-lhe baixar as mãos em taça; mas mesmo isso, à medida que ele ia ficando mais rígido, precisava ser feito com uma cautela infinita, bem como acompanhada de muitos gemidos e arquejos. Foram necessários muitos minutos para conseguir um gole ínfimo, que apenas aumentou sua sede. A tarefa de saciar essa sede ocupou-o pelo que lhe

pareceu uma meia hora – uma meia hora de dores agudas e loucos prazeres. Nada jamais tivera um sabor tão bom. Mesmo quando terminou de beber, ele continuou a apanhar água para molhar o corpo. Esse teria sido um dos momentos mais felizes da sua vida – se ao menos as dores lancinantes nas costas não parecessem estar piorando e se não estivesse com medo de haver veneno nos cortes. Suas pernas grudavam com frequência e tinham de ser cuidadosamente desgrudadas o tempo todo, o que era um procedimento doloroso. De vez em quando, um negrume ameaçava dominá-lo. Ele poderia facilmente ter desmaiado, mas pensava: “Nada de bom resultaria disso” e fixava os olhos em coisas próximas, fixava-se em pensamentos simples e assim conseguiu manter-se consciente.

Todo esse tempo, o Não Homem prosseguia adiante dele, onda acima e onda abaixo, com os peixes a segui-lo, e Ransom a seguir os peixes. Agora parecia haver mais deles, como se a perseguição tivesse encontrado outros cardumes e os atraído para si como uma bola de neve. E logo havia outras criaturas além dos peixes. Aves de pescoço longo, como cisnes – ele não saberia dizer sua cor porque pareciam negras em contraste com o céu –, chegaram, de início descrevendo círculos, lá no alto, mas depois organizando-se em longas filas retas – todas seguindo o Não Homem. Com frequência, o grito dessas aves era audível, o som mais selvagem que Ransom jamais escutara, o mais solitário e o que parecia estar menos relacionado com o Homem. Não havia terra à vista, nem tinha havido já por muitas horas. Ele estava em alto-mar, o lugar desolado de Perelandra, em que nunca tinha estado desde sua chegada. Os sons do mar não paravam de lhe encher os ouvidos. O cheiro do mar, inconfundível e inspirador como o dos nossos oceanos telúricos, mas totalmente diferente pelo seu calor e pelo dourado suave, penetrava em seu cérebro. Era também selvagem e estranho, mas não hostil. Se tivesse sido, sua selvageria e estranheza teriam sido reduzidas, pois a hostilidade é uma relação, e um inimigo não é um total desconhecido. Ocorreu-lhe que não sabia absolutamente nada sobre aquele mundo. Um dia, sem dúvida, ele seria habitado pelos descendentes do Rei e da Rainha. Mas todos os seus milhões de anos no passado desabitado, todos os seus quilômetros incontáveis de águas risonhas na solidão do presente... tudo isso existia exclusivamente para aquilo? Era estranho que ele, para quem um bosque ou um céu da manhã na Terra tinham às vezes sido uma espécie de refeição, precisasse ter vindo a outro planeta para se dar conta de que a Natureza era algo com identidade própria. O significado difuso, o caráter inescrutável, que estivera tanto em Tellus como em Perelandra desde que tinham se separado do Sol, e que seria, em certo sentido, substituído pelo advento do homem soberano, embora

em certo sentido não tivesse sido substituído, envolveu-o por todos os lados e o prendeu dentro de si.

A escuridão caiu sobre as ondas tão de repente quanto se tivesse sido derramada de uma garrafa. Nem bem as cores e as distâncias foram assim eliminadas, o som e a dor tornaram-se mais intensos. O mundo foi reduzido a uma dor surda, a fisgadas súbitas, às batidas das barbatanas dos peixes e aos ruídos monótonos embora infinitamente variados da água. E então Ransom se descobriu quase caindo de cima do peixe, recuperou seu lugar com dificuldade e percebeu que estivera dormindo, talvez horas a fio. Previu que esse perigo voltaria a ocorrer constantemente. Depois de refletir um pouco, se esforçou com muita dor para sair da sela estreita atrás da cabeça do peixe e se estendeu de corpo inteiro ao longo de seu dorso. Abriu as pernas e as enrolou na criatura até onde conseguiu, fazendo o mesmo com os braços, na esperança de que assim pudesse manter-se na montaria mesmo adormecido. Foi o melhor que pôde fazer. Uma estranha e empolgante sensação começou a invadi-lo, transmitida sem dúvida pelos movimentos dos músculos do animal. Ele deu-lhe a ilusão de compartilhar da sua vida forte e animalesca, como se o próprio Ransom tivesse se tornando um peixe.

Muito depois disso, ele descobriu que estava olhando fixamente para algo semelhante a um rosto humano. Deveria ter se sentido aterrorizado, mas, como às vezes nos acontece em sonhos, isso não ocorreu. Era um rosto azul-esverdeado, que parecia brilhar com luz própria. Os olhos eram muito maiores do que os de um homem e lhe conferiam um ar de gnomo. Uma franja de membranas corrugadas de cada lado sugeria suíças. Com um choque, ele percebeu que não estava sonhando, mas acordado. A criatura era de verdade. Ele ainda estava deitado, exausto e dolorido, sobre o corpo do peixe, e essa cara pertencia a alguma coisa que nadava a seu lado. Lembrou-se dos proto-homens ou tritões nadadores que tinha visto antes. Não sentiu nem um pouco de medo e supôs que a reação da criatura a ele era exatamente a mesma que a dele diante dela – uma perplexidade constrangida embora não hostil. Cada um dos dois era

totalmente despropositado para o outro. Eles se encontravam como os galhos de árvores diferentes se encontram quando o vento os reúne.

Ransom levantou-se para mais uma vez ficar sentado. Descobriu que a escuridão não era total. Seu próprio peixe nadava em um banho de fosforescência, e o mesmo valia para o desconhecido a seu lado. Em todo o seu redor, havia outras bolhas e adagas de luz azul, e ele mal conseguia discernir, pela forma do corpo, quais eram peixes e quais eram do povo da água. Seus movimentos indicavam suavemente os contornos das ondas e inseriam na noite alguma sugestão de perspectiva. Logo percebeu que alguns indivíduos do povo da água na sua vizinhança imediata pareciam estar se alimentando. Com as mãos espalmadas, semelhantes às de rãs, eles apanhavam da água massas escuras de alguma coisa e devoravam esse alimento. Enquanto mastigavam, a coisa ficava suspensa da boca em feixes gordos e esfarrapados, lembrando bigodes. É significativo que jamais lhe tenha ocorrido tentar estabelecer qualquer contato com esses seres, como tinha feito com todos os outros animais de Perelandra. Eles também não tentaram estabelecer nenhum com ele. Ao contrário das outras, essas criaturas não pareciam ser os súditos naturais dos homens. Ele teve a impressão de que elas simplesmente compartilhavam um planeta com ele, como carneiros e cavalos compartilham um campo, cada espécie não levando a outra em consideração. Mais tarde, isso viria a ser uma perturbação para sua mente, mas naquele instante ele estava ocupado com um problema mais prático. Vê-los se alimentando fez que se lembrasse de que estava com fome; e se perguntava se aquilo que comiam seria comestível para ele. Levou muito tempo, passando os dedos pela água, para conseguir colher alguma quantidade. Quando por fim conseguiu, o alimento revelou ser da mesma estrutura geral de uma das nossas algas menores, dispondo de pequenas vesículas que estouravam quando espremidas. Era duro e escorregadio, mas não era salgado, como as algas de um mar telúrico. Como era o sabor ele jamais conseguiu descrever direito. Deve-se salientar nesta narrativa que, durante a estada de Ransom em Perelandra, seu sentido do paladar tinha se tornado algo a mais do que era na Terra: ele proporcionava tanto conhecimento quanto prazer, se bem que não se tratasse de um conhecimento que pudesse ser reduzido a palavras. Mal ele consumira alguns bocados das algas, sentiu uma estranha alteração na sua mente. Pareceu-lhe que a superfície do mar era o topo do mundo. Pensou nas ilhas flutuantes como pensamos em nuvens. Viu-as na imaginação como apareceriam vistas por baixo – tapetes de fibras com longas serpentinas suspensas – e adquiriu a consciência espantosa de sua própria experiência de andar sobre elas como um milagre ou um mito. Sentiu que sua lembrança da Dama Verde e da promessa de todos os seus descendentes, bem como todas as questões que o ocuparam desde

sua chegada a Perelandra, iam se apagando rapidamente da sua cabeça, como um sonho se apaga quando despertamos, ou como se fossem postos de lado pela chegada de todo um mundo de interesses e emoções aos quais ele não conseguia dar um nome. Ficou aterrorizado. Apesar da fome, jogou fora o resto da alga.

Ransom deve ter voltado a dormir, porque a cena seguinte na sua lembrança foi à luz do dia. O Não Homem ainda estava visível mais adiante, e o cardume ainda se espalhava entre a criatura e Ransom. As aves tinham abandonado a perseguição. E agora, por fim, uma noção plena e prosaica de sua posição abateu-se sobre ele. A julgar por sua experiência, ocorre uma curiosa falha na razão no fato de que, quando um homem chega a um planeta desconhecido, de início se esquece totalmente de seu tamanho. Aquele mundo inteiro é tão pequeno em comparação com sua viagem pelo espaço que ele se esquece das distâncias dentro do planeta. Quaisquer dois lugares em Marte, ou em Vênus, parecem-lhe lugares na mesma cidadezinha. Agora, porém, que Ransom olhou ao redor mais uma vez e não viu nada em nenhuma direção, a não ser o céu dourado e as ondas agitadas, o absurdo total da sua ilusão lhe ficou bem claro. Mesmo que houvesse continentes em Perelandra, era bem possível que ele estivesse separado do mais próximo deles pela largura do Pacífico ou mais. No entanto, ele não tinha nenhum motivo para supor que houvesse algum. Não tinha motivo para supor nem mesmo que as ilhas flutuantes fossem muito numerosas, ou que estivessem distribuídas igualmente pela superfície do planeta. Mesmo que seu arquipélago informal se espalhasse por mil quilômetros quadrados, o que isso representaria se não um cisco desprezível em um oceano sem terra que rolava eternamente em um globo não muito menor que o Mundo dos Homens? Em breve, seu peixe se cansaria. Ransom imaginava que ele já não estava nadando à velocidade original. O Não Homem decerto haveria de torturar sua montaria para nadar até morrer. Mas Ransom não poderia fazer isso. Enquanto pensava a respeito e olhava fixo para a frente, viu algo que lhe deu um frio no coração. Um dos outros peixes saiu deliberadamente das fileiras, esguichou uma pequena coluna de espuma, mergulhou e reapareceu a alguns metros de distância, aparentemente deixando-se ir à deriva. Em alguns minutos, já não estava à vista. Tinha se esforçado mais do que o suficiente.

E agora as experiências do dia e da noite passada começaram a investir direto contra sua fé. A solidão dos mares e, ainda mais, as experiências que se seguiram ao ato de provar a alga insinuaram uma dúvida quanto a esse mundo, em qualquer sentido real, pertencer ou não àqueles que se intitulavam seu Rei e Rainha. Como poderia ter sido feito para eles quando sua maior parte era de fato inabitável por eles? Essa ideia não era ingênua e antropomórfica no sentido extremo? Quanto à grande proibição, da qual tanta coisa parecia depender, será

que ela era assim tão importante? Que diferença fazia para essas vagas retumbantes com a espuma amarela e para esse povo estranho que nelas morava se duas pequenas criaturas, agora distantes, viviam ou não sobre uma rocha em particular? O paralelismo entre as cenas que ele havia testemunhado recentemente e aquelas registradas no Livro do Gênese, que até aquele momento lhe tinham dado a sensação de conhecer por experiência aquilo em que outros homens apenas acreditam, agora começava a ter sua importância reduzida. Era necessário provar qualquer coisa a mais do que o fato de que *tabus* irracionais semelhantes tinham acompanhado o alvorecer da razão em dois mundos diferentes? Tudo bem conversar com Maleldil; mas onde estava Maleldil agora? Se esse oceano sem limites dizia alguma coisa, ele dizia alguma coisa muito diferente. Como todas as solidões, ele era de fato assombrado; mas não por uma Divindade antropomórfica, e sim pelo inteiramente inescrutável para quem o homem e sua vida permaneciam eternamente despropositados. E para além desse oceano estava o próprio espaço. Em vão, Ransom tentou se lembrar de ter estado no “espaço” e ter descoberto que eram os Céus, retinindo com uma plenitude de vida para a qual o próprio infinito não era grande demais, nem por um centímetro cúbico. Tudo aquilo parecia um sonho. Aquele modo de pensar antagônico, de que ele costumava zombar e chamava brincando de O Bicho-Papão Empírico, invadiu com violência sua mente – o grande mito do nosso século, com seus gases e galáxias, seus anos-luz e evoluções, suas perspectivas horripilantes de simples aritmética em que tudo o que possa ser importante para a mente se transforma em mero subproduto da desordem essencial. Até agora, ele sempre desfizera desse modo de pensar, tratando com certo desdém seus superlativos categóricos, seu espanto cômico por coisas diferentes terem tamanhos diferentes, sua loquaz prodigalidade de cifras. Mesmo agora, sua razão não estava totalmente subjugada, embora seu coração não quisesse dar ouvidos à razão. Uma parte dele ainda sabia que o tamanho de uma coisa é a característica menos importante; que o universo material derivou do poder de mitopoesia e de comparação dentro dele aquela própria majestade diante da qual agora era-lhe pedido que se humilhasse; e que meros números não poderiam nos intimidar a menos que, a partir de nossos próprios recursos, lhes conferíssemos aquela reverência que, não mais que os livros de um banqueiro, eles mesmos não teriam como fornecer. Mas esse conhecimento manteve-se como abstração. A grandeza e a solidão em si o dominaram.

Esses pensamentos devem ter ocupado algumas horas e absorvido toda a sua atenção. Ele foi despertado pelo que menos esperava – o som de uma voz humana. Saindo do devaneio, viu que todos os peixes o haviam abandonado. Seu próprio peixe nadava exausto. E a poucos metros dele, já não em fuga, mas

vindo devagar na sua direção, estava o Não Homem. Estava sentado com os braços em torno de si mesmo, os olhos quase fechados de tantas contusões, a pele cor de fígado, uma perna aparentemente quebrada, a boca contorcida de dor.

– Ransom – disse a criatura, com a voz fraca.

Ransom manteve-se calado. Não ia incentivar a criatura a recomeçar a brincadeira.

– Ransom – disse ela mais uma vez, com a voz entrecortada –, pelo amor de Deus, fale comigo. – Ransom olhou, surpreso, para a criatura. Havia lágrimas no rosto dela. – Ransom, não me trate com desprezo. Diga-me o que aconteceu. O que fizeram conosco? Você... você está todo ensanguentado. Minha perna está quebrada... – A voz foi desaparecendo em um gemido.

– Quem é você? – perguntou Ransom, com aspereza.

– Ah, não finja que não me conhece – murmurou a voz de Weston. – Sou Weston. Você é Ransom, Elwin Ransom de Leicester, Cambridge, o filólogo. Sei que tivemos nossas desavenças. Sinto muito. Eu até diria que cometi erros. Ransom, você não vai me deixar morrer neste lugar horrível, vai?

– Onde você aprendeu aramaico? – perguntou Ransom, sem tirar a atenção do outro.

– Aramaico? – disse a voz de Weston. – Não sei do que você está falando. Não é grande coisa divertir-se à custa de um moribundo.

– Mas você é mesmo Weston? – disse Ransom, começando a pensar que Weston realmente estava de volta.

– Que outra pessoa eu poderia ser? – veio a resposta, com uma fraca explosão de raiva, à beira das lágrimas.

– Onde você esteve? – perguntou Ransom.

Weston, se é que era Weston, estremeceu.

– Onde estamos agora? – perguntou ele, por fim.

– Em Perelandra, Vênus, sabe? – respondeu Ransom.

– Você encontrou a espaçonave? – indagou Weston.

– Eu nunca a vi, a não ser de longe – disse Ransom. – E não faço a menor ideia de onde ela esteja agora: a uns quatrocentos quilômetros daqui, ao que eu possa imaginar.

– Você quer dizer que não temos como sair daqui? – disse Weston, quase gritando. Ransom nada disse, e o outro abaixou a cabeça e chorou como uma criancinha.

– Ora – disse Ransom afinal –, de nada adianta você encarar as coisas desse modo. Pense bem, sua situação não seria tão melhor assim se você estivesse na

Terra. Deve se lembrar de que há uma guerra por lá. Neste exato momento, os alemães podem estar destruindo Londres com suas bombas! – E então, vendo que a criatura ainda chorava, acrescentou – Coragem, Weston. No fundo, é só a morte. Todos nós devemos morrer um dia, sabia? Não teremos falta de água; e a fome, sem a sede, não é tão ruim assim. Quanto a morrer afogado, bem, um ferimento a baioneta ou um câncer poderiam ser piores.

– Você está querendo dizer que vai me abandonar – disse Weston.

– Não posso, mesmo que quisesse – respondeu Ransom. – Você não está vendo que me encontro exatamente na mesma condição que você?

– Você promete que não vai se mandar e me deixar na mão? – disse Weston.

– Está bem. Prometo, se você quiser. Para onde eu poderia ir?

Weston olhou devagar em toda a sua volta e então fez seu peixe se aproximar um pouco mais do de Ransom.

– Onde está... a coisa? – perguntou, em um sussurro. – Você sabe – e fez gestos sem sentido.

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta – retrucou Ransom.

– A mim? – disse Weston. Seu rosto estava, de um modo ou de outro, tão desfigurado que era difícil ter certeza da sua expressão.

– Você tem alguma ideia do que andou lhe acontecendo nos últimos dias? – perguntou Ransom.

Mais uma vez, Weston olhou ao redor, constrangido.

– É tudo verdade, você sabe? – acabou dizendo.

– O que é tudo verdade? – disse Ransom.

De repente, Weston voltou-se contra ele com raiva.

– Para você está tudo muito bem. Morrer afogado não dói, e a morte vai chegar de qualquer maneira mesmo, e toda essa bobajada. O que você sabe da morte? É tudo verdade, é o que lhe digo.

– Do que você está falando?

– Passei a vida inteira me entupindo com um monte de baboseiras – disse Weston. – Tentando me convencer de que faz diferença o que aconteça com a espécie humana... tentando acreditar que qualquer coisa que se faça tornará o universo suportável. É tudo asneira, está me entendendo?

– E alguma outra coisa é mais verdadeira!

– Sim – disse Weston, ficando então calado por um bom tempo.

– Seria melhor virarmos nossos peixes de frente para essa direção – disse Ransom a certa altura, com os olhos no mar – ou acabaremos nos separando. –

Weston obedeceu sem parecer perceber o que estava fazendo; e por um tempo os dois homens seguiram muito devagar, lado a lado.

– Vou lhe dizer o que é verdade – disse Weston daí a algum tempo.

– Quê?

– Uma criança pequena que sobe sorrateira quando ninguém está prestando atenção e abre muito devagar a maçaneta para dar uma espiada no quarto onde está exposto o corpo da sua avó; e depois sai correndo e tem pesadelos. Uma avó enorme, você me entende.

– Qual é sua intenção ao dizer que isso é mais verdadeiro?

– Quero dizer que essa criança conhece alguma coisa a respeito do universo que toda a ciência e toda a religião estão tentando ocultar.

Ransom nada disse.

– Muitas coisas – disse Weston, depois de algum tempo. – As crianças têm medo de passar por um cemitério à noite, e os adultos lhes dizem que não sejam bobocas. Mas as crianças sabem mais que os adultos. As pessoas na África Central fazendo coisas animais no meio da noite, com máscaras no rosto – e missionários e funcionários públicos dizendo que não passa de superstição. Pois bem, os negros sabem mais acerca do universo que os brancos. Padres sujos em ruelas em Dublin apavorando crianças tolas com histórias sobre isso. Você diria que eles não são iluminados. E não são mesmo, só que eles acham que existe um meio de fugir. Não existe. Esse é o verdadeiro universo, sempre foi e sempre será. É isso o que tudo *significa*.

– Não está totalmente claro... – começou Ransom, quando Weston o interrompeu.

– Por isso é tão importante viver todo o tempo que conseguirmos. Tudo o que há de bom existe agora: uma casquinha fina do que chamamos de vida, só para constar, e depois o universo *real* para todo o sempre. Engrossar essa casca por um centímetro que seja... viver mais uma semana, mais um dia, mais meia hora... é só isso o que importa. É claro que você não sabe. Mas todo homem à espera da força sabe. Você pergunta que diferença pode fazer um pequeno adiamento. Que diferença!!

– Mas ninguém precisa ir lá – disse Ransom.

– Sei que é nisso que você acredita – respondeu Weston. – Mas está enganado. É somente uma pequena parcela das pessoas civilizadas que pensa desse modo. A humanidade como um todo está mais bem informada. Ela sabe, como Homero sabia, que *todos* os mortos afundaram nas trevas interiores, por baixo da casca. Todos insensatos, alvoroçados, tagarelando sem coerência, decompondo-se. Bichos-papões. Os selvagens sabem que *todos* os espíritos

odeiam os vivos que ainda desfrutam da casca. Exatamente como as velhas odeiam as meninas, que ainda têm uma bela aparência. É perfeitamente certo ter medo de fantasmas. Seja como for, você será um deles.

– Você não acredita em Deus – disse Ransom.

– Bem, ora, essa é outra questão – disse Weston. – Tanto quanto você frequentei a igreja quando era menino. Partes da Bíblia fazem mais sentido do que vocês, pessoas religiosas, sabem. A Bíblia não diz que Ele é o Deus dos vivos, não dos mortos? Exatamente isso. Talvez seu Deus exista mesmo, mas não faz a menor diferença se Ele existe ou não. Não, é claro que você não entenderia; mas um dia há de entender. Acho que você não captou com real clareza a ideia da casca: a fina camada externa que chamamos de vida. Visualize o universo como uma luva infinita com uma crosta finíssima por fora. Lembre-se, porém, de que sua espessura é uma espessura de *tempo*. Ela tem cerca de setenta anos de espessura nos melhores lugares. Nascemos na superfície e, ao longo de toda a nossa vida, vamos afundando por essa camada. Quando a tivermos atravessado de um lado ao outro, estaremos o que se chama Mortos: teremos chegado ao lado escuro, por dentro, ao globo real. Se seu Deus existir, Ele não estará no globo... estará do lado de fora, como uma Lua. Quando passamos para a parte interior, saímos de Seu alcance. Ele não entra atrás de nós. Seria possível expressar isso dizendo que Ele não está no tempo... o que você considera tranquilizador! Em outras palavras, ele permanece imóvel: lá na luz e no ar, lá fora. Mas nós estamos no tempo. Nós “acompanhamos os tempos”. Quer dizer, do ponto de vista d’Ele, nós nos *afastamos*, para dentro do que Ele considera o não ser, para onde Ele jamais nos acompanhará. É só isso o que nos cabe, só isso que sempre nos coube. Ele até pode estar ali no que se chama de “Vida”, ou não. Que diferença faz? *Nós* não estaremos ali por muito tempo!

– Dificilmente essa poderia ser a história inteira – disse Ransom. – Se todo o universo fosse assim, nós, por sermos parte dele, nos sentiríamos à vontade em um universo semelhante. O próprio fato de isso nos parecer monstruoso...

– É – interrompeu Weston –, tudo isso estaria muito bem não fosse o fato de que a argumentação em si somente é válida desde que se permaneça na casca. Ela não tem nada que ver com o universo real. Até mesmo os cientistas normais, como eu mesmo era, estão começando a descobrir isso. Você não percebe o verdadeiro significado de todas essas noções modernas sobre os perigos da extrapolação, o espaço curvo e a indeterminância do átomo? Eles não dizem com toda a clareza, naturalmente, mas aonde estamos chegando nestes nossos tempos, mesmo antes de morrer, é aonde todos os homens chegam quando

morrem: ao conhecimento de que a realidade não é nem racional, nem coerente, nem mais nada. Em certo sentido, pode-se dizer que ela nem existe. “Real” e “irreal”, “verdadeiro” e “falso”: tudo isso está só na superfície. E acaba cedendo mediante pressão.

– Se tudo isso fosse verdadeiro – disse Ransom –, qual seria o sentido de expressá-lo?

– Ou de expressar qualquer outra coisa? – retrucou Weston. – O único sentido de qualquer coisa é o de não haver sentido algum. Por que os fantasmas querem assustar? Porque *são* fantasmas. Que outra coisa há para fazer?

– Captei a ideia – disse Ransom. – Que a descrição que um homem faz do universo, ou de qualquer outra construção, depende muito de onde ele esteja.

– Mas principalmente – disse Weston – de ele estar no interior ou no exterior. Todas as coisas nas quais você gosta de se deter estão do lado de fora. Um planeta como o nosso, ou como Perelandra, por exemplo. Um belo corpo humano. Todas as cores e formas agradáveis são simplesmente onde tudo termina, onde deixa de ser. Por dentro, o que se tem? Escuridão, vermes, calor, pressão, sal, sufocação, fedor.

Com esforço, seguiram em silêncio por alguns minutos sobre ondas que estavam agora cada vez maiores. Parecia que os peixes avançavam muito pouco.

– É claro que você não se importa – disse Weston. – Até que ponto vocês, que estão na casca, se importam conosco? Vocês ainda não foram puxados cá para baixo. É como um sonho que tive uma vez, apesar de na época não saber quão verdadeiro era. Sonhei que estava deitado, morto, sabe? Todo arrumado na enfermaria em um asilo, com o rosto maquiado pela funerária e grandes lírios no quarto. E então uma pessoa do tipo que está caindo aos pedaços, como se fosse um vagabundo, sabe, só que o que estava caindo aos pedaços era ele mesmo, não as roupas, veio e ficou parado ao pé da cama, só olhando com ódio para mim. “Certo”, disse ele, “certo. Você acha que está muito bem mesmo com esse seu lençol limpo e seu caixão lustroso. Eu também comecei assim. Todos nós começamos. É só esperar para ver ao que você vai se resumir no final.”

– É mesmo – disse Ransom. – Acho que era melhor você se calar.

– E depois tem o espiritismo – disse Weston, descartando sua sugestão. – Eu achava tudo uma baboseira. Mas não é. É tudo verdade. Você já percebeu que todos os relatos *agradáveis* sobre os mortos são tradicionais ou filosóficos? O que a experimentação verdadeira descobre é totalmente diferente. O ectoplasma, películas viscosas saindo da barriga de um médium e fazendo caretas enormes, caóticas, desmanteladas. Escrita automática produzindo resmas de lixo.

– *Você é Weston?* – disse Ransom, de repente voltando-se contra o interlocutor. O murmúrio persistente da voz, tão eloquente que não se podia deixar de escutá-la e no entanto tão desarticulada que forçava os ouvidos para acompanhar o que ela dizia, estava começando a enlouquecê-lo.

– Não se zangue – disse a voz. – De nada adianta sentir raiva de mim. Achei que você se arrependeria. Meu Deus, Ransom, é medonho. Você não entende. Bem no fundo, por baixo de camadas e mais camadas. Enterrado vivo. Você tenta associar as coisas e não consegue. Eles arrancam sua cabeça... e você nem mesmo pode recordar como sua vida era na casca, porque você sabe que ela nunca significou nada desde o início.

– O que você é? – perguntou Ransom. – De que jeito você sabe como a morte é? Deus sabe que eu o ajudaria, se pudesse. Mas vamos aos fatos. Por onde você andou nestes últimos dias?

– Cale-se – disse o outro de repente. – Que foi isso?

Ransom escutou. Sem dúvida parecia haver um novo elemento na enorme confusão de barulhos que os cercavam. De início, ele não conseguiu identificá-lo. As águas agora estavam agitadas; e o vento, forte. De imediato, seu interlocutor estendeu a mão e agarrou o braço de Ransom.

– Ai, meu Deus! – gritou ele. – Ai, Ransom, Ransom! Nós vamos morrer. Morrer e ser devolvidos para debaixo da casca. Ransom, você prometeu me ajudar. Não deixe me pegarem de novo.

– Cale a boca – disse Ransom, com desagrado, pois a criatura estava se lamuriando e se debulhando de tal modo que ele não conseguia ouvir mais nada, e ele queria muito identificar a nota mais grave que tinha se misturado com o vento que zunia e com o ronco da água.

– Arrebentação – disse Weston –, é uma arrebentação, seu tonto! Não dá para você ouvir? Há uma terra para aquele lado! Há um litoral rochoso. Olhe lá! Não... à sua direita. Vamos virar picadinho com o choque. Olhe... Ai, Deus, está chegando a escuridão!

E a escuridão chegou. Um pavor da morte, como nunca tinha conhecido, um pavor da criatura aterrorizada ao seu lado, abateu-se sobre Ransom. Finalmente, um pavor sem nenhum alvo definido. Em alguns minutos, ele já conseguia enxergar, através da noite negra como azeviche, a luminosa nuvem de espuma. Pelo jeito com que se lançava para cima, ele calculou que a onda estava se quebrando em penhascos. Aves invisíveis, com um berro e um alvoroçar de asas, passavam em voo baixo ali acima.

– Você está por aí, Weston? – gritou ele. – Como se sente? Trate de se controlar. Toda essa sua conversa é birutice. Reze como uma criança, se não

conseguir rezar como um homem. Arrependa-se dos seus pecados. Segure na minha mão. Na Terra há centenas de simples garotos enfrentando a morte neste instante. Vamos nos sair muito bem.

Sua mão foi agarrada na escuridão, com muito mais firmeza do que ele desejava.

– Não dá para eu aguentar, não dá para eu aguentar – veio a voz de Weston.

– Pronto, pronto. Nada disso – gritou ele em resposta, pois de repente Weston tinha agarrado seu braço com as duas mãos.

– Não dá para eu aguentar – veio a voz de novo.

– Ei! – disse Ransom. – Me solta. O que pensa que está fazendo? – E enquanto falava, braços fortes o arrancaram da sela, o envolveram em um abraço medonho logo abaixo das coxas; e, enquanto tentava em vão se agarrar à superfície lisa do corpo do peixe, ele foi arrastado para baixo. As águas fecharam-se por cima da sua cabeça, e o inimigo ainda o puxava para baixo, para as profundezas cálidas, e ainda mais fundo para onde não havia mais calor algum.

“Não consigo prender mais minha respiração”, pensou Ransom. “Não consigo. Não consigo.” Coisas frias e viscosas subiam deslizando pelo seu corpo em agonia. Ele resolveu parar de prender a respiração, abrir a boca e morrer, mas sua vontade não obedeceu a essa decisão. Não apenas seu peito mas também suas têmporas davam a impressão de que iam explodir. De nada adiantava debater-se. Seus braços não atingiam adversário algum, e suas pernas estavam imobilizadas. Ele se deu conta de que estavam subindo. Mas isso não lhe deu esperança. A superfície estava longe demais. Não daria para ele resistir até a atingirem. Na presença imediata da morte, todas as ideias da vida após a morte se retiraram da sua mente. A pura e simples proposição abstrata “Este é um homem morrendo” flutuava diante dele sem provocar emoção. De repente, um bramido voltou a atingir seus ouvidos: estrondos e retinidos intoleráveis. Sua boca abriu-se automaticamente. Ele estava respirando de novo. Em uma escuridão total, repleta de ecos, ele estava tentando agarrar o que parecia ser cascalho e escoiceando feito louco para se livrar do aperto que ainda prendia as pernas. E então estava livre e lutando mais uma vez: uma briga às cegas meio dentro e meio fora da água no que parecia ser uma praia de pedregulhos, com pedras mais aguçadas aqui e ali, que lhe cortavam os pés e os cotovelos. O negrume estava repleto de imprecações ofegantes, ora na sua própria voz, ora na de Weston, com ganidos de dor, choques com baques surdos e o barulho de respiração ofegante. No final, ele se encontrou montado no inimigo. Apertou os lados do corpo do inimigo com os joelhos até quebrar suas costelas e fechou as mãos em torno do pescoço dele. Conseguiu de algum modo resistir à ferocidade dos ataques do inimigo contra seus braços, para continuar a fazer pressão. Uma vez antes ele tivera de fazer pressão daquele jeito, mas tinha sido sobre uma artéria, para salvar uma vida, não para matar. Aquilo pareceu durar séculos. Muito depois de cessados os esforços da criatura, ele não ousava relaxar a pressão das mãos. Mesmo quando estava totalmente seguro de que a criatura já não respirava, manteve-se sentado sobre seu peito e não tirou as mãos cansadas,

se bem que agora frouxas, do pescoço da criatura. Ele mesmo já estava quase desmaiando, mas contou até mil antes de se decidir a mudar de posição. E mesmo nessa hora continuou sentado sobre o corpo. Não sabia se nas últimas horas o espírito que falara com ele tinha realmente sido o de Weston ou se fora vítima de um ardil. Na realidade, fazia pouca diferença. Havia, sem dúvida, uma confusão de pessoas na condenação eterna: o que os panteístas esperavam equivocadamente do Paraíso, os maus recebiam no Inferno. Eles eram derretidos para serem totalmente absorvidos por seu Senhor, como um soldado de chumbo vai escorregando e perdendo a forma na concha que se segura à chama do fogareiro. A questão de saber se Satanás, ou alguém digerido por Satanás, está agindo em qualquer dado momento não tem a longo prazo nenhum significado claro. Enquanto isso, o importante era não ser enganado novamente.

Nada havia a fazer, então, a não ser esperar pela manhã. Pelo rugido dos ecos em todo o seu redor, ele concluiu que estava em uma baía muito estreita entre penhascos. Como tinham conseguido chegar ali era um mistério. O amanhecer devia estar a muitas horas de distância. Esse era um inconveniente considerável. Ele decidiu não deixar o corpo enquanto não o tivesse examinado à luz do dia e talvez tomado outras providências para se certificar de que não pudesse ser reanimado. Até essa hora, deveria passar o tempo da melhor forma possível. A praia de seixos não era muito confortável; e, quando ele tentou se recostar, encontrou uma parede toda irregular. Felizmente estava tão cansado que por um tempo o simples fato de estar sentado imóvel o satisfazia. Mas essa fase passou.

Ele tentou tirar o melhor partido da situação. Decidiu desistir de tentar adivinhar como o tempo passava. (A única resposta segura, disse ele a si mesmo, é pensar na hora mais cedo que se possa supor ser possível, e depois partir do pressuposto de que a hora verdadeira seja duas horas antes daquela.) Entreteve-se recapitulando toda a história de sua aventura em Perelandra. Recitou tudo o que conseguiu se lembrar da *Iliada*, da *Odisseia*, da *Eneida*, da *Chanson de Roland*, do *Paraíso perdido*, do *Kalevala*, da *Caçada ao Snark*, além de uma quadrinha sobre as leis da fonética germânica, que tinha composto quando calouro na universidade. Tentou passar o maior tempo possível procurando os versos dos quais não conseguia se lembrar. Propôs a si mesmo um problema de xadrez. Tentou esboçar um capítulo para um livro que estava escrevendo. Mas tudo lhe pareceu nada mais que fracasso.

Essas atividades continuaram, alternando-se com períodos de inatividade obstinada, até que teve a impressão de mal conseguir se lembrar de um tempo anterior àquela noite. Era difícil para ele acreditar que, mesmo para um homem alerta e entediado, doze horas pudessem parecer tão longas. E o barulho... a irritação de um chinelo cheio de areia! Agora que pensava nisso, era muito

estranho que esse lugar não tivesse nada daquelas doces brisas noturnas que tinha encontrado em todos os outros lugares em Perelandra. Era estranho também (mas esse pensamento só lhe ocorreu no que lhe pareceram algumas horas depois) que ele não tivesse nem mesmo as cristas de ondas fosforescentes para agradar seus olhos. Muito lentamente uma possível explicação para os dois fatos começou a brotar na sua cabeça, e ela também explicaria por que a escuridão durava tanto. A ideia era terrível demais para ele se entregar a qualquer medo. Controlando-se, se ergueu com rigidez e começou a dar passos cuidadosos pela praia. O avanço era muito lento, mas logo seus braços esticados tocaram em uma rocha perpendicular. Ele ficou na ponta dos pés e estendeu as mãos o mais alto que pôde. Não encontraram nada além de rocha. “Não se alarme”, disse a si mesmo. Começou a voltar tateando. Chegou ao corpo do Não Homem, passou por ele e foi além, seguindo pela praia. Descreveu uma curva rapidamente, e desse lado, antes que tivesse dado vinte passos, suas mãos, que ele mantinha esticadas acima da cabeça, encontraram não uma parede, mas um teto de rocha. Mais alguns passos e o teto ficou mais baixo. Então ele foi obrigado a se curvar. Pouco tempo depois, precisou ficar de quatro. Era óbvio que o teto ia descendo e acabava por tocar na praia.

Atordoado pelo desespero, ele voltou tateando até o corpo e se sentou. A verdade agora estava acima de qualquer dúvida. De nada adiantava esperar pelo amanhecer. Ali não haveria amanhecer até o final dos tempos, e talvez ele já tivesse esperado uma noite e um dia. Os ecos metálicos, o ar viciado, o próprio cheiro do lugar, tudo confirmava isso. Quando afundaram, ele e o inimigo tinham, por alguma chance ínfima, sido carregados através de um buraco nos penhascos muito abaixo do nível da água, e vieram à superfície na praia de uma caverna. Seria possível inverter o processo? Ele desceu até a beira da água, ou melhor, foi tateando até onde o cascalho estava molhado, e a água veio ao seu encontro. Ela retumbou acima da sua cabeça e muito para trás dele, para então recuar com um repuxo, ao qual ele apenas conseguiu resistir estendendo totalmente os braços e pernas na praia e se agarrando às pedras. Seria inútil mergulhar naquilo – conseguiria apenas fraturar as costelas ao bater na outra parede da caverna. Se tivesse uma luz, e um lugar alto de onde mergulhar, era concebível mas muito duvidoso que conseguisse chegar ao fundo e encontrar a saída... E, fosse como fosse, ele não tinha luz alguma.

Embora o ar não fosse muito bom, ele supôs que sua prisão devia ter alguma ventilação proveniente de algum lugar, mas se era de alguma fenda que ele teria condições de alcançar, era outro assunto. Ele se virou de imediato e começou a explorar a rocha por trás da praia. De início, pareceu inútil, mas é difícil abandonar a convicção de que as cavernas podem nos levar a qualquer lugar. E,

depois de algum tempo, às apalpadelas, suas mãos encontraram uma plataforma a cerca de noventa centímetros de altura. Subiu nela. Tinha calculado que tivesse apenas alguns centímetros de profundidade, mas suas mãos não encontraram nenhuma parede à frente. Com muita cautela, deu alguns passos adiante. Seu pé direito tocou em alguma coisa afiada. Ele assobiou com a dor e seguiu com mais cautela ainda. Encontrou então uma rocha vertical: lisa até onde ele conseguia alcançar. Virou para a direita e logo perdeu a pedra. Virou para a esquerda e começou a avançar de novo, mas quase imediatamente deu uma topada com o dedão. Depois de massagear um pouco o dedo, se deixou cair de quatro. Parecia que estava em meio a rochedos, mas o caminho era praticável. Por cerca de dez minutos, ele até que avançou bem, em uma subida bastante íngreme, às vezes em cascalho escorregadio, às vezes passando por cima das rochas. Chegou então a mais um penhasco. Nele parecia haver uma plataforma mais ou menos a um metro e vinte centímetros de altura, mas dessa vez era realmente rasa. De algum modo conseguiu subir nela e se grudou à face do penhasco, tateando à esquerda e à direita em busca de outros pontos de apoio.

Quando encontrou um e percebeu que agora estava prestes a tentar uma escalada de verdade, ele hesitou. Lembrou-se de que o que estava acima dele poderia ser um penhasco que ele, à luz do dia e com trajes adequados, talvez jamais ousasse tentar escalar. Mas a esperança lhe sussurrava que o penhasco bem poderia ter somente uns dois metros de altura e que alguns minutos de serenidade talvez o levassem àqueles corredores levemente sinuosos que penetram no coração da montanha e que, àquela altura, tinham conquistado um lugar tão firme na sua imaginação. Decidiu avançar. O que o preocupava agora não era na realidade o medo de cair, mas o medo de se isolar da água. A fome ele achava que conseguiria enfrentar, mas não a sede. Mesmo assim, continuou. Por alguns minutos fez coisas que jamais tinha feito na Terra. Sem dúvida, por um lado, foi ajudado pela escuridão. Não tinha de fato nenhuma sensação da altura e nenhuma vertigem. Por outro lado, avançar apenas tateando tornava a escalada meio louca. Decerto, se alguém o tivesse visto, ele teria dado a impressão de em um momento correr riscos insensatos e em outros entregar-se a uma cautela excessiva. Tentou expulsar da mente a possibilidade de que pudesse estar escalando apenas na direção de um teto.

Depois de cerca de quinze minutos, ele se descobriu em uma larga superfície horizontal – uma plataforma muito mais profunda ou o topo de um precipício. Ali descansou e tentou se recuperar. Levantou-se então e foi avançando hesitante, esperando a qualquer momento dar com outra parede de rocha. Quando, depois de trinta passos, isso ainda não tinha acontecido, ele experimentou gritar e calculou pelo som que estava em um lugar razoavelmente

aberto. Continuou, então. O chão era de seixos pequenos, e a subida, bastante íngreme. Havia algumas pedras maiores, mas ele tinha aprendido a encolher os dedos quando estendia o pé para o próximo lugar, e agora raramente dava topadas. Um problema menos grave era que mesmo naquele negrume total ele não conseguia deixar de forçar os olhos para ver; o que lhe deu uma dor de cabeça, além de criar luzes e cores ilusórias.

Essa lenta caminhada morro acima através da escuridão demorou tanto que ele começou a ter medo de estar dando voltas, ou de ter caído por acaso em alguma galeria que seguia sem fim por baixo da superfície do planeta. A subida constante o reconfortava até certo ponto. A necessidade de luz tornou-se muito dolorosa. Ele se descobriu pensando na luz como um homem faminto pensa em comida: visualizando encostas de morros na primavera, com nuvens leitosas passando velozes em céus azuis, ou tranquilos círculos de luz artificial em mesas agradavelmente entulhadas com livros e cachimbos. Por uma curiosa confusão mental, considerava impossível não imaginar que a ladeira que subia não fosse meramente escura, mas totalmente negra, como que enegrecida por fuligem. Tinha a impressão de que seus pés e mãos deveriam estar negros só por tocar nela. Sempre que se imaginava chegando a alguma luz, ele também imaginava que essa luz revelaria um mundo de fuligem em toda a sua volta.

Ele bateu a cabeça com força em alguma coisa e se sentou meio atordoado. Quando se recompôs, descobriu apalpando que a ladeira de cascalho tinha subido até um teto de rocha lisa. Seu desânimo foi enorme e ele ficou ali sentado, digerindo essa descoberta. O som das ondas subia fraco e tristonho de lá de baixo e lhe dizia que agora ele estava a uma grande altura. Finalmente, se bem que com pouquíssima esperança, começou a andar para a direita, mantendo contato com o teto com os braços esticados para cima. Logo o teto recuou fora do seu alcance. Muito tempo depois, ouviu um som de água. Agora ele avançava mais devagar com um medo enorme de deparar com uma cascata. O cascalho começou a parecer molhado, e por fim ele se encontrou parado em um laguinho. Voltando-se para a esquerda, de fato encontrou uma cascata, mas era um riacho minúsculo cuja água não tinha força de pô-lo em risco. Ajoelhou-se no laguinho ondulante e bebeu da queda-d'água, pondo a cabeça e os ombros exaustos ali embaixo. Depois, sentindo-se enormemente revigorado, tentou subir por ela.

Embora as pedras fossem escorregadias por conta de algum tipo de musgo, e muitos dos laguinhos fossem fundos, a subida não apresentou dificuldades sérias. Em cerca de vinte minutos, ele tinha chegado ao alto e, até onde lhe fosse possível avaliar, gritando e observando o eco, agora estava em uma caverna muito grande mesmo. Adotou o riacho como guia e passou a acompanhar seu curso. Naquela escuridão desprovida de qualquer marco de referência, ele era

algum tipo de companhia. Alguma esperança verdadeira – diferente da mera convenção de esperança que sustenta os homens em situações desesperadoras – começou a entrar em sua mente.

Foi pouco depois disso que ele começou a se preocupar com os ruídos. Os últimos leves bramidos do mar no pequeno buraco de onde tinha partido tantas horas atrás agora tinham desaparecido, e o som predominante era o suave murmúrio do riacho. Mas ele agora começava a achar que ouvia outros barulhos misturados. Às vezes seria um baque surdo, como se alguém tivesse se deixado escorregar para dentro de um dos laguinhos atrás dele. Às vezes, e de modo mais misterioso, um som seco, chocalhante, como se alguém estivesse arrastando correntes pelas pedras. De início, ele atribuiu isso à imaginação. Então parou uma vez ou duas para escutar e não ouviu nada; mas cada vez que seguia em frente os barulhos recomeçavam. Por fim, parando mais uma vez, ele ouviu o som de modo inconfundível. Poderia ser que o Não Homem tivesse afinal de contas voltado à vida e ainda o estivesse seguindo? Mas isso parecia improvável, pois todo o seu plano tinha sido escapar. Não era tão fácil descartar a outra possibilidade – a de que essas cavernas tivessem moradores. Toda a sua experiência na realidade lhe afirmava que, se esses moradores existissem, era provável que fossem inofensivos, mas de algum modo ele não conseguia chegar a acreditar que qualquer coisa que vivesse em um lugar daqueles fosse agradável; e um pequeno eco da fala do Não Homem – ou seria de Weston – voltou-lhe à mente. “Tudo belo na superfície, mas por dentro: escuridão, calor, horror e fedor.” Ocorreu-lhe então que, se alguma criatura o estivesse seguindo pelo riacho acima, talvez fosse bom ele sair das margens e esperar que a criatura passasse. Mas, se ela o estava caçando, presumivelmente caçaria pelo faro. E, fosse como fosse, ele não queria se arriscar a se perder do riacho. Acabou prosseguindo.

Fosse por fraqueza, pois agora tinha muita fome mesmo, fosse porque os ruídos atrás dele o fizessem acelerar involuntariamente o ritmo, ele descobriu que estava sentindo um calor desagradável, e até mesmo o riacho não parecia muito refrescante quando punha os pés na água. Começou a pensar que, quer estivesse sendo perseguido, quer não, precisava de um breve descanso. Mas exatamente nesse instante viu a luz. Antes, seus olhos tinham se enganado tantas vezes que de início ele não quis acreditar. Fechou-os enquanto contava até cem e olhou de novo. Deu meia-volta e se sentou por alguns minutos, rezando para que não fosse uma ilusão, e olhou novamente.

– Bem – disse Ransom –, se for uma ilusão, é uma ilusão bastante insistente. – Uma luminosidade trêmula, minúscula, muito baça, de cor ligeiramente avermelhada, estava diante dele. Era fraca demais para iluminar qualquer outra

coisa, e naquele mundo de negrume ele não sabia dizer se ela estava a cinco metros ou a cinco quilômetros de distância. Partiu de imediato, com o coração batendo forte. Graças a Deus, parecia que o riacho o conduzia na direção da luz.

Embora acreditasse que a luz ainda estava muito longe, ele se descobriu quase pisando nela. Era um círculo refletido na superfície da água, que ali em torno formava um laguinho trêmulo, meio fundo. Ela vinha do alto. Entrando no laguinho, ele olhou para o alto. Logo acima dele havia um clarão de formato irregular, agora nitidamente vermelho; dessa vez, forte o suficiente para lhe mostrar os objetos mais próximos; e, quando seus olhos os captaram, ele percebeu que estava olhando pelo meio de uma chaminé ou de uma fissura. Sua abertura inferior estava no teto da própria caverna onde ele se encontrava, que ali devia estar alguns palmos acima da sua cabeça. Era óbvio que sua abertura superior ficava no piso de uma câmara separada e mais alta, de onde a luz se originava. Ele podia ver as paredes irregulares da chaminé, pouco iluminadas e revestidas com almofadas e serpentinas de uma vegetação gelatinosa e bastante desagradável. Por essa vegetação a água escorria e caía nos seus ombros e na sua cabeça como uma chuva morna. Esse calor, junto com a cor vermelha da luz, sugeria que a caverna superior era iluminada por algum fogo subterrâneo. Não ficará claro para o leitor, nem ficou claro para Ransom quando ele refletiu sobre o assunto depois, por que motivo ele decidiu entrar de imediato na caverna superior, se lhe fosse possível. Ele acha que o que realmente o impeliu foi a simples sede de luz. Desde o primeiro olhar de relance para a chaminé, as dimensões e a perspectiva foram restauradas ao seu mundo, e só isso já foi como a libertação de uma prisão. Ela pareceu lhe dizer muito mais do que realmente dizia a respeito dos arredores: devolveu-lhe toda aquela estrutura de direções espaciais sem as quais um homem dificilmente parece conseguir chamar seu corpo de seu mesmo. Depois disso, estava fora de cogitação qualquer retorno para o horrível vazio negro, o mundo da fuligem e do carvão, o mundo sem tamanho nem distância, no qual vinha perambulando. Talvez ele também tivesse alguma impressão de que não importava o que o estivesse seguindo, deixaria de segui-lo se ele conseguisse entrar na caverna iluminada.

Mas não foi fácil. Ele não conseguia alcançar a abertura da chaminé. Mesmo quando pulava, somente tocava na borda da sua vegetação. Por fim, ocorreu-lhe um plano pouco promissor, que foi o melhor que pôde cogitar. Ali mal havia luz suficiente para enxergar uma quantidade de pedras maiores em meio ao cascalho, e ele se pôs a construir uma pilha no centro do laguinho. Trabalhou de modo bastante febril e muitas vezes precisou desfazer o que tinha feito. Foram algumas tentativas até ela ter uma altura suficiente. Quando por fim a construção terminou e ele estava em pé no cume, transpirando e tremendo, o

verdadeiro perigo ainda estava por vir. Ele precisava agarrar a vegetação de cada lado acima da sua cabeça, confiando que sua sorte faria que ela aguentasse, e, meio pulando meio se içando, subir o mais depressa possível, pois sabia que, se ela chegasse a aguentá-lo, decerto não seria por muito tempo. De um modo ou de outro, ele conseguiu. Descobriu-se enfiado na fenda com as costas grudadas em um lado e os pés empurrados contra o outro, como um alpinista no que se costuma chamar de chaminé. A vegetação espessa e esponjosa protegia sua pele; e, depois de alguns esforços para subir, ele viu que as paredes da passagem eram tão irregulares que poderiam ser escaladas do modo normal. O calor aumentou rapidamente.

– Sou um idiota por ter subido aqui – disse Ransom. Mas no momento em que dizia isso, chegou ao alto.

De início, foi ofuscado pela luz. Quando finalmente conseguiu tomar pé dos arredores, descobriu estar em um enorme salão tão iluminado pela luz do fogo que lhe deu a impressão de ter sido escavado em barro vermelho. Ele estava olhando ao longo do comprimento. O piso descia inclinado para a esquerda. À sua direita ele se inclinava para o alto para o que parecia ser a beira de um penhasco, para além do qual havia um abismo de brilho ofuscante. Um rio largo e raso corria pelo meio da caverna. O teto era tão alto que não se via, mas as paredes subiam pela escuridão adentro com largas curvas, como as raízes de uma faia.

Ele se pôs de pé, cambaleando, atravessou o rio (que parecia quente) lançando salpicos para os lados, e se aproximou da beira do penhasco. O fogo parecia estar a centenas de metros abaixo dali, e ele não conseguia ver o outro lado do precipício onde ele se engrossava, rugia e se contorcia. Seus olhos conseguiram suportar o calor somente por cerca de um segundo; e, quando desviou o olhar, o restante da caverna pareceu escuro. O calor do seu corpo era doloroso. Ele se afastou da beira do penhasco e se sentou de costas para o fogo, para organizar seus pensamentos.

Eles se organizaram de modo inesperado. De modo repentino e irresistível, como um ataque de tanques, toda aquela visão do universo que Weston (se é que era Weston) tinha tão recentemente apregoadado para ele tomou posse quase total da sua mente. Ele parecia ver que tinha vivido toda a vida em um mundo de ilusão. Os espíritos, os malditos espíritos, tinham razão. A beleza de Perelandra, a inocência da Dama, o sofrimento dos santos, os amáveis afetos dos homens, eram todos somente aparência e exibição. O que ele tinha chamado de mundos não passava da pele dos mundos: a uns quatrocentos quilômetros abaixo da superfície, e de lá em diante por milhares de quilômetros de escuridão, silêncio

e fogo infernal, até o próprio centro de cada mundo, a Realidade vivia – o sem sentido, o desfeito, a idiotice onipotente para a qual nenhum espírito fazia diferença e diante da qual todos os esforços eram vãos. O que quer que o estivesse seguindo subiria por aquele buraco escuro e úmido, seria em breve excretado por aquele tubo medonho, e então ele morreria. Ele fixou os olhos na abertura escura da qual ele próprio tinha saído. E então...

– Era o que eu pensava – disse Ransom.

Devagar, trêmula, com movimentos não humanos e antinaturais, uma forma humana, escarlate à luz do fogo, saiu rastejando para o piso da caverna. Era o Não Homem, é claro. Arrastando a perna quebrada e com o maxilar inferior caído como o de um cadáver, ele se ergueu até ficar em pé. E então, logo atrás dele, mais uma coisa saiu do buraco. Primeiro vieram o que pareciam ser galhos de árvores e sete ou oito focos de luz, agrupados irregularmente como uma constelação. Depois um volume tubular que refletia o clarão vermelho como se tivesse sido polido. O coração de Ransom teve um forte sobressalto quando os galhos de repente se dividiram em tentáculos longos e resistentes; e os pontos de luz se tornaram os inúmeros olhos de uma cabeça protegida por uma carapaça. E o que vinha depois revelou ser um corpo grande aproximadamente cilíndrico. Surgiram então coisas horríveis: pernas angulosas, com inúmeras articulações, e logo, quando ele achou que o corpo inteiro estava visível, um segundo corpo veio em seguida, e depois desse um terceiro. A criatura era formada por três partes, unidas apenas por uma espécie de estrutura de cintura de vespa. Três partes que não pareciam estar realmente alinhadas e davam a impressão de que a criatura teria sido pisada: uma deformidade imensa, trêmula, provida de muitas pernas, em pé logo atrás do Não Homem, de tal modo que as sombras horríveis dos dois dançavam em uma ameaça monstruosa e unida na parede de rocha ao fundo.

– Querem me apavorar – disse alguma coisa no cérebro de Ransom, e nesse mesmo instante ele se convenceu tanto de que o Não Homem tinha convocado esse grande ser rastejante quanto de que os pensamentos nefastos que precederam o aparecimento do inimigo tinham sido despejados em sua própria mente pela vontade do inimigo. O conhecimento de que seus pensamentos poderiam ser dirigidos desse modo, de fora, não despertou nele terror, mas cólera. Ransom descobriu que tinha se levantado, que estava se aproximando do Não Homem, que estava dizendo coisas, talvez coisas tolas em inglês.

– Você acha que vou tolerar *isso*? – gritou ele. – Fora do meu cérebro. Ele não lhe pertence, é o que estou dizendo. Fora! – Enquanto gritava, apanhou uma pedra grande e pontuda do lado do riacho.

– Ransom – disse o Não Homem, com a voz rouca. – Espere. Nós dois não temos como sair... – Mas Ransom já estava investindo contra ele.

– Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, aí vai... quer dizer, amém – disse Ransom, atirando a pedra com a maior força possível no meio da cara do Não Homem. O Não Homem caiu como cai um lápis, com o rosto tão esmagado que impediria qualquer tipo de reconhecimento. Ransom não lhe deu nem um olhar de relance, mas se voltou para encarar o outro horror. Porém aonde tinha ido parar o outro horror? A criatura estava ali, uma criatura de formato curioso, sem dúvida, mas todo o ódio tinha desaparecido por inteiro de sua mente, tanto que nem naquele momento nem em nenhuma outra ocasião ele conseguiu se lembrar desse ódio, nem jamais compreender outra vez por que alguém deveria lutar com um animal por ter mais pernas ou mais olhos que ele mesmo. Tudo o que tinha sentido desde a infância a respeito de insetos e répteis extinguiu-se naquele momento: extinguiu-se totalmente, como uma música medonha se extingue quando se desliga o rádio. Parecia que, desde o início, tudo tinha sido um encantamento tenebroso do inimigo. Um dia, quando estava escrevendo sentado perto de uma janela aberta em Cambridge, ele erguera os olhos do papel e estremecera ao ver, como supôs, um besouro multicolorido, de formato extraordinariamente horroroso se arrastando sobre seu trabalho. Um segundo olhar revelou que se tratava de uma folha seca, movimentada pela brisa, e instantaneamente as próprias curvas e reentrâncias que tinham representado a feiura do besouro se tornaram a beleza da folha. Agora, ele teve quase a mesma sensação. Viu de imediato que a criatura não pretendia lhe fazer mal. Na realidade, não tinha absolutamente nenhuma intenção. Tinha sido atraída até ali pelo Não Homem, e agora estava parada ali, mexendo as antenas, hesitante. Então, aparentando não apreciar o ambiente, deu meia-volta com enorme esforço e começou a descer pelo buraco de onde tinha saído. Quando viu a última seção do corpo tripartite bambolear na beira da fenda e por fim se lançar com a cauda em forma de torpedo virada para cima, Ransom quase riu. “Como um trem com vagões vivo”, foi seu comentário.

Ele se voltou para o Não Homem. Nele praticamente não restava nada que se pudesse chamar de cabeça, mas Ransom achou melhor não correr riscos. Segurou o Não Homem pelos tornozelos e o arrastou até a borda do precipício. Então, depois de descansar alguns segundos, ele o empurrou dali. Viu sua forma negra, por um instante, em contraste com o mar de fogo, e esse foi seu fim.

Ransom voltou rolando mais do que se arrastando até o riacho e bebeu muita água.

“Este pode ser meu fim, ou não”, pensou Ransom. “Pode haver uma saída dessas cavernas, ou não. Mas hoje não vou dar mais nem um passo. Nem se for para salvar minha vida. Nem para salvar minha vida. Está decidido. Glória a Deus. Estou cansado.” Daí a um segundo estava dormindo.

Após seu longo sono na caverna iluminada pelo fogo, no restante da viagem subterrânea, Ransom estava um pouco tonto de fome e cansaço. Depois de acordar, ele se lembra de ter ficado deitado, imóvel, pelo que lhe pareceram muitas horas, e até mesmo de debater consigo mesmo se valia a pena prosseguir. O momento da decisão em si desapareceu da sua mente. Cenas voltavam de modo caótico, desconexo. Havia uma longa galeria aberta para o abismo de fogo de um lado e um lugar terrível onde nuvens de vapor subiam interminavelmente. Sem dúvida, uma das muitas torrentes que roncavam nas redondezas caía ali nas profundezas do fogo. Mais adiante havia enormes salões ainda com iluminação fraca e repletos de uma riqueza mineral desconhecida que cintilava e dançava com a luz e confundia seus olhos como se ele estivesse explorando um salão de espelhos com a ajuda de uma lanterna de bolso. Pareceu-lhe também, embora isso pudesse ter sido um delírio, que ele atravessou um espaço enorme como uma catedral, que mais se assemelhava a uma obra de arte do que da Natureza, com dois grandes tronos em uma ponta e cadeiras de cada lado grandes demais para serem usadas por humanos. Se essas visões foram reais, ele nunca encontrou explicação para isso. Havia um túnel escuro no qual soprava um vento vai-se saber vindo de onde, que jogou areia no seu rosto. Havia também um lugar onde ele próprio andava no escuro e via lá embaixo, através de metros e mais metros de poços, arcos naturais e abismos serpeantes, um piso liso com uma luz fria e verde. E enquanto estava parado, olhando, pareceu-lhe que quatro dos grandes besouros da terra, reduzidos pela distância ao tamanho de mosquitos, e se arrastando aos pares, entraram devagar no seu campo visual. E eles puxavam uma plataforma com rodas, e nesse veículo, ereto e inabalável, estava um vulto coberto por um manto, enorme, imóvel e esguio. E, instigando esse estranho quaterno, ele passou com uma majestade intolerável e sumiu de vista. Decididamente o interior desse mundo não era para o ser humano. Mas era para alguma criatura. E pareceu a Ransom que, se um homem conseguisse descobri-la, talvez houvesse uma forma de renovar a antiga prática pagã de

propiciar os deuses de locais desconhecidos de forma a não representar ofensa a Deus Em Si, mas que apenas um pedido de desculpas prudente e cortês pela invasão. Aquela coisa, aquele vulto todo envolto no seu coche, era sem dúvida seu próximo. Não se concluía daí que eles fossem iguais, nem que tivessem um direito igual nos subterrâneos. Muito tempo depois, veio o retumbar: o *bum-ba-ba-ba-bum-buum* saindo do negrume total, de início distante, depois cercando-o por todos os lados, para então ir se extinguindo após uma prolongação interminável de ecos no labirinto negro. Veio então a fonte de luz fria – uma coluna, como que de água, brilhando com alguma radiância própria, pulsando e nunca parecendo mais próxima por mais que ele avançasse, até que por fim sumiu. Ele não descobriu o que ela era. E assim, depois de mais estranheza, grandiosidade e esforço do que eu poderia descrever, veio um momento em que seus pés escorregaram em barro, sem o menor aviso. Uma louca tentativa de se agarrar a qualquer coisa, um espasmo de terror, e lá estava ele espirrando e se debatendo em uma corrente veloz de águas fundas. Ele achou que, mesmo que escapasse de ser atirado para a morte contra as paredes do canal, logo mergulharia com a correnteza no abismo de fogo. Mas o canal devia ser muito reto, e a correnteza menos violenta do que supunha. Fosse como fosse, ele nunca tocou os lados. Por fim, deixou-se levar indefeso, seguindo veloz pela escuridão retumbante. Isso durou muito tempo.

É preciso entender que, com a expectativa da morte, a exaustão e o barulho, ele estava com a mente confusa. Olhando em retrospectiva para a aventura, sua impressão era a de ter saído boiando do negro para o cinza, e então para um caos inexplicável de brancos, verdes e azuis translúcidos. Havia sugestões de arcos acima da sua cabeça e colunas levemente brilhantes, mas tudo indefinido e cada um apagando o outro assim que era visto. Parecia uma caverna de gelo, mas era quente demais para isso. E o teto lá no alto também parecia ondular como água, no que era sem dúvida um reflexo. Daí a um instante, ele foi arremessado para a luz do dia, para o ar livre e o calor; rolado de pernas para o ar e depositado, ofuscado e sem fôlego, na parte rasa de um poço enorme.

Agora estava praticamente fraco demais para se mexer. Alguma coisa no ar e o vasto silêncio que servia de pano de fundo para os gritos solitários das aves disseram-lhe que ele estava no alto de uma montanha. Saiu da água, rolando mais do que se arrastando, para uma agradável relva azul. Olhando de volta para o lugar de onde tinha saído, ele viu um rio que se despejava pela boca de uma caverna, uma caverna que parecia na realidade ser feita de gelo. Ali embaixo, a água era de um azul espectral; mas, perto de onde ele estava, ela era de uma cor de âmbar aconchegante. Em toda a sua volta havia névoa, frescor e orvalho. Ao seu lado, erguia-se um penhasco recoberto com serpentinas de vegetação

colorida, que reluzia como vidro nos locais em que sua própria superfície transparecia. Mas a isso ele deu pouca atenção. Havia gordos cachos de uma fruta parecida com a uva que reluziam por baixo das folhinhas pontudas, e ele podia alcançá-los sem se levantar. O ato de comer foi se transformando em dormir por uma transição da qual ele nunca conseguiu se lembrar.

A partir desse ponto torna-se cada vez mais difícil relatar as experiências de Ransom em alguma ordem específica. Ele não faz a menor ideia de quanto tempo ficou deitado à margem do rio junto da boca da caverna, comendo, dormindo e despertando só para comer e dormir de novo. Ele acha que foi só um dia ou dois, mas pelo estado de seu corpo, quando terminou o período de convalescença, eu diria que deve ter sido mais para uma quinzena ou três semanas. Foi um tempo a ser lembrado somente em sonhos, como nos lembramos da tenra infância. Na realidade, foi uma segunda infância, na qual ele foi amamentado pelo próprio planeta Vênus: em um processo inverso ao desmame até conseguir sair daquele lugar. Restam três impressões desse longo período de descanso. Uma é o som permanente de águas alegres. Outra é a vida deliciosa que ele chupava dos cachos que pareciam quase se abaixar voluntariamente para suas mãos estendidas. A terceira é a música. Ora bem alta no ar acima dele, ora subindo a partir de vales e ravinas lá embaixo, ela embalava seu sono e era o primeiro som que ouvia a cada despertar. Era amorfa, como o canto de um pássaro, mas não era a voz de um pássaro. A voz de um pássaro está para uma flauta como aquela voz estava para um violoncelo: era grave, madura, terna, bem nutrida, rica e de um marrom dourado. Também era cheia de paixão, mas não das paixões dos homens.

Como ele foi sendo liberado de forma tão gradual desse estado de descanso, não tenho como transmitir suas impressões do lugar em que estava deitado, à medida que ele absorvia o que via. Mas quando ele se curou e sua mente voltou a ficar clara, foi o seguinte o que viu. Os penhascos através dos quais seu rio tinha saído da caverna não eram de gelo, mas de algum tipo de rocha translúcida. Qualquer lasquinha que se partisse deles era transparente como o vidro, mas os penhascos em si, quando se olhava para eles, pareciam tornar-se opacos a uns quinze centímetros da superfície. Quem fosse andando rio acima por dentro da água, desse meia-volta e olhasse na direção da luz perceberia que as bordas do arco que formava a entrada da caverna eram nitidamente transparentes: e tudo parecia azul ali dentro. Ele não sabia o que havia no topo desses penhascos.

Diante dele, o gramado de relva azul continuava plano por uns trinta passos, e depois caía em uma vertente íngreme, levando o rio por uma série de cataratas. A encosta era coberta de flores agitadas constantemente com uma leve brisa. Ela

descia por uma longa distância e terminava em um vale sinuoso e arborizado que sumia de vista ao circundar à direita uma encosta majestosa. Mas, depois disso, mais para baixo, tão mais abaixo que parecia ser quase incrível, dava para ver o cume de montanhas; e mais adiante, ainda mais apagados, viam-se sinais de vales mais baixos, e depois o desaparecimento de tudo em uma névoa dourada. No outro lado desse vale, o terreno saltava em enormes dobras e extensões de altura quase digna do Himalaia até chegar às rochas vermelhas. Elas não eram vermelhas como os penhascos de Devonshire: eram de um vermelho vivo verdadeiro, como se tivessem sido pintadas. A cor viva espantou-o, tal qual a forma aguçada como agulhas de seus cumes, até ocorrer-lhe que ele estava em um mundo jovem e que essas montanhas poderiam, em termos geológicos, estar na tenra infância. Além disso, elas poderiam estar ainda mais distantes do que pareciam.

Atrás dele e à sua esquerda, os penhascos de cristal fechavam sua visão. Para a direita eles logo terminavam e para além deles o terreno se elevava formando outro pico mais próximo... muito mais baixo do que os que ele via do outro lado do vale. A inclinação fantástica de todas as encostas confirmava sua noção de que ele estava em uma montanha muito jovem.

Tudo estaria muito quieto se não fosse pela canção. Quando via pássaros, eles estavam muito abaixo dele. Nas vertentes à sua direita e, de modo menos nítido, na encosta do enorme maciço à sua frente, havia um constante efeito de ondulação para o qual ele não via explicação. Era como água escorrendo, o que lhe pareceu improvável porque, se fosse um curso d'água na montanha mais distante, teria de ter de três a cinco quilômetros de largura.

Na tentativa de montar um quadro completo, omiti algo que, na realidade, fez Ransom demorar a captar aquela imagem. Toda aquela região estava tomada por um nevoeiro. Ela não parava de desaparecer em um véu de açafrão ou de um dourado muito pálido para depois ressurgir – quase como se o teto-céu dourado, que parecia estar poucos palmos acima dos picos das montanhas, estivesse se abrindo e derramando riquezas sobre o mundo.

Com o passar dos dias, à medida que aprendia mais sobre o lugar, Ransom também veio a tomar maior conhecimento do estado do próprio corpo. Por muito tempo, ele se sentiu quase rígido demais para se mexer, e até mesmo uma respiração descuidada o fazia encolher-se de dor. Disso ele se curou, porém, com uma rapidez surpreendente. Contudo, exatamente como um homem que levou um tombo apenas descobre a verdadeira lesão quando as contusões e os cortes sem importância se tornam menos dolorosos, Ransom também já estava quase bem quando detectou seu problema mais grave. Era um ferimento no calcanhar.

O formato deixava claro que o ferimento tinha sido causado por dentes humanos: os dentes cruéis, rombudos de nossa própria espécie, que esmagam e moem em vez de cortar. Por estranho que fosse, ele não tinha a menor lembrança dessa mordida em particular em qualquer uma de suas inúmeras pelejas com o Não Homem. Não parecia infectada, mas ainda sangrava. Não sangrava rápido, mas nada que ele fizesse conseguia estancar o sangue. No entanto, ele se preocupava muito pouco com isso. Nem o futuro nem o passado chegavam realmente a ser de seu interesse nesse período. Desejar e temer eram modos de consciência, que ele parecia ter perdido a faculdade de atingir.

Chegou porém um dia em que ele teve a necessidade de alguma atividade, mas ao mesmo tempo não se sentia disposto a deixar a pequena toca entre o laguinho e o penhasco, a qual tinha se tornado um lar para ele. Ele dedicou aquele dia a fazer algo que pode parecer bastante bobo; e, ainda assim, na hora sua impressão foi a de que dificilmente poderia deixar de fazê-lo. Tinha descoberto que a substância dos penhascos translúcidos não era muito dura. Agora pegou uma pedra amolada, de um tipo diferente, e limpou a vegetação de uma boa área na parede do penhasco. Tirou então medidas e calculou cuidadosamente o espaço. Depois de algumas horas tinha conseguido gravar o seguinte texto. O idioma era Solar Antigo, mas as letras eram do alfabeto romano.

DENTRO DESSAS CAVERNAS FOI INCINERADO
O CORPO DE
EDWARD ROLLES WESTON
UM HNAU ILUSTRE DO MUNDO
CHAMADO DE TELLUS
PELOS QUE O HABITAM
MAS DE THULCANDRA PELOS ELDILA
ELE NASCEU QUANDO TELLUS TINHA COMPLETADO
MIL OITOCENTAS E NOVENTA E SEIS
REVOLUÇÕES EM TORNO DE ARBOL
DESDE A ÉPOCA EM QUE MALELDIL,
LOUVADO SEJA,
NASCEU COMO HNAU EM THULCANDRA
ELE ESTUDOU AS PROPRIEDADES DOS CORPOS
E FOI O PRIMEIRO DOS TELURIANOS A VIAJAR PELOS

CÉUS ATÉ MALACANDRA E PERELANDRA,
ONDE ABANDONOU A RAZÃO E A DETERMINAÇÃO DE
ERUDITO,
ENTREGANDO-AS AO ELDIL TORTO
QUANDO TELLUS ESTAVA FAZENDO
A MILÉSIMA NONGENTÉSIMA
QUADRAGÉSIMA SEGUNDA REVOLUÇÃO
APÓS O NASCIMENTO DE MALELDIL
LOUVADO SEJA.

“Essa foi uma bela patetice”, disse Ransom para si mesmo, contente, quando voltou a se deitar. “Ninguém jamais lerá isso. Mas era preciso que houvesse algum registro. Afinal de contas, ele foi um grande físico. Seja como for, com isso fiz algum exercício.” – Ele deu um bocejo assombroso e se acomodou para mais doze horas de sono.

No dia seguinte, estava se sentindo melhor e começou a fazer pequenas caminhadas, sem descer, mas andando de um lado para o outro na encosta de cada lado da caverna. No outro dia, estava ainda melhor. E no terceiro, estava bem e pronto para aventuras.

Ele partiu bem cedo de manhã e começou a acompanhar o curso d’água morro abaixo. A encosta era muito íngreme, mas não havia aflorações rochosas, e a relva era macia e elástica. E, para sua surpresa, descobriu que a descida não lhe provocava cansaço nos joelhos. Quando tinha andado cerca de meia hora e os picos da montanha do outro lado estavam agora altos demais para enxergar, enquanto os penhascos de cristal atrás dele não eram mais que um brilho distante, ele chegou a um novo tipo de vegetação. Estava se aproximando de uma floresta de árvores pequenas, cujos troncos tinham cerca de setenta centímetros de altura; mas do alto de cada tronco cresciam longas serpentinas que não se levantavam no ar, mas flutuavam com o vento, morro abaixo, em um movimento paralelo ao chão. Desse modo, quando entrou no meio delas, descobriu-se andando até a altura dos joelhos e mais, em um mar de serpentinas em constante ondulação – um mar que logo se jogava em toda a sua volta até onde ele conseguia enxergar. Era de cor azul, mas muito mais claro que o azul da relva – quase um azul hortênsia no centro de cada serpentina, mas desbotando nas bordas franjadas e emplumadas, em um cinza azulado tão delicado que seriam necessários os efeitos mais sutis de nuvens e fumaça para reproduzi-lo no nosso mundo. As carícias suaves, quase impalpáveis, das folhas longas e

finas na sua carne, a música baixa sussurrante e farfalhante, e a alegria dos movimentos ao seu redor começaram a fazer seu coração bater com aquela sensação de prazer quase assombrosa que ele sentira antes em Perelandra. Percebeu que essas florestas anãs – essas árvores ondulantes, como agora as batizava – eram a explicação para aquele movimento semelhante à água que tinha visto nas encostas mais distantes.

Quando se cansou, Ransom se sentou e se descobriu de imediato em um mundo novo. As serpentinas agora flutuavam acima de sua cabeça. Ele estava em uma floresta feita para anões, uma floresta com um teto azul transparente, em constante ondulação, lançando uma dança permanente de luzes e sombras sobre o piso musguento. E logo viu que ela era mesmo feita para anões. Através do musgo, que ali era de uma delicadeza extraordinária, ele via as idas e vindas do que de início supôs serem insetos, mas que, depois de um olhar mais atento, se revelaram ser mamíferos minúsculos. Havia muitos camundongos da montanha, primorosos modelos em escala daqueles que ele tinha visto na Ilha Proibida, cada um mais ou menos do tamanho de um mangangá. Havia pequenos milagres de elegância, que eram mais semelhantes a cavalos que qualquer coisa que ele já tivesse visto nesse mundo, se bem que parecessem ser protoequídeos mais do que parecidos com o representante moderno da espécie.

– Como vou poder evitar pisar em milhares deles? – perguntou-se. Mas na realidade eles não eram muito numerosos, e seu grupo principal parecia estar todo se afastando à sua esquerda. Quando fez menção de se levantar, percebeu que já havia muito poucos deles à vista.

Continuou a descer por entre as serpentinas ondulantes (era como uma espécie de banho em uma arrebentação vegetal) por cerca de mais uma hora. E então chegou a um bosque e logo a um rio com um curso rochoso que atravessava seu caminho à direita. Tinha de fato chegado ao vale arborizado e soube que o terreno que subia através das árvores no outro lado da água era o início da enorme subida. Ali havia uma sombra da cor de âmbar e uma altura solene sob o dossel da floresta. Havia rochas molhadas por cataratas; e sobre todas as coisas o som daquele canto profundo. Estava agora tão alto e tão cheio de melodia que ele desceu pelo rio, saindo um pouco do trajeto, para procurar sua origem. Isso o levou quase de imediato a sair das aleias imponentes e clareiras abertas, para um bosque de um tipo diferente. Logo ele estava abrindo caminho em um bosque cerrado, desprovido de espinhos, todo em flor. Sua cabeça ficou coberta com as pétalas que caíam sobre ela como chuva; os lados do corpo, dourados com o pólen. Grande parte do que seus dedos tocavam era pegajosa; e, a cada passo, seu contato com o solo e o mato parecia despertar novos odores que penetravam velozes em seu cérebro e lá geravam prazeres

loucos e imensos. O som estava agora muito alto, e o bosque era tão fechado que ele não conseguia enxergar um metro diante do nariz, quando a música parou de repente. Ouviu-se o ruído de um farfalhar e de raminhos quebrados; e ele se apressou a ir naquela direção, mas nada descobriu. Já tinha quase decidido desistir da busca, quando a música recomeçou um pouco mais adiante. Mais uma vez, foi em sua direção. Mais uma vez a criatura parou de cantar e fugiu dele. Deve ter brincado de esconde-esconde com ela, desse jeito, por quase uma hora, até seu esforço ser recompensado.

Pisando delicadamente durante uma das explosões mais altas da música, ele por fim viu alguma coisa preta através dos ramos floridos. Permanecendo imóvel sempre que ela parava de cantar, e avançando com enorme cautela sempre que recomeçava, ele a seguiu por dez minutos. Por fim, ela estava totalmente à vista, cantando, despercebida de estar sendo vigiada. Estava sentada ereta como um cachorro, preta, esguia e brilhante, mas seus ombros estavam mais altos que a cabeça de Ransom, e as pernas dianteiras nas quais eles se sustentavam eram como árvores jovens, com as patas largas e macias nas quais elas repousavam, grandes como as de um camelo. O enorme ventre arredondado era branco; e, lá no alto acima dos ombros, o pescoço se erguia como o de um cavalo. De onde Ransom estava postado, a cabeça estava de perfil: a boca muito aberta quando a criatura cantava de felicidade em trinados abundantes; e era quase visível como a música ondulava em seu pescoço lustroso. Assombrado, Ransom olhava fixamente para os olhos líquidos muito abertos e para as narinas sensíveis, trêmulas. Depois a criatura calou-se, viu-o e fugiu veloz. E então a alguns passos de distância parou, nas quatro patas, não muito menor que um elefante jovem, balançando uma cauda longa e cerrada. Era a primeira criatura em Perelandra que deixava transparecer algum medo do ser humano. Mas aquilo não era medo. Quando Ransom a chamou, ela se aproximou. Pôs o focinho aveludado em sua mão e tolerou seu afago, mas quase imediatamente fugiu depressa e, curvando o pescoço comprido, enfiou a cabeça entre as patas. Ele não conseguia nenhum progresso com ela; e, quando por fim ela se retirou para onde ele não a via, não foi atrás. Persegui-la teria parecido uma ofensa à sua timidez de cervato, à suavidade complacente de sua expressão, a seu evidente desejo de ser para sempre um som e apenas um som, no centro mais denso de bosques intransitados. Ele retomou viagem. Alguns segundos depois, a canção irrompeu atrás dele, mais alta e mais bela que antes, como que em um hino de júbilo pela recuperação da privacidade.

Ransom agora se dedicava seriamente a subir a grande montanha, e em alguns minutos saiu dos bosques para suas encostas inferiores. Prosseguiu por uma subida tão íngreme que usou as mãos tanto quanto os pés por cerca de meia

hora e ficou intrigado ao descobrir que fazia isso quase sem se fatigar. E então entrou novamente em uma região de árvores ondulantes. Dessa vez o vento soprava as serpentinas, não para baixo da vertente da montanha, mas para cima, de tal modo que seu percurso causava a impressão espantosa de se dar por uma larga queda-d'água azul, escorrendo ao contrário, curvando-se e espumando na direção das alturas. Sempre que o vento cessava por um segundo ou dois, as extremidades das serpentinas começavam a se encaracolar de volta sob a influência da gravitação, tanto que parecia que as cristas das ondas estavam sendo lançadas de volta por um vento forte. Ele continuou a subir por muito tempo através dessa vegetação, sem nunca sentir nenhuma necessidade verdadeira de descanso, mas mesmo assim descansando de vez em quando. Agora estava tão alto que, quando olhou de volta por cima do vale, os penhascos de cristal de onde havia partido pareciam estar no mesmo nível que ele. Agora via que o terreno para além deles subia, transformando-se em uma enorme extensão da mesma formação translúcida, que terminava em uma espécie de planalto vítreo. Sob o céu nu de nosso próprio planeta, tudo isso teria sido brilhante demais para se olhar. Aqui, era um deslumbramento trêmulo, que mudava a cada instante com as ondulações que o céu de Perelandra recebe do oceano. À esquerda desse planalto havia alguns picos de rocha esverdeada. Ele prosseguiu. Aos poucos, os picos e o planalto foram afundando e diminuindo de tamanho; e logo surgiu mais além deles uma névoa delicada, como um vapor de ametista, esmeralda e ouro, e a borda dessa névoa subia à medida que ele subia, tornando-se por fim o horizonte do mar, erguendo-se alto, acima dos montes. E o mar foi crescendo sempre mais, enquanto as montanhas se reduziam; e o horizonte do mar subiu, até que as montanhas mais baixas atrás dele pareceram estar no fundo de uma imensa bacia de mar. Mas à sua frente, a encosta interminável, ora azul, ora violeta, ora tremeluzindo com o movimento de subida, semelhante ao da fumaça, das árvores ondulantes, continuava a se lançar mais e mais para o céu. E agora o vale arborizado onde ele tinha encontrado o animal canoro estava invisível, e a montanha da qual tinha partido parecia ser não mais do que uma pequena protuberância na vertente da montanha maior. E não havia nenhum pássaro no ar; nem criatura alguma por baixo das serpentinas. E ele prosseguia incansável, mas sempre sangrando um pouco no calcanhar. Não se sentia solitário nem temeroso. Não tinha desejos; não pensava em atingir o topo, nem no motivo pelo qual deveria atingi-lo. Em sua disposição de espírito atual, estar sempre subindo aquela montanha não era um processo, mas um estado. E ele estava contente com esse estado da vida. Uma vez chegou a lhe ocorrer que tinha morrido, e não sentia cansaço porque não tinha corpo algum. O ferimento no calcanhar convenceu-o de que esse não era o caso; mas, se de fato

tivesse sido, e essas fossem montanhas do além, sua viagem dificilmente poderia ter sido mais notável e estranha.

Naquela noite, Ransom se deitou na vertente entre os caules das árvores ondulantes, tendo acima da cabeça o teto perfumado, que sussurrava delicadamente, protegido contra o vento. E, quando amanheceu, ele retomou a caminhada. De início, subiu através de densos nevoeiros. Quando se dissiparam, ele se descobriu em um local tão alto que a bacia do mar parecia cercá-lo por todos os lados menos um. E para esse lado ele viu os picos de um vermelho vivo, já não muito distantes, e um passo entre os dois picos mais próximos, através dos quais vislumbrou alguma coisa macia e rubra. Nesse instante, começou a ter uma estranha mistura de sensações: uma sensação do perfeito dever de entrar naquele lugar secreto que os picos protegiam, associada a uma sensação equivalente de invasão. Ele não ousava subir por aquele desfiladeiro. E não ousava agir de outro modo. Procurou ver um anjo com uma espada flamejante: ele sabia que Maleldil o convidava a avançar. “Este é o ato mais sagrado e mais profano que já cometi”, pensou, mas prosseguiu. E agora estava exatamente no passo. Os picos de cada lado não eram de rocha vermelha. Cernes de rocha eles deviam ter tido, mas o que via eram picos altíssimos recobertos de flores – uma flor com o formato semelhante ao de um lírio mas com o tom de uma rosa vermelha. E logo o chão onde pisava estava atapetado com as mesmas flores, e ele era forçado a esmagá-las enquanto andava. Ali, finalmente, seu sangramento não deixava sinal visível.

Do encontro entre os dois picos, ele olhou um pouco para baixo, pois o topo da montanha era como um recipiente raso. Viu um vale, com pouco mais de um hectare de tamanho, tão oculto quanto um vale no alto de uma nuvem: um vale de vermelho vivo puro, com dez ou doze dos picos reluzentes ao redor, e, no centro um lago, espelhando o ouro do céu em uma clareza sem ondulações. Os lírios chegavam até a beira da água e contornavam todas as suas baías e cabos. Sem oferecer resistência ao assombro que o dominava, ele avançou com a cabeça baixa e passos vagarosos. Havia alguma coisa branca à beira da água. Um altar? Um trecho de lírios brancos entre os vermelhos? Um túmulo? Mas túmulo de quem? Não, não era um túmulo, mas um caixão, aberto e vazio, com a tampa posta ao lado.

E então é claro que ele entendeu. A coisa era o próprio irmão da carruagem semelhante a um caixão na qual a força dos anjos o trouxeram da Terra a Vênus. Estava preparado para sua volta. Se tivesse dito “É para meu enterro”, seus sentimentos não teriam sido diferentes. E, enquanto pensava nisso, ia aos poucos notando algo de estranho nas flores em dois lugares bem próximos. Em seguida, percebeu que a estranheza era uma alteração na luz. Em terceiro lugar, viu que

era no ar tanto quanto no chão. Depois, quando o sangue picou suas veias e uma sensação familiar, porém estranha, de diminuição do ser se apossou dele, soube que estava na presença de dois *eldila*. Ficou imóvel. Não lhe cabia falar.

Uma voz clara como o repicar de sinos distantes, uma voz sem nenhum sangue, veio do ar e fez um formigamento percorrer seu corpo.

– Eles já pisaram na areia e estão começando a subir – disse ela.

– O pequeno de Thulcandra já está aqui – disse uma segunda voz.

– Olhe para ele, amado, e ame-o – disse a primeira. – Ele não passa de pó que respira, e um toque descuidado o destruiria. E em seus melhores pensamentos existem coisas misturadas que fariam nossa luz se extinguir, se nós as cogitássemos. Mas ele está no corpo de Maleldil, e seus pecados estão perdoados. Seu próprio nome em sua língua é Elwin, o amigo dos *eldila*.

– Como são vastos seus conhecimentos! – disse a segunda voz.

– Já entrei na atmosfera de Thulcandra – disse a primeira voz –, que os pequenos chamam de Tellus. Um ar denso tão cheio das Trevas quanto a Imensidão dos Céus está plena dos Seres de Luz. Ouvi os que lá estão prisioneiros falando em suas línguas separadas, e Elwin me ensinou como é a vida deles.

A partir dessas palavras, Ransom soube que quem falava era o Oyarsa de Malacandra, o grande arconte de Marte. É claro que não reconheceu a voz, pois não há diferença entre a voz de um *eldil* e a de outro. É por artifício, e não por natureza, que eles atingem os tímpanos humanos, e suas palavras nada devem a pulmões ou lábios.

– Se não estou enganado, Oyarsa – disse Ransom –, diga-me quem é esse outro.

– Sou mesmo Oyarsa – disse Oyarsa –, mas aqui meu nome não é esse. Em minha própria esfera, sou Oyarsa. Aqui sou apenas Malacandra.

– E eu sou Perelandra – disse a outra voz.

– Não estou entendendo – disse Ransom. – Disse-me a Mulher que não havia *eldila* neste mundo.

– Até hoje eles não viram meu rosto – disse a segunda voz –, salvo como o veem na água, no teto do céu, nas ilhas, nas cavernas e nas árvores. Não fui posta aqui para governá-los; mas, enquanto eram jovens, governei tudo o mais. Arredondei esta bola quando ela brotou de Arbol. Girei o ar em torno dela e teci o telhado. Construí a Ilha Fixa e esta, a montanha sagrada, como Maleldil me ensinou. Os animais que cantam e os animais que voam, bem como tudo o que nada no meu seio, além de tudo o que rasteja e cava túneis dentro de mim até o centro, tudo isso foi meu. E hoje tudo isso é tirado de mim. Louvado seja Ele.

– O pequeno não a entenderá – disse o Senhor de Malacandra. – Ele acreditará que isso é doloroso para você.

– Ele não diz isso, Malacandra.

– Não. Esse é mais um aspecto estranho dos filhos de Adão. – Houve um momento de silêncio, e depois Malacandra dirigiu-se a Ransom. – Você entenderá tudo isso melhor se encarar de modo semelhante algumas coisas de seu próprio mundo.

– Acho que entendo – disse Ransom –, pois um dos porta-vozes de Maleldil nos ensinou. É como quando os filhos de uma casa importante atingem a maioridade. Nessa hora, aqueles que administraram sua fortuna, e que talvez eles nunca tenham visto, vêm, põem tudo em suas mãos e lhes entregam as chaves.

– Você entendeu bem – disse Perelandra. – Ou como quando o animal canoro deixa a fêmea muda que o amamentou.

– O animal canoro? – disse Ransom. – Eu gostaria muito de ouvir mais sobre ele.

– Os animais daquela espécie não produzem leite, e os que nascem deles sempre são criados pela fêmea de outra espécie. Ela é enorme, bela e muda, e, até o jovem animal canoro ser desmamado, ele vive entre os filhotes dela e está sujeito a ela. Mas quando cresce, se torna o mais delicado e mais esplêndido de todos os animais e se afasta dela. E ela se admira com sua canção.

– Por que Maleldil fez uma coisa dessas? – disse Ransom.

– É o mesmo que perguntar por que Maleldil me fez – disse Perelandra. – Porém agora basta dizer que, a partir dos hábitos desses dois animais, muita sabedoria penetrará na mente de meu Rei, de minha Rainha e de seus filhos. Mas está chegando a hora, e isso basta.

– Que hora? – perguntou Ransom.

– Hoje é o dia do amanhecer – disse uma voz ou a outra, ou talvez ambas. Mas havia muito mais do que som em torno de Ransom, e seu coração começou a bater acelerado.

– O amanhecer... você está querendo dizer...? – perguntou ele. – Está tudo bem? A Rainha encontrou o Rei?

– O mundo nasce hoje – disse Malacandra. – Hoje, pela primeira vez, duas criaturas dos mundos inferiores, duas imagens de Maleldil que respiram e procriam como os animais subirão aquele degrau no qual seus ancestrais caíram e se sentarão no trono do que deveriam ser. Isso nunca foi visto. Como não aconteceu em seu mundo, veio a ocorrer uma coisa maior, mas não essa. Como a coisa maior aconteceu em Thulcandra, essa e não a coisa maior acontece aqui.

– Elwin está caindo no chão – disse a outra voz.

– Tranquiline-se – disse Malacandra. – Não é uma realização sua. Você não é grande, se bem que possa ter impedido uma coisa tão grande que a Imensidão dos Céus a vê com espanto. Tranquiline-se, pequeno, em sua pequenez. Ele não lhe atribui mérito algum. Receba e se rejubile. Não tenha medo de que seus ombros estejam sustentando este mundo. Olhe! Ele está por baixo de sua cabeça e é ele que o carrega.

– Eles virão aqui? – perguntou Ransom, algum tempo depois.

– Já subiram uma boa parte da encosta da montanha – disse Perelandra. – E nossa hora está chegando. Vamos preparar nossa forma. Somos difíceis de ver enquanto permanecemos em nós mesmos.

– Falou muito bem – respondeu Malacandra. – Mas em que forma vamos nos mostrar para homenageá-los?

– Apareçamos para o pequeno aqui – disse o outro. – Pois ele é um ser humano e poderá nos dizer o que agrada a seus sentidos.

– Eu vejo. Estou vendo *alguma coisa* neste exato momento – disse Ransom.

– Você ia querer que o Rei forçasse a vista para ver aqueles que vêm homenageá-lo? – perguntou o arconte de Perelandra. – Mas contemple isto e nos diga como lhe parece.

A luz muito fraca – as alterações quase imperceptíveis no campo visual – indicando que um *eldil* desapareceu de repente. Os picos rosados e o lago tranquilo também desapareceram. Um tornado de puras monstruosidades pareceu derramar-se sobre Ransom. Pilastras que se arremessavam, cheias de olhos, relâmpagos pulsantes de chamas, garras, bicos e gordas massas do que parecia ser neve, tudo isso se atirava através de cubos e heptágonos para cair em um infinito vazio negro.

– Parem... parem – berrou ele, e a cena se dissipou. Ele olhou ao redor, piscando para os campos de lírios, e logo fez que os *eldila* entendessem que esse tipo de aparição não era adequado às sensações humanas.

– Contemple esta então – disseram as vozes novamente. E ele olhou, com alguma relutância, e muito ao longe, entre os picos do outro lado do pequeno vale, surgiram rodas que rolavam. Não havia mais nada além disso: rodas concêntricas que se movimentavam com uma lentidão bastante enjoativa, uma dentro da outra. Não havia nada de terrível nelas se se conseguisse se acostumar a seu tamanho aterrador, mas também não havia nada de significativo. Ele pediu-lhes que tentassem uma terceira vez. E de repente dois vultos humanos surgiram diante dele no outro lado do lago.

Eram mais altos que os *sorns*, os gigantes que tinha conhecido em Marte. Talvez tivessem uns dez metros de altura. Ardiam brancos como ferro incandescente. Quando fixou o olhar no contorno dos corpos em contraste com a paisagem vermelha, ele lhe pareceu apresentar uma ondulação leve e veloz, como se a permanência de seu formato, como o de cataratas ou de labaredas, coexistisse com um movimento acelerado da matéria que ele continha. Por talvez um centímetro desse contorno para dentro, a paisagem mal transparecia através deles. Mais para dentro ainda, eles eram opacos.

Sempre que olhava direto para eles, eles pareciam estar vindo na sua direção a uma velocidade enorme. Sempre que seus olhos abrangiam as cercanias, ele percebia que eles estavam parados. Isso pode ter se devido em parte ao fato de que suas cabeleiras longas e cintilantes se estendiam retas para trás como que em um vento forte. Mas, se havia um vento, não era feito de ar, pois nenhuma pétala das flores se agitava. Eles não estavam parados totalmente na vertical em relação ao piso do vale, mas para Ransom parecia (como tinha parecido para mim na Terra quando vi um) que o *eldil* estava vertical. Era o vale, era o mundo inteiro de Perelandra, que estava inclinado. Ele se lembrou das palavras do Oyarsa tanto tempo atrás em Marte: “E eu não estou *aqui* totalmente como você está.” Começou a se dar conta de que as criaturas estavam realmente se movimentando, mas não em relação a ele. Esse planeta que inevitavelmente lhe parecia, enquanto ele estava lá, um mundo imóvel – na realidade, o mundo –, era para eles uma coisa em movimento pelos céus. Em relação ao seu próprio sistema de coordenadas celestes, eles estavam avançando velozes, para se manter ali no vale da montanha. Se tivessem permanecido imóveis, teriam passado por Ransom rápido demais para ele enxergar, duplamente deixados para trás pela revolução do planeta sobre seu próprio eixo e por sua trajetória em torno do Sol.

Ransom me disse que os corpos eram brancos. Mas um clarão de diversas cores começava mais ou menos à altura dos ombros e subia pelo pescoço, tremeluzindo em torno do rosto e da cabeça para se projetar em volta da cabeça como uma plumagem ou um halo. Ele me disse que, em certo sentido, conseguia

se lembrar dessas cores, ou seja, que ele as conheceria se as visse outra vez. Mas que não consegue, por mais que se esforce, evocar uma imagem visual delas, nem lhes dar um nome. As pouquíssimas pessoas com quem ele e eu podemos conversar sobre essas questões todas dão a mesma explicação. Acharmos que, quando criaturas do tipo hipersomático decidem “aparecer” para nós, elas na realidade não afetam de modo algum nossa retina, mas manipulam diretamente as partes pertinentes do nosso cérebro. Se for assim, é perfeitamente possível que elas possam produzir lá as sensações que deveríamos ter, se nossos olhos fossem capazes de receber aquelas cores do espectro que estão de fato fora do seu alcance. A “plumagem” ou halo de um *eldil* era extremamente diferente da do outro. O Oyarsa de Marte brilhava com cores frias da manhã, um pouco metálicas: puras, duras, revigorantes. O Oyarsa de Vênus refulgia com um esplendor caloroso, repleto da sugestão de uma pululante vida vegetal.

Os rostos causaram-lhe muita surpresa. Não se poderia imaginar nada menos semelhante aos anjos da arte popular. Estavam totalmente ausentes a rica variedade, a insinuação de possibilidades não desenvolvidas, que tornam interessantes os rostos humanos. Uma única expressão imutável, tão cristalina que o feria e o ofuscava, estava gravada em cada um, e não havia ali absolutamente mais nada. Nesse sentido, seus rostos eram tão “primitivos” quanto antinaturais, por assim dizer, como os das estátuas arcaicas de Egina. O que era essa única expressão, ele não conseguia ter certeza. Concluiu por fim que era caridade. Mas apavorantemente diferente da expressão da caridade humana, que sempre vemos, seja brotando do afeto natural, seja se apressando para mergulhar nele. Aqui não havia afeto de modo algum: nem a menor lembrança dele, nem mesmo à distância de dez milhões de anos, nenhuma semente da qual ele pudesse vir a germinar em algum futuro, por mais remoto que fosse. Um amor puro, espiritual, intelectual se lançava de seus rostos como raios farpados. Era tão diferente do amor que conhecemos que sua expressão poderia ser facilmente confundida com a ferocidade.

Os dois corpos estavam nus e os dois eram desprovidos de quaisquer características sexuais, quer primárias, quer secundárias. Isso teria sido de esperar. Mas de onde então vinha a curiosa diferença entre eles? Ele descobriu que não conseguia indicar nenhuma feição única em que a diferença se localizasse. No entanto, era impossível ignorá-la. Podia-se tentar – e Ransom tentou cem vezes – pô-la em palavras. Ele disse que Malacandra era como o ritmo, e Perelandra como a melodia. Disse que Malacandra lhe causava a impressão de uma métrica quantitativa, e Perelandra, a de uma métrica rítmica. Ele acha que o primeiro segurava algo semelhante a uma lança, mas as mãos do outro estavam abertas, com as palmas voltadas para ele. Porém não sei se

alguma dessas tentativas me ajudou muito. Fosse como fosse, o que Ransom viu naquele instante foi o verdadeiro significado de gênero. Todos devem às vezes ter se perguntado por que em quase todas as línguas certos objetos inanimados são masculinos enquanto outros são femininos. O que há de masculino em um monte, ou de feminino em certas árvores? Ransom conseguiu me curar da crença de que esse seja um fenômeno meramente morfológico, dependente da forma da palavra. Menos ainda é o gênero uma extensão imaginativa do sexo. Nossos antepassados não fizeram os montes masculinos por terem projetado neles características masculinas. O processo verdadeiro é o inverso. O gênero é uma realidade, e uma realidade mais fundamental que o sexo. O sexo é, de fato, a mera adaptação à vida orgânica de uma polaridade fundamental que divide todos os seres criados. O sexo feminino é simplesmente uma das coisas que pertencem ao gênero feminino. Existem muitas outras. E o Masculino e o Feminino se apresentam a nós em planos da realidade onde macho e fêmea não teriam significado algum. O Masculino não é o macho atenuado, nem o feminino a fêmea atenuada. Pelo contrário, o macho e a fêmea das criaturas orgânicas são reflexos bastante fracos e indistintos do masculino e do feminino. Suas funções reprodutivas, suas diferenças em força e tamanho, em parte manifestam, mas em parte também confundem e deturpam a verdadeira polaridade. Tudo isso Ransom via, por assim dizer, com seus próprios olhos. As duas criaturas brancas eram desprovidas de sexo. Mas ele de Malacandra era masculino (não macho); ela de Perelandra era feminina (não fêmea). Malacandra parecia dar a impressão de alguém postado armado, diante do parapeito de seu próprio mundo arcaico, em vigilância incessante, com os olhos para sempre varrendo o horizonte na direção da terra de onde o perigo lhe viera muito tempo atrás.

– Um olhar de marinheiro – disse-me Ransom uma vez – sabe... olhos que estão impregnados de distância. – Mas os olhos de Perelandra abriam-se, por assim dizer, para dentro, como se fossem o portal provido de cortinas para um mundo de ondas, murmúrios e ares inconstantes, de vida que balançava com os ventos e batia respingando em pedras musgosas, que descia como o orvalho e se erguia para o sol em uma névoa de sutileza finíssima. Em Marte as próprias florestas são de pedra; em Vênus as terras nadam. Pois agora ele já não pensava neles como Malacandra e Perelandra. Ele os chamava pelos seus nomes telurianos. Com um assombro profundo, pensou consigo mesmo: “Meus olhos viram Marte e Vênus. Eu vi Ares e Afrodite.” Ele lhes perguntou como chegaram ao conhecimento dos antigos poetas de Tellus. Quando e de quem os filhos de Adão aprenderam que Ares era um guerreiro e que Afrodite surgiu da espuma do mar? A Terra tinha ficado sitiada, um território ocupado pelo inimigo, desde antes do início da História. Os deuses não têm nenhuma

comunicação lá. Então como temos conhecimento deles? O conhecimento, disseram-lhe, chega depois de muitas voltas e através de muitos estágios. Existe um ambiente de mentes, assim como um de espaço. O universo é um: uma teia de aranha em que cada mente vive ao longo de cada fio, uma enorme galeria sussurrante em que (salvo pela ação direta de Maleldil), embora nenhuma notícia seja transmitida sem alteração, nenhum segredo consegue ser guardado com rigor. Na mente do Arconte caído sob cujo domínio nosso planeta geme ainda está viva a lembrança da Imensidão dos Céus e dos deuses com quem um dia ele conviveu. E mais, na própria matéria de nosso mundo, os traços da comunidade celeste não estão totalmente perdidos. A memória passa através do ventre e paira no ar. A Musa é verdadeira. Como diz Virgílio, um leve sopro chega até mesmo às gerações mais recentes. Nossa mitologia está baseada em uma realidade mais sólida do que sonhamos; mas ela também está a uma distância quase infinita daquela base. E, quando lhe disseram isso, Ransom finalmente compreendeu por que a mitologia era o que era: vislumbres de beleza e força celestes caindo em uma selva de imundície e imbecilidade. Seu rosto ardia por nossa espécie quando ele olhava para os verdadeiros Marte e Vênus e se lembrava das tolices que foram ditas a seu respeito na Terra. E então uma dúvida o atingiu.

– Mas eu os vejo como vocês são realmente? – perguntou ele.

– Somente Maleldil vê qualquer criatura como ela realmente é – disse Marte.

– Como vocês se veem um ao outro? – perguntou Ransom.

– Na sua mente não há ponto de apoio para uma resposta a essa pergunta.

– Quer dizer que estou vendo apenas uma aparência? Ela não é de modo algum real?

– Você vê apenas uma aparência, pequeno. Você nunca viu mais que uma aparência de qualquer coisa, nem de Arbol, nem de uma pedra, nem de seu próprio corpo. Esta aparência é tão real quanto a que você vê dessas outras coisas.

– Mas... havia aquelas outras aparências.

– Não. Somente houve a impossibilidade da aparência.

– Não entendo – disse Ransom. – Todas aquelas outras coisas... as rodas e os olhos... eram mais reais do que isso ou menos?

– Sua pergunta não faz sentido – disse Marte. – Você vê uma pedra, se ela estiver a uma distância adequada de você, e se você e ela estiverem se movimentando a velocidades não muito diferentes. Mas, se alguém jogar a pedra no seu olho, então qual é a aparência?

– Eu deveria sentir dor e talvez estilhaços de luz – disse Ransom. – Mas não sei se eu diria que essa é uma aparência da pedra.

– Contudo, essa seria a verdadeira operação da pedra. E aí está sua resposta. Nós agora estamos à distância correta de você.

– E vocês estavam mais perto quando vi pela primeira vez?

– Não estou falando desse tipo de distância.

– E depois – disse Ransom, ainda refletindo –, há aquela que eu imaginava ser sua aparência habitual: aquela luz muito leve, Oyarsa, que eu costumava ver no seu próprio mundo. E aquela aparência?

– Essa aparência é suficiente para nos comunicarmos com você. Não mais do que aquilo era necessário entre nós. Não mais do que aquilo é necessário agora. É para homenagear o Rei que gostaríamos de aparecer mais. Aquela luz é o transbordamento ou eco para o mundo dos seus sentidos de veículos feitos para a aparição entre nós e para o *eldil* maior.

Nesse momento, Ransom de repente percebeu uma crescente perturbação do som às suas costas: de som descoordenado, ruídos abafados e tamborilantes que interrompiam o silêncio da montanha e as vozes de cristal dos deuses com uma deliciosa nota de animalidade calorosa. Ele olhou de relance ao redor. Correndo, saltitando, batendo asas, deslizando, rastejando, bamboleando, com todos os tipos de movimento, em todos os tipos de forma, cor e tamanho, todo um zoológico de animais e aves se despejava para um vale florido através dos desfiladeiros entre os picos atrás dele. Vinham principalmente aos pares, macho e fêmea juntos, fazendo festas uns para os outros, montando, mergulhando por baixo da barriga, empoleirando-se no dorso uns dos outros. Plumagem flamejante, bicos dourados, flancos lustrosos, olhos cristalinos, enormes cavernas vermelhas de bocas que relinchavam ou baliavam, e moitas de caudas agitadas o cercavam por todos os lados. “Uma perfeita Arca de Noé!”, pensou Ransom, e então, com súbita seriedade, “Mas não haverá necessidade de arca neste mundo”.

O canto de quatro animais canoros erguia-se em triunfo acima da multidão irrequieta. O grande *eldil* de Perelandra retinha as criaturas do lado de cá do lago, deixando o outro lado do vale vazio, salvo pelo objeto semelhante a um caixão. Ransom não teve certeza se Vênus falava com os animais ou mesmo se eles tinham consciência de sua presença. Sua ligação com eles talvez fosse de algum tipo mais sutil – totalmente diferente das relações que ele tinha observado entre eles e a Dama Verde. Agora os dois *eldila* estavam do mesmo lado do lago com Ransom. Ele, eles e todos os animais estavam voltados para a mesma direção. A cena começou a se organizar. Primeiro, bem à margem do

lago, estavam os *eldila*, em pé; entre eles e um pouco atrás estava Ransom, ainda sentado entre os lírios. Atrás dele, os quatro animais canoros, sentados nos quartos traseiros, proclamando alegria para todos. Ainda atrás deles, os outros animais. Aprofundou-se a sensação de cerimônia. A expectativa tornou-se intensa. Em nosso tolo estilo humano, ele fez uma pergunta apenas com o objetivo de rompê-la.

– Como eles vão poder subir aqui e descer de novo e ainda estar fora desta ilha antes de anoitecer? – Ninguém respondeu. Ele não precisava de resposta, pois de algum modo soube perfeitamente que esta ilha nunca lhes tinha sido proibida, e que uma das finalidades da proibição da outra ilha tinha sido a de conduzi-los a esse trono a eles destinado.

– Fique quieto – disseram eles, em vez de responder.

Os olhos de Ransom já estavam tão acostumados à suavidade dos tons do dia perelandriano, principalmente desde sua viagem pelas escuras entranhas da montanha, que tinham parado totalmente de perceber sua diferença em relação à luz do dia do nosso próprio mundo. Foi, portanto, com um choque de duplo espanto que ele de repente agora via os picos do outro lado do vale realmente escuros, em contraste com o que parecia ser uma alvorada terrestre. Um instante depois, sombras nítidas, bem definidas, compridas como as sombras do início da manhã, partiam de cada animal e de cada irregularidade do terreno; e cada lírio tinha seu lado claro e seu lado escuro. A luz foi subindo sempre mais a partir da encosta da montanha. Ela encheu o vale inteiro. As sombras voltaram a desaparecer. Tudo estava imerso em uma pura luz do dia que não parecia provir de nenhum lugar em particular. Daquele momento em diante, ele soube o que quer dizer uma luz que “pousa sobre” alguma coisa sagrada, ou que a “eclipsa”, mas que não emana dela. Pois quando a luz atingiu sua perfeição e se acomodou, por assim dizer, como um senhor sobre seu trono ou como o vinho em uma tigela, enchendo toda a taça florida do topo da montanha, todos os cantinhos, com sua pureza, a coisa sagrada, o Paraíso em si em suas duas Pessoas, o Paraíso de mãos dadas, os dois corpos brilhando à luz como esmeraldas embora não brilhantes demais para olhar, surgiram na fenda entre dois picos e pararam por um instante, com a mão direita do homem erguida em uma bênção majestosa e pontifícia, para então descer até o outro lado da água e lá parar. E os deuses se ajoelharam e curvaram o corpo imenso diante das pequenas formas daqueles jovens Rei e Rainha.

Havia um silêncio imenso no topo da montanha, e Ransom também tinha caído desmoronado diante do par humano. Quando por fim ergueu o olhar dos quatro pés abençoados, ele se descobriu falando involuntariamente, embora com voz embargada e olhos turvos.

– Não se afastem, não me levantem do chão – disse ele. – Nunca vi homem nem mulher antes. Passei toda a vida entre sombras e imagens partidas. Ó, meu Pai e minha Mãe, meu Senhor e minha Senhora, não se mexam, não me respondam ainda. Meus próprios pai e mãe eu nunca vi. Aceitem-me como seu filho. Estivemos sós no meu mundo por muito tempo.

Os olhos da Rainha o contemplaram com amor e reconhecimento, mas não era a Rainha quem mais ocupava seus pensamentos. Era difícil pensar em qualquer outra coisa que não fosse o Rei. E como eu... eu que não o vi... vou lhes dizer qual era sua aparência? Foi difícil até mesmo para Ransom me falar do rosto do Rei. Mas não nos atrevemos a ocultar a verdade. Era aquele rosto que nenhum homem pode dizer que não conhece. Talvez se queira perguntar como era possível contemplá-lo sem cometer idolatria, sem confundi-lo com aquilo de que ele era apenas a imagem. Pois a semelhança era, a seu próprio modo, infinita, tanto que quase seria possível sentir assombro por não encontrar a dor em seu semblante nem ferimentos em suas mãos e pés.

No entanto, não havia perigo de confundir, nem um único momento de confusão, nem o mínimo impulso da vontade no sentido de uma reverência proibida. Ali onde a semelhança era maior, o equívoco era menos possível. Talvez seja sempre assim. Uma primorosa imagem de cera pode ser tão parecida com um homem que por um instante nos engane. O retrato perfeito, que é muito mais profundamente parecido com ele, não o faz. Imagens de gesso do Sagrado podem até agora ter atraído para si a adoração que deveriam ter despertado pelo Ser real. Mas aqui, onde Sua imagem viva, como Ele por dentro e por fora, feita por Suas próprias mãos nuas das profundezas da capacidade artística divina, Sua

obra-prima de autorretrato produzida por Sua oficina para regalar todos os mundos, andava e falava diante dos olhos de Ransom, ela jamais poderia ser considerada mais do que uma imagem. Mais que isso, a própria beleza da imagem residia na certeza de que se tratava de uma cópia, semelhante e não a mesma, um eco, um verso, uma deliciosa reverberação de música não criada prolongada em um meio criado.

Ransom perdeu-se por um tempo, maravilhado com essas coisas, tanto que, quando voltou a si, descobriu que Perelandra falava, e o que ouviu parecia ser o final de um longo discurso.

– As terras flutuantes e as terras firmes – dizia ela –, o ar e as cortinas nos portões da Imensidão dos Céus, os mares e a Montanha Sagrada, os rios acima e por baixo da Terra, o fogo, os peixes, os pássaros, os animais, e os outros das ondas que vocês ainda desconhecem. Tudo isso Maleldil põe em suas mãos a partir deste dia pelo tempo que vocês viverem e ainda mais. De agora em diante minha palavra não é nada. A palavra de vocês é uma lei imutável e a própria filha da Voz. Em todo o trajeto que este mundo percorre em torno de Arbol, vocês são Oyarsa. Aproveitem bem. Deem nomes a todas as criaturas, conduzam todas as naturezas para a perfeição. Fortaleçam os mais fracos, iluminem os mais escuros, amem a todos. Louvados sejam e se rejubilem, ó homem e mulher, Oyarsa-Perelendri, o Adão, a Coroa, Tor e Tinidril, Baru e Baru’ah, Ask e Embla, Yatsur e Yatsurah, queridos de Maleldil. Louvado seja Ele!

Quando o Rei falou em resposta, Ransom voltou a erguer o olhar para ele. Viu que o casal de humanos estava agora sentado em uma mureta baixa que se erguia perto da margem do lago. Tão forte era a luz que eles lançavam na água reflexos claros, como poderiam ter lançado em nosso próprio mundo.

– Receba nossa gratidão, bela mãe de criação – disse o Rei –, principalmente por este mundo em que você labutou por tantas eras, como a própria mão de Maleldil, para que tudo estivesse pronto para nós quando despertássemos. Até hoje não a conhecíamos. Muitas vezes nos perguntamos de quem seria a mão que víamos nas longas ondas e nas ilhas brilhantes; e de quem seria o sopro que nos encantava no vento pela manhã. Pois, embora naquela época fôssemos jovens, tínhamos a vaga noção de que dizer que era Maleldil era a verdade, mas não a verdade inteira. Este mundo nós recebemos. Nossa alegria é ainda maior porque o recebemos como dádiva tanto sua quanto d’Ele. Mas o que Ele põe em sua cabeça para você fazer de agora em diante?

– Cabe a você decidir, Tor-Oyarsa – disse Perelandra –, se eu agora me comunico somente na Imensidão dos Céus ou também naquela parte da Imensidão dos Céus que é para vocês um Mundo.

– É nosso grande desejo – disse o Rei – que você permaneça conosco, tanto pelo amor que temos por você como para você poder nos fortalecer com seus conselhos e mesmo com suas operações. Somente depois de girarmos muitas vezes em torno de Arbol atingiremos a plena capacidade de gerir o domínio que Maleldil põe em nossas mãos. Não estamos ainda maduros o suficiente para conduzir o mundo pelos Céus nem para fazer tempo bom e chuva no nosso mundo. Se lhe parecer bom, fique.

– Estou satisfeita – disse Perelandra.

Enquanto esse diálogo prosseguia, era um espanto que o contraste entre o Adão e o *eldil* não provocasse desarmonia. De uma parte, a voz de cristal, desprovida de emoções, e a expressão imutável no rosto branco como a neve. Da outra, o sangue correndo nas veias, o sentimento tremendo nos lábios e cintilando nos olhos, a força dos ombros do homem, o assombro dos seios da mulher, um esplendor de virilidade e uma riqueza de feminilidade desconhecidos na Terra, uma torrente de perfeita animalidade. E, no entanto, quando eles se encontravam, um não parecia ofensivo, nem o outro espectral. *Animal rationale* – um animal, mas também uma alma racional. Essa, lembrou-se ele, era a antiga definição de Homem. Mas até aquele momento ele nunca tinha visto a realidade. Pois agora ele via esse Paraíso vivo, o Senhor e a Senhora, como a resolução das discórdias, a ponte que une o que de outro modo seria um hiato na criação, o fecho do arco inteiro. Ao entrar naquele vale da montanha, eles de repente tinham unido a calorosa multidão de animais atrás dele à inteligência transcorpórea a seu lado. Eles fechavam o círculo; e, com sua vinda, todas as notas isoladas de força ou beleza que aquela congregação tinha tocado até aquele momento tornaram-se uma única música. Mas agora o Rei voltava a falar.

– E, como não é simplesmente uma dádiva de Maleldil – disse ele –, mas também uma dádiva de Maleldil através de você, e por isso mais valiosa, também não é através apenas de você, mas através de um terceiro. E por isso novamente mais valiosa. E esta é a primeira palavra que digo como Tor-Oyarsa-Perelendri: que em nosso mundo, enquanto for mundo, não há de chegar manhã nem noite em que nós e todos os nossos filhos não falemos com Maleldil sobre Ransom, o homem de Thulcandra, e que não o louvemos entre nós. E a você, Ransom, digo o seguinte: que você nos chamou de Senhor e Pai, Senhora e Mãe. E acertadamente, pois esse é nosso nome. Mas, de outro modo, nós o chamamos de Senhor e Pai. Pois parece-nos que Maleldil o fez entrar no nosso mundo no dia em que chegou ao fim nosso tempo de sermos jovens. E a partir daquele dia deveríamos cair ou nos elevar, atingindo a degradação ou a perfeição. Maleldil

tinha nos levado aonde Ele pretendia que estivéssemos. Mas dos instrumentos de Maleldil para tudo isso, você foi o principal.

Eles fizeram que Ransom atravessasse a água até onde estavam, e ele foi andando, pois ela lhe chegava só aos joelhos. Ele teria se jogado a seus pés, mas eles não permitiram. Levantaram-se para recebê-lo e os dois o beijaram, de boca a boca, de coração a coração, como o abraço de iguais. Eles o teriam feito sentar-se entre eles, mas, quando viram que isso o perturbava, desistiram. Ele foi e se sentou no chão plano, abaixo deles e um pouco para a esquerda. Dali ele estava de frente para a congregação: as formas imensas dos deuses e a aglomeração de animais. E então a Rainha falou.

– Assim que você levou embora o Ser do Mal – disse ela – e que acordei do meu sono, minha mente se desanuviou. Para mim é um assombro, Malhado, que durante todos aqueles dias você e eu pudéssemos ter sido tão jovens. Agora está tão claro o motivo para ainda não morar na Terra Fixa. Como eu poderia desejar morar lá se não fosse por ela ser Fixa? E por que eu haveria de querer o Fixo se não fosse para ter certeza de ser capaz de um dia determinar onde eu estaria no dia seguinte e o que me aconteceria? Era para rejeitar a onda... tirar minhas mãos das mãos de Maleldil, dizer a Ele: “Não assim, mas assim”, para pôr sob nosso próprio controle que tempos deveriam vir rolando em nossa direção... como se colhêssemos frutos hoje para comer amanhã em vez de pegar o que se apresentasse. Teria sido um amor sem emoção e uma confiança muito frágil. E a partir daí como poderíamos chegar a voltar ao amor e à confiança?

– Entendo bem – disse Ransom. – Se bem que no meu mundo isso seria considerado loucura. Somos maus há tanto tempo... – e então ele parou, em dúvida se estava sendo compreendido e surpreso por ter usado uma palavra para dizer *maus*, que até aquele momento não sabia que conhecia, e que não tinha ouvido em Marte nem em Vênus.

– Agora sabemos essas coisas – disse o Rei, vendo a hesitação de Ransom. – Tudo isso, tudo o que aconteceu em seu mundo, Maleldil pôs em nossa mente. Nós tomamos conhecimento do mal, embora não como o Ser do Mal desejava que aprendêssemos. Aprendemos mais do que do outro modo e o conhecemos melhor, pois é a vigília que compreende o sono; não o sono que compreende a vigília. Existe uma ignorância do mal que provém de ser jovem. Existe uma ignorância mais trevosa que provém de cometê-lo, da mesma forma que homens ao dormir perdem a noção do sono. Vocês em Thulcandra são mais ignorantes do mal agora do que nos tempos antes que seu Senhor e sua Senhora começaram a praticá-lo. Mas Maleldil nos fez sair de uma ignorância, e nós não entramos na outra. Foi pelo próprio Ser do Mal que Ele nos fez sair da primeira. Mal

imaginava aquela mente das trevas a missão que ele de fato veio cumprir em Perelandra!

– Perdoe-me, meu Pai, se falo tolamente – disse Ransom. – Entendo como o mal chegou ao conhecimento da Rainha, mas não como chegou a seu conhecimento.

Então, inesperadamente, o Rei riu. Seu corpo era muito grande, e seu riso era como um terremoto nele, alto, profundo e prolongado, até que por fim Ransom riu também, apesar de não ter entendido a piada. E a Rainha riu também. E as aves começaram a bater as asas, e os animais a agitar a cauda. A luz pareceu mais forte, e a animação da congregação inteira se acelerou. E novas modalidades de alegria que não tinham nada que ver com a hilaridade, como a compreendemos, impregnou a todos eles, como se fosse a partir do próprio ar, ou como se houvesse dança na Imensidão dos Céus. Há quem diga que sempre há.

– Sei o que ele está pensando – disse o Rei, contemplando a Rainha. – Ele está pensando que você sofreu e lutou, e que eu recebo um mundo como recompensa. – Ele então se voltou para Ransom e prosseguiu. – Você está certo. Agora eu sei o que dizem em seu mundo sobre a justiça. E talvez digam bem, pois naquele mundo as coisas sempre estão abaixo da justiça. Mas Maleldil sempre está acima dela. Tudo é dádiva. Sou Oyarsa não por dádiva apenas d’Ele, mas pela de nossa mãe de criação; não apenas pela dela, mas pela sua; não apenas pela sua, mas pela de minha mulher. Mais que isso, de certo modo, pela dádiva dos próprios animais e aves. Através de muitas mãos, enriquecida por muitos tipos diferentes de amor e trabalho, a dádiva chega a mim. É a Lei. Os melhores frutos são colhidos para cada um por alguma outra mão.

– Não foi só isso o que aconteceu, Malhado – disse a Rainha. – O Rei não lhe contou tudo. Maleldil empurrou-o longe para um mar verde, onde florestas cresciam desde o fundo até romper as ondas...

– Seu nome é Lur – disse o Rei.

– Seu nome é Lur – repetiram os *eldila*. E Ransom percebeu que o Rei tinha feito não uma observação, mas um pronunciamento.

– E lá em Lur (é muito longe daqui) – disse a Rainha –, coisas estranhas lhe aconteceram.

– É aceitável perguntar sobre essas coisas? – disse Ransom.

– Foram muitas coisas – disse Tor, o Rei. – Por muitas horas, aprendi as propriedades das formas, desenhando linhas na relva de uma ilhota na qual eu viajava. Por muitas horas, aprendi coisas novas a respeito de Maleldil, de Seu Pai e da Terceira Pessoa. Sabíamos pouco sobre isso quando éramos jovens. Mas

depois Ele me mostrou em uma escuridão o que estava acontecendo com a Rainha. E eu soube que ela poderia ser destruída. E então vi o que tinha acontecido em seu mundo, como sua Mãe caiu e como seu Pai caiu com ela, sem com isso fazer-lhe bem algum e trazendo as trevas para todos os seus filhos. E então surgiu diante de mim como algo que vinha na direção de minha mão... o que eu deveria fazer em caso semelhante. Ali tomei conhecimento do mal e do bem, da aflição e da alegria.

Ransom tinha calculado que o Rei relataria sua decisão; mas, quando a voz do Rei foi sumindo em um silêncio pensativo, ele não se atreveu a questioná-lo.

– Sim... – disse o Rei, meditando. – Mesmo que um homem fosse partido ao meio e uma metade se transformasse em terra, a metade viva ainda deveria seguir Maleldil. Pois se ela também se deitasse e se tornasse terra, que esperança haveria para o todo? Porém, enquanto uma metade vivesse, através dela Ele poderia instilar vida de volta na outra. – A essa altura ele fez uma longa pausa e então voltou a falar, um pouco rápido. – Ele não me deu certeza alguma. Nenhuma terra firme. É sempre preciso atirar-se na onda. – Então desanuviou o semblante e se voltou para o *eldil*, falando com uma voz diferente.

– Decerto, ó, mãe de criação – disse ele. – Temos muita necessidade de aconselhamento pois já sentimos crescer em nosso corpo algo que nossa jovem sabedoria dificilmente consegue alcançar. Eles nem sempre serão corpos presos aos mundos inferiores. Ouçam a segunda palavra que pronuncio como Tor-Oyarsa-Perelendri. Enquanto este Mundo girar em torno de Arbol dez mil vezes, julgaremos e inspiraremos nosso povo a partir deste trono. Seu nome é Tai Harendrimar, O Monte da Vida.

– Seu nome é Tai Harendrimar – disseram os *eldila*.

– Na Terra Fixa que no passado foi proibida – disse Tor, o Rei –, construiremos um lugar esplendoroso em honra a Maleldil. Nossos filhos curvarão em arco as pilastras de pedra...

– Que são arcos? – disse Tinidril, a Rainha.

– Arcos – disse Tor, o Rei – são o que acontece quando pilastras de pedra lançam galhos, como árvores, e emaranham seus ramos para sustentar uma enorme cúpula, como se fosse de folhagem, mas as folhas são de pedra esculpida. E ali nossos filhos farão imagens.

– Que são imagens? – disse Tinidril.

– Magnífica Imensidão dos Céus! – exclamou o Rei com uma forte risada. – Parece que há palavras novas em demasia no ar. Eu tinha imaginado que essas coisas saíam de sua cabeça para entrar na minha. E vejam só, você nem as tinha cogitado. Entretanto, creio que Maleldil as passou para mim através de você.

Vou mostrar-lhe imagens, vou mostrar-lhe casas. Pode ser que nessa questão nossas naturezas estejam invertidas e seja você que fecunde e eu que dê à luz. Mas vamos falar de questões mais simples. Preencheremos este mundo com nossos filhos. Conheceremos este mundo até o centro. Faremos os animais mais nobres tão sábios que eles se tornarão *hnau* e falarão. Sua vida despertará para uma nova vida em nós, como nós despertamos em Maleldil. Quando chegar a hora, e as 10 mil revoluções estiverem prestes a terminar, rasgaremos a cortina celeste, e a Imensidão dos Céus há de se tornar tão familiar aos olhos de nossos filhos quanto as árvores e as ondas são familiares aos nossos olhos.

– E depois disso, Tor-Oyarsa? – disse Malacandra.

– Depois é intenção de Maleldil liberar o acesso à Imensidão dos Céus.

Nossos corpos serão alterados, mas não totalmente. Seremos como os *eldila*, mas não totalmente como os *eldila*. E assim todos os nossos filhos e filhas serão alterados na época de sua maturidade, até que se complete o número que Maleldil leu na mente de Seu Pai antes do início dos tempos.

– E esse – disse Ransom – será o fim?

Tor, o Rei, olhou para ele com espanto.

– O fim? – disse ele. – Quem falou de fim?

– O fim de seu mundo, é o que quero dizer – disse Ransom.

– Ó, Esplendor dos Céus! – disse Tor. – Seus pensamentos são diferentes dos nossos. Por volta dessa época, não estaremos longe do início de todas as coisas. Mas há uma questão a ser resolvida antes do verdadeiro início.

– E qual é essa questão? – perguntou Ransom.

– Seu próprio mundo – disse Tor –, Thulcandra. O cerco a seu mundo será levantado, a mancha negra será extinta antes do verdadeiro começo. Nessa época, Maleldil guerreará... em nós, e em muitos que foram uma vez *hnau* no seu mundo, e em muitos distantes e em muitos *eldila*, e, em último lugar, em Si Mesmo revelado, Ele descerá a Thulcandra. Alguns de nós irão antes. É minha intenção, Malacandra, que tu e eu estejamos entre esses. Nos abateremos sobre sua Lua, na qual há um mal secreto, e que é como o escudo do Senhor das Trevas de Thulcandra, marcada por muitos golpes. Nós a destruiremos. Sua luz será extinta. Os fragmentos dela cairão em seu mundo, e os mares e o vapor subirão de tal modo que os habitantes de Thulcandra não mais verão a luz de Arbol. E à medida que Maleldil Em Pessoa se aproximar, as coisas do mal em seu mundo hão de se mostrar desprovidas de disfarces, e assim pestes e horrores cobrirão suas terras e mares. Mas no final tudo será limpo, e será apagada até mesmo a lembrança de seu Oyarsa das Trevas, e seu mundo será belo, agradável e estará reunido ao campo de Arbol. E seu verdadeiro nome será ouvido novamente. Mas

pode ser, Amigo, que nenhum rumor de tudo isso circule em Thulcandra? Seu povo acha que seu Senhor das Trevas segurará a presa para sempre?

– Em sua maioria – disse Ransom –, eles pararam de pensar nesse tipo de coisa. Alguns de nós ainda têm o conhecimento, mas não percebi de imediato do que você estava falando, porque o que vocês chamam de início nós estamos acostumados a chamar de Fim dos Tempos.

– Eu não o chamo de início – disse Tor, o Rei. – É somente a erradicação de uma partida em falso, para que o mundo *então* possa começar. Como quando um homem se deita para dormir e descobre uma raiz torcida debaixo do ombro, ele muda de lugar e depois disso seu verdadeiro sono começa. Ou como um homem que, ao pôr os pés em uma ilha, dá um passo em falso. Ele se equilibra e só então começa sua caminhada. Você não chamaria essa tentativa de se equilibrar de fim dos tempos?

– E toda a história de minha espécie não passa disso? – indagou Ransom.

– Não vejo mais que inícios na história dos Mundos Inferiores – disse Tor, o Rei. – E em seu mundo nem houve um início. Você fala do entardecer antes que o dia tenha amanhecido. Eu agora mesmo inicio 10 mil anos de preparação... eu, o primeiro de minha espécie, minha espécie a primeira das espécies a começar. Eu lhe digo que, quando o último de meus filhos estiver maduro, e a maturidade tiver se espalhado deles a todos os Mundos Inferiores, haverá rumores de que a manhã está por chegar.

– Estou cheio de dúvidas e ignorância – disse Ransom. – Em nosso mundo, aqueles que chegaram a conhecer Maleldil acreditam que Sua vinda a nós, como homem, é o acontecimento central de tudo o que acontece. Se você tirar isso de mim, Pai, aonde há de me conduzir? Certamente não à conversa do inimigo que empurra meu mundo e minha espécie para um canto remoto e me oferece um universo, absolutamente sem centro, mas com milhões de mundos que não levam a parte alguma ou (o que é pior) a uma quantidade de mundos eternamente crescente; e me abala com números, espaços vazios e repetições e me pede para me curvar diante dessa grandeza. Ou você torna seu próprio mundo o centro? Mas fico perturbado. E o povo de Malacandra? Eles também pensariam que o mundo deles era o centro? Nem mesmo creio que seja acertado dizer que seu mundo lhes pertence. Vocês foram feitos ontem, e o mundo é antigo. A maior parte dele é de água, onde vocês não podem viver. E o que dizer das coisas por baixo da crosta? E dos enormes espaços sem absolutamente nenhum mundo? Existe uma resposta fácil a dar ao Inimigo quando Ele diz que tudo isso é desprovido de plano ou de significado? Assim que achamos que vemos um, ele se dissolve em nada, ou se transforma em algum outro plano com

o qual nunca sonhamos. E o que era o centro passa a ser a borda, até duvidarmos se qualquer forma, plano ou modelo algum dia foi mais do que uma ilusão de nossos próprios olhos, enganados pela esperança ou exaustos por olhar demais. A que tudo isso leva? De que manhã vocês falam? Ela será o início do quê?

– O início do Grande Jogo, da Grande Dança – disse Tor. – Por enquanto, sei pouco sobre isso. Que falem os *eldila*.

A voz que falou em seguida pareceu ser a de Marte, mas Ransom não tinha certeza. E quem falou depois disso, ele não sabe de modo algum. Pois na conversa que se seguiu, se é que pode ser chamada de conversa, embora acredite que ele próprio às vezes era quem falava, nunca soube quais palavras eram dele ou de outro, ou mesmo se um homem ou um *eldil* estava falando. As falas seguiam-se umas às outras – se na realidade elas todas não ocorriam ao mesmo tempo – como as partes de uma música da qual todos os cinco participavam como instrumentos ou como um vento soprando através de cinco árvores isoladas juntas no alto de um morro.

– Não nos referiríamos a ela desse jeito – disse a primeira voz. – A Grande Dança não espera que as pessoas dos Mundos Inferiores participem dela para ser perfeita. Não falamos de quando ela vai começar. Ela já começou desde antes de sempre. Não houve tempo em que não nos regozijássemos diante de Seu rosto como agora. A dança que dançamos está no centro, e para a dança todas as coisas foram criadas. Louvado seja Ele!

– Ele jamais fez duas coisas iguais – disse outra voz. – Jamais pronunciou uma palavra duas vezes. Depois de terras, não terras melhores, mas animais. Depois de animais, não animais melhores, mas espíritos. Depois de uma queda, não uma recuperação, mas uma nova criação. Depois da nova criação, não uma terceira, mas a modalidade da própria mudança é alterada para sempre. Louvado seja Ele!

– Tudo está carregado de Justiça como uma árvore que se enverga com o peso dos frutos – disse ainda outra. – Tudo é correção, e não há igualdade. Não como quando as pedras são postas uma ao lado da outra, mas como quando as pedras sustentam e dão sustentação em um arco, assim é Sua ordem, domínio e obediência, fecundar e gestar, o calor batendo de relance, a vida crescendo. Louvado seja Ele!

– Os que somam anos aos anos em uma agregação irregular, ou quilômetros a quilômetros e galáxias a galáxias – disse um deles –, não conseguem alcançar Sua grandeza. O tempo dos campos de Arbol fenecerá, e os dias da própria Imensidão dos Céus estão contados. Não é assim que Ele é grande. Ele reside (todo Ele reside) no interior da semente da menor flor e não lhe falta espaço. A

Imensidão dos Céus está dentro d’Ele, que está dentro da semente, e ela não O distende. Louvado seja Ele!

– A borda de cada natureza faz limite com o que não contém nem sombra nem semelhança com ela. De muitos pontos, uma linha; de muitas linhas, uma forma; de muitas formas, um corpo sólido; de muitos sentidos e pensamentos, uma pessoa; de três pessoas, Ele Em Si. Assim como o círculo está para a esfera, também os mundos antigos que não precisaram de redenção estão para o mundo no qual Ele nasceu e morreu. Assim como um ponto está para uma linha, aquele mundo está para os remotos frutos de sua redenção. Louvado seja Ele!

– Entretanto, o círculo não é menos redondo que a esfera; e a esfera é o lar e a pátria dos círculos. Infinitas multidões de círculos estão presas em cada esfera. E, se eles falassem, diriam “Para nós as esferas foram criadas”. Que nenhuma boca se abra para contradizê-los. Louvado seja Ele!

– Os povos dos mundos antigos, que nunca pecaram, pelos quais Ele jamais desceu, são os povos para quem foram criados os Mundos Inferiores. Pois se curar o que foi ferido e endireitar o que se entortou é uma nova dimensão da glória, ainda assim o direito não foi feito para poder ser entortado, nem o são para ser ferido. Os povos antigos estão no centro. Louvado seja Ele!

– Tudo o que não é em si a Grande Dança foi feito para Ele poder descer e entrar. No Mundo Caído, Ele preparou para Si Mesmo um corpo e se uniu ao Pó, conferindo-lhe glória para sempre. Esse é o objetivo e causa final de tudo ser criado, e o pecado pelo qual ele ocorreu é chamado de Afortunado, e o mundo onde isso se deu é o centro dos mundos. Louvado seja Ele!

– A Árvore foi plantada naquele mundo, mas o fruto amadureceu neste. A fonte que brotou com mistura de sangue e vida no Mundo das Trevas flui aqui com vida apenas. Já passamos as primeiras cataratas, e daqui em diante o curso d’água se aprofunda e vira na direção do mar. Esta é a Estrela da Manhã que Ele prometeu a quem conquistar. Este é o centro dos mundos. Até agora, tudo aguardou. Mas agora a trombeta soou, e o exército avança. Louvado seja Ele!

– Embora homens ou anjos os governem, os mundos existem para si mesmos. As águas nas quais vocês não flutuaram, os frutos que vocês não colheram, as cavernas às quais vocês não desceram e o fogo através do qual seus corpos não podem passar, não aguardam sua chegada para assumir a perfeição, mesmo que lhe obedeam quando você surgir. Eras sem conta girei em torno de Arbol antes que vocês vivessem, e aquelas eras não eram desertas. Sua própria voz estava nelas, não um mero sonho com o dia em que vocês despertariam. Também elas estavam no centro. Reconfortem-se, pequenos imortais. Vocês não são a voz que todas as coisas emitem, nem existe eterno silêncio nos lugares

aonde vocês não podem ir. Nenhum pé chegou a pisar, nem há de pisar, no gelo de Glund; nenhum olho espiou de lá de baixo no Anel de Lurga, e a Planície de Ferro em Neruval é casta e vazia. Entretanto, não é por nada que os deuses caminharam incessantemente pelos campos de Arbol. Louvado seja Ele!

– Aquele próprio Pó tão raro que é espalhado nos Céus, a partir do qual são feitos todos os mundos, assim como os corpos que não são mundos, está no centro. Ele não espera que olhos criados o vejam nem que mãos o toquem para ser em si mesmo uma força e esplendor de Maleldil. Somente a menor parte serviu, ou há de um dia servir, a um animal, um homem ou um deus. Mas sempre, e além de todas as distâncias, antes que eles chegassem e depois que partissem e aonde nunca iriam, ele é o que é e pronuncia com sua própria voz o coração do Sagrado. De todas as coisas, ele está mais distante d’Ele, pois não tem vida, nem juízo, nem razão; e de todas as coisas está mais próximo d’Ele, pois sem a alma intermediária, como centelhas lançadas do fogo, Ele expressa em cada grão a pura imagem de Sua energia. Cada grão, se falasse, diria “eu sou o centro; para mim todas as coisas foram feitas”. Que nenhuma boca se abra para contradizê-lo. Louvado seja Ele!

– Cada grão está no centro. O Pó está no centro. Os Mundos estão no centro. Os animais estão no centro. Os povos antigos estão lá. A espécie que pecou está lá. Tor e Tinidril estão lá. Os deuses estão lá também. Louvado seja Ele!

– Onde Maleldil está, lá é o centro. Ele está em todos os lugares. Não parte d’Ele em um lugar e parte em outro, mas em cada lugar Maleldil inteiro, até mesmo na menor pequenez fora do alcance do pensamento. Não há como sair do centro, a não ser entrando na Vontade Torta que se lança para o Lugar Nenhum. Louvado seja Ele!

– Cada coisa foi feita para Ele. Ele é o centro. Como estamos com Ele, cada um de nós está no centro. Não é como em uma cidade do Mundo Em Trevas, onde se diz que cada um deve viver por todos. Na cidade d’Ele, todas as coisas são feitas para cada um. Quando Ele morreu no Mundo Ferido, Ele morreu não por mim, mas por cada homem. Se cada homem tivesse sido o único homem criado, ele não teria feito menos. Cada coisa, desde uma única partícula de Pó até o mais forte *eldil*, é o objetivo e causa final de toda a criação, e o espelho em que o raio de Seu brilho vem pousar e assim retorna a Ele. Louvado seja Ele!

– No plano da Grande Dança, entrelaçam-se planos sem conta, e cada movimento se torna a seu tempo o desabrochar de toda a concepção para a qual tudo o mais vinha sendo direcionado. Assim, cada um está igualmente no centro, e ninguém está lá por ser igual, mas alguns por cederem lugar e alguns por receberem, as coisas pequenas por sua pequenez e as grandes por sua grandeza, e

todos os desenhos interligados e enlaçados pelas uniões de um amor que se ajoelha com um amor provido de cetro. Louvado seja Ele!

– Ele tem uso incomensurável para cada coisa que é feita, para que Seu amor e esplendor jorrem como um rio caudaloso que tem necessidade de um grande leito e preenche do mesmo modo os poços profundos e os pequenos cantos, que ficam igualmente cheios mas que se mantêm desiguais. E, quando os encheu até a borda, ele transborda e abre novos canais. Nós também temos necessidade incomensurável de tudo o que Ele criou. Amem-me, meus irmãos, pois sou infinitamente necessário para vocês e para seu deleite fui criado. Louvado seja Ele!

– Ele não tem absolutamente nenhuma necessidade de nada que foi criado. Um *eldil* não é mais necessário para Ele que um grão do Pó: um mundo habitado não é mais necessário que um mundo vazio. Mas todos são igualmente desnecessários. E o que todos Lhe acrescentam não é nada. Nós também não temos necessidade de nada que foi criado. Amem-me, meus irmãos, pois sou infinitamente supérfluo, e seu amor será como o d’Ele, nascido nem de sua necessidade nem de meu mérito, mas pura liberalidade. Louvado seja Ele!

– Todas as coisas são por Ele e para Ele. Ele Se expressa também para Seu próprio deleite e vê que é bom. Ele gerou a Si próprio, e o que provém d’Ele é Ele mesmo. Louvado seja Ele!

– Tudo o que está feito parece carecer de plano à mente entrevada, porque existem mais planos do que ela procurava ver. Nestes mares existem ilhas em que os pelos da relva são tão finos e entretecidos tão próximos que, a menos que um homem os contemplasse por muito tempo, ele não veria nem pelos nem absolutamente entretecimento, mas somente algo plano e homogêneo. O mesmo ocorre com a Grande Dança. Fixe o olhar em um movimento, e ele o conduzirá por todos os passos, e isso lhe parecerá a coreografia principal. Mas a aparência será verdadeira. Que nenhuma boca se abra para negar isso. Parece não haver nenhum plano, porque tudo é plano. Parece não haver centro, porque tudo é centro. Louvado seja Ele!

– Contudo, essa aparência também é o objetivo e causa final pelos quais Ele estende tanto o Tempo e aprofunda tanto os Céus, para não ocorrer que, se nunca depararmos com as trevas, com a estrada que não leva a parte alguma, nem com a pergunta para a qual nenhuma resposta é imaginável, não tenhamos em nossa mente nenhuma imagem do Abismo do Pai, no qual, se alguém deixar cair seus pensamentos, jamais ouvirá eco algum voltar para si mesmo. Louvado, louvado, louvado seja Ele!

E agora, por uma transição que Ransom não percebeu, pareceu-lhe que o que tinha começado como fala foi transformado em imagem, ou em alguma coisa que pode ser lembrada somente como se fosse uma visão. Ele acreditou ver a Grande Dança. Ela parecia ter sido tecida com o entrelaçamento da ondulação de muitos cordões ou faixas de luz, que saltavam por cima e por baixo umas das outras, abraçando-se mutuamente em arabescos e sutilezas florais. Cada figura, quando ele a contemplava, tornava-se a figura ou foco principal de todo o espetáculo, por meio da qual seu olhar destrinchava tudo o mais, conferindo unidade ao conjunto – só para em seguida tudo se emaranhar, quando ele olhava para o que lhe tinham parecido ser meras decorações periféricas, e descobria que ali também a mesma hegemonia era reivindicada, e a reivindicação era aceita, sem que o modelo anterior fosse com isso prejudicado, mas que encontrasse em sua nova subordinação uma importância maior do que a da condição à qual tinha abdicado. E, sempre onde as fitas ou serpentes de luz se cruzavam, ele também podia ver (mas a palavra “ver” é agora obviamente inadequada) corpúsculos diminutos de brilho momentâneo. E de algum modo soube que essas partículas eram as generalidades temporais de que fala a história: povos, instituições, climas de opiniões, civilizações, artes, ciências e assemelhados – cintilações efêmeras que alardeavam sua breve canção e desapareciam. As fitas ou cordões em si, nos quais viviam e morriam milhões de corpúsculos, eram objetos de alguma natureza diferente. De início ele não saberia dizer qual. Mas acabou sabendo que em sua maioria eram entidades individuais. Se for assim, o tempo no qual a Grande Dança ocorre é muito diferente do tempo que conhecemos. Alguns dos cordões mais finos e delicados eram seres que consideramos de vida curta: flores, insetos, uma fruta, uma tempestade e uma vez (achou ele) uma onda no mar. Outros eram coisas que também consideramos duradouras: cristais, rios, montanhas ou mesmo estrelas. Muito acima dessas em amplitude e luminosidade, e faiscando em cores fora do alcance de nosso espectro, estavam as linhas dos seres personalizados, diferentes porém uns dos outros em esplendor, como todos eles eram diferentes de todas as classes anteriores. Mas nem todos os cordões eram indivíduos: alguns eram verdades universais ou qualidades universais. Não foi portanto surpresa para ele descobrir que tanto essas como as pessoas eram cordões; e que tanto umas como outras se posicionavam juntas em contraste com os meros átomos de generalidade que viviam e morriam nos confrontos de suas correntezas. Mas depois, quando voltou para a Terra, ele se maravilhava. E àquela altura a coisa devia ter passado totalmente da região da visão, como nós a entendemos. Pois ele diz que toda a figura sólida dessas voltas apaixonadas e interinanimadas de repente se revelou como a mera superfície de um desenho muito mais vasto, em quatro dimensões;

e essa figura, como o limiar de outras em outros mundos. Até que subitamente, com a aceleração ainda maior do movimento, com o entrelaçamento tornando-se ainda mais extasiante, a pertinência de tudo para com tudo, ainda mais intensa, à medida que dimensões se somavam a dimensões e aquela parte dele que conseguia raciocinar e lembrar era deixada cada vez mais para trás daquela parte dele que via, naquele exato instante, no próprio zênite da complexidade, a complexidade foi devorada e se apagou, como uma fina nuvem branca desaparece no azul duro e causticante do céu, e uma simplicidade para além de toda compreensão, antiga e jovem como a primavera, ilimitável, cristalina, puxou-o com cordões de desejo infinito para sua própria imobilidade. Ele se alçou para uma quietude, uma privacidade e um frescor tais que, no mesmo instante em que estava mais distante de nosso modo normal de ser, ele teve a sensação de ser aliviado de sobrecargas, de acordar de um transe e voltar a si. Com um gesto de descontração, olhou ao redor.

Os animais tinham sumido. Os dois vultos brancos tinham desaparecido. Tor, Tinidril e ele estavam sós, à luz normal do dia perelandriano, no início da manhã.

– Onde estão os animais? – perguntou Ransom.

– Foram tratar de suas pequenas atividades – disse Tinidril. – Foram criar filhotes e pôr ovos, construir ninhos, tecer teias e cavar tocas, foram cantar, brincar, comer e beber.

– Não esperaram muito – disse Ransom –, pois sinto que ainda é de manhã cedo.

– Mas não a mesma manhã – disse Tor.

– Então estamos aqui há muito tempo? – perguntou Ransom.

– Estamos – disse Tor. – Eu não sabia até agora. Mas cumprimos uma volta inteira em torno de Arbol desde que nos encontramos no alto desta montanha.

– Um ano? – disse Ransom. – Um ano inteiro? Céus, o que pode a esta altura ter acontecido em meu próprio mundo das trevas! Você sabia, Pai, que tanto tempo estava se passando?

– Não senti o tempo passar – disse Tor. – Acredito que as ondas do tempo vão mudar com frequência para nós de agora em diante. Estamos nos aproximando de ter nossa própria escolha, se vamos estar acima delas e poder ver muitas ondas juntas ou se as alcançaremos uma a uma como costumávamos.

– Veio à minha mente – disse Tinidril – que hoje, agora que o ano nos trouxe de volta ao mesmo lugar nos Céus, os *eldila* virão buscar Malhado para levá-lo de volta a seu próprio mundo.

– Você tem razão, Tinidril – disse Tor e então olhou para o pé de Ransom. – Um orvalho vermelho está saindo de seu pé, como uma pequena fonte.

Ransom olhou e viu que seu calcanhar ainda estava sangrando.

– É – disse ele. – É onde o Ser do Mal me mordeu. O vermelho é *hrū* (sangue).

– Sente-se, amigo – disse Tor –, e deixe-me lavar seu pé neste lago. – Ransom hesitou, mas o Rei o forçou. E, assim, logo se sentou na pequena margem, e o Rei se ajoelhou diante dele na água rasa, pegando o pé ferido na mão. Ele se calou enquanto olhava para o ferimento. – Então isso é *hrū* – disse ele, por fim. – Nunca vi um fluido desses antes. E essa é a substância com a qual Maleldil refez os mundos antes que qualquer mundo fosse feito. – Ele lavou o pé por muito tempo, mas o sangramento não estancou.

– Quer dizer que Malhado vai morrer? – disse Tinidril, por fim.

– Acho que não – disse Tor. – Creio que qualquer um de sua espécie que tenha respirado o ar que ele respirou e bebido as águas que ele bebeu, desde que chegou à Montanha Sagrada, não morrerá com facilidade. Diga-me, Amigo, não foi assim no seu mundo que, depois que perderam o Paraíso, os homens da sua espécie não aprenderam a morrer depressa?

– Ouvi dizer – disse Ransom – que aqueles das primeiras gerações viviam muito, mas a maioria considera isso apenas uma História ou uma Poesia, e eu não tinha pensado na causa.

– Ah! – disse Tinidril, de repente. – Os *eldila* chegaram para levá-lo.

Ransom olhou ao redor e viu não as formas brancas semelhantes a seres humanos, na qual tinha visto Marte e Vênus pela última vez, mas apenas as luzes quase invisíveis. O Rei e a Rainha pareceram reconhecer os espíritos também com essa apresentação. Com a mesma facilidade, pensou, com que um Rei terreno reconheceria um conhecido, mesmo que não estivesse usando os trajes da corte.

O Rei soltou o pé de Ransom, e todos os três foram na direção da urna branca. Sua tampa estava no chão, ao lado. Todos sentiram vontade de se demorar.

– Que é isso que estamos sentindo, Tor? – disse Tinidril.

– Não sei – disse o Rei. – Um dia vou dar-lhe um nome. Hoje não é um dia para criar nomes.

– É como um fruto com uma casca muito grossa – disse Tinidril. – A alegria de nosso encontro, quando nos reunirmos de novo na Grande Dança, é a parte doce. Mas a casca é grossa. Grossa em mais anos do que eu consigo contar.

– Agora você vê – disse Tor – o que o Ser do Mal queria ter feito conosco. Se lhe dêssemos ouvidos, agora estaríamos tentando chegar ao doce sem morder a casca.

– E assim ele não seria de modo algum tão doce – disse Tinidril.

– Chegou a hora de ele partir – disse a voz tilintante de um *eldil*. Ransom não encontrou o que dizer quando se deitou na urna. Os lados erguiam-se altos como paredes. Para além deles, como que emoldurados em uma janela com o formato de um caixão, ele via o céu dourado e os rostos de Tor e Tinidril.

– Vocês precisam cobrir meus olhos – disse ele, afinal. E as duas formas humanas saíram do campo visual por um instante e voltaram. Seus braços estavam cheios dos lírios vermelhos. Os dois curvaram-se e o beijaram. Ele viu a mão do Rei erguida em uma bênção e depois nunca mais viu nada naquele mundo. Eles cobriram seu rosto com as pétalas frescas até ele não conseguir enxergar no meio de uma nuvem vermelha e perfumada.

– Tudo pronto? – disse a voz do Rei.

– Adeus, Amigo e Salvador, adeus – disseram as duas vozes. – Adeus até que nós três passemos das dimensões do tempo. Fale sempre de nós com Maleldil, como nós sempre falamos de você. Que o esplendor, o amor e a força o acompanhem.

Veio então o forte barulho desagradável da tampa sendo bem fechada acima dele. Depois, por alguns segundos, ruídos lá fora, no mundo do qual ele estaria eternamente separado. E então sua consciência foi engolida.

*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
PERELANDRA*

por HarperCollins Publishers Ltd.

Copyright © C. S. Lewis Pte Ltd. 1944

Publicado pela Editora WMF Martins Fontes Ltda.

sob licença de CS Lewis Company Ltd.

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, armazenado em sistemas eletrônicos recuperáveis nem transmitido por nenhuma forma ou meio eletrônico, mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do Editor.

Copyright © 2011, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,

São Paulo, para a presente edição.

1.ª edição 2011

Edição digital junho 2013

Tradução

WALDÉA BARCELLOS

Acompanhamento editorial

Márcia Leme

Preparação do original

Letícia Braun

Revisões gráficas

Daniela Lima

Ana Maria de O. M. Barbosa

Edição de arte

Katia Harumi Terasaka

Produção gráfica

Geraldo Alves

Produção do arquivo ePub

Simplíssimo Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewis, C. S., 1898-1963.

Perelandra [livro eletrônico] : (viagem a Vênus) / C. S. Lewis ; tradução de Waldéa Barcellos. --
São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

1,53 Mb ; ePub

Título original: Perelandra.

ISBN 978-85-7827-657-7

1. Ficção científica – Literatura juvenil I. Título.

12-15073

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

*Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil Tel. (11) 3293.8150 Fax (11)
3101.1042*

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>